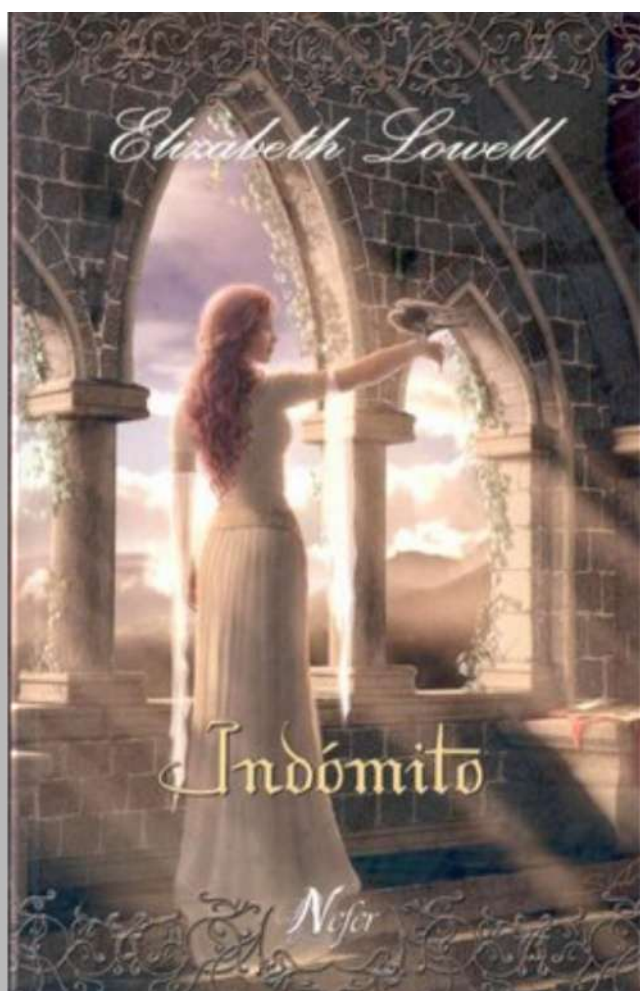


Romances Históricos

Elizabeth Lowell

Indomável



Tradução/Pesquisas: AS3
Revisão Inicial: Cássia
Revisão Final: Ana Paula G.
Formatação e arte: Miss Bella





NOTA DA AUTORA

Querido leitor:

Quanto mais retrocedo no tempo e na história, mais mágicas chegam ser as possibilidades. Só a palavra «medieval» evocam imagens de cavaleiros e donzelas, velas e castelos, unicórnios e dragões. Era um tempo em que se desconhecia a forma do mundo, o universo era uma incógnita e o homem fazia frente à noite unicamente com a luz das tochas.

Cada vez que lia sobre o século doze nas Ilhas Britânicas, não podia evitar de me perguntar o que teria sentido uma mulher saxã ao ser obrigado pelo rei inglês a converter-se na esposa de um conquistador normando. Especialmente se a mulher em questão tivesse uma conexão especial com a terra e o povo saxão. Como poderia equilibrar essa mulher as obrigações com sua linhagem e seu próprio desejo de ter uma vida cheia de amor e paixão?

Os homens que ganhavam o favor do rei inglês na Primeira Cruzada voltavam com riquezas e amargas lembranças da guerra. Alguns desses homens se sentiam satisfeitos unicamente com o dinheiro e o poder. Mas uns poucos tinham o sonho e a determinação de obter algo mais.

O que ocorreria se um poderoso lorde normando unisse seu destino ao de uma dama saxã? E se quisessem algo um do outro... Algo que fosse considerado impossível?

Indômito é a resposta as minhas perguntas a respeito do que uma insólita dama saxã e um decidido lorde normando poderiam fazer de um matrimônio decretado por um longínquo rei inglês.





O Resumo:

O perigoso e enigmático Dominic, o Sabre retorna à Inglaterra repleto de glórias e riquezas obtidas nas Cruzadas, para reclamar sua recompensa: a formosa dama saxã que lhe foi destinada pelo rei.

Entretanto, lady Margaret de Blackthorne, apanhada em uma rede de ódio, não pode ceder ante o invasor normando. Mas o que não imagina é que vai ser submetida sem piedade a uma implacável sedução por parte do feroz guerreiro, em que ambos perderão seu coração e... também sua alma.

Juntos deverão enfrentar às traições que lhes rodeiam e liderar a batalha mais importante de suas vidas. Uma batalha em que terão que lutar pela violenta paixão que lhes une, e... por seu amor.





Capítulo 1

Primavera no reino do Henry I

Norte da Inglaterra

O eco produzido por um corno de guerra atravessou o dia, anunciando a chegada do próximo senhor do castelo de Blackthorne.

Como atraída pelo som, uma escura silhueta começou a condensar-se em meio da névoa... Um cavaleiro vestido com cota de malha sobre um enorme garanhão. O animal e o cavaleiro pareciam um só ser, indivisível, selvagem, no qual a masculinidade, potente, feroz, rugia através de seu sangue como uma tormenta.

— Dizem que é um selvagem, milady - murmurou a viúva Eadith.

— O mesmo se diz de todos os normandos - respondeu Meg a sua donzela, com fingida calma—. Mas ele não tem por que ser assim.

Eadith emitia um som que poderia ter sido uma risada afogada.

— Sim, milady. A prova está no jeito como seu prometido cavalga para nós com armadura, no lombo de um cavalo de batalha. Sopram ventos de guerra.

— Não haverá nenhuma guerra - afirmou Meg, cortante—. Essa é a razão pela qual me casarei... Para acabar com o derramamento de sangue.

— Não se engane. É mais provável que tenha lugar uma guerra antes das bodas - profetizou a serva, com evidente satisfação—. Malditos normandos! Oxalá, morressem todos!

— Silêncio - ordenou Meg em voz baixa—. Não quero ouvir falar de nenhuma guerra.

Eadith apertou os lábios, mas não falou mais sobre o tema.



De pé ante uma janela alta do castelo, oculta à vista por uma cortina parcialmente fechada, Meg procurou ao longe a comitiva que deveria ter acompanhado o guerreiro, que logo se converteria em seu marido.

Nada se moveu depois do cavalo de batalha exceto a densa neblina que serpenteava por cima dos campos, apesar de que o som do corno se fez ouvir de novo no bosque que se estendia além das terras cultivadas da fortaleza.

Sem mostrar nenhum temor, o corcel e o cavaleiro se faziam cada vez mais visíveis ao aproximar-se do castelo. Não tinha motivo que se apressassem depois do ameaçador guerreiro, nem apareceu nenhum escudeiro que guiasse os cavalos de batalha ou animais de carga com armas e artefatos de guerra.

Contra o habitual naqueles casos, Dominic, o Sabre, se aproximava do castelo saxão acompanhado unicamente pelo agudo som do corno de guerra.

— É o diabo feito homem... —murmurou Eadith, benzendo-se—. Se estivesse em seu lugar não me casaria com ele.

— Mas não está em meu lugar.

— Que Deus lhe proteja! —insistiu a donzela—. Tenho medo, milady. E você deveria ter também!

— Sou a última descendente de uma antiga e orgulhosa estirpe celta - declarou Meg com voz rouca—. Como poderia um bastardo normando atemorizar a uma descendente de druidas?

Apesar de suas orgulhosas palavras, a jovem sentiu que um calafrio percorria sua espinha dorsal. Quanto mais se aproximava Dominic, o Sabre, mais temia que sua donzela estivesse certa.

— Espero que Deus esteja ao seu lado quando o necessitar, milady, porque seu prometido é mesmo o diabo! —exclamou Eadith, enquanto se benzia de novo.

Com aparente serenidade, Meg seguiu observando a inclemente marcha do feroz cavaleiro. Aquele era o homem que graças a suas façanhas na Terra



Santa, iria reclamá-la como esposa e faria seus os vastos domínios do senhorio de Blackthorne que a jovem herdaria, depois da iminente morte de seu pai.

Por estarem situadas no norte da Inglaterra, as propriedades de lorde John de Cumbriland sempre tinham sido cobiçadas pelos senhores escoceses, os quais tinham solicitado várias vezes a mão de sua filha.

Mas tanto William II, como seu sucessor, Henry I, negaram-se a aprovar um matrimônio para lady Margaret de Blackthorne.

Até agora.

O escuro guerreiro se aproximou ainda mais sobre seu garanhão de guerra, revelando a Meg que seu futuro marido era um homem pouco comum. E não só pelo fato de cavalgar sozinho.

Desconcertada, observou ao normando que se converteu em um dos grandes barões ingleses. Não cavalgava sob nenhum estandarte, nem ostentava nenhum emblema sobre seu escudo em forma de lágrima, apesar de que, quando lorde John morresse, controlaria mais terras que nenhum outro barão, à exceção dos mais próximos ao rei.

Seu elmo estava forjado em um estranho metal enegrecido, da mesma cor do cavalo de batalha que montava. E o comprido manto que cobria seu corpo e o de seu corcel, era escuro, suntuoso e se movia em harmonia com os ágeis movimentos do garanhão.

Ambos tão orgulhosos quanto Lúcifer. E igualmente poderosos, pensou Meg, obrigando a si mesma a não demonstrar nenhum medo.

— É o homem mais alto e forte que vi - comentou Eadith.

Meg se limitou a permanecer em silêncio.

— Não lhe parece aterrador, milady? —perguntou à donzela.

O feroz cavaleiro realmente parecia imponente, mas não havia razão para que todos os serventes do castelo se inteirassem do medo que sentia sua senhora, ao ver pela primeira vez seu futuro marido.



— Não, não me parece aterrador - assegurou Meg—. É só um homem vestido com armadura, cavalgando sobre um cavalo. Uma imagem bastante comum, não acha?

— E pensar... —refletiu Eadith com voz amarga—... Que esse bastardo é agora um dos cavaleiros favoritos do rei... Embora Dominic o Sabre ainda não possua nenhuma terra, todos falam dele como se tratasse de um grande senhor.

— Não esqueça que lhe concedeu o título de barão - declarou sua senhora— Seja como for, salvou a vida do filho de um dos nobres mais poderosos da Inglaterra, na Terra Santa. Inclusive se diz que sem ele a Cruzada do irmão do monarca não teria tido êxito. Era obrigação do rei recompensá-lo.

— Com terra saxã - replicou a donzela.

— O rei tem direito a fazê-lo.

— Age como se não importasse.

— Só me importa que acabem as matanças.

Descobriu o que é a compaixão em Terra Santa, Dominic o Sabre? Haverá paz ,enfim para estas terras sob seu governo?

Ou só te interessa à ambição e a guerra?

Eadith estudou de soslaio os delicados traços de sua senhora; mas nenhum sinal delatava seus pensamentos, quaisquer que fossem. Franzindo o cenho, a donzela fixou a vista de novo no cavaleiro normando que tinha tomado o castelo, com uma promessa de matrimônio em lugar de com uma batalha.

— Dizem que lutou nas Cruzadas com a frieza do gelo e a ferocidade de um bárbaro do norte - apontou a faxineira, rompendo o silêncio.

— Não terá que lutar contra mim. Não lutarei.

— Mas é uma descendente dos druidas - sussurrou a serva, em voz muito baixa para que sua senhora não pudesse escutá-la.

Entretanto, Meg escutou.



— Acha que sabe? —perguntou Eadith, depois de uns minutos.

— A que se refere?

— Que nunca obterá herdeiros de você.

Os claros olhos verdes de Meg se cravaram na viúva saxã que seu pai tinha insistido em que tomasse como donzela pessoal.

— Dedicasse a escutar e difundir rumores entre os vassalos e camponeses? —inquiriu a jovem secamente.

—Terá? —insistiu a donzela — Terá filhos varões de você?

— Não entendo sua pergunta. —Meg se obrigou a sorrir—. Como posso saber com antecipação o sexo dos filhos que ainda não tive?

— Diz-se que é uma bruxa - assinalou Eadith sem rodeios.

— O fato de que seja **glendruid* (NT: descendente de uma espécie de antigo matriarcado druida) não significa que seja uma bruxa.

— Isso não é o que dizem as pessoas.

— Nestas terras, as pessoas dizem muitas coisas, que são frutos, unicamente, de sua imaginação - replicou Meg—. Deveria sabê-lo. Faz um ano que vive em Blackthorne.

A donzela olhou de esquelha a sua senhora.

— As pessoas também dizem a verdade, em determinadas ocasiões.

— E o fazem neste caso? Viu-me fazer alguma vez algo fora do comum?

— É excepcionalmente hábil adestrando falcões e curando com poções a base de ervas - assinalou Eadith.

— Repito que não pratico a bruxaria. E a partir de agora, peço que deixe de falar disso. Alguns poderiam acreditar na veracidade de suas palavras.

— Estou segura de que são certas - insistiu a donzela encolhendo os ombros—. O povo temia sua mãe e não se equivocou ao fazê-lo.

Meg se conteve e reprimiu um duro comentário. A serva parecia obcecada com as histórias que rodeavam a morte de lady Anna.

— Minha mãe está morta - afirmou a jovem.



— Isso não é o que diz a viúva do pastor. Há rumores que se viu o fantasma de lady Anna à luz da lua, dirigindo-se para o monte pagão.

— Essa pobre mulher bebe muito - disse Meg—. Não foi ela quem jurou que havia fadas dançando na terrina de leite e que eram fantasmas que bebiam a cerveja?

Eadith começou a falar, mas sua senhora, com um gesto, exigiu-lhe silêncio. Meg desejava concentrar-se só no guerreiro que era o dono de seu destino.

Dominic, o Sabre, parecia tão seguro de sua própria destreza que sua comitiva seguia a grande distância, surgindo nesse momento da neblina, muito longe para ser de alguma ajuda, se fosse apanhado em uma emboscada.

Não era uma loucura pensar que pudesse ser alvo de um ataque a traição. Quando comunicou á lorde John que devia entregar sua herdeira a um bastardo normando, sua fúria tinha sido tal, que o coração do saxão quase tinha explodido dentro de seu próprio corpo; um corpo que, muitos anos atrás, ficou conhecido por seu tamanho e força.

Mas, inclusive naqueles longínquos tempos de sua juventude, John de Cumbriland não poderia opor resistência ao barão normando que observava o castelo, como se já fosse seu dono.

Tem coragem, disse a si mesma Meg. Mas nem sequer esse feroz orgulho poderá conseguir outra coisa que filhas do corpo de uma esposa glendruid.

Com olhar sereno, a jovem avaliou o guerreiro coberto pela cota de malha sobre couro negro, cujos traços ficavam velados sob o elmo de aço, e que montado sobre seu corcel parecia tão perigoso e feroz quanto Satã.

E quanto a filhos varões, meu negro senhor...

Nunca os terá de mim.

Essa é a maldição que pesa há mil anos sobre as glendruid. E vendo você, temo que nunca acabará.



Como se pudesse sentir sobre ele o intenso olhar de sua prometida, o cavaleiro fez com que seu garanhão parasse, com brutalidade. O animal se revolveu, como se fizesse frente a um ataque e, sustentando-se sobre suas musculosas patas traseiras, escoiceou o ar. Se um guerreiro o tivesse atacado, teria morrido sob os poderosos cascos do cavalo de batalha.

Dominic, o Sabre, dominou o corcel com facilidade, sem afastar, nem por um segundo o olhar da janela alta do castelo, com as cortinas entreabertas. Embora não pudesse ver ninguém através da abertura, pressentia que lady Margaret de Blackthorne observava dali a chegada de seu futuro marido.

Perguntou-se se seria como seu pai, que ainda liderava uma batalha já perdida em 1066, quando William, o Conquistador, tinha arrebatado a Inglaterra da nobreza saxã. Dominic tão somente desejava que a jovem o aceitasse, sem rebelar-se e que lhe desse os filhos que tanto ansiava.

Um cavaleiro se adiantou à comitiva que o seguia e se aproximou dele, fazendo com que o cavalo do barão normando se irritasse de novo. Com calma, Dominic reduziu sem esforço o corcel, enquanto o vassalo se detinha bruscamente a uns poucos centímetros de distância.

O segundo cavaleiro também levava armadura e montava sobre um enorme animal de batalha. Não era costume, nem tampouco uma amostra de bom senso o fato de utilizar cavalos daquele tipo para uma viagem normal, mas era difícil determinar se John de Cumbriland, senhor do castelo de Blackthorne, tinha planejado bodas ou uma guerra.

— Acalme-se, Cruzado - disse Dominic em voz baixa, tranquilizando o companheiro —. Não há nenhum sinal de traição.

— Ainda - contrapôs o outro cavaleiro com segura, adiantando-se até colocar-se à altura do barão.

Dominic observou como os serenos olhos negros de seu irmão escrutinavam o que lhes rodeava com atenção. Simon, conhecido como o Leal, era o cavaleiro mais notável de seu exército. Sem ele, o barão



duvidava que pudesse ter obtido as proezas que lhe tinham levado a conseguir uma esposa saxã, cuja riqueza em terras era bastante grande para despertar a inveja do próprio rei inglês.

Embora não a cobiçasse.

Os reis normandos tinham aprendido, pagando um preço muito alto, que os rebeldes saxões da zona fronteira do norte eram muito problemáticos para enfrentarem abertamente. Era muito mais inteligente vencê-los no terreno político, mediante matrimônios.

— Viu algo suspeito? —perguntou Dominic.

— Sven veio ao meu encontro no bosque - respondeu Simon.

— E?

— Fez o que lhe ordenou.

— Um verdadeiro cavaleiro - comentou Dominic com ironia, pois suas ordens consistiam em que fingisse ser um peregrino de passagem no castelo de Blackthorne, e que utilizasse seu famoso encanto para conseguir informações.

— Uma faxineira se mostrou mais que disposta - repôs seu irmão, encolhendo os ombros—. Sven descobriu que Duncan de Maxwell está no castelo.

O garanhão do barão voltou a corcovear em resposta à onda de ira que percebeu em seu cavaleiro.

— E lady Margaret? —inquiriu Dominic com frieza, intuindo a resposta.

— Ela também se encontra no castelo.

— Viu os dois juntos alguma vez?

— Não.

Dominic grunhiu.

— Isso pode significar somente que são ardilosos. O que se sabe desses rebeldes saxões que chamam Reeves? Rondam por aqui?



— Não. Encontram-se mais ao norte, em Carlysle, um dos feudos de lorde John. Ou melhor, dizendo, um de seus feudos.

— Ainda não. Não até que me case com lady Margaret e o pai morra.

— Faltam dois dias para as bodas e duvido que lorde John sobreviva ao festim que se celebrará depois.

Dominic girou, dando as costas a seu irmão para estudar a fortaleza de Blackthorne, que se elevava orgulhosamente sobre a colina na qual dominava a paisagem. Lorde John tinha gasto toda sua fortuna construindo aquele castelo de quatro torres, com grossos muros de pedra.

Não tinha economizado gastos para transformar o lugar em uma fortaleza virtualmente inexpugnável e, entretanto, não tinha conseguido. Rodeando o castelo, a uma distância de uns trinta metros, podia-se ver um muro de pedra inacabado. Uma vez finalizado, o muro teria duas vezes a altura de um homem a cavalo. Mas a pedra cedia comunicação a paliçadas de madeira, cuja fragilidade foi visível ao perito olhar de Dominic.

O barão teve que reconhecer que ao menos lorde John tinha tido o bom senso de cavar um fosso amplo e profundo, para evitar um possível ataque inimigo. Mas mesmo assim, a fortaleza era muito vulnerável: alguns barris de fogo grego contra as paliçadas conseguiriam em pouco tempo abrir uma brecha no muro exterior. E se assim fosse, o castelo em si não duraria mais tempo do que seus habitantes fossem capazes de suportar, sem água e comida. Devia comprovar se havia um poço no interior dos muros, e senão, construí-lo.

Dominic olhou de novo para a imponente estrutura de pedra ereta sobre uma colina que lutava por adquirir os brilhantes tons verdes próprios da primavera. Uma torre de entrada se elevava no muro exterior e a ponte que cruzava o fosso ainda havia baixado.

— Por que não baixam a ponte de uma vez? — perguntou Simon furioso— Acaso acreditam que vamos sitiar o castelo?



— Paciência, irmão - sugeriu Dominic em tom zombador—. Lorde John merece nossa compaixão mais que nossa ira.

— Antes preferiria cruzar minha espada com ele.

— Pode ser que tenha oportunidade de fazê-lo.

— Permitiria isso? —inquiriu Simon.

A risada de seu irmão e senhor foi tão dura, como o metal de seu elmo.

— Lorde John de Cumbriland não é mais que um pobre homem — declarou Dominic por fim — Nem ele, nem seus antepassados foram capazes de conter a maré normanda; e agora morre por causa de uma enfermidade que o está consumindo, deixando a sua única filha como herdeira de todos seus bens. Quase poderia pensar que está amaldiçoado.

— Há rumores que está.

— O que?

Antes que Simon pudesse responder, um lento chiado de correntes e engrenagens anunciou o baixar da ponte levadiça.

— Nosso anti-social saxão decidiu ceder ante nós - disse Dominic com feroz satisfação —. Ordena ao resto dos soldados que avancem rápido.

— Sobre seus cavalos de guerra?

— Sim. Um pouco de intimidação agora poderia nos economizar derramamento de sangue mais adiante.

A fria análise tática da situação não surpreendeu Simon. Apesar de seu valor e destreza no combate, Dominic não sentia absolutamente a sede de sangue que dominava alguns guerreiros. Ao contrário. Sempre se mostrava frio e imperturbável na luta. Era o segredo de suas vitórias, bastante perturbador para seus inimigos, que nunca se encontraram com semelhante disciplina.

No preciso instante em que seu irmão fazia girar seu cavalo em direção ao bosque, Dominic chamou.



— O que quer dizer quando diz que John não sobreviverá ao banquete de bodas? —inquiriu.

— Ao que parece, está muito mais doente do que pensávamos - explicou Simon.

Fez-se um silêncio, seguido pelo som de um punho envolto na cota de malha golpeando uma coxa revestida pelo mesmo material.

— Então te apresse irmão - ordenou Dominic—. Não quero que nenhum funeral interfira em meu matrimônio.

— Pergunto-me se lady Margaret estará tão ansiosa para casar-se como você.

— Ansiosa ou reticente... Não importa. Meu herdeiro nascerá em poucos meses.





Capítulo 2

Uma vez só em seu dormitório, situado no quarto andar do castelo, Meg tirou o vestido e atirou o gasto objeto de lã de cor avermelhada sobre a cama. Sua túnica, larga até o chão, seguiu-o rapidamente.

A cruz que levava ao redor do pescoço emitia brilhos de prata líquida à luz das velas, os juncos, ervas e flores secas que havia sob seus pés, rangiam enquanto colocava uma singela túnica e uma capa próprias da filha de um camponês.

A risada de uma mulher lhe chegou do grande salão no piso inferior, e Meg conteve a respiração, rezando por que sua donzela estivesse muito ocupada tratando de seduzir Duncan para preocupar-se com as necessidades de sua senhora. Os constantes falatórios de Eadith sobre a força brutal e o frio comportamento de lorde Dominic tinham destroçado os nervos de Meg.

Não desejava escutar nada mais. Nem sequer o veria até a manhã das bodas, porque seu pai tinha dispensado ambos alegando que se sentia muito fraco para abandonar seu leito. A jovem não sabia se era verdade. O que sabia é que no dia seguinte se casaria com um homem que não conhecia.

As bodas iam celebrar-se muito rapidamente para a tranquilidade de espírito de Meg. A imagem de Dominic, o Sabre, emergindo da neblina sobre seu feroz garanhão de guerra tinha atormentado seus sonhos. Dava-lhe pânico a idéia de deitar-se, dolorida, sob um frio guerreiro enquanto ele depositava sua semente em seu corpo estéril.

Negar ao duro cavaleiro qualquer descendência seria uma pequena satisfação, em troca de um futuro no qual seria obrigada, uma e outra vez, a suportar as terríveis exigências do poderoso corpo do normando.



O terror levou Meg a pensar. Durante muitos anos, tinha sabido o que tinha empurrado a sua mãe, descendente da tribo celta dos glendruoid, a introduzir-se no bosque para não voltar jamais, abandonando a sua própria filha nas severas mãos de lorde John. Entretanto, a jovem preferiria não ter sabido nunca, pois era como ver seu próprio futuro.

Possivelmente, as lendas estavam certas. Possivelmente, haja outro mundo mais à frente do nosso e sua entrada encontre-se em algum lugar do antigo monte sagrado. Possivelmente minha mãe está ali, com um falcão pousado sobre seu braço, enquanto um grande gato dorme em seu colo e o sol os envolve com sua mágica luz...

A risada de uma mulher chegou até ela, de novo, interrompendo seus pensamentos e fazendo com que a jovem franzisse o cenho. Aquela risada era nova. Sonora e sensual, como uma leve brisa. Devia pertencer à mulher normanda que Meg tinha espiado de sua janela. Mesmo de longe, tinha intuído que o cabelo negro e os carnudos lábios da exuberante mulher bastariam para fazer com que qualquer homem voltasse a cabeça.

O que me importa que a amante de lorde Dominic seja bela? Disse a si mesma com impaciência. A única coisa em que devo pensar é em sair deste quarto, antes que Eadith venha correndo para mim com o último rumor sobre a brutalidade normanda.

Com dedos ágeis, Meg tirou o laço bordado que mantinha preso seu cabelo e o trançou, prendendo o extremo com cintas de couro. Completava sua indumentária outra cinta de couro trançado.

Sem dar-se tempo de pensar, a jovem saiu apressadamente de sua estadia e se dirigiu à escada de caracol que conduzia até o segundo piso do castelo. Mas quando chegou ao último dos degraus, sua grossa trança já estava meio desfeita e o brilhante cabelo avermelhado balançava como uma maré pela lã cinza de sua capa.



Os serventes faziam rápidas reverências ao vê-la passar ante eles em direção a passagem que guardava a entrada do castelo. A ninguém surpreendeu sua singela vestimenta, pois tinha percorrido livremente o castelo desde que tinha treze anos, quando o rei negou seu compromisso com Duncan de Maxwell. Aos dezenove, uma idade em que a maioria das mulheres de sua condição social já tinha um marido e tinham sido mães mais de uma vez, Meg era uma dama solteira da qual seu pai já não esperava netos.

Saudando com a cabeça o servo que lhe abriu a porta da passagem, dirigiu-se à escada de pedra que levava até o chão de paralelepípedos do pátio da fortaleza. Seus suaves sapatos de couro não emitiram nenhum ruído, enquanto descia pelos degraus, escorregadios e úmidos por causa da neblina. O vento soprava com força, mas ela atravessou o pátio com passo firme.

Por cima da cabeça da jovem, o céu cinza aparecia cheio de nuvens e os raios de sol abriam caminho através da neblina. A tênue luz primaveril envolvia Meg, elevando seu ânimo. A sua esquerda, podia ouvir o barulho dos pássaros do interior dos pombais; e a sua direita, o agudo e penetrante grito de um falcão que estava saindo dos falcoeiros para pousar sobre um bloco de madeira no pátio.

Antes que Meg tivesse avançado dois passos para a torre de entrada, um gato negro com três patas brancas e assombrosos olhos verdes se aproximou miando feliz, com sua suave e sedosa cauda muito rígida. A jovem se agachou e estendeu os braços no preciso instante em que o animal saltava para ela, seguro de ser bem recebido.

— Bom dia para ti também, Black Tom — o saudou Meg, sorrindo.

O gato ronronou e esfregou sua cabeça contra o ombro feminino. Suas largas sobrancelhas e bigodes brancos contrastavam de forma surpreendente com a pelagem negra.



—Tem uma pele tão suave... Estou segura de que é melhor do que as que o rei utiliza para suas capas.

Black Tom lhe deu a razão, ronronando e estudou a sua proprietária com uns impassíveis olhos verdes. Enquanto falava com ele, em voz muito baixa, Meg foi se aproximando de uma das torres.

— Bom dia, milady - saudou o guardião, fazendo uma leve inclinação em sinal de respeito.

— O mesmo digo Harry. Está melhor seu filho?

— Sim, graças a Deus e a sua medicina, volta a ter a mesma saúde de antes.

Meg sorriu.

— Isso é maravilhoso.

— Ireis ver o falcão do sacerdote, depois de tê-lo medicado com suas ervas?

— Segue sem querer comer? —Os olhos cor esmeralda da jovem brilharam de preocupação.

— Sim.

—Então, irei vê-lo.

Harry se dirigiu, coxeando, para os enormes portões que davam acesso aos jardins do castelo através da ponte levadiça. Havia uma portinhola menor na sólida madeira de uma das portas. O guardião a abriu, permitindo que um retângulo de nebulosa luz iluminasse o interior da escura torre. Quando Meg passou junto a ele, Harry se inclinou e falou em voz baixa.

— Sir Duncan esteve perguntando por você.

A jovem se voltou rapidamente para ele.

— Está doente?

— Doente? — mofou-se Harry— Não acredito que esteja. Era ele quem perguntava se você estava doente. Não a viu na capela está manhã.

— Que amável de sua parte perceber minha ausência.



O guardião limpou a garganta. Não eram muitos os homens que descreveriam Duncan de Maxwell como amável. Mas, a senhora era uma feiticeira glendruid. Tinha algo que amansava as criaturas mais ferozes.

— Ouvi dizer que não foi o único que se deu conta disso - acrescentou Harry—. O barão normando sentiu-se aborrecido ao não lhe encontrar ali.

— Por favor, diga a Duncan que estou bem - pediu Meg.

— Estou convencido de que terá oportunidade de dizer-lhe antes que eu.

A jovem sacudiu a cabeça, fazendo com que seu cabelo lançasse brilhos de mogno.

— Meu pai me pediu que não fosse vê-lo em seus aposentos, ao voltar da igreja. Só quer ter Duncan ao seu lado... —Desalentada, encolheu os ombros.

— E o que devo dizer à lorde Dominic, se perguntar por você? —inquiriu Harry, olhando a sua senhora com o cenho franzido.

— Diga-lhe a verdade, que não viu nenhuma mulher vestida luxuosamente sair do castelo esta manhã.

O guardião observou a roupa singela de Meg e deixou escapar uma risada. Mas um instante depois, seu sorriso se desvaneceu e meneou a cabeça, tristemente.

— É igual a sua mãe, não quer estar encerrada entre estes muros de pedra.

— Agora ela já está livre.

— Oxalá tenha razão, milady. Que Deus tenha piedade de sua pobre alma.

Incômoda, Meg afastou o olhar dos sábios olhos azuis de Harry e se dirigiu à ponte levadiça. A expressão do guardião evidenciava a lástima que sentia por sua senhora. Ela era uma glendruid, filha de outra glendruid, e, igual à sua mãe, só a morte poderia libertá-la.

Nas margens do lago, um martín pescador esperava ansioso que a quieta superfície da água fosse perturbada por algum peixe, enquanto que na outra margem, imóvel como uma estátua, a cinzenta plumagem de uma garça lançava brilhos fantasmagóricos. Das almenas no alto do torreão, podia



escutar o chamado dos corvos. E como em resposta, um dos jardineiros ralhava com seu ajudante, por pisar nos brotos de uma delicada planta.

Durante um momento, Meg se sentiu como se ainda fosse uma menina e sua mãe lhe sussurrasse no ouvido doces canções de amor, enquanto a anciã Gwyn bordava intrincados desenhos de rosas no interior de sua túnica.

Desejava com todas suas forças que nada tivesse mudado, que não tivesse chegado nenhum arrogante cavaleiro normando até a fortaleza exigindo uma esposa, terras e herdeiros.

Inquieta, sacudiu a cabeça para desfazer-se desses pensamentos e respirou fundo enchendo-se dos aromas que impregnavam o ar, enquanto uma brusca rajada de ar fazia revoar suas saias. O frio agudo sobre suas pernas anunciava uma primavera incerta, marcada pela angustiante lembrança do duro inverno passado.

O clamor de um falcão selvagem rasgou o vale, onde a erva crescia através dos restos de feno do ano anterior. Perto, um gavião sobrevoava a campina procurando sua primeira comida do dia. Poucos dias antes, o pequeno falcão do capelão da fortaleza tinha estado revoando do mesmo modo, antes de equilibrar-se sobre sua presa. Por desgracia, um falcão selvagem lhe atacou, produzindo grandes feridas.

De repente, Meg deu a volta bruscamente. Seu passeio podia esperar; o falcão, não.

Como se a estivesse esperando, Harry abriu a porta antes dela chamar. Quando esteve uma vez mais dentro da muralha e deixou livre Black Tom sobre as úmidas lajes do pátio, os olhos verdes do animal a olharam, atônitos.

— Não pode vir comigo ainda. Primeiro devo ir às falcoeiras - explicou.

O gato piscou, e logo começou a lamber-se prazerosamente, fingindo que não lhe importava o temporário abandono de sua proprietária.



Assim que a jovem viu a edificação de madeira que albergava a grande coleção de pássaros de Blackthorne Keep, o professor falcoeiro saiu ao seu encontro com uma clara expressão de alívio no rosto.

— Obrigado por vir, milady. —William a saudou, com uma breve inclinação de cabeça—. Temia que estivesse muito ocupada com os preparativos das bodas para ver o pequeno falcão do sacerdote.

— Isso nunca ocorrerá - respondeu Meg brandamente—. Sabe que adoro estes animais. Tem minha luva?

William entregou a sua senhora uma luva de couro, que tinha fabricado anos atrás para sua mãe, lady Anna. O couro, cheio de marcas e estragado pelo uso, era um mudo testemunho das afiadas garras dos pássaros.

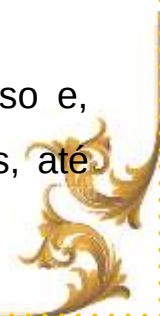
Com passo decidido, Meg se dirigiu às dependências onde se encontrava o pássaro ferido. Teve que inclinar-se ligeiramente para atravessar a soleira, mas uma vez dentro, pôde ficar de pé, sem problemas. Ficou imóvel um segundo, dando tempo para seus olhos se adaptarem à penumbra, e finalmente avistou o falcão na parte mais escura da estadia.

Quando a jovem se aproximou e lhe ofereceu seu braço para que se pousasse sobre ele, a ave se negou. Então a jovem assobiou brandamente e o falcão, com lentos e rígidos movimentos, obedeceu e pousou em seu antebraço, apesar de arrastar uma asa.

Meg se dirigiu devagar à porta da falcoaria, sustentando o pequeno animal sob o resplendor do sol. Os olhos da ave, normalmente de uma cor clara, estavam turvados. A plumagem, que deveria brilhar com sutis tons entre cinza azulada e amarelo pálido, tinha uma cor apagada, e as garras do animal se agarravam à luva, de forma insegura.

— Pobre pequeno - sussurrou ela, com pesar—. Seu sofrimento acabará logo e então poderá percorrer céus que nenhum homem viu jamais.

Meg voltou a levar o falcão com cuidado, ao seu lugar de descanso e, durante um bom momento, sussurrou-lhe brandamente doces cânticos, até



que os febris olhos do animal se fecharam. Assim que esteve segura de que nenhum movimento inquietaria a ave ferida, voltou-se para partir.

Quando saiu do edifício, surpreendeu-se ao ver que Dominic, o Sabre estava de pé junto ao falcoeiro.

Seus passos vacilaram ao observar os cinzentos e sombrios olhos do normando, e os marcados e severos traços de seu rosto. Ao contrário da maioria dos homens que conhecia, o guerreiro fazia cuidadosamente sua barba e levava o espesso cabelo negro curto.

Alto, poderoso e imóvel, o barão normando invadiu os sentidos de Meg a ponto de que a jovem pôde perceber, com a mesma certeza com que tinha pressentido a morte abatendo-se sobre o falcão, seu rígido autocontrole; um feroz domínio sobre si mesmo, firme e gélido, que não deixava espaço à emoção ou a ternura, nada exceto seu implacável desejo de poder e herdeiros.

Mas quase imediatamente, a jovem percebeu que, por baixo da fria moderação do guerreiro pulsava um grande sofrimento, contido dolorosamente. Aquela descoberta a assombrou, conseguindo comovê-la e fazendo com que se perguntasse o que teria tido que suportar aquele homem para obrigar-se a não sentir mais que um débil eco de emoção humana.

Atrás deste pensamento veio outro, ainda mais perturbador. Apesar do poderoso cavaleiro a afligir, existia nele um selvagem fogo interior que conectava com um lugar secreto no corpo de Meg, o qual a jovem nunca tinha sabido que possuía, e que respondia à poderosa presença masculina.

Aquilo a assustou. A ela, à feiticeira glendruid; a que acreditava não ter medo de nada.

— Milady... —começou a dizer William, perplexo pela calma que mostrava sua senhora.

Meg interrompeu suas palavras, antes que o servente revelasse sua identidade.



— Que tenha um bom dia, milord - desejou a Dominic.

Ante os olhos atônitos de William, Meg fez uma reverência ao barão normando como se fosse uma camponesa, e não a herdeira da fortaleza.

Quando a jovem se ergueu, dirigiu-se ao falcoeiro em voz baixa:

— O pequeno falcão do sacerdote logo será livre.

— Imaginava - suspirou —. O capelão sentirá muito. Adorava ir caçar com ele. Dizia que elevava seu espírito da mesma forma que uma boa missa.

— Está ferido um dos pássaros? — interveio Dominic.

— O falcão do pai Millerson - lhe informou William.

— Pode contagiar o resto dos animais? —inquiriu o normando, com aspereza.

O falcoeiro se limitou a olhar Meg.

— Não - se apressou a dizer ela—. Sua ferida se deve a uma briga com um falcão selvagem.

Sem dizer mais, a jovem voltou a inclinar-se em sinal de respeito e se voltou para partir; mas uma ordem de Dominic a impediu.

— Espera.

O barão sentia uma intensa curiosidade pela jovem de olhos verdes como esmeraldas que tinha surgido das falcoeiras como uma chama na escuridão. Seu olhar dizia muito de seus pensamentos; revelava sua tristeza ao deixar para trás o pássaro agonizante, sua surpresa ao vê-lo,... Medo? Sim, medo.

Ele a assustava.

De repente, ante o atento olhar de Dominic, os olhos da jovem se velaram e lhe impediram de seguir lendo seus pensamentos.

É uma das mulheres mais belas que vi, pensou o normando enquanto a observava atentamente. O cabelo avermelhado com brilhos dourados faz que sua pele pareça especialmente suave e sedosa. Pergunto a quem tenho que pagar para tê-la em minha cama; a seu pai, a seu irmão...?

Ou a seu marido...?



Dominic franziu o cenho. A idéia de que a moça estivesse casada não lhe agradava absolutamente. O que menos queria era dar aos vassalos de Blackthorne uma desculpa para romper o trato que lhes tinha forçado o rei Henry. Os clãs escoceses e a pequena nobreza saxã podiam tomar a todas as moças da região a vontade, estivessem casadas ou não; mas se um normando tocava uma mulher contra os desejos de seu marido, suas queixas chegavam até mesmo a Londres.

Apesar de desejá-la, Dominic não perguntou se a jovem estava casada. Em vez disso se interessou pelo falcão que tinha sido o presente do rei Henry para seu recém nomeado barão.

— Chegou bem meu falcão peregrino?

— Sim, milord - respondeu William com rapidez.

— O que te pareceu? —perguntou Dominic.

Mas era a jovem a quem se dirigia, não ao falcoeiro.

— Feroz. O sangue ferve em suas veias - disse Meg, sorrindo ao dar-se conta de que o normando a tinha tomado pelo que parecia, uma servente. O alívio, a diversão e a curiosidade pelo escuro cavalheiro fizeram com que a jovem decidisse ficar ali, em vez de fugir como tinha pensado em um primeiro momento—. O homem que tome o tempo necessário para amansá-la, terá uma grande recompensa.

Um calafrio de desejo atravessou Dominic, sobressaltando-o. Já não era um moço que se excitasse ante o sorriso de uma mulher e palavras com duplo sentido. Entretanto, não podia negar o que acabava de lhe ocorrer. Se não fosse pela sua capa, sua evidente excitação ficaria à vista de todos.

— Fica comigo enquanto a examino - ordenou a Meg.

Havia uma clara exigência e não uma petição cortês em sua voz. A jovem mal pôde reprimir uma irritação momentânea e uma inquietação que crescia a cada instante que permanecia na perturbadora presença do guerreiro.



Dominic observou as diferentes reações de Meg e de novo se sentiu intrigado. A maioria das mulheres de sua classe estaria encantada com qualquer indício de cortesia por parte de um lorde. Em troca, percebia com bastante clareza que a jovem desejava fugir daquele lugar.

— Os primeiros momentos com um falcão novo são críticos - assinalou o normando, tentando acalmá-la—. Quero que me aceite, sem que se machuque, ao tentar escapar quando a fuga não é necessária.

— Impossível - sussurrou ela.

— Exato.

Dominic viu como Meg abria ligeiramente os olhos surpresa ao dar-se conta de que tinha ouvido seu comentário. O sorriso que lhe dedicou teria sido interpretado pela maioria das pessoas como um sinal tranquilizador. Entretanto, a jovem percebeu que atrás do gesto do normando havia premeditação.

— O capuz que cobre seus olhos lhe impede de fugir. Somente aguarda ser domesticado - se limitou a dizer.

— Me diga, qual é seu nome?

— Meg.

— Eu sou Dominic, o Sabre - se apresentou.

— imaginava.

De novo, o barão esboçou um leve sorriso divertido ao ver o cenho franzido da jovem.

Meg tentou lhe devolver o sorriso, mas não conseguiu. Era impossível permanecer séria ante o encanto do normando.

O sorriso de Dominic se tornou mais amplo, quando a reação do corpo feminino lhe indicou que a jovem não fugiria.

—Ajudará, Meg? William cuidará de sua honra. Ou acaso está casada?

Ao escutar aquilo, o falcoeiro começou a tossir, como se estivesse asfixiando-se. A jovem lhe deu uns breves golpes nas costas e rezou para



que não descobrisse sua verdadeira identidade. Queria conhecer seu futuro marido e suspeitava que vestida daquela maneira fosse mais fácil.

—Tranquilo William. Encontra-se melhor ou tenho que te dar mais palmadas?

Enquanto se inclinava solícita para o falcoeiro, sussurrou-lhe—: Já é suficiente! Se seguir assim, irei ver o falcão sem ti.

O bom homem clareou a garganta, energicamente, e apertou os lábios com um gesto sério, como se nunca fosse voltar a abri-los. Imediatamente rompeu a rir. Tapou a boca com a mão e emitiu uns sons sufocados.

— Com esse ataque de tosse assustaria aos animais. Será melhor que fique aqui, falcoeiro - lhe ordenou Dominic.

Meg olhou de esguelha ao barão e o coração deu um pulo, quando viu que a observava. Seu ardente olhar refletia uma intensa premeditação masculina.

Queria estar a sós com ela.

— Onde está meu falcão? —perguntou Dominic.

— Eu... ehh... ali —disse ela assinalando as falcoeiras.

— Me mostre o caminho.

O bom senso dizia que a jovem recusasse, mas a curiosidade fez com que aceitasse. Podia aprender muito sobre seu prometido, vendo a forma como tratava um animal cativo.

Meg conduziu com cautela Dominic às edificações que albergavam o novo falcão. A estadia era três vezes maior que a do animal moribundo do sacerdote. Uma abertura no alto do muro deixava entrar o ar fresco e a luz, embora a ave só pudesse sentir o ar já que sua cabeça estava coberta por um capuz. Era uma forma de evitar que se lançasse inutilmente contra as paredes em busca de liberdade ou se asfixiasse com a cinta de couro que a prendia.



Ao entrarem, o falcão desdobrou suas poderosas asas e moveu a cabeça de um lado a outro, para escutar atentamente, enquanto os pequenos elos das correias que a mantinham cativa repicavam, inquietas.

Tentando acalmá-lo, a jovem emitiu um complicado assobio de cinco notas a modo de chamada, que utilizava só com aquele falcão. Ao reconhecer o som, o animal se tranqüilizou, recolheu as asas, e o suave repicar dos elos foi apagando-se, até que se fez o silêncio.

— É magnífica - assinalou Dominic em voz baixa.

— Digna de príncipes ou grandes senhores - confirmou Meg.

— Sobe já no punho?

— No meu, sim. Mas ainda se mostra cautelosa com os homens.

— Inteligente decisão - apontou o barão—. Para ele ainda somos seus captores, não os companheiros de caça.

Manifestando seu nervosismo pelo som da voz de Dominic, o falcão moveu suas patas fazendo que as correntes tilintassem de novo. Inquieto, abriu o poderoso bico e suas asas se desdobraram, como se fosse atacar ou defender-se.

Então o normando assobiou, reproduzindo com exatidão a chamada de cinco notas que Meg tinha utilizado. Surpresa, a jovem girou e o olhou fixamente. Inclusive o falcoeiro tinha problemas para que o assobio soasse como o dela.

O falcão inclinou a cabeça, rapidamente para Dominic tentando orientar-se, e ele repetiu o familiar assobio até convertê-lo em uma tranqüilizadora melodia, obtendo que o animal avançasse até o outro lado do poleiro para aproximar-se da origem do som. Quando uma luva de pele golpeou brandamente suas garras, deu um passo para diante e subiu no punho do barão.

— Acaricia-a como o faz normalmente - pediu ele em voz baixa e tranqüilizadora.



Meg tinha que colocar-se muito perto de Dominic para fazê-lo. Ficou dividida entre o receio e a curiosidade de como seria encontrar-se tão perto daquele homem, respirar seu aroma, escutar sua respiração.

As correntes soaram de repente, assinalando a crescente agitação do falcão.

— Começa a inquietar-se por seu silêncio - sussurrou Dominic.

Em voz baixa, elogiando a força e beleza do falcão, a jovem passou a ponta de seus dedos pela cabeça do animal, suas asas, seu peito, suas patas.

— Sem dúvida é o falcão mais perfeito de todo o reino - disse Meg brandamente—. Suas asas são velozes.

A cegueira temporária, provocada pelo capuz, havia aguçado a reação do falcão às mensagens de seus outros sentidos. Rodeada pelo aroma, tato e sons que a tinham confortado desde sua chegada a Blackthorne, estava tranqüila, embora alerta, e totalmente concentrada na mulher que a tocava e falava com tanta doçura.

Meg se voltou então para Dominic, com uma pergunta muda nos olhos. A resposta veio quando o normando começou a acariciar o animal como ela o tinha feito: a cabeça, o peito e as asas; suas carícias tão suaves... Assobiava sua chamada de cinco notas e a acariciava sem pressa, como se a única razão de sua existência fosse tranqüilizar o belo falcão cativo.

A jovem olhava fascinada. Quando a ave se intranqüilizou por um momento, o barão não mostrou nenhum traço de impaciência. Passaram longos minutos enquanto repetia uma e outra vez o ritual das carícias, até que por fim, o animal se acalmou.

Só então Dominic começou a lhe falar, elogiando-a. Os inquietos movimentos da ave, não acostumada à voz masculina, fizeram soar suas correntes. De novo, o normando não mostrou traços de impaciência. Limitou-se a começar de novo, repetindo o ritual tranqüilizador até que o falcão aceitou suas carícias, sua voz, seu fôlego.



Meg deixou escapar um suspiro que tinha estado contendo. Assombrada, observou como o barão terminava de amansar o animal, com carícias suaves, mas firmes. Inclusive quando colocou à ave sob a luz para vê-la melhor, esta o aceitou sem problemas.

— Foi muito terno com ela - disse Meg brandamente.

— Os falcões respondem melhor à ternura.

— E se respondessem melhor aos golpes?

— Então os golpearia - limitou a dizer Dominic.

Fez-se um silêncio, enquanto a jovem cravava seu olhar nele. Se não tivesse intuído a dor tão profundamente sepultada em seu interior, teria pensado que era um homem sem piedade, nem sentimentos.

— Faça de novo, Meg - sussurrou o barão— Deixe-me ver como faz com suas mãos.

A jovem obedeceu. Mas desta vez Dominic não olhou à ave, a não ser as elegantes mãos da jovem, seus lábios ligeiramente entreabertos e o suave movimento de seus seios sob o sutiã. Seus pulmões se encheram da fragrância de especiarias que desprendia do corpo de Meg e o desejo lhe inundou com força, inquietando-o. Um guerreiro que não tivesse o controle absoluto de si mesmo cometia enganos. Enganos mortais.

Com a facilidade de uma longa experiência, dominou seu forte desejo de levar a jovem à cama. Não podia controlar a dura reação de seu corpo, mas sim o que fazia com essa excitação.

— Pode ser que, ao ser acariciado com tanta suavidade, faça com que o cativo valha a pena - comentou Dominic depois de uma pausa—. Acaricia assim seus amantes, Meg?

Sobressaltada, a jovem se voltou para o normando. Estava muito perto dela e a olhava intensamente, com um inquietante e escuro brilho de desejo em seus olhos.

— Eu... Eu não sei dessas coisas - confessou Meg.



— Acaso seu marido... ?

— Não estou casada - lhe interrompeu.

— Excelente, isso facilita as coisas, porque te quero como amante e resisto a separar um casal. Tem um pai ou um tio que dê seu preço?

— Pede mais do que está ao seu alcance, milorde - replicou Meg friamente, com as costas eretas e a cabeça erguida.

O inequívoco tom de indignação em sua voz divertiu ao barão.

— A que te refere? —perguntou ele.

— Vai se casar amanhã!

— Ah, isso.

Dominic se afastou o tempo suficiente para voltar a pôr à ave em seu poleiro.

— O matrimônio só serve para conseguir terras e herdeiros - assegurou.

Sem prévio aviso, o normando deu a volta, capturou um dos braços da jovem e a aproximou de si, pondo a prova sua reação a uma aproximação direta. Quando inclinou a cabeça para beijá-la, sentiu o rechaço em seu corpo rígido e o viu no feroz brilho de seus olhos. Meg era tão orgulhosa e distante como o falcão; teria que utilizar ternura em vez de força para conseguir o resultado desejado.

Por que não me fixei em uma mulher mais dócil?

Ela não o era. Ainda.

Amaldiçoando internamente, ao ver-se forçado a passar pelas longas formalidades de um cortejo, Dominic levantou o rígido queixo de Meg com o punho. Devia averiguar se a jovem era tão fria como sua voz, pois então a sedução não seria possível.

— Meu pequeno falcão - sussurrou o normando—, o matrimônio não tem nada que ver com isto.

A delicada sensualidade da língua masculina desenhando o lábio inferior de Meg a deixou aturdida e paralisada, enquanto estranhas sensações



estremeciam seu corpo fazendo-a sentir-se tão frágil como uma chama, tão valiosa como um sonho feito realidade.

Como pode ser tão tenro comigo um homem tão desumano? Perguntou-se, trêmula. Dentro da jovem, tão profundamente escondido como o grito de dor de Dominic, a esperança dos glendruid ergueu-se. Possivelmente agora, mil anos depois, acabaria por fim a espera.

Então Meg viu a fria paciência nos olhos do normando e recordou o que este havia dito sobre o falcão: se os golpes lhe tivessem ensinado confiança, teria golpeado.

Está utilizando a ternura em mim, como tem feito com a ave.

A jovem se soltou do abraço masculino com tanta violência que o falcão desdobrou suas asas e lançou uma aguda reclamação de angústia.

— Te acalme. Está assustando o falcão. —Embora suave, a fria autoridade da voz de Dominic era tão inequívoca como o som das correntes nas patas do animal—. Tranqüilize-a ordenou.

— Faça você - replicou Meg— A cativa é ela. Não eu.





Capítulo 3

De pé junto à entrada de um aposento situado no quarto piso do castelo, Simon observava seu irmão mais velho, com cautela. Dominic tinha estado de um humor instável desde que tinha retornado das falcoeiras aquela manhã. E a notícia de que sua futura mulher não ia compartilhar a mesa com ele até o banquete matrimonial, não tinha ajudado a acalmá-lo.

— As dependências das mulheres - comentou o barão irritado. Com a capa negra sobre os ombros e as mãos convertidas em punhos, examinou atentamente a austera habitação de pedra. Uma forte corrente de ar provinha do local que ia parar no fosso, e não havia tapeçarias nem painéis de madeira que temperassem o gélido ambiente. Por outro lado, o tamanho da tina era muito mais adequado para uma mulher que para um homem.

Embora ao menos, o quente bafo procedente da água quente esquentava a fria habitação.

— Maldita seja. Por que terão posto a única banheira que há em toda a fortaleza nos aposentos das mulheres? —perguntou Dominic, mal-humorado.

— Lorde John nunca esteve além de Cumbriland - assinalou Simon com calma—. Não teve a oportunidade de aprender e desfrutar de outros costumes que não sejam os seus. Provavelmente pense que banhar-se pode pôr em perigo sua virilidade.

— Esse homem não tem feito outra coisa do que semear de bastardos, enquanto sua mulher vivia?

Simon, sabiamente, não disse nada.

— O muro do pátio interior é mais de madeira que pedra - seguiu o barão—. Deixou que as armas se oxidassem, os campos mal foram arados, os fossos são buracos putrefatos, dos pastos ficou pouco mais que pedras, os lagos



contêm mais algas que água e nem sequer se vê uma toca com coelhos para pôr carne sobre a mesa durante o inverno.

— Os jardins estão muito bem cuidados - apontou Simon.

Dominic emitiu um som de desgosto.

— E as dependências dos falcões parecem boas - continuou seu irmão.

Foi um engano mencionar as falcoeiras, já que a expressão do barão se endureceu grosseiramente.

— O abandono de lorde John não tem sentido - grunhiu—. Ter tanto e utilizá-lo tão mal!

Simon olhou ao escudeiro de Dominic, que parecia atemorizado. Não era um espetáculo agradável ver seu irmão tão furioso.

— Está tudo preparado para o banho de seu senhor? —perguntou-lhe Simon.

O moço assentiu com rapidez em resposta.

— Então vá procurar o jantar. E traz também várias jarras de cerveja, carne fria e queijo. Prepararam na cozinha um pudim decente?

— Não sei milord.

— Averigua-o.

— E te encarregue também de encontrar a minha prometida - interveio Dominic.

O menino abandonou a habitação com uma velocidade indecorosa, esquecendo-se de colocar as cortinas que separavam a tina do resto da estadia.

— Lutou contra os turcos com menos medo - comentou Simon enquanto corria as cortinas para evitar as correntes da porta — Assustaste o moço.

O som que emitiu o barão não foi muito tranquilizador.

— Está doente o falcão peregrino que te deu de presente o rei? — inquiriu seu irmão.

— Não.



— As falcoeiras estavam descuidadas?

— Não.

— Quer que chame uma donzela para que te atenda no banheiro?

— Maldito seja, não! — exclamou Dominic — Não necessito de nenhuma juvenzinha choramingando sobre minhas cicatrizes.

Quando Simon voltou a falar, sua voz soou tão dura como a de seu irmão mais velho.

— Gostaria de praticar com a espada e o escudo? — sugeriu em voz baixa

— Estarei encantado de te fazer as honras.

Ao escutar aquelas palavras, Dominic voltou-se para seu irmão e lhe dedicou um largo olhar lhe avaliando.

Durante um tenso momento Simon pensou que teria a briga que tinha sugerido, mas a única que fez o barão foi emitir um sonoro suspiro.

— Parece zangado, irmão.

— Só sigo seu exemplo.

— Está bem. Mereço isso. — Os lábios de Dominic esboçaram um sorriso—. Ocuparia-te você de meu banho? Não confiaria minhas costas a ninguém mais neste lugar.

— Estava a ponto de dizer o mesmo. Eu não gosto que sua prometida se esconda e que nosso anfitrião esteja «muito doente» para te receber de maneira adequada.

O barão tirou o valioso broche nórdico que segurava sua capa e lançou as peles sobre um pequeno baú que seu irmão tinha levado a habitação, fazendo com que as chamas das velas brilhassem nos candelabros.

Simon se aproximou então de uma mesa para cheirar o sabão que alguém tinha depositado ali.

— Especiarias. E um toque de rosas, acredita? —Olhou Dominic de maneira tranqüila, tentando não mostrar sua diversão.

— Acabarei cheirando como o harém de um sultão - ironizou seu irmão.



Os negros olhos de Simon brilharam com diversão, mas procurou não rir em voz alta.

Com rápidos movimentos, o barão deixou de lado o resto de suas roupas, jogando-as sobre o pequeno baú. Sob a tênue luz, a larga cicatriz que atravessava seu musculoso braço e seu torso tinha um brilho macabro. Depois, introduziu-se na banheira, e emitiu um som de prazer quando a água quente acalmou a dor que lhe produzia uma velha ferida.

— Sabão? —perguntou Simon com suavidade.

Dominic estendeu uma mão, e uma parte de sabão, com um aroma familiar, caiu sobre sua palma. Franzindo o cenho, começou a passar o sabão por seu cabelo, tentando recordar onde tinha cheirado aquele aroma anteriormente.

— Agora - ordenou—, me explique o que quis dizer quando afirmou que o senhor de Blackthorne era vítima de uma maldição.

— Sua mulher era uma bruxa.

— Ouvi dizer o mesmo de muitas mulheres.

Seu irmão riu, secamente.

— Sim, mas lady Anna pertencia aos glendruid.

O barão ficou imóvel por um instante.

— Glendruid...

— É um clã celta - lhe explicou Simon — Uma espécie de matriarcado foi o que ouvi.

Dominic soltou um bufar, antes de deslizar-se na tina até ficar completamente sob a água, aproveitando a aromática espuma. Momento depois, emergiu com tal força que salpicou o quarto, fazendo com que seu irmão saltasse para um lado, entre maldições.

— Continue - pediu Dominic.

Sacudindo a água de sua túnica com uma mão, Simon utilizou a outra para pôr mais sabão na palma de seu irmão com força suficiente para lhe demonstrar seu desagrado pelos respingos de água.



— A verdade é que não sei muito mais. Só ouvi comentar que um homem que toma por mulher a uma glendruid terá campos que prosperam, pastos exuberantes, vassalos trabalhadores e obedientes, tanques transbordantes de peixes,...

— Uma vida sexual memorável e a vida eterna - Ihe interrompeu seu irmão, mostrando-se impaciente ante uma superstição tão absurda como aquela.

— Oh, falaste com Sven?

Dominic dedicou a Simon um olhar de advertência, mas este se limitou a sorrir amplamente e a olhá-lo divertido.

— Onde está esse clã de celtas ignorantes? —perguntou o barão secamente—. Ao sul, possivelmente?

— Isso dizem alguns. —Simon encolheu os ombros—. Outros dizem que ao norte. Alguns que ao leste.

— Ou ao oeste? No mar, talvez?

— São pessoas, não peixes.

— Isso é um alívio.

Simon estendeu a seu irmão um grande pano para que se enxugasse. Quando Dominic saiu da tina, a água escorregou por seu enorme corpo e caiu no chão, deslizando até alcançar o local que conduzia ao fosso.

— O conto dos glendruid acabará quando instaurarmos a paz nestas terras e haja herdeiros que delas se ocupem - afirmou o barão.

Simon sorriu levemente. Conhecia bem a intenção de seu irmão de fundar uma dinastia. Em realidade, ele pensava em fazer o mesmo.

— Tome cuidado com o que diz em público sobre os glendruid, antes de ter estabelecido seu poder - Ihe advertiu—. É uma superstição muito arraigada na população local. E, além disso... Há algo sobre essa lenda que Sven não averiguou e que parece importante.

— Terei em conta sua advertência.



— Sua mulher é afortunada - comentou Simon — Não terá motivos para queixar-se de seu tratamento quando chegar o momento de ter herdeiros. As moças do harém estavam bem treinadas.

Por um instante, Dominic pensou em colocar Meg em seu quarto, em estender seu formoso cabelo avermelhado sobre os travesseiros, antes de abrir suas coxas e fazê-la sua, grosseiramente. Só de imaginar a cena fez com que seu sangue ardesse.

— Para que uma mulher desfrute, é necessário que seja bem preparada - assinalou com irritação, tentando esfriar o calor de seu sangue.

— Duvido que haja uma só mulher neste lugar que não esteja desejando compartilhar seu leito.

— Há uma - disse o barão secamente.

— Sua prometida.

Lady Margaret não era a mulher que Dominic tinha em mente, mas guardou silêncio e se limitou a secar-se, vigorosamente.

—Terminará sucumbindo cedo ou tarde - lhe assegurou Simon depois de um momento—. É uma dama; pode ser que não lhe agrade seu dever, mas o levará a cabo. E também está...

— Sabe que só em respeito a ela e a sua companheira, adverti para que meus cavalheiros não causem problemas às filhas de meus vassalos.

— Sei. Entretanto, sou o único que te acredita.

Dominic grunhiu e continuou secando-se com energia. A idéia de que um de seus homens pudesse atacar Meg fazia com que se enfurecesse.

— Advertirei de novo a meus homens sobre não se aproveitarem das moças que não se mostrem dispostas. —Seu tom não admitia réplica — Em particular, a uma de cabelos da cor do fogo, pele suave e branca, e olhos verdes.

Simon arqueou as sobrancelhas, com muda surpresa.

— Pensei que você não gostasse das mulheres de pele clara.



— Deveria ver esta - replicou Dominic.

— Essa mulher deve ter causado uma grande impressão - comentou assombrado—. E isso não é próprio de ti.

O barão encolheu os ombros.

— É uma moça pouco comum. Está solteira, algo que não é muito normal por aqui, e tem a dignidade de uma rainha, apesar de ser uma camponesa.

— Você sempre preferiu às amadurecidas e dispostas.

— É certo.

— Está ela disposta?

O sorriso que Dominic dedicou a seu irmão fez que Simon risse.

— Vai estar - afirmou—. Durante um instante tremeu entre meus braços. Terei que seduzi-la, com cuidado, mas foi feita para a paixão. Não existirá inverno para o homem que a possua. Ela...

De repente, deixou de falar e se voltou, para escutar o som de passos apressados.

— Barão - lhe chamou o escudeiro, do outro lado dos cortinados.

— O que ocorre? —perguntou Dominic com impaciência—. A encontraste?

— A donzela de lady Margaret deseja falar com você. É muito urgente, milorde.

— Maldita seja - murmurou.

Colocou o pano com o que tinha estado secando-se ao redor dos quadris, agarrou sua capa e a pôs sobre os ombros para proteger-se das geladas correntes de ar.

— Por que será que as únicas mulheres às quais pode encontrar meu escudeiro são as que não desejo ver? —balbuciou.

Simon abriu a boca e tentou falar, mas Dominic não tinha acabado.

— Por Deus, que mulher mais tediosa... —disse entre dentes.

— É isso um sim, ou um não, à solicitude de audiência de Eadith? — quis saber Simon.



— Está bem, que entre - respondeu o barão, voltando a falar em um tom normal.

A serva devia ter estado escutando, pois, imediatamente, afastou de lado os cortinados e entrou. Ao perceber a parcial nudez de Dominic, não baixou os olhos, mas sim o olhou com curiosidade.

—Fala- insistiu o barão, com irritação—. Onde está sua senhora?

—Lady Margaret se sente indisposta e suplica que não a obrigue a apresentar-se ante você - respondeu a donzela, com rapidez.

A pesar do evidente nervosismo da viúva, Simon observou que os pálidos olhos azuis da mulher não podiam afastar-se da pele de Dominic, que a capa deixava descoberto.

O barão examinou os pálidos traços, o cabelo loiro e os finos lábios da donzela, e se perguntou por que seus pensamentos se viam tomados por uma mulher de cabelo cor de fogo e olhos verdes, que tinham fugido dele tão rápido quanto suas esbeltas pernas o tinham permitido. O simples fato de recordar conseguia enfurecê-lo.

Por que fugiu de uma simples carícia?

— Indisposta, foi o que disse? —disse o barão finalmente—. Espero que não seja nada sério.

— Seu pai está doente. Isso é sério, não acha?

— Sou seu futuro marido. — Dominic lhe dedicou um sorriso irônico — Isso também é algo sério, não acha?

O frio sorriso fez com que Eadith estremecesse, intranquã, debaixo das gastas dobras de sua túnica de lã.

— É obvio, milorde.

— Saúde lady Margaret de minha parte e lhe transmita meu premente desejo por conhecê-la - acrescentou o barão. Depois deu as costas à donzela e se dirigiu a Simon — Recorda o que falamos?



Simon vacilou, mas Dominic elevou uma sobrancelha, em muda advertência.

Simon assentiu com secura. Afastou para um lado as roupas que cobriam a pequena arca, abriu-a e tirou uma peça de joalheria que descansava sobre uma brilhante pilha: era o presente do barão para sua relutante prometida.

— Entregue isto a sua senhora — ordenou Dominic a Eadith.

Obedecendo a um gesto de seu irmão, Simon avançou e deixou cair um broche sobre a mão da viúva, que soltou um grito afogado ao sentir o peso do ouro e ver a magnífica gema verde que adornava a jóia.

— É da mesma cor que os olhos de lady Margaret!

Imediatamente, Dominic pensou na jovem que tinha conhecido nas falcoarias e entrecerrou os olhos, ao dar-se conta do acontecido. Meg era muito orgulhosa e altiva para ser a filha de um camponês. Se não tivesse estado cego por sua beleza e a turgidez de seus seios, não teria demorado tanto em descobrir sua verdadeira identidade.

— Essa cor de olhos é comum entre os vassalos de Blackthorne? — perguntou Dominic sem parecer interessado.

— Não, milorde. Ninguém, à exceção dela e de Gwyn, possui essa cor de olhos. É o sangue dos glendruid.

O barão entrecerrou os olhos ainda mais.

Simon observava inquieto ao seu irmão. Tinha visto anteriormente esse frio olhar instantes antes de ir para uma batalha. Entretanto, ali não havia inimigos armados incitando os cavaleiros à guerra.

— É um formoso broche, milorde - comentou Eadith — Um magnífico presente que qualquer dama estaria orgulhosa de usar.

Os dedos da donzela acariciaram a jóia, com uma inveja que era incapaz de ocultar.

Dominic olhou então ao seu irmão e este assentiu levemente.



Sem pronunciar uma palavra, Simon voltou-se, inclinou-se sobre a arca uma vez mais e, durante um minuto ou dois, rebuscou entre o conteúdo. O fraco e inconfundível som das moedas e as correntes de ouro roçando umas nas outras ressoou como um melodioso sussurro no meio do silêncio.

Quando encontrou o que procurava, Simon lançou um grunhido, voltou-se para seu irmão e lhe mostrou outro broche.

Com um gesto afirmativo do barão, seu irmão se aproximou de Eadith, agarrou uma de suas mãos e depositou a jóia sobre sua palma. Não havia nenhuma pedra preciosa naquele broche, mas seu peso mostrava seu valor. Aturdida, a viúva levantou o olhar e encontrou com os frios olhos prateados de Dominic.

— É para ti - confirmou o barão.

Eadith não podia esconder seu assombro.

— É evidente que os habitantes do castelo não foram afortunados e que sofreram a perda de muitos entes queridos - comentou Dominic o mais amavelmente que pôde à mulher, cujos pálidos olhos e fino sorriso lhe tinham desagradado no primeiro momento.

A viúva de um bravo cavaleiro deveria possuir jóias como essa.

A serva fechou a mão ao redor do broche com tanta força que uma das bordas cortou visivelmente sua pele.

— Obrigado, barão - disse com voz respeitosa, enquanto se inclinava ante ele sem perder nenhum detalhe do conteúdo da arca.

— Não há de que. — Dominic observou a direção do ávido olhar da mulher, do mesmo modo que Simon, que fechou a arca com um gesto despreocupado e dirigiu a seu irmão um olhar de desaprovação.

— Deseja algo mais, milorde? — perguntou Eadith.

— Não. Apenas quero que leve o broche à lady Margaret em meu nome e que lhe apresente meus respeitos.



A donzela saiu apressadamente, como se temesse que voltassem a chamá-la e lhe obrigassem a devolver o broche. Simon esperou estar certo de que ninguém poderia lhe ouvir, e então se voltou para seu irmão.

— Agora todas as pessoas do lugar saberão o que contêm as arcas que viram entrar no castelo — comentou, em tom neutro

— É bom que os vassalos saibam que seu novo senhor não lhes afogará com impostos e poderá manter um exército que os proteja - assinalou o barão.

— E as futuras esposas? —sugeriu Simon—. Também é bom que elas saibam?

— Especialmente, as futuras esposas - respondeu Dominic com violenta satisfação—. Ainda não conheci uma mulher cujos olhos não brilhem ante a visão do ouro.

— Sempre tão hábil.

O barão esboçou um leve sorriso ao pensar na formosa jovem de olhos como esmeraldas, que se mostrou muito mais hábil que ele nas falcoarias.

— Não sempre, Simon. Mas aprendo com meus enganos.





Capítulo 4

Um frio vento soprou através do pátio, elevando saias e capas, e arrastando a fumaça dos fogos da cozinha para o céu cinzento. Embora Meg normalmente gostasse de sentir a fresca brisa primaveril, perfumada com os primeiros brotos das relvas que começavam a crescer, nesse momento estava muito irritada para centrar-se em nada que não fosse o nervoso guarda, que permanecia de pé ante ela.

— O que quer dizer com ‘não haverá carne de veado’? —perguntou à jovem, com um tom duro.

O guarda afastou o olhar e retorceu as mãos, nervoso.

— A cerca está tão deteriorada em alguns lugares que até uma lebre poderia saltá-la. Os veados... Fugiram.

— Desde quando está a reserva de cervos em semelhante estado?

Sem deixar de olhar os pés, o servente balbuciou algo.

— Não te ouço - advertiu ela—. E eu gostaria que me olhasse quando me falar.

Meg estranhamente usava um tom assim com os vassalos do castelo; mas também era certo que eles raramente lhe mentiam.

— Eu... Os ventos... Bom... —resmungou o guarda.

Uns pálidos olhos azuis suplicaram a Meg, despertando a compaixão da dama.

— Quem te disse que me mentisse? —perguntou então a jovem com suavidade.

As mãos do servo, curtidas pelas cordas dos arcos, as armadilhas e as facas, suplicaram a misericórdia de Meg quando confessou.

— O senhor - sussurrou finalmente.



— Está muito fraco para abandonar seu leito. Acaso estiveste em seus aposentos para receber a ordem para que mentisse?

O guarda sacudiu a cabeça com tanta força que seu gordurento cabelo se agitou.

— Não milady. Foi Sir Duncan quem me ordenou isso.

Meg ficou imóvel.

— O que te disse Duncan?

— Nada de veados para o normando.

— Entendo.

De fato, entendia muito bem.

Por um momento ficou paralisada. Alegrou-se ao ver retornar Duncan das Cruzadas, pois seu primo Rufus, um saxão rebelde que ficou no comando dos Reeves, não estava interessado em manter a paz com Henry. O certo é que tampouco lhe agradava a idéia de ser oferecida a um desconhecido cavaleiro normando, para manter a paz nas terras fronteiriças do norte, mas aborrecia a idéia de que se produziriam mais derramamentos de sangue, se não o fizesse.

As constantes ofensivas contra o rei inglês, além das batalhas que aconteciam entre saxões ambiciosos, enquanto os líderes como Duncan se encontravam longe participando de uma Cruzada sagrada, tinham esgotado os vassalos da fortaleza, junto com seus campos e suas esperanças de um futuro melhor.

Os servos atribuíam sua má sorte à vingança de uma bruxa glendruid por ter sido entregue ao homem errado. Meg atribuíam o deplorável estado dos campos ao desinteresse de seu pai, um homem obcecado por frear o avanço dos ingleses, casando a sua filha com Duncan de Maxwell, um cavaleiro sem terras, conhecido como o Martelo Escocês, por sua ferocidade.

Duncan... Não sucumba aos planos de meu pai. Se o fizer, nos invadirão as pragas, a fome e a morte.



— Milady?

A voz do guarda soava insegura. Nunca tinha visto à tinha visto tão cansada e preocupada.

— Pode ir - disse Meg finalmente—. Obrigado por me dizer a verdade, embora seja muito tarde. Prepare tudo para caçar um cervo. Necessitamos para o banquete de bodas.

O servo fez uma pequena reverência, mas não se retirou.

— Há algo mais? —perguntou-lhe a jovem.

— Duncan de Maxwell — se limitou a responder o guarda.

— Ele não é o senhor do castelo de Blackthorne e jamais o será. Sou eu que dá as ordens e continuarei fazendo-o.

O homem dirigiu um olhar aos entrecerrados olhos verdes que o observavam e decidiu que era melhor deixar que os senhores discutissem entre eles. Ele iria caçar, como lhe tinham ordenado.

— Sim, milady.

O guarda atravessou com rapidez o pátio para a torre de entrada, seguido pelo olhar de Meg; mas a pequena satisfação de ver cumprida suas ordens durou pouco.

Esta luta deve acabar, disse a si mesma, em silêncio. Se isto seguir assim, não ficará ninguém para enterrar os mortos, nem nada que comer para sobreviver. Um ano mais de más colheitas e será o fim do castelo de Blackthorne.

Uma cálida e escorregadia carícia em seus tornozelos a distraiu. Quando olhou para baixo, Black Tom lhe devolveu o olhar, com felina intensidade.

— Ainda não posso te atender. Primeiro, devo falar com Duncan.

O gato se esfregou contra ela uma vez mais, e se afastou em direção ao celeiro. Meg lhe desejou sorte. Duvidava que houvesse suficientes grãos em seu interior para atrair a um camundongo, afastando-o da escassa comida dos restos dos prados.



Abatida, dirigiu-se ao castelo procurando manter o cabelo em seu lugar apesar do vento.

— A Igreja estará de acordo com seu matrimônio - asseverou lorde John com voz rouca—. A única coisa a fazer agora é pegar o ouro e matar o normando.

Um feio sorriso transformou o rosto de Duncan, revelando a ascendência viking que fluía por seu sangue escocês.

— Assim o farei - afirmou.

Os pálidos lábios do senhor de Blackthorne esboçaram um sorriso que era mais frio que as próprias pedras do castelo. Seu filho bastardo se parecia muito com ele em aspectos que iam além dos olhos cor avelã e o tom castanho de seu cabelo; ambos eram ferozes guerreiros que não tinham clemência com seus inimigos, nem a pediam deles.

— Ordena aos Reeves que se dispersem entre os convidados das bodas na capela... —As palavras de lorde John se transformaram em um ataque de tosse, que sacudiu seu frágil corpo.

Duncan se aproximou da cama e deslizou o braço ao redor de seu pai, ajudando-o a levantar-se, enquanto cessava a tosse. Depois, aproximou uma taça de cerveja dos secos lábios do doente até que este bebeu a maior parte de seu conteúdo.

— Deveria descansar - sugeriu Duncan.

— Não. Escute-me. Se viver ou morrer, deve permitir que as bodas sigam adiante até que cheguem mais normandos! Deve fazê-lo!

A tosse levou consigo as palavras e a força para dizê-las. Quando o ancião se acalmou finalmente, Duncan lhe deu mais cerveja, mas acrescentou duas gotas da medicina que Meg tinha preparado para aliviar o sofrimento do doente.



— Tranqüilize-se - lhe pediu o escocês—. Escuto-te. O que planejaste? — Acariciava a fronte de seu pai com surpreendente delicadeza, e afastava o cabelo, que ia se tornando cinzento desde o inverno anterior, à medida que a enfermidade minava suas forças.

— Traga Meg - lhe ordenou John, com muita dificuldade—. Tenho que lhe dizer o que planejamos.

— Enviarei alguém para que a avise.

— Não será necessário - anunciou Meg da porta—. Já estou aqui.

Tinha trocado suas roupas de camponesa por uma regata de suave tecido rosa e um vestido verde, adornado com uma tira de tecido suntuosamente bordada. Os detalhes daqueles vestidos embeveciam o resto das mulheres, os de Meg eram muito entalhados, pois não tinha paciência para franzir o tecido. Seu quadril estava rodeado por um faixa, evitando que as pregas do tecido se colocassem em seu caminho quando trabalhava no herbário, e as mangas eram largas, com deliciosos bordados nas pregas.

— O que deseja de mim? —quis saber Meg.

Seus intensos olhos verdes foram do poderoso corpo de Duncan à murcha sombra que era seu pai. Foi quando viu a pequena garrafa que continha a medicina e olhou rapidamente para seu amigo de infância.

— Só duas gotas - assegurou Duncan, sabendo qual era sua inquietação.

— Já tomou essa quantidade antes da missa - assinalou preocupada.

Os três sabiam que a poção era muito forte. Seis gotas conduziam um doente em um tranqüilo sonho. Entretanto, três vezes dessa quantidade podia matar um homem normal. Por isso, a uma pessoa tão fraca como seu pai teria que ministrar a medicina com extremo cuidado.

— Não importa que a morte chegue antes - afirmou John com aspereza—. Escute-me, glendruid. Amanhã, na cerimônia que se celebrará antes do banquete...



— Que banquete? —perguntou Meg com ironia—. Duncan proibiu ao guarda...

— Silêncio! —exclamou John, embora muito fracamente—. Quando o sacerdote te perguntar se está de acordo com o matrimônio, dirá que não.

— Mas...

— Sua negativa criará desconcerto entre os normandos - continuou o ancião, fazendo caso omissso do protesto da jovem. Sua voz era um fiel reflexo da deterioração de seu corpo e seus olhos ardiam, com uma determinação que beirava a loucura—. Duncan e seus Reeves acabarão com esses bastardos e você te casará com ele, enquanto o sangue ainda estiver fresco no altar.

— Não pode estar falando sério - sussurrou Meg.

Aturdida, olhou Duncan e se deu conta de que não encontraria apoio nele. Os olhos do escocês só mostravam a dura resolução de levar a cabo aquele temerário plano.

— Duncan é meu meio-irmão - respondeu a jovem com urgência—. Por isso rechaçou a Igreja nossa união há seis anos.

Durante um longo momento, só reinou o silêncio, logo perturbado pela rápida e débil respiração de um homem que se agarrava à vida.

Então Duncan olhou ao ancião.

— Diga-lhe. - lhe pediu lorde John.

Reticente, o escocês voltou a voltar-se para enfrentar seus intensos olhos verdes.

— Tão somente somos primos, pequena. No melhor dos casos.

— Como pode dizer isso? —replicou ela—. É o filho de meu pai. Qualquer um que não seja cego sabe.

— Sim, sou seu filho. Mas você não é sua filha.



Meg deu um passo para trás, antes de poder controlar o impacto que lhe causou a notícia. Mas, recompondo-se imediatamente, ergueu-se e adotou uma pose orgulhosa.

— O que quer dizer? —perguntou tensa.

John falou antes que Duncan pudesse explicar-se.

— Sua mãe estava grávida quando nos casamos - anunciou sem rodeios—. Pode ser que seja a filha bastarda de meu meio-irmão ou a filha de um moço de aldeia. Tanto faz, essa bruxa morreu há muito tempo.

— Não acredito - protestou Meg, com muita dificuldade—. Pode ser que engane à Igreja e a Duncan, mas não a mim.

O ancião tentou levantar-se, com dificuldade, mas teve que enfrentar à mulher cujo nascimento tinha sido a maior afronta que tinha sofrido.

— Me olhe, bruxa glendruid - ordenou bruscamente—. É hora de que conheça a verdade. Você não leva meu sangue; Duncan, sim. E apesar das intromissões dos reis ingleses e a maldição dos glendruid, meu filho herdará minhas terras.

Nesse instante, Meg soube no íntimo, que lorde John não mentia. Por um momento, se viu incapaz de respirar e lutou contra o gelo que se condensava sob sua pele a ponto de fazê-la estremecer.

Sempre soube que seu pai não podia suportar vê-la e agora sabia o porquê.

— Seu filho só herdará morte - afirmou Meg, com voz suave e nítida.

— Não escutarei suas maldições! — gritou John.

— Maldições? Não - disse a jovem, com dureza—. É só bom senso.

Meg se voltou então para Duncan, que a observava com pesar.

— Sinto muito, pequena - se desculpou o escocês—. Não queria que descobrisse assim.

— Minha legitimidade ou a falta dela não importa agora. Escute-me, seu pai está muito perto da morte para preocupar-se com o que ocorrerá com os vivos.



— Maggie...

Meg apoiou as mãos sobre os quadris e o interrompeu bruscamente.

— Não trate de me enrolar, Duncan de Maxwell. Estou convencida de que devemos estar unidos pelo sangue, porque sou imune ao seu encanto escocês!

Um turvo sorriso passou pelo rosto de Duncan.

— Por isso eu gosto tanto, Maggie. Serei um bom marido para ti.

— Maldito seja! —exclamou a jovem entre dentes, surpreendendo os dois homens —. Seu pai tem a desculpa de sua grave enfermidade para explicar sua falta de inteligência. Mas qual é sua desculpa, Duncan? Acaso a ambição nubla sua mente tanto como a proximidade da morte nubla a de meu pai?

O escocês abriu a boca para responder, mas Meg continuou falando, com voz que soava furiosa e suplicante ao mesmo tempo.

—O rei Henry não aceitará o assassinato de seu barão e arrasará Blackthorne - acrescentou Meg—. A nobreza normanda...

— Quando não estão lutando entre eles ou conspirando contra o rei, concentram seus esforços nos celtas do sul - a interrompeu Duncan, cortante

— E recorda que cada vez que tentaram tomar estas terras fracassaram.

—Tampouco tinham razões para isso; as terras do sul são mais fáceis de conquistar.

— Exato. Eles não...

— Sim. Farão - rebateu—. Você lhes dará os motivos que necessitam!

— Não mais dos que tinham antes. E mesmo antes, esses motivos não foram suficientes.

— Diga-me, Duncan — espetou Meg, em tom mordaz—, se um bandido te cortasse o braço direito, notaria sua perda e procuraria vingança?

— Sim, mas eu não sou o rei inglês.

—É bom que esteja consciente disso. É algo que terá que levar em conta quando se planeja a morte de um dos barões mais poderosos do rei.



— Maggie.

— Os nobres normandos brigam entre eles porque não têm nada melhor que fazer - continuou a jovem, sem deter-se — Mate Dominic, o Sabre, e proporcionará a esses bárbaros o melhor jogo de todos: a guerra.

Duncan encolheu os ombros.

— Ganharemos esse jogo.

— Não ganharão! Se eu sei, por que você não?

— Você é a mulher mais doce que conheço e não entende de guerras. — Duncan sorriu—. É outra de suas virtudes, Maggie.

— Economize os elogios - lhe respondeu cortante — Eu não sou tão fácil de enganar. Nem tampouco é o rei da Inglaterra. Quando chegarem notícias a Londres da matança, o rei e seus barões se unirão e trarão tal horror à estas terras que ainda se falará sobre isso dentro de mil anos! Só dispõe de doze cavalheiros...

— Dezesseis.

—... E uns poucos rebeldes que servem para pouco mais que massacrar mulheres e crianças.

— Basta! —exigiu Duncan.

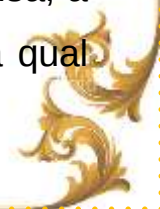
— Não! Não pararei, até que compreenda que não pode vencer!

As mãos de Duncan se fecharam sobre os ombros de Meg mantendo-a imóvel, enquanto suas palavras a golpeavam.

— Entende bem isto - rugiu—. Se casar com esse bastardo normando, terei que ver meus direitos de nascimento...

— Não! —gritou Meg —. A paz está acima de qualquer direito de nascimento.

—... Passarem às mãos de outro homem — continuou Duncan implacável — e com isso, também a feiticeira glendruide de olhos verdes, a quem os vassallos do castelo de Blackthorne amam mais que a qualquer outra coisa, à exceção de Deus. Essa, tanto como o rei da Inglaterra, é a razão pela qual



meu pai não te deserdou. Os vassalos teriam abandonado seus arados e teriam partido destas terras como se tratasse de um lugar maldito.

Pálida e trêmula, Meg tentou libertar-se da força das poderosas mãos do escocês, mas ele mal notou sua resistência.

— Inteira-se bem, lady Margaret, terei terras e uma mulher nobre para conceber meus filhos. E não me importará matar a dez ou a dez mil cavalheiros normandos para obtê-lo.

Emocionada, a jovem se libertou. Dilacerada entre a compreensão da necessidade de seu amigo de infância por ter um lugar em uma sociedade que não reservava nenhum lugar para os bastardos, e sua segurança de que seu plano seria a ruína das terras e dos vassalos que amava. Meg estudou Duncan através das lágrimas, que rolavam de seus olhos verdes.

— Está me pedindo que leve a guerra ao castelo de Blackthorne — sussurrou ela.

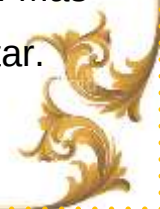
— Estou pedindo que não se case com o invasor de nossas terras. É tão grande o favor que peço?

A única resposta da jovem foram suas lágrimas.

— Não peça favores a uma bruxa glendruid - estalou John, com ferocidade—. Eu lhe ordeno isso, Margaret. Eu sou o senhor deste castelo e você me pertence, tanto como qualquer porco que vague por meus bosques. Obedecerá ou lamentará o dia de seu nascimento tão freqüentemente e tão profundamente como eu o faço!

— Não se preocupe, Maggie - lhe disse Duncan com suavidade, acariciando sua longa trança —. Ocuparei-me pessoalmente de que não sofra nenhum mal na igreja.

Meg fechou os olhos e se esforçou por não gritar expressando a fúria que sentia ante as ambições dos homens que a rodeavam. Que oferecessem sua vida e seu corpo em nome da paz era um dever cruel, embora esperado. Mas que a usasse para começar uma guerra, era algo que não poderia suportar.



— Não posso fazer o que me pedem - respondeu.

— Fará - bradou o ancião—. Pode ser a esposa de meu filho ou a puta de seus Reeves, para mim tanto faz.

— Lorde John - começou a dizer Duncan com pesar.

— Silêncio! Seria muito melhor para ti se casar com qualquer camponesa que fazê-lo com uma glendruid! Ante sua insistência, aceitei propor à bruxa que se unisse a nós; mas se negou. Vá agora e diga a seus rebeldes que se revoltam e matem A...

— Não!—exclamou Meg—. Pai...

— Eu não sou seu pai.

A jovem respirava com dificuldade, enquanto procurava um modo de escapar da armadilha que Duncan e lorde John lhe tinham armado. Angustiada, entrelaçou seus dedos e os apertou com tanta força, que suas mãos ficaram insensíveis.

Não lhe ocorreu nada.

— Eu... —começou a dizer, mas sua voz sumiu, desvanecendo no silêncio.

Os dois homens a observavam, com olhos que não podia negar seu parentesco, embora fossem sutilmente diferentes. Os de John brilhavam com um ódio tão antigo como a traição de sua mãe. Nos de Duncan, podia-se ler o desejo de possuir o que considerava seu por direito.

— Maggie?—insistiu Duncan brandamente.

Ela inclinou a cabeça.

— Farei o que devo fazer - sussurrou Meg.





Capítulo 5

Meg abandonou os aposentos de seu pai tão rápido que seu manto de lã se levantou e formou redemoinhos atrás dela. Tinha muito que fazer antes de fugir do castelo. Primeiro, devia preparar uma grande quantidade de remédios medicinais para os vassallos que dependiam de sua ajuda, e logo, teria que apanhar às escondidas, suficiente comida e mantas para passar uma quinzena.

E depois? Perguntou-se a si mesma.

Não havia resposta, à exceção da óbvia: tudo era melhor que ser a arma esgrimida para destruir seu amado Blackthorne.

As chamas das velas se agitaram, quando Meg passou junto a elas a toda velocidade, descendo a estreita escada de caracol, com uma velocidade temerária. Logo que chegou ao grande salão, Eadith a viu e se aproximou, para interceptá-la apesar da evidente urgência de sua senhora.

— Milady...

— Agora não - a interrompeu Meg.

— Mas lorde Dominic deseja...

— Mais tarde. Agora tenho que preparar alguns remédios.

Surpreendida pela insólita atitude de Meg, Eadith ficou sem fala, enquanto observava como se desvanecia rapidamente a silhueta de sua senhora.

Como se temesse que a donzela fosse persegui-la, Meg acelerou o passo. Uma vez no nível inferior do grande salão, não encontrou mais que serventes, e reduziu o ritmo a uma velocidade mais razoável. Mesmo assim, seu manto ainda ondeava e se agitava atrás dela.

Pequenas e escuras estadias, mais similares a compartimentos de estábulo que a verdadeiras habitações, abriam-se de ambos os lados do corredor que



a jovem percorria apressadamente. Aromas de hortaliças empilhadas, de tonéis de cerveja, e de pescado salgado e defumado impregnavam a penumbra. Também havia enguias em barris e aves penduradas em finas cordas. Mas por baixo do penetrante aroma que desprendia a comida, podia perceber o rico e variado aroma do herbário, que tinha sido criado por lady Anna para secar ervas e preparar remédios.

As lembranças que Meg tinha de sua mãe eram vividas. Em muitas delas, se encontrava com Anna no herbário ou no jardim, escutado sua melodiosa voz descrevendo cada planta e suas propriedades para curar ou acalmar as pequenas dores e enfermidades dos vassalos.

O herbário, os jardins e o banho tinham sido construídos seguindo as instruções exatas de Anna, pois eram lugares importantes para os rituais e a cura, nas tradições glendruid.

Junto à entrada do herbário havia duas mesas para imprensar, picar e pulverizar folhas, caules, flores, raízes e cascas; todo isso se usava para preparar os remédios de Meg. Pequenas arcas, panelas, terrinas, morteiros, facas e colheres estavam cuidadosamente dispostas ao fundo das mesas.

Ao longo de toda a estadia, sustentados por pedra em lugar de madeira, havia uma prateleira atrás da outra, cheia de ervas, secando ou guardadas, longe da luz, ou terrinas vazias que esperavam receber a água fresca do manancial, que brotava no centro do pátio do castelo, pois a água era outro dos elementos essenciais nos rituais glendruid.

Meg respirou profundamente, deixando que as familiares misturas de aromas a acalmassem e lhe fizessem esquecer o carregado ambiente do quarto de lorde John. Depois de respirar várias vezes mais, suas mãos deixaram de tremer e o frio em seu estômago começou a passar. A jovem adorava a serenidade que desprendia aquele lugar, com sua silenciosa promessa de aliviar dores e curar doentes.



Mas nada neste lugar pode evitar a guerra ou a fome, nem o derramamento de sangue que virá.

Aquele triste pensamento fez com que o gelo se condensasse uma vez mais no estômago de Meg.

— Não posso deixar que os vassalos de Blackthorne sofram esse sangrento destino – sussurrou, olhando o herbário com olhos que só viam a morte—. E para que? Para nada! Duncan não poderá sair vitorioso. Meu Deus, faça com que veja a verdade!

Mas, enquanto a prece saía de seus lábios, Meg soube que não poderia mudar o que pai e filho tinham planejado.

De repente, umas tranquilizadoras palavras chegaram até a jovem, enchendo-a de calma, como se Anna ainda estivesse viva. Limite-se a fazer o que estiver em suas mãos, filha. Deixa o resto para Deus.

Depois de um momento, a jovem se ergueu, enxugou suas lágrimas e tentou concentrar-se nas tarefas que sempre a tinham acalmado, no passado. Do que mais gostava era confeccionar fragrantes ramalhetes de ervas que agradavam os sentidos e ao mesmo tempo, evitavam que os insetos se ocultassem dentro dos colchões. A esposa de Harry estava de cama por causa das complicações de uma gravidez difícil, e precisava de algo que aliviasse suas dores.

Tudo o que Meg necessitava tinha diante dela, pois tinha estado preparando bolsas para o colchão no qual dormiria em sua noite de bodas e que ainda estava sendo feito, com palha fresca; o colchão sobre o qual perderia a virgindade.

Sem prévio aviso, veio-lhe à mente a imagem das fortes mãos de Dominic acariciando o falcão, com extrema suavidade. Meg tinha se perguntado como seria ser acariciada com tanto cuidado. Tinha recebido muito pouca ternura em sua vida do homem que era seu pai só de nome.



E, embora Meg soubesse que o trato com o falcão tinha sido o resultado de um frio cálculo tático por parte de Dominic para conseguir a vitória da forma mais rápida, sua carícia tinha despertado no interior da jovem um estranho desejo por ser tratada com essa delicadeza e ternura.

Se nos casássemos, me trataria assim, Dominic?

Meg recordou como o barão tinha deslizado sedutoramente a ponta da língua por seu lábio inferior, em uma carícia tão doce e inesperada, que só de pensar lhe provocava calafrios. Nunca havia sentido nada igual à carícia de Dominic. E nem sequer tinha imaginado que algo assim fosse possível.

Mas, imediatamente, vieram-lhe à memória as palavras com as quais Dominic se ofereceu para comprá-la, ignorando sua verdadeira identidade.

O matrimônio não tem nada a ver com isto.

Para o barão, sua união com Meg era uma mera questão política. Nada tinha a ver com a esperança dos glendruíd, e muito menos com o afeto entre um homem e uma mulher.

Abstraída em seus pensamentos, deixou que uma terrina caísse no chão, e umas folhas secas escapassem de suas mãos repentinamente trêmulas.

—Se seguir assim, te colocarei para arrancar as ervas daninhas nos jardins como se voltasse a ter seis anos. — A familiar voz de Gwyn sobressaltou Meg e lhe escaparam mais ervas —. Está doente? —perguntou à anciã, com voz subitamente séria em lugar de zombadora.

— Não. É só que... — A voz da jovem se apagou.

— É só que...

— Hoje estou mais descuidada do que de costume.

— Você nunca foi descuidada.

Sorrindo, Meg se voltou e abraçou à anciã com uma urgência que disse mais do que poderiam expressar as palavras. O rosto enrugado de Gwyn, seu cabelo branco e seus sábios olhos verdes lhe eram tão familiares como suas próprias mãos.



— O que te ocorre, pequena? —perguntou Gwyn finalmente.

— Meu pai...

A voz de Meg se desvaneceu ao recordar a afirmação do ancião negando que fosse seu pai.

Ante a menção de lorde John, seguida pelo silêncio, os pálidos olhos verdes de Gwyn se dirigiram para o lugar onde guardava um frasco de reserva de sua medicina. Mas a prateleira estava vazia.

— Está pior? —perguntou à anciã.

— Não muito.

— Ao ver que o último frasco de sua medicina já não está no lugar, acreditei que tinha piorado.

— Sua medicina? —Meg olhou por cima de seu ombro e se sobressaltou—. Não está!

— Não foi você que o pegou?

— Não.

Nervosa, a jovem se aproximou da mesa e procurou entre os potes, mas só encontrou folhas e flores secas.

— É estranho - disse com voz tensa.

Franzindo o cenho, saiu ao corredor, pegou uma tocha e retornou ao herbário. Gwyn a observou, com olhos entrecerrados, enquanto Meg procurava, exaustivamente, em cada canto e cada prateleira, olhando o conteúdo dos potes e terrinas que abarrotavam a estadia.

Quando a jovem finalmente se rendeu, voltou a sentir o medo que a tinha invadido nos aposentos de lorde John.

— Desapareceu? —preocupou-se Gwyn.

— Sim. E o antídoto com ele. Possivelmente Duncan pegou, para aliviar a tosse de meu padr... De lorde John, quando eu estava nas dependências dos falcões.



A anciã disse algo em uma antiga língua. Se era uma maldição ou uma prece, a jovem não soube, pois não pôde escutar as palavras claramente.

— Não gosto disso – murmurou, olhando para Meg—. Não comente este assunto com ninguém. Já temos suficientes problemas.

A jovem assentiu, de acordo.

— Pode fazer mais? —quis saber Gwyn.

— Da medicina, sim. Disponho de uma grande quantidade de sementes. Mas já sabe que o antídoto será muito mais complicado de substituir.

Com um grunhido, Gwyn esfregou seus doloridos nódulos.

— A umidade não é boa para ti - assinalou Meg com suavidade—. Tomou a beberagem que te preparei?

A anciã parecia não escutá-la.

— Gwyn?

— Esta noite meu sonho foi intranquilo, mas não por causa das freiras - sussurrou.

Uma fria onda de angústia se apoderou do estômago de Meg. Sem dizer nada, esperou para ouvir o que a anciã tinha visto, em um mundo que só se visitava em sonhos.

— «O que foi escrito no passado, acontecerá no futuro. Ninguém, nenhum senhor, nem vassalo, pode escapar. “Sopram ventos de mudanças, trazendo consigo o grito das trombetas de guerra e o uivo do lobo.»

Quando Gwyn deixou de recitar, piscou, observando a desolada expressão do rosto de Meg, e suspirou.

— Esquece o que disse e me conte o que aconteceu com lorde John - lhe pediu a anciã em voz baixa.

— Nega ser meu pai.

Estranhamente, Gwyn sorriu. Havia pouco de calidez ou humor na curva que riscaram seus lábios. Apesar de sua avançada idade, a glendruid



conservava todos seus dentes, que seguiam sendo brancos e resplandeceram, como as presas de um lobo, em sinal de advertência.

— Ameaçou te afastar e pôr Duncan em seu lugar? —perguntou Gwyn.

— Só se não me casar com seu filho.

— E o que planeja para Dominic, o Sabre?

— Será assassinado enquanto estivermos diante do altar - murmurou Meg.

Gwyn exalou, emitindo um grave assobio.

— A Igreja não o permitirá.

— Recompensará seu silêncio com uma abadia.

— Um preço pequeno para uma traição assim.

— Não. Pense - repôs Meg com amargura—. A Igreja esteve procurando uma forma de debilitar o poder da coroa. E se casar comigo, Duncan estará em dívida com a Igreja, mais do que com o rei. Não lhe excomungaria. E se eu sei que será assim, também John sabe.

— John é um homem ardiloso - murmurou Gwyn—. Oxalá fosse também compassivo.

— Só pensa em que seu verdadeiro filho herde suas terras.

Gwyn sacudiu a cabeça.

— Aceitou se casar com Duncan?

— Neguei-me.

— Bem.

— Mas quando o fiz, John ordenou a Duncan iniciar a matança, de forma imediata...

A anciã inclinou a cabeça, como se tratasse de escutar além dos grossos muros.

— Não ouço ruídos de batalha.

Meg respirou profundamente e estendeu as mãos.

— Contive-lhes dizendo que faria o que devia fazer.



Produziu-se um silêncio tão profundo que podiam ouvir os pequenos sons das chamas consumindo a cera das velas. Depois, Gwyn suspirou.

— É verdade? —perguntou Meg finalmente.

— Que não é filha de lorde John?

Gwyn assentiu, com toda tranquilidade.

—Ele não é seu pai, pequena. Seu meio-irmão era um bom homem e sua mãe foi até ele duas quinzenas antes de suas bodas.

— Por quê? —lamentou-se Meg, emocionada.

— Não queria John, mas sabia que o herdeiro do lobo dos glendruoid devia nascer de algum modo.

— O herdeiro do lobo dos glendruoid? —perguntou surpresa Meg—. Do que está falando?

— De um homem capaz de trazer a paz a nossas terras.

— Ahhh, o legendário varão glendruoid! Entretanto, eu nasci. Uma decepção para todos.

A anciã Gwyn sorriu e acariciou a bochecha de Meg, com uma mão tão suave e seca como a chama de uma vela.

— Foi de grande ajuda para sua mãe, pequena. Gostava do meio-irmão de John, mas não estava apaixonada por ele. E tampouco sentia paixão ou amor por seu marido. Mas sim, queria você. Por ti, agüentou seu matrimônio, até que os vassalos aprenderam a te querer também.

— E depois foi para o bosque, para não retornar jamais.

— Sim - afirmou Gwyn—. Foi uma bênção para ela, Meg. O inferno não tinha nada que lhe ensinar, depois de viver com seu marido. —Dando a volta, a anciã olhou o herbário sem vê-lo, deixando que o silêncio as invadissem, durante uns instantes antes de continuar—: Se apenas seu sacrifício não tivesse sido em vão... Mas temo que quando nascer um homem que possa levar o legendário lobo dos glendruoid, só poderá herdar o vento.



— Me fale desse lobo - lhe pediu a jovem—. Ouvi alguns vassalos murmurarem sobre isso certa vez, mas se calam quando se dão conta que estou escutando.

— É só um broche; um broche tão antigo como o tempo.

— Como é?

— Tem o tamanho de uma mão e representa a cabeça de um lobo. Foi forjado em prata e seus olhos são gemas transparentes, tão duras que nem sequer o aço pode rachá-las - lhe explicou Gwyn.

— Nunca me falou dele.

— Não era necessário. Não podia fazer nada.

— E agora? —perguntou Meg.

— As coisas mudam. Uma mulher ardilosa espera o melhor e se prepara para o pior.

— O que é o pior?

— Guerra... Fome... Enfermidade... Morte...

Meg mal pôde conter um calafrio, ao ouvir seus maiores temores da boca da anciã.

— E o melhor? —sussurrou.

— Que o homem que leve o lobo dos glendruid traga a paz consigo.

Ao pensar em uma terra não dividida por lutas, a jovem sentiu esperança; a mesma que a invadiu, quando viu Dominic tratar o falcão peregrino com tanta delicadeza.

— Me conte tudo o que sabe sobre o broche - insistiu Meg.

— É muito pouco.

— Mesmo assim, é melhor que nada.

Gwyn sorriu ligeiramente, mas seu sorriso foi desvanecendo, à medida que falava.

— Só os governantes de nosso povo podiam usar o legendário broche dos glendruid. Enquanto o usassem, a paz e a prosperidade reinariam.



— E o que aconteceu?

— A inveja de um irmão... Uma mulher seduzida... Um amor traído...

Os lábios de Meg esboçaram um sorriso pesaroso.

— A história me parece familiar.

— Os glendruid são simplesmente humanos. Faz muitos anos, o líder foi assassinado e o broche desapareceu.

Depois de dizer aquilo, a anciã guardou um longo silêncio.

— O que aconteceu então? —insistiu Meg.

— A partir do quarto dia, ocorreu uma violência sem limites. Reinou o caos e a população se reduziu, até quase desaparecer.

— Por que não procuraram o nosso talismã, se significava tanto para eles?

A anciã encolheu os ombros.

— Buscaram. Mas só encontraram sua própria cobiça e nunca se voltou a ver o broche. —Fez uma pausa—. Dizem que está escondido em um dos antigos montes, que se encontram no bosque, guardado pelo fantasma de uma adúltera.

Meg tinha a estranha sensação de que Gwyn lhe ocultava algo, mas quando observou a determinação nos olhos da anciã, soube que não ia contar nada mais.

— Eu gostaria de ter essa jóia em minha mão agora mesmo - disse a jovem, expressando seus pensamentos em voz alta.

— Não deseje isso.

— Por quê?

— Entregá-lo a Dominic, o Sabre ou a Duncan de Maxwell sem saber se são os escolhidos para levá-lo, traria o mesmo resultado: o sangue correria pelos campos de Blackthorne.

A jovem emitiu um pequeno som, que refletia sua angústia.

— Tem razão, Gwyn. Quando as terras estão em guerra, os nobres podem ganhar ou perder, mas os vassalos sempre perdem.



— Sempre - sentenciou a anciã.

— Por que os homens não conseguem ver que as terras necessitam paz para prosperar? —refletiu Meg—. O plano de meu pai... De lorde John trará a ruína a Blackthorne Keep e a sua gente. E os sobreviventes da guerra só viverão o suficiente para morrer de fome no próximo inverno.

— Isso se o rei Henry não os matar primeiro. Se lorde John levar a cabo seu plano, o monarca e seus barões não deixarão uma só pedra em pé em toda Blackthorne.

Meg fechou os olhos. Só tinha um dia para encontrar o modo de salvar a seus vassalos.

— O que vai fazer, filha?

A jovem olhou fixamente Gwyn, perguntando-se se teria lido seus pensamentos de alguma forma.

— Advertirá ao barão normando? —quis saber a anciã.

— Seria melhor e mais rápido envenenar Duncan, mas sabe que não poderia fazê-lo apesar de que estou certa de que, se fracassar, espera-lhe a força ou algo pior. Quero-lhe como a um irmão e não poderia suportar isso. —Franziu o cenho, pensativa—. De qualquer forma, a morte de Duncan não mudaria nada. Os Reeves, esses malditos rebeldes, matariam os normandos em represália e Blackthorne estaria perdido.

Gwyn assentiu.

— Margaret, é tão ardilosa e doce como sua mãe. O que planeja? Correr ao bosque e desaparecer nele?

— Como soube?

— Isso é o que fez sua mãe. Mas não poderá seguir seus passos. Duncan é tão ardiloso quanto você.

— O que quer dizer?

— Colocou um de seus homens na torre de entrada. É uma prisioneira, e este castelo é seu cárcere.





Capítulo 6

Quando Simon entrou nos aposentos de seu irmão, Dominic estava sendo ajudado a vestir-se por seu escudeiro. O barão acabava de barbear-se, deixando a descoberto umas rugas e atrativas feições, que marcavam sua firmeza e determinação.

— Já está tudo preparado? —inquiriu Dominic, enquanto tirava o sabão do rosto.

— A capela foi adornada - lhe informou Simon—, seus cavalheiros estão lá dentro, junto aos saxões, e os soldados estão no pátio, esperando a celebração.

— E a noiva? Alguém a viu?

— Não. Mas sua donzela anda por toda parte, gritando à lavadeira por um objeto que ainda está úmido, à costureira por uma prega má costurada ou à curtidora por um calçado muito duro para pés nobres.

Dominic lançou um grunhido.

— Parece que não terei que tirar a força lady Margaret de seus aposentos.

— Espero que a dama se vista adequadamente - comentou Simon uns instantes mais tarde.

— Não me importa sua roupa.

— Em teoria, a noiva deve ser a mais bem vestida de todas as donzelas presentes nas bodas.

Dominic olhou seu irmão e levantou uma de suas sobrancelhas, com advertência.

— Enjoe irá embelezada com a seda cor escarlata que lhe entregou - continuou Simon em tom zombador—. E em seus cabelos luzirá um diadema de ouro com rubis, que lhe deu de presente depois da queda de Jerusalém.



— Se lady Margaret desejar que lhe dê de presente jóias, terá que ser mais cortês com seu marido - murmurou o barão, lançando com força sobre a mesa, o pano que tinha utilizado para secar-se—. Muito mais cortês!

— Possivelmente deveria enviá-la para Enjoe, para que a instrísse - comentou Simon rindo em voz baixa.

Dominic ignorou seu irmão e se dirigiu a Jameson, seu escudeiro.

— Quero as roupas de batalha.

O moço parecia surpreso.

— Barão?

— Me traga a camisa acolchoada de couro - lhe ordenou Dominic com impaciência.

— Para suas bodas? —O duro olhar de seu senhor fez com que se incrementasse o rubor nas suaves bochechas do escudeiro e que corresse para a arca, com toda pressa para procurar a roupa de couro; a cota de malha, cujos lados de metal protegiam as pernas dos cavaleiros durante a batalha.

Dominic rechaçou as grebas, colocou a camisa de couro e deixou que Jameson lhe ajudasse a colocar a cota de malha. O objeto, que tinha uma abertura na parte frontal e outra nas costas para cavalgar, era bastante pesado e, com cada movimento, os anéis de metal soavam discretamente.

— Nunca vi ninguém que se dirigisse a suas próprias bodas vestido assim - murmurou Simon, ao mesmo tempo que observava a rapidez com a qual o escudeiro realizava seu trabalho.

— Pode ser que lance uma nova moda.

— Ou que enterre uma antiga? — perguntou seu irmão, com falsa suavidade.

O sorriso do barão foi letal.

— Vejo que segue minha moda, irmão.

— Vai usá-la no quarto?



— A prudência nunca é demais com as feras - apontou Dominic secamente. Seu irmão riu, as gargalhadas, enquanto o barão ajustava a cota de malha de uma forma que refletia muitos anos de experiência no campo de batalha.

— Sven nunca ouviu nada que sugira que lady Margaret seja tão perigosa - assinalou Simon—. Ao contrário. Os vassalos a apreciam muito por sua bondade.

— Quero formar minha própria opinião.

— Seu elmo, barão - disse o escudeiro em tom neutro.

— Não o levarei. A cota de malha terá que servir.

Ao ouvir aquilo, o moço deixou de lado o elmo de metal, com visível alívio.

— Lorde John assistirá à cerimônia? —quis saber Simon.

— Escutei um comentário que estaria se preparando para ir à igreja - se limitou a dizer Dominic, com indiferença.

— Sua espada, milorde - anunciou o escudeiro, segurando-a com ambas as mãos.

A expressão de Jameson indicava claramente que tinha a esperança de que seu senhor repelisse a arma, como tinha feito com o elmo e as grebas. Mas Dominic, depois de colocar um pesado cinturão de couro no quadril, colocou a espada em seu lugar. Tinha levado durante tanto tempo o peso do aço em seu lado esquerdo que até parecia confortável.

— Meu manto - pediu.

Ao cabo de uns momentos, o escudeiro apareceu com um manto adamascado suntuosamente bordado. Pedras preciosas e pérolas resplandeciam no elaborado tecido, sugerindo intrincados desenhos nas luxuosas dobras. Era um manto digno de um rei. De fato, era um presente que lhe tinha sido entregue por um poderoso sultão, depois que Dominic impediu que seus cavaleiros normandos desonrassem as cinco das esposas do árabe, quando tomaram uma fortaleza na Terra Santa.



— Esse não - rechaçou Dominic—. Quero o negro. Adapta-se melhor à cota de malha e à espada.

Com um suspiro, o moço procurou em uma arca o pesado objeto negro. Em realidade, o manto era tão rico quanto o outro, já que estava confeccionado em lã e pele de zibelina procedente de um bosque, a milhares de quilômetros de distância.

Dominic colocou o manto com um hábil movimento e seu formidável corpo ficou coberto por completo, deixando tão somente entrever algum brilho ocasional da cota de malha e a perigosa longitude da pesada espada de aço.

Enquanto observava a cena, Simon sacudiu a cabeça com certo regozijo. Mesmo sem a roupa de batalha, seu irmão era um homem temível. Mas o modo em que ia vestido indicaria claramente às pessoas da fortaleza que um novo senhor tinha chegado.

Um senhor que exigia absoluta obediência.

— Sua prometida estremecerá de medo quando te ver - comentou Simon.

— Seria uma mudança reconfortante - murmurou Dominic entre dentes.

Entretanto, não disse suficientemente alto para poder ser ouvido. Não tinha falado a ninguém sobre o encontro com Meg. A facilidade com a qual lhe tinha enganado seguia ferindo seu orgulho.

De repente, os sinos da capela repicaram, anunciando aos vassalos de Blackthorne que a cerimônia que uniria para sempre a seus senhores era iminente. Antes que soasse a última badalada, Dominic tinha saído de seus aposentos e estava montando sobre um cavalo no pátio do castelo.

A noiva não estava absolutamente tão impaciente para que começasse a cerimônia.

— Eadith, pare de caminhar de um lado para outro, sem parar - pediu Meg.



Apesar de suas palavras, a voz da jovem era suave. Por uma vez agradecia o alegre falatório das servas e o constante movimento ao seu redor, que conseguiam impedir que pensasse no que acontecia.

Duncan, por favor, me perdoe pelo que vou fazer.

— Já escutastes os sinos - anunciou Eadith—. É a hora. Se apresse, milady.

Meg olhou o relógio de água, composto por uma terrina de prata na parte superior e outra de ébano na inferior, que tinha passado de mães a filhas, desde tempos imemoriais. Quando lady Anna lhe deu de presente o precioso objeto, ensinou-lhe a utilizá-lo para deixar os remédios em efusão só o tempo necessário.

A Meg parecia que tinham se passado só uns momentos, desde que enchera a terrina; a água transbordava e seu brilho parecia o resplendor de uma lua primitiva naquela habitação isolada da luz.

— Não ainda - disse Meg—. Ainda resta água, vê?

— Você e seus costumes glendruid - se impacientou Eadith, negando com a cabeça.

Quando os sinos repicaram de novo, como querendo enfatizar as palavras da donzela, Meg inclinou a cabeça e tocou a cruz de prata que se pendurava em seu pescoço.

— Milady?

Eadith esperou ser atendida por sua senhora, enquanto sustentava um objeto prateado que a anciã Gwyn tinha tirado de um baú no dia em que o rei decretou que lady Margaret de Blackthorne devia casar-se com Dominic, o Sabre. O vestido não era novo. Lady Anna se casou com ele, e também a mãe de Anna. E igual à água que ficava dentro da terrina prateada, o objeto brilhava sutilmente, como se estivesse infundida pelo tênue resplendor da lua.



Meg olhou o vestido e se perguntou se cada noiva glendruíd o teria usado com a esperança de ser afortunada e dar a luz um varão que pudesse levar o broche do lobo.

— Milady, devemos nos apressar.

Reticente, Meg afastou o olhar da constante destilação de água da terrina de prata.

— O sacerdote sempre se atrasa - replicou, ausente—. Cuida melhor de seu traje que uma noiva.

— Sem dúvida mais que você.

— Além disso, Dominic, o Sabre vai casar-se com Blackthorne Keep, não comigo. Não lhe importará o tempo que demorarei para chegar ao altar, nem a roupa que use.

— Mesmo assim, deve estar mais elegante que essa prostituta que trouxeram os normandos.

Meg afastou sua mente do relógio de água e das gotas que se precipitavam inexoravelmente da prata para a escuridão do ébano, com a mesma certeza que Blackthorne para a guerra.

— A quem se refere? —perguntou.

— A essa que chamam Enjoe - respondeu Eadith, que tinha ouvido as queixas das serventes que atendiam constantemente as instruções da normanda—. Os homens não podem afastar o olhar dela, sejam sujos normandos ou nobres saxões. Todos têm caído sob o feitiço de sua boca, seu perfume, sua sinuosa forma de andar... Inclusive Duncan se sente atraído por ela.

Quando Meg viu a tristeza no rosto da viúva, percebeu quanto tinha desejado Eadith que Duncan a notasse.

— É o melhor - disse Meg, roçando o braço de sua donzela—. Seu pai era um cavalheiro, como era seu marido. Merece algo melhor que ser a amante de Duncan.



Os lábios de Eadith formaram uma fina linha, mostrando seu desacordo, enquanto suas robustas e firmes mãos alisavam o vestido de prata.

— Se não tivesse sido pela ambição de Duncan, teria me tomado sua esposa — se lamentou a donzela—. Mas desejava as terras de seu pai e não estava em minhas mãos dar-lhe isso. Suponho que, no final, me convertereirei na mulher de um cavaleiro pobre. Embora fosse melhor ser a amante de um homem rico.

— Possivelmente o melhor fosse ser livre, a salvo de homens e riquezas.

— Para você é fácil dizer - replicou Eadith —. Na igreja vos espera um homem pertencente à nobreza, cuja riqueza em gemas e ouro triplica seu peso. Antes que os sinos anunciem o final do dia, será uma das damas mais ricas da Inglaterra.

— São as primeiras palavras amáveis que ouço dizer sobre Dominic, o Sabre.

— Se eu me visse obrigada como você a me casar com um normando, preferiria fazê-lo com um rico. Mas isso não me impediria de lhe amaldiçoar e lhe desejar uma morte lenta e dolorosa.

O ódio que impregnava a voz da donzela fez com que Meg estremecesse. Eadith nunca perdoaria os normandos pelo fato de terem matado sua família e se apropriado de seus bens.

O incômodo silêncio que seguiu aquelas terríveis palavras só era quebrado pela lenta destilação da água. O som ameaçou acabar com o controle de Meg, que continha a respiração desejando deter as incessantes gotas.

Mas, de repente, o som cessou: a terrina de prata estava por fim vazia.

— Terminemos com isso o quanto antes - disse Meg, estendendo os braços.

Em poucos instantes, a jovem vestia um delicado vestido de noiva que enganava a vista como a luz da lua refletida em um rio e cujo sutiã estava adornado por uma fileira de cristais glendruoid. Eadith lhe amarrou os laços às



costas, fazendo com que a malha rodeasse o corpo de sua senhora. O vestido, leve como a bruma, desenhava à perfeição a delicada forma feminina que cobria.

Quando a donzela terminou, Meg deu uma volta sobre si mesma. A saia do vestido se levantou e voltou a pousar, como se o delicioso objeto tivesse sido confeccionada para ela.

— Está segura de que não deseja levar o broche que lhe deu de presente lorde Dominic? —perguntou Eadith.

— Antes de se unir para sempre a um homem, as glendruid só podem usar prata; depois, nos permitem usar ouro. Logo usarei o broche.

Se seguir viva.

— Deveria reconsiderar sua decisão; o broche lhe fará sentir mais segura junto a essa cadela normanda - resmungou a viúva, ao mesmo tempo em que segurava uma larga corrente de prata sobre a qual se engastavam cristais, formando um intrincado desenho.

Igual ao relógio, a corrente tinha passado de mãe para filha, durante séculos. Com uns cinco centímetros, rodeava a frágil cintura de Meg, cruzava-se na parte de trás na altura dos quadris, e retornava à frente para converter-se em um belo cinturão.

Os extremos da corrente chegavam quase até o chão, como silenciosas e deliciosas cascatas prateadas, e os cristais que as formavam transformavam a luz em esquivos brilhos, como se fossem fragmentos de arco íris apanhados e retidos apenas por um instante.

Sem vacilar, Meg levantou suas mãos desprovidas de anéis e tirou os passadores que seguravam seu cabelo, deixando que caísse sobre as costas, livre como o fogo, em vivo contraste com a etérea cor prata do vestido.

— Tenho que reconhecer - balbuciou Eadith—, que a cor que escolheste realça o brilho de seu cabelo, mas ainda posso lhe prender o broche em...

— Não.



A jovem completou seu traje com uma capa que se juntava ao vestido à altura dos ombros com dois fechos também de prata, de forma que a leveza do tecido deslizava por suas costas até alcançar o chão.

Sem perder tempo, Eadith colocou sobre o cabelo um diadema de prata, em cujo interior se podiam ler antigos signos rúnicos e, depois, Meg, com um rápido movimento, cobriu-se com o capuz.

A donzela lançou um olhar de desaprovação diante do resultado.

— Coberta dessa maneira não eclipsará essa suja normanda - sentenciou.

— Cale-se! —ordenou-lhe Gwyn da entrada — Não sabe o que hoje está em jogo.

Quando Meg se voltou para a porta, sutis brilhos prateados percorreram o vestido enquanto os cristais refletiam fragmentos de arco íris. Mas foram seus olhos, ardendo como chamas verdes sob o capuz do manto, os que atraíram a atenção de Gwyn e a fizeram conter o fôlego.

Em silêncio, a anciã fez uma pequena reverência a jovem glendruid de pé ante ela, que estava apanhada por rituais e esperanças tão velhas como o mundo.

Antes que Gwyn pudesse falar, os sinos começaram a tocar, convocando Meg à cerimônia.

E à guerra.





Capítulo 7

O aroma de incenso e perfume impregnavam o sacro silêncio da construção de madeira. Os bancos resplandeciam pela cera de abelha, recém aplicada e uma miríade de línguas de luz se elevava das incontáveis velas. Luxuosos broches, colares, diademas, cintos e anéis cintilavam, como distantes estrelas por toda a igreja.

Chefes de clãs escoceses, nobres saxões, aristocratas normandos e cavalheiros de toda índole se misturavam, com receio, lançando olhares de desconfiança.

Os gélidos olhos cinzentos de Dominic catalogaram os homens ali reunidos. Tal como tinha esperado, havia espadas em abundância, visíveis sob os mantos. Em algumas luziam gemas engastadas, denotando assim o propósito cerimonioso, e não militar, da arma. Entretanto, também havia espadas de aço como a sua, cujo destino era matar.

Apesar da igreja estar lotada, ninguém se posicionou perto de Dominic; nem sequer a mulher de cabelos e olhos negros, cujo vaporoso vestido escarlate e ricas jóias tinham sido o centro de numerosos olhares.

Do barão normando irradiava uma atitude implacável e perigosa, e só seu irmão teve coragem suficiente para aproximar-se dele, conhecedor de sua tolerância e paciência.

— Tudo está preparado, exceto a noiva - murmurou Simon às costas de Dominic, de forma que ninguém pudesse escutar.

O barão fez um gesto de assentimento.

— Pôs alguma objeção o sacerdote?

— Protestou, quando coloquei nossos homens no coro. Mas eu o convenci de que não podia sentar simples soldados com a nobreza.



O breve resumo do que, com toda certeza, tinha sido uma disputa acalorada, fez que Dominic sorrisse.

— Os homens de Duncan estão armados até os dentes - seguiu Simon.

— Vi.

— Não vai fazer nada a respeito?

— Os Reeves são apenas um punhado de rebeldes esfarrapados.

— Não é bom subestimá-los - replicou Simon.

— Quando Duncan aparecer, coloque-se a suas costas e não se separe dele - grunhiu Dominic.

—E o que faço com lorde John? —objetou seu irmão, olhando para o primeiro banco, onde se encontrava o senhor de Blackthorne, envolto em ostentosas roupas—. Um homem com tanto ódio é imprevisível.

— Desejaria me matar, mas não tem coragem suficiente - assinalou Dominic secamente—. Duncan tem. E não deve esquecer que esteve prometido a lady Margaret.

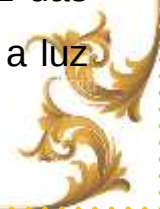
Os escuros olhos de Simon se estreitaram, quando lançou uma maldição que teria ruborizado o sacerdote, se houvesse escutado.

— Se seguir amaldiçoando assim, terá que cumprir uma penitência - zombou o barão, com um leve sorriso—. Mas estou de acordo contigo, no que se refere a um homem como lorde John, capaz de casar seus próprios filhos entre si.

— Possivelmente, ela não seja sua filha.

— Se for assim, por que não a expulsou do castelo e nomeou Duncan como herdeiro? — perguntou Dominic —. Nenhum homem deseja que suas terras passem às mãos do marido de uma mulher que, na realidade não é sua filha...

As palavras do normando foram interrompidas pelo grande burburinho que se formou quando apareceu a noiva na porta da igreja. Sob a tênue luz das velas, Meg parecia envolta em uma neblina prateada, tão etérea como a luz.



da lua. Então, apareceu a silhueta de um homem de grande porte, atrás da frágil figura feminina, bloqueando a escassa luz que oferecia o céu infestado de nuvens.

— Cumpre minhas ordens - sussurrou Dominic.

Sem perder tempo, Simon atravessou a multidão que enchia a igreja.

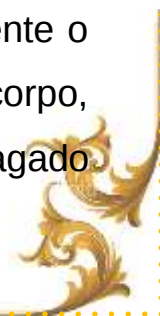
Já que a herdeira de Blackthorne não tinha nenhum parente direto varão; que pudesse levá-la ao altar e entregar a Dominic o sapato, que simbolizava que a noiva passava das mãos do pai para a do marido, foi Duncan de Maxwell quem acompanhou lady Margaret, no lugar de lorde John.

Ver aquele homem, um simples suserano escocês, caminhando com sua prometida obstinada, levada em seu braço, produziu em Dominic um violento sentimento de raiva nascido no mais profundo de suas entranhas. Semelhante fúria surpreendeu inclusive a ele, porque nunca tinha sido um homem possessivo. Entretanto, algo em seu interior lhe dizia que ele era o único homem com direito de estar perto de Meg, o único que poderia respirar o aroma, ligeiramente almiscarado, de sua pele, o único que se apoderaria de sua alma.

Mas quando viu os olhos de sua prometida, esqueceu-se da presença de Duncan, do sacerdote que estava esperando no altar, das espadas enterradas em suas bainhas, à espera de uma só palavra. E compreendeu, nesse mesmo instante, por que os vassalos de Blackthorne Keep olhavam sua senhora com expressões cheias de esperança, que transformavam por completo seus rostos.

Jamais tinha visto uma mulher tão formosa. Caminhava orgulhosa, com o chamejante cabelo ardendo sobre a prata do vestido e olhos de uma maravilhosa cor verde que pareciam refletir a esperança de seus vassalos.

Um respeitoso silêncio acompanhou Meg, enquanto percorria lentamente o corredor, mas ela só percebia a bela estrangeira, cujo exuberante corpo, embelezado com caras roupas, proclamava o quanto Dominic tinha pagado.



para deitar-se com ela. Entretanto, Enjoe não percebeu o olhar da noiva, seus ávidos olhos fixos no barão.

Meg seguiu o olhar da estrangeira e conteve a respiração. Satisfeito, Dominic esperava na parte da frente da igreja, seguindo o avanço da noiva para o altar com olhar penetrante. Estava vestido de negro, mas sob seu manto, podiam-se ver brilhos de luz.

Com uma ligeira sensação de assombro, a jovem percebeu que o barão usava uma cota de malha, debaixo do manto negro. A tensão que pôde perceber no braço de Duncan, onde repousava sua mão, confirmou-lhe que também ele era consciente do incomum traje de bodas do normando.

Suas bodas transformariam-se em uma batalha? Pensou Meg, preocupada, enquanto chegava até seu prometido.

Aquela pergunta a consumiu de tal forma que mal pôde continuar a cerimônia. Como se fosse um sonho, ajoelhou-se, levantou-se e voltou a ajoelhar-se, deixando que os cantos gregorianos do coro a inundassem, até que o sacerdote lhe dedicou um olhar severo:

— Repito, lady Margaret - insistiu o capelão, impaciente—, têm direito a negar esta união, se assim o desejar, já que o matrimônio é um sacramento que deve ser aceito de forma voluntária. Aceita Dominic, o Sabre, como seu marido ante os olhos de Deus e destes homens?

Meg engoliu a saliva, com dificuldade, deixando que as palavras atravessassem sua garganta.

A suas costas, onde aguardava Duncan, começou a formar-se um grande burburinho, que logo se estendeu por toda a multidão. Os sussurros das pessoas ressoavam na igreja como se fossem espadas saindo de suas bainhas. A jovem voltou a cabeça para olhar ao poderoso cavaleiro normando, que a observava como se, somente desejando, pudesse fazer com que saísse de seus lábios um sim. Mas não conseguia. Nunca conseguiria



Dominic sabia tão bem quanto Meg que aquele era o único momento na vida de uma mulher no qual seus desejos podiam fazer ou desfazer os planos dos homens.

De repente, a jovem recuperou a voz.

— Sim - disse com voz rouca—. Aceito este homem como meu marido ante os olhos de Deus e destes homens.

O grito de surpresa de Duncan ecoou, de forma estranha, enquanto lorde John, furioso, tentava levantar-se; mas antes que pudesse falar com coerência, um dos homens de Simon apareceu ao seu lado, com uma adaga, lhe ameaçando.

Tampouco Duncan objetou, pois, como John, havia sentido o frio do aço através de uma fenda em sua cota de malha, justo entre as pernas, ameaçando a parte mais vulnerável de seu corpo. Morrer honrosamente em uma batalha era uma coisa; ser castrado, era muito diferente.

— Não se mova, a não ser que desejem que Enjoe tenha uma decepção esta noite — lhe ameaçou Simon —. Está entendendo?

Duncan moveu a cabeça, em sinal de assentimento.

— Dê o sapato de lady Margaret a meu irmão, como exige a tradição — lhe ordenou — Devagar!

Com cuidado, Duncan entregou a Dominic um delicado sapato bordado, com fios de prata. Depois, ficou quieto de novo, escutando os estranhos ruídos que provinham das pessoas reunidas a suas costas. Suspeitava que seus homens tivessem as mesmas dificuldades que ele e pela mesma razão: uma faca entre as pernas.

Então, apareceram uns trinta soldados normandos no coro, com arcos prontos e preparados para ser disparados.

Ao ver como a raiva e o medo se estendiam pela igreja, Meg soube que Dominic tinha previsto a possibilidade de uma emboscada na igreja e se preparou para isso. Aterrada ante a matança que acreditava inevitável e



tremendo de medo por seus vassalos, olhou o barão normando, com olhos angustiados.

O gélido olhar de Dominic atravessou os assistentes da cerimônia. Todo mundo permaneceu imóvel. Mas a rigidez da maioria dos saxões e escoceses era antinatural, como se temessem que o mínimo movimento fosse ser o último. E o teria sido, já que estavam sob a ameaça do aço normando.

— Bom trabalho, Simon - aprovou o barão.

— Foi um prazer.

— Não tenho a menor duvida. — Fez uma pausa, antes de dirigir seu frio olhar a Meg—. Já que meu broche não lhe agradou, agora ofereço outro tipo de obséquio: não executarei ninguém por este ato de traição. Aceita este presente?

Incapaz de articular uma palavra, Meg assentiu.

— Não confunda minha piedade com debilidade - acrescentou o barão, com voz dura—. Quem puser a prova minha paciência de novo, morrerá.

Embora Dominic não elevasse a voz, suas palavras chegaram claramente a todos os cantos da igreja, que foi invadida por um murmúrio de alívio, quando os homens de Duncan compreenderam que não seriam conduzidos para fora para serem pendurados numa corda, por sua fracassada tentativa de rebelião.

Meg quis agradecer ao barão por sua inesperada compaixão, mas seu alívio ao ter se evitado um massacre foi tão grande, que começou a sentir que a igreja girava ao seu redor e que a luz das velas se desvanecia.

Com uma leve exclamação de consternação, a jovem se agarrou ao braço de Dominic para recuperar o equilíbrio.

O barão escutou o suave gemido de Meg, observou como empalidecia, e a levantou em seus braços, antes que caísse. A leve malha do vestido prateado ondulou, brevemente antes de ajustar-se, com perfeição, a cada dobra da bélica capa de Dominic, como se tivesse sido feita especialmente para isso.



O constante pulsar do coração da jovem e a calidez de seu corpo, indicaram-lhe que tinha sido a sensação de alívio, e não algo pior, que tinha arrebatado suas forças. Com determinação, levantou seu olhar e o pousou no sacerdote.

O suor que molhava a fronte do capelão tornou evidente sua cumplicidade no acontecido.

— Termine - ordenou Dominic, imperturbável.

— Não posso.

— Lady Margaret fez sua parte. Faça você a sua ou morrerá.

Obedecendo as ordens do normando, o sacerdote elevou sua trêmula voz com palavras ininteligíveis e terminou a cerimônia, com rapidez.

Meg escutou as palavras, como se viessem de muito longe. Nada lhe parecia real, salvo a certeza de que tinha traído Duncan e lorde John, e que com isso tinha conseguido salvar aos vassalos de Blackthorne da destruição.

Lentamente, a força do homem que a segurava aumentou, oferecendo a Meg algo sólido ao qual agarrar-se, em um mundo que ainda parecia intangível. Aturdida, elevou os olhos para o rosto de Dominic, tratando de vislumbrar o destino que a esperava junto aquele poderoso senhor normando.

A luz das velas não suavizou as feições de seu marido. Ao contrário. Ressaltou suas altas maçãs do rosto e a firmeza de sua mandíbula.

De repente, a igreja girou de novo em torno de Meg, mas, desta vez, não foi seu nervosismo que o provocou. A cerimônia tinha terminado e Dominic caminhava a passos largos pelo corredor, levando sua esposa nos braços.

Ao chegar à porta principal da igreja, o barão se deteve, para julgar a reação dos habitantes da fortaleza de Blackthorne. Não sabia se eles como o sacerdote, teriam desejado que fosse Duncan de Maxwell seu novo senhor.

Uma sensação de incerteza pareceu estender-se entre os vassalos, quando viram que sua senhora era tirada da igreja pelo ameaçador guerreiro normando, como se este tivesse saqueado a cidade e a tivesse tomado, como



recompensa. Observando a rigidez das feições de seu marido, Meg entendia muito bem o sentimento de dúvida de seu povo. Era difícil acreditar que Dominic tivesse evitado a morte que Duncan e lorde John mereciam por sua traição.

Entretanto, o barão tinha mostrado compaixão, e tinha usado a confusão provocada pela aceitação do enlace por parte da jovem, utilizado esse valioso instante não para assassinar, mas para forçar a paz.

Oculto na penumbra do pórtico da igreja, Meg roçou a bochecha de Dominic acima da fria malha metálica, para confirmar que era feito de carne e não de aço, e que ela mesma estava viva para sentir seu calor.

Ao sentir a calidez dos dedos da jovem, o normando baixou o olhar, para enfrentar os olhos mais verdes que tinha visto.

— Obrigado por não matá-los - sussurrou a jovem.

— Não o fiz por bondade - respondeu Dominic com franqueza — Por muito que gostasse de enforcar esses homens que queriam me obrigar a fazer a guerra e a ti a cometer incesto, não tenho nenhum desejo de ser o senhor de uma fortaleza em ruínas.

Estremecendo, Meg retirou sua mão.

— Lorde John não é meu pai.

— Então, por que não te deserdou? —perguntou, enquanto avançava, levando Meg, provocando um murmúrio de inquietação entre a multidão, congregada no pátio.

— Pelos vassalos de Blackthorne - se limitou a responder a jovem.

— O que?

— Observe.

Meg tocou Dominic de novo, e, daquela vez, o povo da fortaleza de Blackthorne pôde ver as pontas dos dedos de sua senhora repousando sobre a bochecha do normando, no que parecia uma terna carícia.



Se ela era sua cativa, estava disposta a ser, o que significava prosperidade para eles.

Então, ao escutar o que os vassalos gritavam, Dominic compreendeu por que lorde John não tinha repudiado a jovem, apesar de não ser sua filha.

O povo aclamava o nome de Meg.





Capítulo 8

A celebração que estava tendo lugar ao longo de toda a muralha diante dos vassalos da fortaleza de Blackthorne, era algo ao qual não estavam acostumados. Essências familiares e exóticas se mesclavam e enchiam o ar. Forte cerveja e hidromel aguardavam em barris recém abertos. Havia pescado de todos os tipos, carne de ave fresca e defumada, porcos inteiros assados, pombas sobre uma base de verdura fresca, e pães tão tradicionais como condimentados, com especiarias do Oriente.

Era uma celebração digna de nobres e se oferecia em honra dos habitantes da fortaleza de Blackthorne.

Conforme se aproximavam das transbordantes mesas montadas no pátio, cada vassalo recebia uma bola com uma moeda de prata e um pedaço de limão cristalizado, que eram recebidos com assombro e júbilo. Ninguém sabia dizer o que lhe agradava mais, se o dinheiro ou o doce. A maior parte dos servos nunca tinha tido algo assim na palma de suas mãos.

Com gesto impenetrável, Duncan observava como os recém casados passeavam entre o povo da fortaleza recebendo seus votos de prosperidade. Meg tinha uma pergunta ou um cumprimento para todos, e os vassalos mostravam a alegria por sua recente união. Entretanto, com Dominic o povo era mais reservado e respeitoso.

A esperança dos escoceses de que os vassalos se negassem a servir ao normando; desvaneceu quando perceberam que o barão estava sendo aceito pelo povo, graças ao respeito que sentiam por Meg. Mesmo odiando o invasor, não puderam evitar de admirar sua inteligência.

— Te despedindo de suas ambições? — perguntou uma voz com ar zombador.



Duncan não teve que voltar-se para ver de quem se tratava. Simon o tinha mantido ao alcance de sua mão, ou melhor, de sua adaga, desde o início da cerimônia nupcial.

— Seu irmão é muito ardiloso - admitiu Duncan, tranqüilo—. Fez o que tinha que fazer para ganhar o povo de Blackthorne.

— Perdoar a vida de lorde John?

Duncan moveu a cabeça.

— Não.

— A festa?

Com um ligeiro sorriso, o escocês moveu a cabeça, de novo.

— Isso não teria sido suficiente.

— O dinheiro?

— Não.

— Então, o que?

— De algum modo, seu irmão convenceu Meg de que ele era o único que podia trazer a paz para seu povo. Foi ontem aos seus aposentos para nos trair e contar os planos de lorde John?

Simon olhou Duncan, com estranheza.

— Não. Não a vimos até o momento das bodas. E a única traição que aconteceu foi a sua e de lorde John.

— Sou um lorde escocês - afirmou Duncan, friamente—. E não houve traição, já que só devo lealdade a um rei. E Henry não é esse rei!

— Não está agradecido pelo fato de ter sua vida poupada?

— O barão me perdoou por seus próprios interesses.

Simon encolheu os ombros.

— Certo. Quis ter um gesto de generosidade com sua esposa. Espero que não chegue a lamentá-lo.



O escocês tinha visto homens como Simon e Dominic na Terra Santa, cavalheiros que contavam tão somente com sua inteligência e seus músculos para enfrentar à vida.

Duncan sabia reconhecê-los, porque ele mesmo era um deles.

Da próxima vez usarei minha inteligência, em vez dos músculos, pensou o escocês com sarcasmo.

— Poderia ver lorde John? —perguntou Duncan.

— Dominic não impediria um filho de ver seu pai moribundo.

O escocês lhe dirigiu um duro olhar com os olhos entrecerrados.

— Tem escutado os rumores que correm pelo castelo?

— Frequentemente - assegurou Simon, com ironia—. Assim tenho menos surpresas desagradáveis. E deveria agradecer que meu irmão também os escute.

— Por quê? —espetou-lhe Duncan, de maneira cortante — Fez-me perder o senhorio de Blackthorne.

— Dominic estava preparado para o que ocorreu na igreja, antes mesmo que chegássemos.

Os olhos do escocês se arregalaram, com um assombro que não se incomodou em ocultar.

— Como podia saber o que planejavamos?

— Não sabia. Mas sabia que o lugar mais inusitado para levar a cabo uma emboscada seria na igreja. Assim, perguntou aos sacerdotes, se suas irmãs estavam casadas com saxões ou normandos, e se lorde John tinha pagado por sua educação na Igreja. Logo descobrimos que os sacerdotes deviam muito mais aos saxões do que aos escoceses.

Duncan voltou-se e olhou, abertamente, Simon.

— Então - continuou o normando, divertindo-se—, escutamos falar do filho bastardo de lorde John, um excelente guerreiro conhecido como o Martelo Escocês, que tinha sido prometido a própria filha de John, até que o rei



pressionou à Igreja para que negasse as bodas. —Fez uma pausa e o atravessou com o olhar—. Suspeito que foi nesse momento que Dominic decidiu te matar. A possibilidade de que um homem planejasse casar seus dois filhos entre si, causou repulsa em meu irmão. Uma vez conhecidos os fatos, o rei Henry não poria nenhuma objeção às execuções.

Um suave assobio surgiu dos dentes de Duncan, quando compreendeu o perto que ainda estava da morte.

— Meg não é minha irmã.

Ao escutar aquela afirmação, Simon se surpreendeu e também se sentiu aliviado. Admirava a audácia e o valor do escocês. Em outras circunstâncias, inclusive, poderiam ter chegado a serem amigos.

— Alegra-me ouvir isso. - limitou-se a dizer.

— Faça com que seu irmão também saiba.

Simon olhou atentamente para Duncan e seus lábios esboçaram um leve sorriso.

— Começa a entender. —O normando lhe dedicou um gesto de assentimento com a cabeça—. Dominic é um inimigo duro e implacável, que acredita que a guerra é produto da inépcia e ambição humanas. Como verá é muito mais útil estar em paz.

— Não, não acredito.

— Eu tampouco - admitiu Simon.

Os dois homens se olharam e puseram-se a rir.

Dominic se voltou, ao escutar seu irmão rindo junto ao escocês, e sacudiu a cabeça.

— O que houve? —perguntou Meg.

— Meu irmão e Duncan estão rindo juntos, como se fossem amigos — explicou o barão—. Parecem ter esquecido o que ocorreu na igreja.



—Talvez esse seja o motivo de sua risada. Estão vivos, é primavera e um grande banquete os espera dentro do castelo. Que mais podem pedir da vida, neste momento?

Os olhos de Dominic se fixaram em Meg, enquanto assentia, conforme pensava no que ela acabava de dizer.

— Essas são palavras muito sábias para vir de uma mulher.

Dirigiu-lhe um gélido olhar e respondeu secamente:

— Mais sábia que muitos homens, asseguro-lhe isso.

Os lábios de Dominic se distenderam, em um ligeiro sorriso.

— Recordarei.

Os recém casados continuaram seu passeio entre a multidão. Parecia que cada granjeiro, camponês ou servo devia assegurar-se pessoalmente do bem-estar de Meg.

Enquanto isso, Eadith tentava chegar a sua senhora de forma infrutífera.

— O que aconteceu, Eadith? —perguntou finalmente Meg, ao ver a impaciência de sua donzela—. Aproxime-se.

Ao escutar as palavras da jovem, os vassalos se separaram para permitir que a serva avançasse. A luz do dia não era tão favorável com sua roupa como o era com a de Meg. A pobreza da viúva se mostrava claramente em seu manto, gasto de tanto uso.

— Lorde John deseja vê-la em seus aposentos, para brindar pelas bodas — lhe comunicou a donzela.

Meg fechou os olhos um instante, sentindo mais medo do que demonstrava.

Ao perceber a inquietação de sua esposa, Dominic lhe segurou o braço, por debaixo do leve manto prateado, para rodear sua estreita cintura. Foi um engano; pois sentir a calidez e suavidade do corpo feminino sob a delicada malha fez com que ficasse duro, imediatamente.

— Diga â lorde John que nos reuniremos com ele em breve — ordenou Dominic à donzela.



Assombrada, Eadith olhou para o barão. Sua severa expressão indicava, com clareza, que a partir desse momento, devia acostumar-se a receber ordens dele. Assentiu com rapidez e abriu caminho entre a multidão. A cor telha de seu vestido e o brilho de seu comprido cabelo loiro contrastava vivamente com as pedras úmidas da torre, à medida que subia os degraus para a construção principal.

Quando a serva se afastou, Dominic baixou o olhar para Meg e, ao ver seus olhos cheios de sombras, adivinhou o motivo de sua inquietação.

— É minha esposa e eu protejo o que é meu. As maquinações de seu pai já não podem te causar mal.

A jovem inclinou a cabeça, pesarosa, e as grossas mechas de seu cabelo ocultaram seu rosto. Perguntava-se se seu marido continuaria querendo protegê-la quando soubesse que tinha sido conduzido a um matrimônio de qual, possivelmente, nunca conseguiria os herdeiros que desejava.

— Mas se tentar me enganar, como fez nas falcoarias - acrescentou o barão com voz subitamente fria — deverá aguentar às conseqüências.

— Assustou-me - se desculpou ela, pressurosa — Não estava vestida para receber meu futuro marido. E, além disso, meu pai tinha proibido que nos víssemos até o momento da cerimônia.

Embora Meg não olhasse Dominic, podia sentir que este media suas palavras, cuidadosamente. Um calafrio de medo percorreu suas costas ao perceber que era um homem muito poderoso, e que se decidisse bater nela, não poderia fazer nada nem escapar para nenhum lugar. Estava como sua mãe.

Aprisionada.

Depois de um momento, a jovem pôs sua mão no braço de Dominic e olhou-o, controlando suas emoções. Seu principal objetivo foi alcançado: os vassalos de Blackthorne estavam a salvo da guerra.



De resto, deveria enfrentar cada dificuldade conforme fossem surgindo e rezaria para que Dominic mostrasse compaixão, ao longo de suas vidas, como tinha feito na igreja.

Juntos, os recém casados subiram pelas escadas de pedra que conduziam à entrada principal do castelo. Uma vez no topo, voltaram-se para receber os gritos de alegria e saudações do povo do lugar. Quando se encontraram, por fim, no escuro interior da sala de espera do grande salão, Meg se voltou vacilante para Dominic.

—Assistirá nosso banquete de bodas vestido com cota de malha? — perguntou. Seu próprio vestido resplandecia, desprendendo luz, como se o singular tecido tivesse sido confeccionado com neblina e luz de lua.

—Sim.

Antes que a jovem pudesse voltar a falar, o barão apoiou ligeiramente o polegar sobre seus suaves lábios. Assombrada, Meg ficou muito quieta, observando-o com uns olhos que seguiam sendo luminosos, na penumbra do castelo.

—Não tema, milady - acrescentou Dominic com voz profunda—. Não levarei cota de malha nem espada ao nosso quarto.

Meg deixou escapar o ar em uma cálida rajada, que acariciou o dedo masculino, fazendo com que um estranho sorriso cruzasse o atraente rosto do normando.

—Esta noite nada se interporá entre nossos corpos - disse em voz baixa, arrastando as palavras.

A jovem ficou surpresa como aquele sensual sorriso tinha transformado as firmes e marcadas feições de Dominic, e demorou uns poucos segundos para captar o significado de suas palavras. Quando compreendeu, o calor tomou



seu rosto. O barão observou o rubor nas delicadas bochechas femininas e riu com suavidade.

— Teremos um bom matrimônio - afirmou satisfeito—. Acreditava que o fato de me casar não seria mais que um dever e que não desfrutaria muito. Mas agora vejo que estava enganado. Fazer-te minha vai ser um prazer.

— Um prazer, para quem?

— Para os dois.

— Suponho que deve esperar... Herdeiros.

— É obvio – respondeu — Não há outro motivo para casar-se.

— E a fortaleza de Blackthorne? —apontou Meg com um frio sorriso—. Acaso não merece o sacrifício do matrimônio?

— Sem herdeiros, a terra não é mais que uma carga - assegurou o normando, com voz cortante.

Antes que a jovem pudesse responder, Simon e Duncan se reuniram com eles. Quando o escocês viu Meg, deteve-se. De sua parte, Simon retrocedeu a um gesto de seu irmão.

Duncan tentou falar com a recém casada, mas o barão se adiantou.

— Se sua intenção é repreender minha esposa - advertiu Dominic com frieza—, antes quero que saiba que está vivo unicamente por sua indulgência.

O escocês dirigiu um longo olhar ao barão, respirou profundamente para tranquilizar-se, e disse:

— Meg não tinha nada a ver com nossos planos.

— Só era um peão, que podiam mover conforme sua vontade - afirmou a jovem, antes que Dominic pudesse intervir.

Os dois homens a olharam surpresos, pois o tom mordaz que utilizava não era habitual nela.

— Meu pai, ou é meu tio? Ou talvez não haja nenhuma relação de sangue entre nós? —continuou a jovem—, Passou muito tempo pensando em como podia tirar proveito de mim. Por que Duncan não faria o mesmo?



O escocês se moveu, inquieto. O que Meg havia dito era a verdade, mas não era agradável ouvir da boca da própria jovem.

— Maggie - protestou Duncan, com voz rouca—, você sabe que eu nunca teria feito mal a você.

— Por isso que planejou levar a cabo seus planos na igreja, com ela presente? —perguntou Dominic em tom irônico.

— Meus homens tinham ordens de não feri-la - replicou o escocês—. Se um deles tivesse ousado sequer empurrá-la, eu mesmo o teria matado.

— E meus homens? Que ordens receberam de ti? —rugiu o barão, com violência—. Como evitaria que eles não ferissem uma traidora, quando fossem prender meu assassino?

Duncan empalideceu visivelmente.

— Maggie - protestou de novo—, isso não teria acontecido. Eu teria protegido você!

— Por quê? A morte teria sido uma bênção. — Levou apenas um momento para que as amargas palavras da jovem atravessassem a couraça de ira dos dois homens. Quando aconteceu, ambos a olharam, fixamente.

— O que está dizendo? —sussurrou Duncan, emocionado.

— Seu pai tentou me utilizar para declarar guerra aos normandos, desde que eu tinha oito anos - respondeu Meg—. Se hoje lorde John tivesse conseguido, eu não teria suportado saber que era a causa do sofrimento de meus vassalos e teria recebido, de bom grado, o golpe fatal.

— Não pode falar sério - murmurou o escocês.

— Nunca falei mais sério.

Dominic não tinha nenhuma dúvida da veracidade das palavras de sua esposa. Havia sentido a esperança do povo do castelo de Blackthorne concentrada nela. Viver com aquela carga sobre os ombros, e depois decepcioná-los, teria destruído Meg.



Duncan, desconcertado pelas palavras de Meg, passou uma mão pelo cabelo, sem saber o que dizer. Quando a jovem percebeu sua angústia, suspirou e pôs uma mão sobre seu braço.

— Sei que não pretendia me fazer nenhum mal - lhe reconfortou.

— Obrigado por acreditar nisso - disse o escocês, em voz baixa e contida—. Eu... —Sacudiu a cabeça, e apoiou a mão sobre a dela—. Não queria te perder. Nunca pretendi te pôr em perigo.

— Não te culpo. —Meg sorriu levemente—. É um homem, e só faz o que os homens sempre têm feito.

— E o que é que os homens sempre têm feito? —inquiriu Dominic com frieza, afastando bruscamente a mão feminina do musculoso braço de Duncan.

— Ambicionar terras e filhos varões - respondeu ela.

O barão encolheu os ombros.

— Sempre foi assim.

— Sim.

Curiosamente, o fato de que sua esposa lhe desse razão, não agradou Dominic. Não gostava que o comparasse com lorde John, um homem que tinha ultrajado à Igreja e que tinha traído o rei.

— Alguns costumes são indignos, inclusive para homens ambiciosos - afirmou Dominic.

— De verdade? —replicou Meg—. Diga-me um deles.

— Não concentre sua ira em mim, esposa. Não tenho feito nada para merecê-la, exceto conceder minha clemência aos homens que teriam me assassinado.

A jovem baixou os olhos, protegendo-se do gélido olhar cinzento do normando.

— Peço que me desculpe. Temo que os acontecimentos do dia me alteraram. Eu nunca te compararia com simples mortais.



— Suas desculpas são mais afiadas que seus insultos.

Duncan riu, desfrutando do mal-estar de Dominic, enquanto que Meg curvava os lábios em um sorriso que mal pôde reprimir.

— Se me desculpar - disse o escocês, dirigindo-se ao barão — deixarei vocês a sós, para que continue conhecendo sua nova esposa.

— Não - exclamou Dominic imediatamente.

Surpreso, Duncan deu a volta.

— Entrará no grande salão conosco — exigiu o barão — Quero que todos os presentes vejam que me aceita como senhor de Blackthorne, sem que haja nenhuma arma lhe ameaçando.

Meg soltou um gemido de surpresa e ficou olhando para Duncan, que se mostrou visivelmente incomodado.

— Ponha sua mão sobre teu braço - ordenou Dominic a Meg — e nunca mais volte a tocá-lo depois desta noite.

A contida violência na voz de seu marido fez com que a jovem se voltasse rapidamente para olhá-lo. A ameaça que viu em seus olhos a atemorizou. Em silêncio, apoiou as pontas dos dedos no braço de Duncan.

Não pronunciou nenhuma só palavra até que os três entraram no grande salão, onde o fogo ardia alegremente em várias chaminés, as tapeçarias resplandeciam com suntuosas cores nas paredes, e os pratos e as taças de prata brilhavam, em todos os lugares das largas mesas.

Os saxões e os normandos tinham sido misturados com muito cuidado ao longo das mesas; mesmo assim, eram vigiados por soldados, que permaneciam de pé junto aos muros, sustentando arcos prontos para serem disparados.

A imagem que ofereciam exercia um efeito bastante desalentador na celebração.

Lorde John estava esperando Meg e Dominic. Com um fraco, embora ainda imperioso gesto, convidou-lhes a unir-se a ele em sua mesa. Três pratos



forjados em ouro brilhavam na suntuosa toalha, e, a um sinal do senhor de Blackthorne, um servente se adiantou para servir vinho nas taças incrustadas de jóias.

— Um brinde aos noivos - exclamou John.

Apesar de sua evidente debilidade, quando o ancião falou, elevou a voz para que lhe escutassem em todo o salão. As conversas cessaram, enquanto os cavalheiros e suas damas concentravam sua atenção no que estava ocorrendo.

— Aqui está o grande barão normando que será seu senhor - disse lorde John, com uma voz carregada de desprezo—. O homem que confiou no rei Henry e foi traído por ele.

Das mesas surgiram gritos afogados e inquietos murmúrios.

Dominic sorriu, com ferocidade.

— Conhece muito bem a traição, havendo-a posto em prática toda sua vida. Diga-me, como o rei me traiu?

— É muito ingênuo, barão. Seu rei não o estimava suficiente para lhe oferecer uma esposa normanda.

O barão lançou um olhar de soslaio a Meg e observou que os lábios de sua esposa estavam pálidos e tensos. Em um gesto tranquilizador, pôs uma mão sob o queixo feminino e lhe fez voltar o rosto para ele.

— Não, meu rei me estimava ainda mais - afirmou Dominic — Ofereceu-me a donzela mais formosa de todo seu reino.

— Enviou-te ao inferno!

— Está doente, velho. Faça seu brinde e deixe que continuemos com os festejos.

Lorde John riu, e o som da demência que se percebia debaixo daquela risada, fez com que o coração de Meg se encolhesse.

— Farei - acessou John — Beberemos a saúde do rei que te odiou tanto que te ofereceu uma esposa glendruíd.



— Não é uma maldição - replicou Dominic, com secura.

— Fala assim porque ignora o que te espera. Casar com uma glendruoid é o pior que pode acontecer a qualquer homem. Você, como eu, morrerá sem herdeiros.

O sarcástico sorriso do normando se apagou de seu rosto.

— Do que está falando? Acaso sua filha é estéril?

— Não. Não é estéril, mas pertence ao clã dos glendruoid - afirmou o ancião—. Se tomá-la a força, nunca terá filhos.

Dominic encolheu os ombros.

— Isso não é mais que uma estúpida superstição.

— Mas no caso das glendruoid, é verdade!

Contra sua vontade, o barão prestou atenção à combinação de loucura, desespero e triunfo que refletiam os olhos de lorde John. enquanto falava.

— Não se sabe que tenha nascido um varão de uma glendruoid - continuou o ancião.

Um rápido olhar para Duncan e Meg bastou para o normando para saber que eles acreditavam no que John estava dizendo, como os cavaleiros do castelo que permaneciam sentados em silêncio, observando com extremo interesse e perguntando-se o que faria o marido de lady Margaret, quando percebesse a forma como tinha sido enganado, aceitando um matrimônio que era menos vantajoso do que em princípio tinha parecido.

— As uniões com as glendruoid só resultam em filhas, e mesmo assim, isso acontece em raras ocasiões - acrescentou John.

— Se isso é verdade, por que se mostrava tão ansioso para casar seu filho com lady Margaret? —inquiriu o barão.

— Era a única forma de entregar a fortaleza de Blackthorne a Duncan...

— A voz do ancião se apagou.

Dominic esperou, enquanto John dirigia a Meg e a seu filho bastardo um intenso olhar.



— Existe afeto entre eles - concluiu finalmente—. Sempre houve.

A idéia não agradou ao normando.

— E? —perguntou com voz tensa.

—Era possível que tivessem um varão - explicou o ancião — E se não fosse assim, sempre há servas dispostas a gerar os bastardos do senhor. De uma forma ou de outra, meu sangue teria herdado minhas terras!

Dominic entreceitou os olhos, até que se converteram em duas lascas de gelo, quando escutou seu próprio sonho dos lábios de um homem que o odiava.

— Tenha certeza que se essa bruxa sentir paixão, não será por ti. E se alguma vez chegar a ficar grávida, terá uma filha que não será tua.

Repentinamente, todos os presentes no salão dirigiram o olhar para Meg.

— Sim, é certo - confirmou lorde John, com amargura—. Margaret não é minha filha.

Voltou-se e assinalou, com mão trêmula, à anciã glendruid de cabelos brancos, que o observava da lateral da mesa.

— Diga ao bastardo normando o que lhe espera – bramou — Diga-lhe.

Gwyn subiu ao soalho com uma agilidade imprópria para uma mulher de sua idade e enfrentou Dominic, heroicamente, apesar da feroz expressão do normando.

— Minha senhora, lady Anna, estava grávida de outro homem, quando se casou - confirmou Gwyn.

— Diga-lhe - gritou John—. Diga-lhe que terá que pegar a força à bruxa glendruid para ter um filho dele!

Gwyn permaneceu calada.

— Fale de uma vez - interveio o barão, com violência contida.

— Se em sua ânsia de ter herdeiros, violar Meg, suas colheitas e rebanhos não darão frutos e seus vassalos adoecerão - prognosticou a anciã.

Dominic arqueou uma sobrancelha em sinal de incredulidade.



— Se lhe der prazer no leito conjugal, terão uma menina.

— Continue - insistiu o normando, quando o silêncio se prolongou.

— E somente se existir amor entre vocês, poderão ter filhos varões.

Um murmúrio se fez ouvir entre as pessoas ali reunidas.

O lobo dos glendruoid! – murmuravam, em voz baixa.

— Ao inferno todas as bruxas glendruoid! —exclamou lorde John, de repente—. São tão frias como o metal! Não sabem amar!

Com a força que lhe dava a demência, o ancião ficou em pé e sustentou sua taça diante do rosto de Dominic.

— Assim, farei um brinde em sua honra, inimigo meu – anunciou, com violenta satisfação —. Desejo uma vida sem filhos varões; uma vida em que não poderá bater em sua fria esposa, exigindo obediência por temor de que suas colheitas e rebanhos paguem por isso; uma vida em que não poderá deixar de lado sua esposa estéril, por medo de que seus vassalos abandonem as terras; uma vida em que viverá cada minuto sabendo que sua linhagem morrerá contigo. — Fez uma pausa —. Por tudo isso, eu entrego lady Margaret, a última bruxa glendruoid.

John bebeu com rapidez, e deixou a taça sobre a mesa com um golpe. Imediatamente, começou a ofegar, cambaleou, e caiu, fazendo com que um prato de ouro saísse voando.

Quando Dominic chegou até ele, John de Cumbriland, senhor do castelo de Blackthorne, estava morto.

Um sorriso macabro cobria seu rosto macilento.





Capítulo 9

— O que vai fazer? —perguntou Simon ao seu irmão.

Dominic olhava, impassível, as tapeçarias que cobriam as paredes no grande salão. O fogo crepitava na chaminé, esquentando as paredes de pedra, que ainda conservavam o frio do inverno. Ainda se escutavam sons imprecisos, mas nenhuma risada. Fazia horas que os convidados tinham abandonado o lugar.

Os serventes retiravam as mesas e os bancos, e reuniam, com rapidez, os restos de comida para reparti-los entre os vassallos mais pobres, enquanto os **galgos* (NT cães de caça) de Dominic devoravam as sobras.

Ao menos, ninguém tinha posto objeções quando o barão decretou, com frieza, que não haveria lutas até o funeral, dez dias depois, para que a alegria do matrimônio prevalecesse sobre a dor pela morte de um homem há muito tempo sofrendo, atrozmente.

— Dominic? —insistiu Simon.

— Darei uma sepultura cristã a esse bastardo, que outra coisa posso fazer?
— respondeu de forma cortante.

—Não me referia a isso.

Lentamente, o punho de Dominic, recoberto pela manopla de malha, desceu e golpeou a mesa, com tal força que fez tremer a sólida madeira.

— Lamento não ter matado Duncan quando tive oportunidade - reconheceu entre dentes.

— Por quê? —inquiriu Simon, desconcertado — Partiu em paz, levando seus seguidores consigo.

Dominic grunhiu.



— Vou ser obrigado por tradição e cortesia a lhe convidar para o funeral.

— Mas, então, o resto de seu exército já terá chegado - assinalou seu irmão— A fortaleza estará protegida.

Com um impaciente movimento, Dominic voltou a cabeça e olhou Simon.

— Ouviu lorde John - disse com voz gélida—. Existe certo afeto entre minha mulher e esse maldito escocês. Inclusive, é possível que ela esteja grávida desse bastardo!

— Sim - admitiu Simon, a contra gosto—. Essa é a razão pela qual quero saber o que vai fazer.

— Não a possuirei até estar certo de que não espera um filho. Enquanto isso vou cortejá-la, descobrirei suas verdades e suas mentiras, seus segredos, suas debilidades, e então, só então, vou seduzi-la.

— Vencendo-a.

— Sim. — Uma firme determinação brilhava nos olhos do normando—. E acredite, desfrutarei com sua rendição. Deus, afeto entre eles!

— Quase sinto pena por ela - comentou Simon, com um sorriso desumano.

Dominic arqueou uma sobrancelha com uma pergunta.

— Nem sequer imagina o que lhe espera - explicou seu irmão.

Depois de encolher os ombros, o barão deu a volta para olhar fixamente o grande salão, onde todos os cavaleiros da fortaleza tinham ouvido como seu novo senhor tinha sido amaldiçoado por lorde John, antes de morrer. Não era fácil assimilar a maldição de um moribundo.

— Dominic?

Olhou para Simon.

— O que acontecerá se ela estiver grávida de Duncan? —perguntou seu irmão, sem rodeios.

O barão voltou a encolher os ombros.

— Levaremos o menino para a Normandia, para que se crie lá. E depois...

Simon esperou, observando seu irmão, com imperturbáveis olhos negros.



— E depois ensinarei minha esposa que, bruxa ou não, terá que ser fiel. Do contrário, acabará suplicando a Deus que a liberte do verdadeiro inferno em que transformarei sua vida.

— E a maldição glendruid?

— O que quer dizer?

— O povo acredita nela, independente do que faça ou não. Se zombar da maldição abertamente... — A voz de Simon se desvaneceu.

— Se Meg não me der um filho, jogarei sal nas colheitas e matarei os rebanhos com minhas próprias mãos - afirmou Dominic, violentamente.

De novo, o punho do normando golpeou a mesa com tal força que fez com que a grossa madeira estremecesse. Chegar tão perto de seus sonhos e ver como tudo se convertia em cinzas, lhe queimava as vísceras.

— Maldita seja, fui usado.

No incômodo silêncio que seguiu às palavras de Dominic, os sons cotidianos da fortaleza pareceram elevar-se; o murmúrio da água que tiravam do poço, os serventes iam e vinham falando de qual era o melhor lugar para guardar um banco ou uma baixela, ou sobre quem tinha se descuidado do fogo da chaminé. Todos aqueles sons estavam envoltos pelo ruído que produzia a chuva ao cair, um ruído tão familiar que ninguém reparou nele quando desapareceu.

De repente, Dominic ficou de pé e saiu a passos largos da sala. Foi pela direita, para as escadas, que subiu de dois em dois degraus, e se dirigiu aos aposentos de Meg enquanto repetia, em sua mente certos versos cuidadosamente escolhidos da Bíblia, recordando que outros homens antes dele haviam se envolvido em pequenas batalhas e grandes guerras, e tinham saído delas vencedores.

Repetir aquelas passagens bíblicas se transformou em um ritual que raramente fracassava quando queria controlar a raiva que fervia em seu interior. Tinha tido que aprender a controlar-se na prisão do sultão. A



disciplina era tudo o que restava para não ficar louco, e tinha se visto obrigado a aceitar as frias instruções de seu cérebro, em vez de deixar-se levar pela tórrida violência do sangue viking que corria por suas veias; a mesma que, sem dúvida, corria pelas de Duncan de Maxwell.

Mas essa noite, nada parecia conter a impaciência de Dominic. Sob uma aparência externa de calma, a raiva que havia nele ardia com uma chama tão primitiva como a que tinha visto nos olhos de Meg.

A imagem de sua esposa avançando para ele, envolta em neblina prateada e fogo, enviou um calor às entranhas de Dominic, cujo corpo se esticou com tal rapidez que lhe deixou assombrado. Não tinha percebido o quanto era débil seu autocontrole com Meg, nem o muito que a desejava.

Aquela mulher tinha conseguido surpreendê-lo; tinha permanecido de pé ao seu lado, imperturbável, e tinha aceitado ser sua esposa, esperando desde o começo sentir o cortante aço em sua carne, traísse a quem traísse, na igreja.

Poucos homens teriam feito o que Meg fez, sem nenhuma hesitação. Dominic não tinha conhecido nunca uma mulher com tal coragem.

Pense, aconselhou a si mesmo, com severidade. O que será mais eficaz, frente a suas defesas, um ataque de surpresa ou um assédio implacável?

Não, isso não funcionaria. Agindo dessa maneira, só conseguiria uma breve vitória que depois, se converteria na derrota de toda uma vida.

A melhor forma de tomar uma fortaleza é mediante uma traição de dentro.

Aquele pensamento ressoou dentro da mente de Dominic, com um estrondo, conseguindo que os últimos ecos da maldição de lorde John se desvanecessem.

Traição de dentro.

Sim!

Havia sentido como se alterou a respiração da jovem, quando a beijou e também tinha visto como o rubor tomava conta de suas bochechas. Era uma mulher apaixonada e conseguiria que aquela paixão a traísse.



Enquanto subia os últimos degraus que conduziam às dependências das mulheres, Dominic voltou a sentir que tinha o controle sobre si mesmo. Ia liderar uma batalha e sabia. A sedução de sua esposa seria a vitória mais importante e difícil de sua vida. Mas primeiro tinha que atravessar sua porta.

Diferente da maioria dos aposentos da fortaleza, o quarto de Meg possuía uma cortina que podia ser fechada, se a porta estivesse aberta, separando assim o quarto do corredor. Mas agora a porta estava fechada e, pela aparência de suas sólidas dobradiças de bronze, seria difícil de abrir, sem o consentimento da jovem.

O som do punho de Dominic, recoberto da manopla de malha, ressoou no corredor vazio, ao golpear a grossa madeira.

— Quem chama?—perguntou Eadith.

— Dominic, o Sabre.

Dentro do quarto, a jovem glendruid estremeceu, ligeiramente, ao notar um tom de raiva contida na voz de seu marido.

— Abra a porta e nos deixe sozinhos - pediu Meg para Eadith, quando viu que esta hesitava —. É seu direito passar a noite aqui.

A donzela não pensou duas vezes, antes de afastar-se. Abriu a porta, inclinou a cabeça com ar respeitoso ante o normando e passou ao seu lado, com cautela. Apesar da velocidade com que desapareceu pelo corredor, Dominic percebeu que seu rosto estava cheio de inquietação.

— Assusto sua criada? — perguntou a sua esposa, em tom neutro, ao entrar no quarto.

— Sim.

— Mas não a você.

Os lábios de Meg desenharam um sorriso inseguro. Dominic parecia um guerreiro saído do inferno, usando a espada e vestindo a cota de malha, que brilhava com cada movimento de seu poderoso corpo, como se estivesse viva. A jovem olhou as mãos que descansavam com falsa calma em seu colo.



Os acontecimentos do dia quase tinham adormecido sua capacidade de sentir algo. Quase, mas não de todo. Não deixava de recordar o delicioso controle do normando sobre o falcão e o desejo que tinha nublado seus olhos cinzentos, ao lhe sussurrar que naquela noite, nada se interporia entre seus corpos.

Preso pela maldição de lorde John e a esperança dos glendruoid, a possibilidade de que Dominic chegasse a sentir algo por ela a deixava sem fôlego, e desejava com todo seu ser que a tomasse, sem as táticas e o frio autocontrole de um estrategista, planejando uma batalha.

— Seus convidados estão acomodados. - comunicou Meg.

Falou em um tom formal, informando a seu novo senhor do estado de sua fortaleza, tal como costumava comunicar à lorde John, no passado.

— Meus convidados? —ironizou Dominic com suavidade—. Não fui eu quem convidou os Reeves para minhas bodas.

— Amanhã pode se inteirar do estado das contas, com o *senescal* (N.T. - oficial nas casas de nobres importantes durante a Idade Média) - continuou Meg — A menos que prefira que eu faça por isso por ti, como fazia com meu pai... Quero dizer, com lorde John.

Dominic grunhiu.

— Vejo que não sente muito pela sua morte.

— Não há muito pelo que sentir dor. Lorde John sofreu durante muitos anos; agora já não sofrerá mais.

— Pelo que vejo, o povo de Blackthorne sente o mesmo que você pela perda de seu senhor. Duncan é o único que está realmente afetado.

— Sim. Meu pai... Lorde John sempre demonstrou que queria bem Duncan — disse com pesar—. Agora já sei por que.

Sem dar-se conta, agarrou uma das suaves pedras de rio que tinha em uma pequena bandeja em sua mesinha. A forma, a textura e o ligeiro peso da pedra a tranqüilizaram. Para Meg era impossível manter-se completamente



tranqüila, sob o frio olhar de seu marido, que parecia querer descobrir todos seus segredos.

Em silêncio, a jovem esperou que Dominic falasse. Enquanto isso deslizava a pedra entre seus dedos, deixando que a invadissem lembranças agradáveis das horas que tinha passado escutando o rio de Blackthorne correr, limpo e claro, através do bosque em busca do misterioso mar.

— Milorde, como é o mar? —perguntou Meg, de repente.

A inesperada pergunta e o desejo nos olhos de sua esposa surpreendeu Dominic.

— Perigoso - recordou—. E também, belo e selvagem.

Meg deixou escapar um longo suspiro e pela primeira vez, desde que o normando tinha entrado no quarto, seus olhares se encontraram. Foi quando Dominic percebeu que, apesar de tentar parecer valente, a jovem o temia.

— Teme que não te proteja da maldição glendruid? —quis saber o normando, sem poder ocultar o tom cortante em sua voz.

— Me proteger?

— De que eu tome seu corpo à força - esclareceu Dominic, sem rodeios.

A mão de Meg apertou a pedra, mas já não encontrou a tranqüilidade que procurava e forçou seus dedos a relaxarem-se, pouco a pouco.

— Conheço minhas obrigações como esposa - sussurrou—. Não terá que me bater até que não possa me mover.

— É isso o que esperava?

— Sim - reconheceu Meg.

— Foi isso o que fez lorde John com sua mãe?

— Uma vez.

— Só uma?

— Sim, só uma.

— E o que aconteceu depois? — perguntou Dominic com suavidade — Um raio partiu o castelo em dois?



— Minha mãe fugiu para o bosque e pouco depois houve uma tormenta. O granizo não deixou nada de pé: destruiu a colheita daquele ano e o pasto ficou imprestável, por isso as ovelhas comeram ervas venenosas e morreram.

Dominic grunhiu.

— O sacerdote não encontrou rastros do diabo na terra - seguiu Meg—. Não importa quantas vezes meu pai pagasse, para que se realizassem exorcismos.

— Então, a tormenta foi uma mera coincidência.

— Alguns acreditam que sim.

— Mas os servos acreditam que seu destino está ligado ao de sua senhora, a bruxa glendruid.

— Sim - se limitou a responder Meg.

— Você também acredita? — quis saber Dominic, sentindo curiosidade.

Ela encolheu os ombros, sentindo-se tomada pelo passado, o presente, o futuro... E, sobretudo, pelo homem que a observava ameaçador, como uma tormenta a ponto de desabar.

— Não importa no que eu acredito – disse, com voz monótona, afastando o olhar.

Dominic admirou então o brilhante cabelo da jovem, caindo sobre o tecido prateado como uma cascata. Quase sem perceber, estendeu a mão para tocar uma sedosa mecha, o que fez com que Meg estremecesse, antes de poder controlar-se.

— Também batia em você? —inquiriu o normando.

Ela não disse nada. Não precisou. A tensão em seu corpo enquanto esperava receber um golpe dizia tudo.

— Maldito seja - rugiu Dominic — Se não estivesse morto, mandaria este velho para o inferno, com minhas próprias mãos.

O silêncio se estendeu pelo quarto, enquanto Dominic estudava a jovem que parecia tão frágil, e que, ainda assim, tinha vencido lorde John.



À espera de seu destino, Meg se sentou com as costas eretas e a cabeça erguida, observando seu marido.

Sem querer, o normando se encontrou admirando o espírito combativo de sua esposa, apesar de saber que aquilo ia lhe causar muitos problemas em seu matrimônio, pois a única coisa que desejava era a paz.

Farei que venha para mim e desfrutarei vencendo sua resistência. Ouvirei os suaves gritos de prazer de seus lábios, enquanto cubro seu corpo com o meu, minhas mãos... E com esses gritos, virão filhos.

Devagar, Dominic tirou as manoplas de malha e as atirou em cima da mesa. Caíram com um golpe seco, perto de uma caixa com delicadas meadas de linho de várias cores. Lançou um olhar pelo quarto e percebeu que não havia uma cadeira suficientemente grande para ele, salvo aquela em que estava sentada Meg.

— Teremos que dar um jeito - murmurou Dominic.

— O que quer dizer?

O barão observou a inquietação que refletiam os olhos verdes de sua esposa.

— Aqui não há lugar para um homem sentar.

Meg se levantou com rapidez e fez um gesto com a mão, lhe oferecendo a cadeira que acabava de abandonar.

— Tenho boas maneiras para não tirar o lugar de uma dama - assinalou.

— Prefiro ficar de pé, se continuar me olhando com essa atitude ameaçadora.

Dominic fez um gesto irônico, ao perceber que Meg estava certa. Desde que tinha entrado no quarto, sua atitude parecia a de alguém a ponto de explodir.

— O dia foi... — A voz do normando se apagou.

— Exhaustivo? —aventurou-se a jovem.



— Sim. Isso e mais. É como ter que liderar uma batalha que pensava já estar ganha.

Quando Meg percebeu o cansaço que habitava a alma de Dominic, oculto sob sua férrea disciplina, sentiu um baque no coração e a mesma compaixão por ele que sentia pelos habitantes de Blackthorne Keep; agora era um deles e também estava sob sua responsabilidade.

— A cota de malha deve pesar muito, milorde. Ajudo a tirar. O barão olhou-a surpreso e assentiu com a cabeça.

Meg não estava familiarizada com os ornamentos da malha. Enquanto ela tirava e afrouxava, o normando observava a elegante inclinação de sua cabeça e desfrutava da doce fragrância que desprendia de seu cabelo, lhe recordando o sabão que tinha utilizado desde sua chegada à fortaleza.

— Seu cabelo parece ter capturado os aromas da primavera - murmurou Dominic.

A mudança no tom de voz de seu marido, do cansaço a malícia aveludada, fez com que Meg levantasse a cabeça tão rapidamente que seu cabelo se moveu e brilhou como uma chama agitada pelo vento.

— É meu sabão.

— Cheiro assim, também? —O humor que destilava a voz de Dominic foi tão inesperado como sua pergunta.

— Cheira a batalha - murmurou a jovem sorrindo e baixando o olhar —. A cota de malha, couro... E, sobretudo... A integridade.

— Então utilizarei mais de seu sabão da próxima vez.

— Mais, milorde? —Elevou o olhar e seus olhos verdes lhe observaram, com evidente curiosidade.

Dominic assentiu.

— Quando me banhar.

— Foi você quem deixou o cômodo de banho nesse estado! Pensei que tinha sido Duncan!



O corpo do normando se enrijeceu, com tal força, sob as mãos de Meg, que ela soube que tinha sido uma temeridade falar daquele que sempre tinha considerado como seu irmão.

— Banha-se com esse maldito escocês? —perguntou-lhe bruscamente.

A sedução aveludada da voz de Dominic desapareceu, como se nunca tivesse existido.

— Ora - murmurou Meg, dando um puxão numa fivela rebelde até que cedeu.

Ficou nas pontas dos pés para seguir ajudando-o, mas o normando fez um rápido movimento com os ombros, desfazendo-se do objeto, e o inesperado peso fez com que a jovem cambaleasse. Imediatamente, Dominic levantou a cota de malha com uma só mão.

Meg olhou, aturdida, o pesado objeto e logo o homem que a segurava, sem dificuldade alguma. Sabia que Dominic era forte, mas até esse instante não havia percebido o alcance dessa força. Os poderosos músculos de seu corpo ficavam perfeitamente delineados pela camisa de couro que levava, e sentiu um inesperado impulso de provar sua força com seus dedos, suas unhas... Seus dentes. Surpreendeu-se em pensá-lo enquanto uma onda de intenso calor se condensava em seu ventre.

— E bem? —A voz do normando ressoou na habitação.

— E bem, o que? —respondeu Meg, esforçando-se para se concentrar em suas palavras.

— Banha-se com esse bastardo?

Aturdida, a jovem franziu o cenho.

— Por que faria algo assim? Ele tem servos para isso.

— Por quê? — Daquela vez, foi Dominic quem franziu o cenho—. Pelo simples prazer de fazê-lo, é obvio.

Meg ruborizou.

— Não sou nem a donzela, nem a amante de Duncan - declarou com fúria.



— Não é isso o que ouvi.

— Então escutou atrás das portas erradas!

Dominic grunhiu.

— São as mesmas portas de onde se ouvem os rumores sobre as bruxas glendruid.

— O inverno foi longo e não havia outra coisa para fazer que fofocar e esperar que passassem as tormentas.

— Foi amante de Duncan de Maxwell? — perguntou Dominic, sem rodeios.

— Tem mau conceito de sua esposa, milorde.

— Sua mãe se casou grávida e você foi prometida desse escocês, há muito tempo. Conhecia os planos que executaria na igreja e não o delatou. Diga-me, que conceito deveria ter de você, milady?





Capítulo 10

Meg respirou tão profundamente que os cristais glendruid que estavam engastados no sutiã cintilaram e brilharam a luz das velas.

—Se entendesse minhas razões, não me julgaria tão duramente - disse em voz baixa.

—Limito-me a observar os fatos e a julgar de maneira objetiva.

—Se tem tão má opinião de mim, por que concordou em se casar comigo?

Meg soube a resposta a sua pergunta no instante em que as palavras saíram de sua boca.

—Pelas terras - respondeu a si mesma.

—E os herdeiros.

—Oh, sim. Os herdeiros.

— Ao contrário de lorde John - disse Dominic bruscamente —, não tenho nenhuma intenção de criar os bastardos de outro homem, nem de dispersar os meus por essas terras.

A jovem deu a volta com tal rapidez, que fez com que o delicado tecido de seu vestido se elevasse e formasse redemoinhos. Mas o normando estendeu a mão livre e a agarrou pelo braço, antes que pudesse afastar-se.

— Farei uma pergunta muito mais direta, esposa: está carregando o bastardo de Duncan?

Meg abriu a boca para falar, mas não pôde articular nenhuma palavra. Sabia que se estivesse no lugar de Dominic, ela também teria suspeitado, mas, ainda assim, incomodou-lhe a pergunta.

— Não - respondeu trêmula, mantendo o rosto voltado para o lado.



Quando recordou o duro tratamento que a jovem tinha recebido nas mãos de lorde John, o barão moveu sutilmente a mão que agarrava seu braço, transformando seu gesto em uma carícia que pretendia tranquilizá-la.

— Não sinta medo de mim, pequena - sussurrou—. Nunca abusei de uma mulher.

Ela levantou bruscamente a cabeça, e um olhar ao verde fogo de seus olhos bastou ao normando para saber que não era medo o que a tinha feito tremer.

Era fúria.

— Sou virgem - afirmou Meg, com ira—. Nunca me deitei com nenhum homem e não faz nada, além de me insultar.

Dominic arqueou uma sobrancelha, e atirou, com despreocupada e significativa força a cota de malha sobre o respaldo da cadeira. Os elos de metal vibraram, quando o objeto golpeou a madeira.

Depois, no meio de um tenso silêncio, o normando estudou sua reticente esposa, que permanecia ao seu lado só porque ele a segurava.

— Só disse a verdade - assinalou Dominic, cortante —. Sua mãe estava grávida quando se casou?

— Sim, mas...

—Esteve prometida a Duncan de Maxwell?

— Mas...

Implacável, o barão ignorou as vacilantes palavras de Meg.

— Avisou-me do que me esperava na igreja?

Um estremecimento percorreu o esbelto corpo da jovem.

— Não – reconheceu em voz baixa.

— Por quê? Foi o afeto que há entre você e esse bastardo o que te impediu de me avisar de que ia ser assassinado?

A mão do braço cativo de Meg se moveu, em um gesto de impotência.



— Teria enforcado Duncan - sussurrou—. E eu não suportaria ser a responsável por sua morte.

A boca do barão se endureceu, quando escutou a confirmação do que temia.

— Enforçar Duncan teria provocado a guerra —continuou Meg — uma guerra a qual os vassalos de Blackthorne não teriam sobrevivido.

Dominic grunhiu.

— Meu povo... — A voz da jovem se apagou, no instante em que um leve tremor atravessou seu corpo. Estava tão tensa que parecia a ponto de romper-se —. Meu povo precisa ter um pouco de paz para poderem cuidar de seus filhos e suas colheitas. — Levantou a cabeça e enfrentou o duro olhar do normando—. Precisam de paz. Pode entender isso?

Em silêncio, Dominic estudou os assombrosos olhos verdes da mulher que estava a sua frente, suplicando pelas vidas de seus vassalos. Não pela sua própria. Nem pela de Duncan.

Pela de seus vassalos.

— Sim - respondeu finalmente—. Eu posso entender. Qualquer um que tenha tomado parte de uma guerra pode compreender o desejo da paz. Por essa razão, retornei a Inglaterra. Para poder me ocupar de meus filhos e de minhas terras, em paz.

O ar escapou entre os lábios de Meg em um longo suspiro.

— Oh, Meu deus! — exclamou a jovem —. Quando te vi acariciar o falcão com tanta delicadeza, tive a esperança...

Sua voz se debilitou, unindo-se ao suave sussurro das chamas. Mas Dominic, com os dedos endurecidos pela batalha, obrigou Meg a voltar o rosto para ele.

— Que esperança? —perguntou.

— De que você não fosse o diabo sedento de sangue que os rumores asseguram que fosse. Que houvesse bondade em ti. Que...



As palavras da jovem se viram interrompidas pela sensual pressão que exercia o polegar de Dominic, ao deslizar por seu lábio inferior.

—Continue - insistiu.

— Não posso pensar... Quando você...

— Quando te faço isto? —inquiriu, enquanto repetia a lenta carícia.

Meg assentiu, levemente. A jovem abriu os olhos, diante da inesperada sensação que a percorreu. Sem pensar, tentou retroceder, só para descobrir que o outro braço de Dominic a rodeava, mantendo-a cativa.

— Não resista a mim, pequena. Sou seu marido. Ou você não gosta que te toque?

— É... É só que não esperava que me tratasse com tanta amabilidade.

— Por quê?

— Porque pensa mal de mim - respondeu a jovem.

— Só sei de você o que me contaram. Para mudar de opinião, teria que te conhecer melhor, não acha?

Meg piscou, nervosa. Dominic quase podia ver como suas palavras davam voltas em sua mente, tentando descobrir se eram sinceras ou não... Pesando-as quase tão cuidadosamente como tinha feito com cada uma de suas próprias ações.

— Quando puder enxergar meu interior - assegurou a jovem, depois de um momento—, descobrirá que pode confiar em minha honra.

Ele emitiu um som neutro e voltou a acariciar os lábios femininos com seu polegar, fazendo com que o coração de Meg pulsasse, com uma força ensurdecadora.

— É tão frágil... — sussurrou Dominic com voz profunda.

— Você não.

O barão elevou um dos lados da boca, em um gesto de divertido assentimento. Naquele momento, não havia nenhuma parte de seu corpo que



não estivesse sob tensão. Estar tão perto de sua bela esposa tinha um poderoso efeito sobre ele.

— Sua mão - explicou Meg, sem compreender a diversão de Dominic —, está endurecida pela guerra, mas ainda assim, acaricia-me com delicadeza. Sinto-me como deve ter se sentido o falcão peregrino, no dia em que nos conhecemos.

—Essa idéia me passou pela cabeça - admitiu o barão, sorrindo lentamente.

A jovem olhou o fogo que ardia nos olhos cinzentos de seu marido, e a imagem foi tão cativante, que não se atreveu a olhar mais, pois não desejava ver os pensamentos que se ocultavam atrás deles. Sentia-se aturdida pela sensação de alívio que a invadia; de todas as coisas que tinha esperado de sua noite de bodas, nenhuma incluía ser tratada com tanta suavidade.

— Ainda fica nervosa?

— Sim - admitiu.

— Precisa se acostumar a mim - sussurrou — Deveria te manter em um quarto escuro, como o meu falcão, com os olhos cuidadosamente vendados, para que nada seja real para ti, além de minha voz, meu contato, meu fôlego...?

Quando Meg foi responder, Dominic acariciou seus lábios com o dorso da mão com a leveza de um suspiro e depois a pousou sobre seu pescoço, dispersando os pensamentos da jovem antes que pudesse falar.

— Não - disse ele, respondendo a sua própria pergunta—. Não permitiria que nem mesmo a seda mais fina ocultasse a beleza de seus olhos.

O contato da forte mão masculina sobre sua garganta arrancou de Meg um gemido de surpresa.

— Não te farei mal - a tranqüilizou — É muito delicada e frágil para te tratar com rudeza. Feche os olhos e se limite a sentir, pequena. Deixa que te toque até que já não sinta medo de minhas mãos.



Enquanto falava, Dominic continuou com aquelas carícias, tranqüilizadoras e perturbadoras ao mesmo tempo, que faziam com que cada terminação nervosa da jovem vibrasse ante o sutil contato.

Lentamente, Meg foi fechando os olhos, renunciando à clara visão que uma mulher glendruid tem da alma de um homem. Durante longos minutos, só se ouviu o sussurro das chamas e o suave gemido que escapou de seus lábios entreabertos, pelo prazer recém descoberto.

— Faz-me sentir como se minha pele ardesse - murmurou ela, por fim.

— O que?

— Seu tato.

O sorriso de Dominic não era absolutamente tão terno como as pontas de seus dedos, mas Meg não tinha os olhos abertos, para poder captar a diferença.

— Sua pele é mais suave que a seda - comentou o normando em voz baixa.

Um sorriso dançou nos lábios de Meg, até que os dedos do barão deslizaram por sua garganta, para percorrer a fileira de cristais glendruid que descansava sobre seus seios.

— Com cuidado, meu pequeno falcão - advertiu Dominic em voz baixa;

— Nem sequer sua força poderia me segurar, se deixasse cair todo meu peso sobre seu corpo.

O normando riu e a levantou, com um só braço, o que fez que Meg abrisse os olhos surpresos.

— Não, pequena não abra os olhos. — Sua voz era rouca, hipnótica —. Sente minhas carícias como faria um falcão recém capturado.

Enquanto falava, Dominic se inclinou e acariciou as pálpebras de Meg com a ponta de sua língua, fechando seus olhos.

Aquilo deixou a jovem sem fôlego. Quando se recuperou, ele já tinha sentado na grande cadeira que tinha pertencido ao avô de John, e ela estava sobre o colo de seu marido, com as pernas sobre um dos braços da cadeira.



Sentindo-se nervosa, moveu-se inquieta só para ser refreada pelas mãos de Dominic.

— É um falcão, recorda? — sussurrou—. É assim que nos conheceremos.

Ao escutar suas palavras, a tensão desapareceu lentamente do corpo de Meg. Sem deixar de acariciá-la, Dominic jogou para trás seus longos cabelos, deixando que caíssem como uma cascata de fogo sobre o braço da cadeira até o chão.

Meg emitiu um entrecortado som que podia ser uma risada nervosa ou um trêmulo suspiro, ou possivelmente as duas coisas. A silenciosa intimidade e as inesperadas carícias lhe roubavam as forças, deixando-a aturdida. Sentia seu corpo tenso e lânguido ardendo com um calor desconhecido. No espaço de poucos minutos, Dominic tinha lhe agradado mais do que tinha esperado de um homem em toda sua vida.

Desconcertada, descobriu que desejava mais. Com a mesma certeza com que tinha percebido a dor sob o implacável autocontrole de seu marido, naquele momento, Meg soube que existia um fogo faminto, agitado, turbulento... No centro de seu próprio ser. Nunca tinha imaginado que algo assim habitasse, adormecido, em seu interior. Era como se olhar em um espelho e ver uma estranha, inquietante e fascinante, ao mesmo tempo.

Sem perceber, a jovem se acomodou ainda mais no abraço de Dominic. O relaxar do corpo feminino fez com que o normando se sentisse atravessado por uma estranha sensação, misturando um frio triunfo e um ardente desejo. Seu poderoso corpo estava duro, transbordante, agitando-se com cada rápido batimento de seu coração, enquanto seus dedos percorriam a linha que desenhava a maçã do rosto de Meg, a linha de seu frágil pescoço...

A jovem sorriu como se, através de seus olhos fechados, pudesse ver a evidência da excitação de seu marido, lutando contra o suave linho de sua roupa.

— Está olhando? — perguntou Dominic, com voz rouca.



— Não, mas gostaria.

Também lhe atraiu a idéia.

Devagar, advertiu-se. Não posso tomá-la, até ter certeza de que não está grávida.

Mas só pensar em sentir as elegantes e delicadas mãos de Meg sobre sua pele arrancou do normando um áspero gemido de desejo e impaciência.

— Está rindo? —desconfiou Meg, erguendo-se.

— Não. Riria de um feroz falcão peregrino amansado pelo tato de seu dono?

O prazer que surgia, serpenteando através da voz de Dominic, cativou a jovem, fazendo com que sorrisse, e voltasse a descansar tranqüila em seu colo. O calor do corpo masculino a envolvia, atraindo-a com uma força estranha. Sem perceber, Meg estava sucumbindo à sedução do homem que estava fazendo-a sua prisioneira.

— Nunca antes havia sentido isso - confessou.

Dominic baixou o olhar para as longas pestanas da cor do mogno escuro, sua cremosa pele e os lábios rosados, brandamente entreabertos. Estava respondendo a ele com uma doce sensualidade, tão inesperada, quanto o feroz desejo que despertava em seu corpo; um desejo que o atravessou com uma violência que ameaçou abrir uma brecha em seu autocontrole.

Precisava fazê-la sua. Afundar-se em sua suavidade. Apoderar-se de sua doçura. Mas Dominic combateu, sem piedade, a selvagem paixão que Meg tinha despertado nele tão inesperadamente.

— Diga-me o que sente, pequena – pediu, quando pôde confiar que sua voz não revelasse seu forte desejo.

— Fogo em meu interior. Você... Você me faz arder. —Sua voz tremia.

— É doloroso?

— Oh, não! É como sentir a luz do sol depois de um longo inverno.



— Então, se aproxime mais. Apóie sua cabeça sobre mim. Conheça meu aroma, o sabor de minha pele.

Depois de uns segundos de vacilação, Meg cedeu à delicada pressão da forte mão contra sua cabeça. Em silêncio, esfregou a bochecha contra o peito masculino coberto pela camisa de couro. A textura do objeto era áspera e delicada, e se adaptava a ele da mesma forma que o fazia sua própria pele. Quando a jovem sentiu que podia perceber a forma e potência de seus músculos, percorreu-a um estranho tremor.

— Tem frio - sussurrou Dominic — Deixa que te dê calor.

A paixão que fervia em seu sangue fez com que a voz do normando soasse grave, quase rouca. Por um instante, temeu que isso despertasse dúvidas em sua esposa. Ele não desejava isso. Não quando ela estava rendendo-se, sem opor resistência na sensual batalha, presa em uma emboscada de hábeis carícias vindas de um homem do qual só tinha esperado golpes.

O repentino roçar da boca de Dominic sobre a sua boca, assustou Meg. Seus olhos se abriram, cheios de sombras, só para voltarem a se fechar, com intensos e rápidos beijos. Em um silêncio cheio de sussurros, os lábios do normando percorreram o delicado rosto feminino, da mesma forma que tinham feito as pontas de seus dedos.

— É tão bela...

Meg ficou sem respiração, quando o normando tomou seu lábio inferior entre os dentes e passou a língua por ele. A carícia acabou quase antes de começar, pois Dominic se afastou em seguida, deixando atrás dele um cativante rastro de seu sabor. Aturdida, a jovem percorreu, com a ponta da língua, o lugar onde seus dentes e sua língua a haviam mordido.

As garras da paixão se afundaram, com mais força, em Dominic, endurecendo todo seu corpo, quando tentou lutar contra um desejo que estava se tornando incontrolável. Tinha esperado muitas coisas de sua



esposa, mas não uma ingênua paixão que conseguisse enlouquecê-lo, como nenhuma mulher tinha feito antes.

— Doeu?

— Não.

— Deu um pulo.

— É que não deixa de me surpreender - reconheceu trêmula — Já não sei o que esperar.

O sorriso de Dominic foi um sinal de vitória; um oponente que era fácil de surpreender, também era fácil de derrotar.

— Não gostou? — quis saber.

A jovem assentiu com a cabeça ao mesmo tempo em que voltava a lamber, lentamente, o lábio inferior.

— Seu sabor me recorda o do limão cristalizado.

— É só um doce turco.

— O doce que provei esta tarde não era tão bom - afirmou ela.

— Da próxima vez, escolha o mais amarelo.

— Da próxima vez, farei com que prove antes.

— E logo o saboreará em mim? — A voz do normando possuía notas de paixão contida.

A idéia surpreendeu e intrigou tanto a jovem que abriu os olhos. Na tênue luz da estadia, eram de um verde tão escuro, que pareciam negros. Mas, apesar de tentar, não viu nada de seu marido, à exceção de seus fortes ombros e sua firme mandíbula.

— Isso é... Adequado? — balbuciou ela.

O barão esteve a ponto de dizer, em voz alta, que Duncan de Maxwell tinha sido inábil em sua sedução, mas se conteve a tempo. Nesse momento, a última coisa que desejava era que Meg ficasse na defensiva. Não estava certo de poder controlar-se. Nem sequer quando era um simples escudeiro, havia sentido tal grau de excitação.



— Não só apropriado - disse Dominic, acomodando, com cuidado, a jovem para que seu traseiro descansasse em sua rígida ereção - mas também é enormemente prazeroso.

— Por que... ?

— Molhe os lábios.

Ela obedeceu, sob o intenso olhar do normando.

— O que sentiu? —perguntou-lhe.

— Pois... — Franziu o cenho —.Na realidade, nada.

Dirigiu-lhe um inquietante sorriso, enquanto se inclinava sobre ela.

—Me diga o que sente agora - sussurrou.

Com delicioso cuidado, Dominic desenhou sua boca com a ponta da língua. Não pretendia fazer nada mais, mas sucumbiu ante o perplexo som que a jovem deixou escapar, seus trêmulos lábios entreabertos, a calidez do fôlego feminino... E, rendendo-se a seus sentidos, introduziu a língua em sua boca com menos suavidade do que desejava, naquela etapa da sedução.

Por um instante, sentir a língua de Dominic em sua boca assustou Meg. Um segundo depois, cedeu às ardentes e inesperadas sensações que a atravessaram e entrelaçou sua língua com a dele. Tinha sabor de sal e masculinidade.

Aproveitando-se, sem piedade, do abandono de sua esposa, o normando pôs a mão na nuca de Meg e a obrigou a jogar a cabeça para trás, para poder beijá-la mais profundamente.

A jovem, muito surpresa para mover-se, ficou paralisada durante um momento, mas o primitivo ritmo do beijo e a corrente de calor que atravessou seu sangue, incitaram-na a perder-se no mundo cheio de paixão que Dominic estava abrindo para ela.

Um som abafado rasgou a garganta do barão. Queria sentir como as curvas dos seios de Meg reagiam a suas carícias, mas lhe tirar o apertado sutiã poria fim ao beijo e não estava disposto a deixar isso acontecer.



Impaciente, percorreu com sua mão o palpitante corpo feminino até chegar à barra do vestido. Devagar, introduziu a mão sob o tecido e sentiu em sua palma a calidez das pernas de sua esposa, sob as meias. Com a mesma paciência que tinha mostrado com o falcão, o normando a acariciou, alternando ternura com ferocidade, subindo cada vez mais e mais, sem deixar de estar atento às suas reações, apesar do sangue lhe ferver nas veias.

O beijo se tornou mais profundo, quando a boca de Dominic tomou plena posse da boca de sua esposa, convertendo-a em sua cativa. Meg, guiada unicamente por seu instinto, moveu-se contra ele, enquanto leves tremores se apoderavam de seu corpo, em resposta à sensualidade da forte mão masculina, que a percorria.

Dominic sabia que devia parar aquilo, que já deveria tê-lo feito, que estava caindo sob o doce e sensual feitiço de sua esposa. Mas não podia negar a si mesmo voltar a acariciar a cálida perna de Meg, as ocultas dobras do joelho, a parte interna de suas sedosas coxas.

Cedeu à tentação e chegou ao topo de suas coxas, procurando com dedos inquietos a abertura na fina roupa, que guardava os quentes segredos da feminilidade de Meg, onde começou uma lenta exploração de suas úmidas e acolhedoras dobras. Com suavidade, introduziu um de seus enormes dedos em seu interior, mas ao comprovar sua estreiteza, retirou-o e seguiu com suas torturantes carícias.

Assustada ao sentir a repentina invasão dos dedos de Dominic, a jovem ficou rígida e separou sua boca de seu marido. Ele mal percebeu sua pequena resistência, concentrado como estava na sedutora umidade que podia sentir na palma de sua mão. Sentir-se vencedor naquela batalha sensual, fez com que seu corpo se enrijecesse ainda mais e que um grunhido de necessidade escapasse de seus lábios.

É muito cedo. Ainda não devo fazê-la minha.



Apelando aos últimos traços de seu autocontrole, Dominic apagou, com muita dificuldade, o intenso fogo que tinha consumido suas veias. Quando por fim conseguiu, levantou a cabeça e olhou fixamente sua esposa.

Meg estava observando-o, com os enormes olhos verdes que ainda pareciam velados pela paixão recém descoberta. Seus lábios, brilhantes e entreabertos, expressavam tanto emoção como prazer, e seus generosos seios subiam e desciam, ao ritmo de sua entrecortada respiração.

Dominic desejava vê-la completamente nua, sem que o vestido ocultasse o desejo que a fazia umedecer-se por ele, sentir Meg exposta e indefesa diante de seu olhar, abandonada a suas carícias. Só imaginar isso, foi suficiente para quase lhe fazer perder o resto de seu controle.

Lentamente, começou a subir as dobras de seu vestido prateado, desejoso de ver sua esposa nua.

— Dominic...

— Shhh... Tranqüila, sou seu marido – murmurou — Deve se acostumar as minhas carícias. Fiz mal a você, alguma vez?

— Não, mas...

— Acha que tenho intenção de te machucar, esta noite?

— Não - admitiu em voz baixa.

— Então, me entregue o que qualquer outro marido tomaria sem pedir.

Devagar, as pernas de Meg relaxaram, embora fosse impossível deixar de tremer.

O vestido prateado seguiu subindo, revelando o trêmulo corpo feminino e Dominic não pôde reprimir um sorriso triunfal. Enquanto admirava o elegante arco do pé da jovem, a feminina curva de sua panturrilha, e o suave pêlo da cor do fogo que aparecia entre a abertura da roupa.

Tudo o que ansiava parecia muito próximo. Meg estava completamente a sua mercê, junto com a terra e os herdeiros; tudo pelo que lutara, durante a brutalidade da Guerra Santa, estava quase ao seu alcance.



— A maldição de John foi em vão - disse satisfeito —. Depois de tudo, terei teus filhos.

Filhos.

Embora a razão dissesse a Meg que seu dever era proporcionar ao seu marido herdeiros, sentiu-se ferida ao saber que seria apenas um mero instrumento que Dominic utilizaria para alcançar seus objetivos. Enquanto ela tinha sentido um fogo doce e intenso, ele tinha executado uma calculada sedução, apenas um meio para conseguir seus fins.

— Não!

Meg não percebeu que se moveu, até que viu suas próprias mãos tirando as dele de seu vestido de bodas, tentando voltar a baixar as vaporosas dobras, para cobrir as pernas.

— Tranquila pequena. — Dominic sorriu, acreditando que a jovem sentia um repentino ataque de acanhamento — Só quero ver a prova de seu desejo.

— Não te desejo e nunca o farei! — espetou Meg.

Ao sentir a frieza de sua voz, o normando a olhou nos olhos, e ambos se mediram, mutuamente.

Com dureza, Dominic recordou a si mesmo que não devia tomá-la, apesar de sua provocação. Ainda não. Mas, ao menos agora, estava certo de algo: se tinha tido relações com o bastardo escocês, foram poucas vezes. A estreiteza de seu interior indicava isso e ele mal podia esperar para entrar nela e fazê-la completamente sua.

Ao perceber que estava chegando ao limite e que sua capacidade de controle ameaçava evaporar, ficou surpreso e deixou cair o vestido prateado, como se queimasse entre seus dedos.

— Agora já sabe - rugiu ele, ferozmente.

— Que quer meu corpo só para gerar herdeiros? Sim, meu frio senhor normando, sei muito bem!



Dominic olhou o rosto enfurecido de Meg e teve que se conter para não tomar nesse mesmo instante o que ela, claramente, tinha desejado lhe dar, há poucos instantes.

— Não, minha apaixonada feiticeira – disse, em voz baixa — O que agora sabe é que posso fazer com que me deseje.

— O que quer dizer?

A forte mão masculina deslizou brandamente sob o vestido uma vez mais, vencendo a resistência de Meg com insultante facilidade, e seus dedos acariciaram de novo o centro de sua feminilidade.

— Seu corpo clama por mim - afirmou Dominic entre dentes — Sua umidade a denuncia!





Capítulo 11

— O que Sven esqueceu-se de mencionar? — grunhiu o barão, sem levantar-se da cama — Além do evidente, é obvio.

Simon o olhou de soslaio e mal pôde reprimir uma dura réplica, pois o ruído produzido pelas fortes e furiosas pegadas de seu irmão ressoando no corredor, lhe tinha tirado de um agradável sonho. Fosse o que fosse o que tinha lhe deixado naquele humor, provavelmente tinha a ver com o fato de que, na noite de suas bodas, Dominic ocupou o quarto de lorde John... Sozinho. Enquanto que lady Margaret ainda se encontrava em seus virginais aposentos.

Embora deste último não estivesse muito certo e tampouco se atrevia a falar disso.

Parecia que a noite de bodas tinha sido tudo, menos bem-sucedida. Não só tinha terminado logo, mas também tinha deixado Dominic em um feroz estado de ânimo. Simon tinha escutado seu irmão caminhar de um lado para outro no quarto ao lado, durante muito tempo, antes de ouvir o ruído de algo metálico golpeando a parede com violência.

Sendo impossível dormir, ele também, tinha decidido ir informar a seu senhor do que tinha averiguado na fortaleza.

— O povo de Blackthorne gosta de Duncan e de alguns de seus homens, mas não dos Reeves - explicou—. Ao que parece não são mais que selvagens sanguinários.

— Isso não é novo — replicou Dominic.

— O escocês e seus seguidores chegarão a Carlysle Manor amanhã.

Dominic não se mostrou muito satisfeito com essa outra notícia.

— Maldito seja - se impacientou—. Por que não me diz algo que não saiba?



— O que posso te dizer neste momento é que te faria bem fazer uma visita a Enjoe - apontou Simon, com cuidado.

— É tão óbvio o que aconteceu? —perguntou o barão, com um sorriso pesaroso e um brilho irônico no olhar.

Simon soltou uma gargalhada e apontou para a manta que não cobria de todo seu irmão.

— O certo é que nunca tinha te visto assim – respondeu — Deve ter dado um susto enorme em sua esposa. Vá até sua amante de uma vez e amanhã estará de bom humor.

— Não tenho nenhum desejo de estar com outra mulher que também se deitou com Duncan - lhe interrompeu Dominic, com brutalidade.

— Outra? — O sorriso de Simon se desvaneceu — Então, é verdade? Lady Margaret foi amante de Duncan?

— Não tenho como ter certeza. —admitiu o barão, com um violento gesto de mão — Embora ela jure que não.

O grunhido de seu irmão indicou seu cepticismo.

— Sim - assentiu Dominic, mordaz — Eu tampouco acredito que minha esposa admita ter tido algum amante.

— Assim, vai deixar que durma sozinha?

— Só até estar certo de que não está grávida.

Simon fez uma careta, antes de falar.

— Eu gostaria de te pedir um favor.

Uma das sobrancelhas do barão se levantou, em silenciosa pergunta.

— Me envie de novo a Terra Santa - pediu Simon.

— Como?

— Será menos difícil que estar a seu lado, enquanto espera.

Dominic franziu o cenho.

— Ou melhor - continuou Simon — saíamos em busca dos Reeves. Seguro que lhe oferecerá a batalha que procuram.



— Prefiro ficar ao lado de minha esposa.

— Enjoe poderia ser uma boa substituta.

O movimento de um dos largos ombros de Dominic desprezou a sugestão.

— Então uma das camponesas - aventurou Simon.

— Basta.

Nem mesmo o homem que era seu amigo e irmão contrariava Dominic quando ele usava esse tom. Assim Simon fechou a boca e esperou.

— Sven está com os Reeves? —inquiriu o barão, depois de um longo silêncio.

— Ainda não. Levará tempo infiltrar-se entre eles. É um clã fechado.

— Fique aqui, então. Poderá me informar de qualquer ato de traição entre os poucos cavaleiros que ainda são fiéis a lorde John.

— Duvido que nos causem problemas; são muito velhos para incomodar alguém.

— Apesar disso, te ocupe de que cada cavaleiro tenha um terreno suficientemente grande para manter a si mesmo e a sua família, de acordo a sua posição e seus anos de serviço.

— De acordo.

— Procure também que cada um tenha um boi e um arado, madeira para construir, quatro ovelhas, uma vaca, sementes, aves, e alguns coelhos, logo que se reproduzam os que trouxemos da Normandia. É uma loucura que falte carne nestas terras.

Simon escutava enquanto Dominic continuava com a lista de necessidades para estabelecer um pequeno feudo. Como sempre, as instruções de seu irmão sobre os detalhes lhe fascinavam. Fosse tempo de guerra ou paz, o barão estudava os problemas que se apresentavam de todos os ângulos, forjava um cuidadoso plano para vencê-los e sempre os levava a cabo, com êxito.



— Não esqueça as panelas para cozinhar. São mais valiosas que ouro - concluiu finalmente Dominic.

— Algo que mantenha feliz uma esposa é mais valioso que o ouro.

O barão lançou a seu irmão um olhar frio que foi retribuído com outro no qual se mesclavam diversão e compreensão.

— Algo mais? —perguntou Simon.

— Sim. Diga a Sven que não perca de vista minha esposa. Quero estar certo de que não verá ninguém, que não suas servas.

— Acredita que tentará aproximar-se de Duncan depois de ter se casado contigo?

— Ela é a chave de tudo o que sempre desejei - lhe recordou Dominic, cortante —. Até estar certo de que está carregando meu herdeiro, não deixarei de vigiá-la.

O pesadelo tomava forma lenta, sem piedade, arrancando Meg com brutalidade do sonho que tanto havia tentado conciliar.

A jovem gemeu e se virou para o outro lado, tentando escapar de algo que só ela podia ver. Mas não havia escapatória. Estava presa. E o pesadelo, frio, negro, a engolia.

Morte.

Um grito silencioso congelou em sua garganta, rasgando-a como garras de gelo.

Desolação.

Sem poder articular uma só palavra, debateu-se entre os lençóis, perguntando-se o que fazer.

Não achou resposta.

Sombras impenetráveis que pareciam não ter fim, faziam desaparecer tudo que a rodeava.



E por fim, quando começava a se desesperar, acreditou ver a solução para tudo aquilo. No meio da névoa crescia uma planta, alimentada por gotas de chuva e luz do sol; uma planta tão antiga como o tempo.

Veja!

Com os olhos ainda fechados e o coração palpitando com força, Meg se sentou rigidamente na cama. Sua cabeça palpitava pela violência do pesadelo, mas uma absoluta certeza ressoava através de sua mente e de seu corpo.

Perigo.

Com um grito amortecido, abriu os olhos, correu para a janela e abriu-as.

Nada a saudou, salvo o aterrador silêncio que precede à alvorada. Logo, um galo anunciaria a saída do sol e os servos começariam sua jornada. Acenderiam o fogo na cozinha, falaria sobre as tarefas que os esperavam...

Mas isso aconteceria depois. Nesse momento, o silêncio enchia tudo, à espera do amanhecer.

Contendo o fôlego, Meg olhou fixamente através da estreita janela, forçando a vista para esquadrinhar a neblina fantasmal que ocultava o reservatório do moinho e o prado. Nada se movia. Nenhum som de armaduras chegou através do silêncio, nem ruído de cascos, nem ordens amortecidas a homens fantasmais, movendo-se sigilosamente através da névoa.

Entretanto, existia perigo. A certeza de que algo terrível ia ocorrer atravessava seu coração como uma adaga. Tinha chegado a pensar que seu matrimônio terminaria com o perigo da guerra. Tinha acreditado que, com seu sacrifício, ficaria assegurada a paz para o povo de Blackthorne Keep.

Mas agora somente estava certa de que algo aterrador ameaçava aquela pretensa paz.

Morte.

Meg estremeceu.

Desolação.



Não tinha tido um sonho assim desde a noite em que sua mãe entrou no bosque e não retornou jamais.

Está me chamando, mãe? Conhecerei finalmente os segredos do antigo monte?

Logo que a imagem do lugar veio à mente de Meg, soube que devia ir até lá. Lá, onde a terra permanecia intocada pelo homem, onde crescia ervas proibidas, o lugar que protegeria a precária paz de Blackthorne Keep.

Ignorava como podia saber aquilo; o que sabia era que o perigo era tão real como a morte.

Com um ruído abafado, tirou apressadamente a camisola e colocou as meias de lã, junto com as velhas roupas que utilizava para trabalhar no jardim. Seus dedos enrijecidos pelo frio e o medo trançaram seu cabelo e o amarraram com uma tira de couro.

Cobrindo a cabeça com o capuz do estragado manto e as botas na mão, Meg deslizou silenciosamente através de corredores e escadas, parando somente para colocar as botas e pegar um pouco de pão e queijo da despensa, antes de dirigir-se ao pátio.

Um desconhecido de cabelos loiros guardava a porta, permitindo aos serventes ir e vir entre o pátio e a muralha para começar com suas tarefas matutinas. O soldado mal olhou Meg, quando ela passou ao seu lado.

A fumaça das cozinhas se perdia, elevando-se pela muralha e mesclando-se com o brumoso amanhecer. Os paralelepípedos dos desgastados caminhos estavam escorregadios e frios, mas a jovem se deslocava por eles como se tivesse asas. A guarita da pequena torre de entrada que dava para o jardim se salvava do frio, graças a uma ardente tocha situada perto do tamborete do guardião.

— Bom dia, milady - a saudou Harry, ficando de pé—. Hoje madrugou.

— Descuidei de meu herbário e meu jardim - comentou Meg com um tom de angústia na voz.



— Sim - concordou o guardião, com falsa seriedade—. Ontem escutei como as ervas se lamentavam da ausência de sua dama. Mandeí seu gato para lhes dizer que estava ocupada com seus deveres de esposa, mas não acreditaram.

O brilho de diversão nos olhos de Harry era óbvio, mesmo na penumbra da guarita. Meg sorriu apesar da urgência e colocou uma mão sobre a dele, quando o guardião abriu a porta.

— Obrigado por me fazer sorrir - sussurrou.

— Não, milady. É você que nos faz sorrir. Não há um só servo em Blackthorne que não tenha uma história para contar a respeito de sua bondade. —Fez uma pausa parecendo incômodo de repente, e depois seguiu falando—. Está...

A voz de Harry morreu enquanto suas curtidas bochechas avermelhavam. Pigarreou bruscamente e por fim perguntou o que lhe inquietava.

— Está tudo bem, milady?

Quando Meg percebeu que o guardião estava perguntando sobre a relação com seu marido, ruborizou até a raiz de seus cabelos.

— Nos perguntamos... — Harry pigarreou e tentou de novo — Sua mãe não era feliz com lorde John. O senhor era um homem severo mesmo quando não estava bêbado. E quando estava...

— Sim - murmurou Meg, sem lhe deixar continuar.

O guardião moveu os pés mostrando, seu desconforto.

— Poucos conheciam sua mãe, mas a você vimos crescer - disse depressa—. Não permitiremos que esse bastar... humm... Que seu marido lhe faça mal. Se isso acontecer, nos diga e a protegeremos. Poderia lhe acontecer um acidente mortal quando sair para caçar.

Lágrimas incontidas encheram os olhos de Meg convertendo-os em belas gemas verdes. Agradecida, roçou a bochecha de Harry com um rápido beijo,



fazendo com que o servente ruborizasse ainda mais, ante a amostra de carinho.

— Me acredite, estou bem — lhe tranqüilizou a jovem — O barão não foi cruel comigo.

Antes que Harry pudesse falar, Meg, apressada, já tinha cruzado a ponte levadiça como um fugidio espectro. Ao recordar o ocorrido da noite anterior, calafrios que nada tinham a ver com a fria manhã, percorreram seu corpo até deixá-la sem fôlego. Era certo que Dominic não a tinha forçado. Ao contrário. Tinha conseguido que seu corpo conhecesse, pela primeira vez a paixão; mas só o que queria dela era um herdeiro.

Está rindo de nós no Inferno, John? Dominic somente quer um filho, um herdeiro... E não o terá. Não poderei dar. Não há amor nele para mim.

O atalho avançava entre cercas baixas de pedra que demarcavam campos e pastos. O fértil, intenso marrom da terra, brilhava com a umidade. Pequenas ramas verdes assinalavam o frágil crescimento de uma futura colheita. Os mirtos (N.T.- arbustos com muitos ramos) proliferavam e, as ovelhas, como pálidas manchas de névoa, rondavam no prado tentando descobrir novos brotos entre a palha do pasto do último ano.

Os sinos da igreja repicaram rompendo o silêncio, anunciando aos vassalos que era hora de sair aos campos. Meg adorava aquele som, mas naquela manhã só alimentou a urgência que crescia com cada passo que a levava para longe do castelo.

Perigo.





Capítulo 12

— Foi-se - anunciou Simon com voz grave.

O barão ergueu o olhar da suja e danificada lança que acabava de encontrar na armaria.

— Quem? —perguntou Dominic, com tom ausente.

— Lady Margaret.

— Maldita seja! — gritou, antes de olhar ao abatido senescal cujo dia, até então, não podia ter sido pior, devido aos mordazes comentários de seu novo senhor sobre o deplorável estado da fortaleza em geral e da armaria em particular—. Assegure-se de que os servos varram e esfreguem todos os pisos do castelo e que depois cubram com ervas aromáticas e juncos frescos, até que todo o lugar esteja tão limpo como os aposentos de lady Margaret. Compreendeu?

— Sim, milorde.

— Então, ao trabalho!

O homem obedeceu, e o rápido som de seus passos afastando-se com presteza ressoaram na sala de armas.

— Quando ocorreu? —inquiriu o barão, cravando um gélido olhar cinzento em seu irmão.

— Não sei.

— Onde está sua donzela?

—Falando com seus cavalheiros.

Dominic entrecerrou os olhos, enquanto tocava, com ar ausente a oxidada lança.

— Quem foi a última pessoa que viu Meg?

— Harry, o guardião da torre. Deixou-a sair antes do amanhecer.



O fato de descobrir que sua esposa também não tinha dormido bem foi um pequeno consolo para Dominic, que tinha passado a noite dando voltas, acossado pelo desejo insatisfeito.

— Quem a acompanhava? — quis saber o barão.

— Ninguém.

A pequena sensação de consolo se desvaneceu.

— Estava sozinha? — sentiu saudades.

— Sim - respondeu Simon com voz grave.

— O que diz Sven a seu favor?

— «Terá que me desculpar milorde, mas um homem tem que dormir de vez em quando». — A imitação exata de Simon da voz de Sven, arrancou um leve sorriso de Dominic —. Acreditou que, precisamente esta manhã, ela ficaria na cama até tarde. — Fez uma pausa —. E Harry, supôs que iria se ocupar de seus jardins, como habitualmente faz.

O barão grunhiu.

— Envia alguém ali para que a traga de volta. Com todos esses rebeldes saxões soltos, é perigoso que uma mulher esteja sozinha fora das muralhas.

Simon lançou ao seu irmão um olhar de incredulidade.

— Acha que já não fiz isso? Digo que se foi!

— Perguntou aos servos? Talvez alguém precisou dela para curar alguma ferida.

— Não. Nenhum dos vassalos soube dela desde que desapareceu na névoa, esta manhã. Nem tampouco a viram na aldeia.

Dominic atirou a lança a um canto da armaria, com uma força que estilhaçou o metal oxidado.

— Traga os cães e diga a Harry que abra os portões — ordenou cortante.

Antes que o barão acabasse de pronunciar sua ordem, excitados latidos e uivos dos galgos demonstraram que Simon se antecipou aos desejos de seu



irmão. O responsável pelo cuidado dos cães já os tinha trazido e os animais estavam esperando, impacientes por sair à caça.

— Cruzado está selado e preparado para ti - lhe informou Simon antes que o barão pudesse perguntar.

— Prepare seu corcel. Virá comigo.

— E o que será do castelo? Quem ficará no comando?

—T homas cuidará disso. Faz com que se ocupe dos vassallos que estão nos campos e que se encarregue de içar a ponte levadiça assim que sairmos. Tudo pode ser uma armadilha para tomar o castelo.

— Não acredita que sua própria esposa...

— Acredito... — interrompeu-lhe o barão com ferocidade—... Que minha esposa pode ter sido raptada, com o propósito de exigir um resgate que arruinaria Blackthorne durante anos.

Simon entrecerrou seus negros olhos.

— Essa será a história que você fará circular pelo castelo - concluiu Dominic

— Não quero que ninguém pense que eu suspeito do que esteja ocorrendo realmente.

— E do que suspeita?

— Que Duncan de Maxwell e Meg fugiram juntos!

O silêncio ressoou com tudo o que Dominic não havia dito: traição, infidelidade e a morte de seus sonhos.

— Deseja que alguém mais nos acompanhe? —perguntou Simon depois de um momento.

— Não. Nem meu escudeiro, nem o teu. Nem sequer o responsável pelos cães. O que ocorrer hoje só saberemos você e eu, ninguém mais.

— Realmente não acredita que...

— Sabe tão bem como eu que Meg é a chave para conseguir a paz nestas terras. E esse maldito escocês também sabe.



Simon olhou nas profundezas dos olhos de seu irmão e sentiu um mau pressentimento percorrendo sua espinha.

Que Deus a ajude, se estiver com Duncan, quando a encontrarmos, pensou com preocupação. Que Deus ajude a todos.

Minutos mais tarde, Dominic descia as escadas que conduziam ao pátio do castelo, vestido para a guerra. Um de seus apertados punhos sustentava um arco; o outro segurava a camisola que Meg tinha usado e que tinha deixado sobre a cama, em sua urgência por partir.

Os cães saltavam e uivavam, expressando sua impaciência para que os deixassem livres e aguardando que lhes indicasse que aroma rastrearão nesse dia.

O escudeiro do barão segurava as rédeas de Cruzado, enquanto acalmava o intranquilo garanhão. Simon esperava perto, montado sobre seu cavalo de batalha. Se tivesse alguma dúvida sobre a fúria letal que sentia seu irmão, esta se desvaneceu quando Dominic saltou sobre sua sela, desdenhando o estribo. Aquele movimento era uma manobra que qualquer cavaleiro bem preparado podia realizar em plena batalha, mas poucos a usavam quando havia por perto um escudeiro, disposto a oferecer sua mão para ajudar seu senhor.

Quando percebeu o humor de seu cavaleiro, o escuro garanhão se ergueu sobre suas duas patas traseiras, com as orelhas erguidas, mas Dominic o dominou, sem esforço.

—Harry nos espera - lhe informou Simon.

O barão assentiu com brevidade e atravessou velozmente o pátio. O enorme e musculoso corcel galopou conduzido pelo férreo punho de normando, enquanto seus grandes cascos marcavam um ritmo de urgência ao dirigir-se para a torre da entrada dos jardins.



Ali os aguardava Harry, que, ao vê-los, inclinou a cabeça rapidamente em sinal de respeito.

— Quando viu por última vez sua senhora? —perguntou Dominic sem rodeios.

— Antes do amanhecer.

— Falou com você?

— Sim. Acreditei que se dirigia aos seus jardins de ervas.

— Acreditou? — esbravejou o barão com dureza.

—Sim. Mas no ponto em que o caminho se bifurca, tomou o atalho que vai para a direita.

— Os jardins estão à esquerda - assinalou Simon, em voz baixa.

— Por que pensou que se dirigia aos jardins?

Harry parecia incômodo.

— Responda - ordenou Simon, de maneira cortante — Sua senhora pode estar em perigo.

— Lady Margaret... Está acostumada a ir ali quando está preocupada.

O olhar que Dominic dirigiu ao guardião provavelmente não ajudou o homem a sentir-se tranqüilo.

— Preocupada? — repetiu o barão, com perigosa suavidade —. O que quer dizer?

Harry se mexeu, incômodo, sob o frio olhar de seu senhor, mas antes que pudesse decidir o que ia dizer uma anciã com o cabelo completamente branco se aproximou deles.

— Lorde John se mostrava violento com ela quando bebia - disse Gwyn sem preâmbulos, dirigindo-se ao barão —. Meg aprendeu a sair de seu caminho.

— Pelo imundo aspecto do castelo me arriscaria a dizer que havia poucos dias em que permanecesse sóbrio. — Justo nesse instante, Dominic



percebeu que os olhos da mulher, apesar de opacos pela idade, eram da mesma cor que os de sua esposa.

— Assim é.

— Eu não sou como lorde John.

— Sei – concordou a anciã—. Se assim fosse, o animal que monta teria sinais de sua crueldade no focinho e os flancos.

— É muito observadora.

—Você também é, Dominic, o Sabre, barão de Blackthorne. Utilize essa perspicácia quando encontrar Meg e perceber que só está recolhendo ervas como sempre faz.

— Sem sua donzela?

— Pode ser que Eadith esteja cansada - assinalou Gwyn.

— Lady Margaret está acostumada a sair da fortaleza sem companhia? — inquiriu o barão com voz áspera.

— Não. Nunca - respondeu a mulher de forma cortante—. Sempre vai acompanhada por Eadith, por um soldado ou por mim.

Dominic olhou Harry, mas o guardião negou com a cabeça.

— Ia sozinha - afirmou pesaroso.

— Leve os cães à bifurcação do atalho - ordenou Dominic.

O homem cruzou a ponte, seguido pelo alvoroçado tumulto dos cães. Quando o barão se moveu para segui-los, Gwyn falou com rapidez:

—Não tema. Nenhum animal machucaria Meg.

O frio e duro olhar de Dominic atravessou à anciã.

— Pode ser que não, mas lady Margaret não pode sair destes muros quando quiser - declarou em um tom que não admitia réplicas —. É minha esposa, e isso a transforma em uma presa apetitosa para os Reeves.

— Não é ela que está em perigo - anunciou Gwyn em voz baixa.

— O que quer dizer?

A anciã contemplou Dominic, em silêncio por um longo tempo.



— Uma ameaça se abate sobre todos nós - disse por fim — Meg deve ter sentido como eu. Aproximam-se tempos difíceis e perigosos, milorde, os presságios...

As palavras de Gwyn se detiveram abruptamente, quando Cruzado se ergueu sobre suas patas traseiras e mordeu com ferocidade a ponta de sua capa. Apesar da fria ira que o percorria, o barão dominou o garanhão, sem utilizar a violência.

— Se for falar de algo relacionado com os glendruid, será melhor que guarde silêncio - lhe advertiu Dominic, mordaz—. Sempre haverá dificuldades e perigos; o que realmente importa é confrontá-los de uma maneira adequada, quando se apresentam.

Sem dizer mais nada, o normando fez girar seu cavalo e se afastou a galope, seguido por Simon, rompendo o silêncio da manhã com o brusco som dos cascos dos cavalos sobre a ponte.

O sol fazia brilhar as armas e as cotas de malha, quando os normandos chegaram à bifurcação do caminho, onde os cães, disciplinados e acostumados a receber ordens, esperavam com a mesma impaciência deles.

— Dá isto ao Leaper - ordenou Dominic, estendendo a camisola de Meg ao homem.

O servo tomou, imediatamente, o objeto e o aproximou de um cão de cor cinzenta. O animal cheirou uma e outra vez e, depois de uns momentos, levantou a cabeça, gemendo avidamente.

— Já pode seguir o rastro, milorde.

— Deixe-o livre e mantém os outros amarrados. Não quero que façam mais ruídos do que o necessário.

O homem tirou a corrente da coleira de Leaper e, a seu sinal, saltou para frente para procurar com esforço o rastro do aroma impregnado na camisola. Apesar de sua tarefa ser difícil pela umidade do chão, o cão logo começou a correr na pista de Meg.



Dominic e Simon cavalgaram atrás dele, deixando a suas costas o resto dos cães, uivando decepcionados.

Meg ficou em pé devagar e se esticou para relaxar as costas. Passara a última hora ajoelhada, procurando entre as rochas amontoadas que rodeavam o monte sagrado e, por fim, o saquinho ricocheteava pausadamente contra seu quadril, enquanto saía do lugar, cheio com o que tinha ido procurar.

Tinha levado muito mais tempo do que esperava procurar as novas folhas e caules que serviriam para preparar a valiosa poção que podia curar... Ou matar se usada inadequadamente. Também tinha arrancado outras ervas úteis e alguns galhos. Poderia ter pegado mais, mas isso teria significado matar as plantas para roubar suas folhas. Voltaria para colher mais, em alguns meses.

Já tinha deixado para trás o monte sagrado quando o sol por fim conseguiu transpassar as nuvens, iluminando com uma suave luz dourada os carvalhos e as rochas cobertas pelo musgo. A silenciosa promessa da chegada da primavera aliviava a tensão do corpo da jovem e a enchia de paz.

De repente, ouviu-se um assobio procedente do topo da colina e, instantes depois, um cão correu para Meg a grande velocidade, ganhando terreno rapidamente. Mas quando o animal estava só a escassos passos dela, o som de um corno de guerra cortou o silêncio e conseguiu deter o avanço do cão, lhe fazendo voltar por onde tinha vindo.

Com o coração na boca, Meg protegeu os olhos com a mão e olhou através do vale envolto em névoa, descobrindo dois corcéis no lugar de que tinha vindo o som do corno de guerra. Um dos cavalos levava um cavaleiro; o outro não.

No momento em que a jovem viu que era Cruzado, o garanhão de Dominic, o cavalo solitário, a voz de seu marido soou a suas costas.



— Onde esteve, milady?

Ela deu um pulo e voltou-se para olhar para ele.

— Assustou-me.

— Vou fazer muito mais que isso se não responder a minha pergunta. Onde esteve?

— Apanhando ervas.

Dominic observou que as singelas roupas de Meg: estavam sujas, enrugadas e mostravam rasgos em alguns lugares.

— Apanhando ervas - repetiu ele com voz monótona — É estranho. Suas roupas mostram todos os sinais que rolou no chão com elas.

Meg olhou para seu estragado vestido, encolheu os ombros, e ergueu o olhar para enfrentar seu marido de novo. Apesar da calma impressa na voz do normando, a jovem sentiu a fria fúria que vinha dele, procurando uma desculpa para explodir.

— Por isso uso estes farrapos - aduziu cortante — Não tem sentido arruinar o único vestido elegante que tenho.

Dominic emitiu um som neutro e olhou a seu redor. Naquele lugar só havia plantas.

— É aqui que colhe ervas? —inquiriu atravessando-a com seus frios olhos cinzentos.

— Não.

— Então, onde?

Meg não queria falar sobre o monte sagrado. Sabia que mesmo os vassalos que a estimavam, pensavam que o lugar estava encantado, e maldito.

— Que importância pode ter isso? —perguntou-lhe —. Necessitava algo e vim buscá-lo. Não vejo que mal há nisso.

Ao escutá-la, Dominic esteve a ponto de explodir de ira e com muita dificuldade conseguiu conter-se.



— E o que é o que necessitava com tanta urgência que te fez sair sozinha do castelo sem dizer a ninguém? —disse com suavidade.

A jovem não queria dar explicações. Se falasse sobre o antídoto, teria que falar também sobre a medicina perdida, e tinha prometido a Gwyn não fazê-lo.

Entre eles se fez um pesado silêncio, quebrado pelo galope cada vez mais próximo do cavalo que conduzia Simon. O cão vinha ao seu lado.

— Te fiz uma pergunta, milady – zombou Dominic.

— Plantas para meu herbário - respondeu Meg por fim, afastando o olhar.

— Não sabe mentir.

— Não minto. —Havia uma nota de desespero em sua voz.

— Mostre isso.

- Não! —gritou a jovem, desesperada — Não. Se as tocar muito se...

As palavras da jovem morreram em sua garganta, com um ofego de sobressalto, quando Dominic, com um rápido movimento, arrebatou-lhe o saquinho que continha as plantas, abriu-o, deu a volta e o agitou bruscamente para derrubar o conteúdo. Todas as plantas e folhas que tinha recolhido com tanto cuidado, caíram ao chão, como uma chuva verde.

— Não! —gritou a jovem, desesperada

Agarrou o saquinho das mãos de seu marido, ajoelhou-se e começou a procurar as folhas como se fossem minúsculas moedas de ouro.

Dominic a observou com o cenho franzido. Tinha duvidado das palavras de Meg, mas agora, ao ver sua angústia, já não duvidava de sua sinceridade. Fosse o que fosse que havia nessa pequena bolsa, era muito importante para ela.

— Simon.

— Milorde?

— Rastreie o lugar de onde veio.

—Não seria prudente - interrompeu Meg, sem erguer o olhar.

— Se houver algum perigo que Simon não possa ver, Leaper o farejará.



— Não no monte sagrado. Nenhum animal se aproxima dali.

— Por que não? —quis saber Dominic.

— Não posso responder a essa pergunta - repôs a jovem, sem interromper sua tarefa de introduzir as plantas caídas no saquinho —. Simplesmente sei que é assim. Os animais percebem certas coisas com mais clareza que os homens.

— O monte sagrado... —repetiu o barão, esperando uma explicação.

A jovem murmurou algo e seguiu recolhendo folhas.

Um instante depois tinha uma manopla de malha sob seu queixo, obrigando-a a erguer o olhar e enfrentar aos sombrios olhos de seu marido.

— Não teme esse lugar? —perguntou Dominic.

— Por que deveria? Não tenho o mesmo instinto que os animais.

Simon emitiu um som que parecia mascarar uma risada.

Sem deixar de observar a ira que se refletia nos olhos de Meg, o barão fez um gesto a seu irmão, indicando que se apressasse a cumprir suas ordens e seguisse o caminho que ela tinha tomado.

— Não, não tem - conveyo Dominic —. Mas é uma bruxa glendruoid. O que pretende fazer com o que recolheu?

— Sou glendruoid, mas não sou uma bruxa.

— Mesmo assim, atreve-se a ir a um lugar que os habitantes da fortaleza consideram maldito.

— Se o monte estivesse maldito, a cruz que levo arderia - rebateu Meg—. Mas permanece fria e inerte em meu pescoço.

O barão percorreu sua esposa com um frio olhar, enquanto o ruído do cavalo de Simon se desvanecia em um silêncio unicamente perturbado pelos cantos dos pássaros e o som do vento. Quando finalmente soltou o queixo da jovem, observou com pesar que a manopla tinha deixado pequenas marcas vermelhas que se destacavam na pálida pele de seu rosto.



Meg lhe afetava de uma maneira que nunca antes havia acreditado possível e, só de pensar que pudesse ter ido a um encontro com Duncan, corria a alma.

Ontem consegui excitá-la, disse a si mesmo. Farei com que esqueça seu amante. Agora é minha. Minha para sempre.

O normando olhou com gesto severo as diversas plantas jogadas pelo chão, que a jovem se apressava para recolher rapidamente. Não era perito em plantas, mas se encarregaria de que alguém no castelo desse sua opinião sobre elas.

Esperando a objeção de sua esposa, Dominic recolheu algumas folhas e as introduziu, descuidadamente, em uma pequena bolsa de viagem, presa a sela de Cruzado.

Não houve protesto algum.

Foi quando se ajoelhou junto a Meg para ajudá-la com os poucos caules e pequenas raízes que restavam que ela afastou as mãos masculinas, com urgência.

— O material de que é feito as luvas é muito duro - explicou—. Se estas plantas se danificam antes de preparar a poção que necessito, vir até aqui não terá servido de nada.

— É por isso que não lhe acompanharam Eadith ou algum soldado? — perguntou-lhe com falsa suavidade — Porque são muito torpes?

Meg não respondeu.

— Me responda esposa. Diga-me de uma vez por que veio sozinha ao bosque.

As mãos da jovem se paralisaram.

— Eu...

O barão esperou com a crescente certeza de que ouviria uma mentira; mas só obteve o silêncio.



— A que distância fica por este caminho o torreão de Carlisle? — perguntou, utilizando um tom neutro.

Meg soltou um suspiro de alívio ao ver que Dominic mudava de assunto.

— Está a mais de um dia de marcha.

— Demoraria menos pelo atalho que atravessa o monte sagrado?

— Sim, embora não seja usado por ninguém - explicou sem deixar sua tarefa, contente de poder responder enfim a suas perguntas —. O atalho é árduo em alguns pontos e o povo prefere os caminhos; de fato os utilizavam com freqüência para chegar às diferentes partes de Blackthorne, até que lorde John adoeceu no ano passado.

— Estão os caminhos estão em mal estado? Por isso utilizou o atalho?

— Não. Duncan teve homens trabalhando nos caminhos, desde que voltou de Terra Santa.

Os olhos do normando se converteram em duas estreitas ranhuras. Se Meg tivesse podido ver, teria dado um passo atrás esquecendo os poucos e apreciados pedacinhos de folhas que restavam.

— Os vassalos preferem dar uma enorme volta que vir por aqui? — inquiriu Dominic.

— Sim. Evitam o monte sagrado.

— Que conveniente.

A agressividade de seu tom alertou Meg, cujas mãos começaram a mover-se.

— Conveniente? —repetiu.

— Para seus encontros íntimos - esclareceu ele com voz aguda.

A jovem ergueu os olhos e enfrentou, sem medo, o gélido olhar de Dominic.

— Então é isso – murmurou — Acredita que venho aqui para me encontrar com algum homem.



— Não com algum homem - particularizou Dominic, com dureza —mas com Duncan de Maxwell. Olhe-se: as bochechas vermelhas, os olhos brilhantes, a roupa suja...

— Se estou assim é porque demorei muito para encontrar as plantas que procurava!

— Pode ser. Ou possivelmente se deva à paixão de seu amante.

— Isso não é verdade!

— Acaso quer Duncan me impingir um bastardo, como fez sua mãe com lorde John? — prosseguiu Dominic, implacável.

Meg levantou orgulhosamente a cabeça.

— Dou minha palavra de que é o primeiro homem que toca em mim.

— Tudo o que já ouvi me diz o contrário.

— Então, me faça sua - lhe insistiu — Agora. Aqui mesmo, Dominic, o Sabre. Assim não haverá mais dúvidas.

A jovem não se tranqüilizou com a frieza do irônico sorriso de seu marido.

— Boa jogada, milady – reconheceu, com falsa suavidade.

— Não estou jogando!

— Eu tampouco. Se fizer o que me pede e ficar grávida, jamais saberei quem é o pai, não é verdade?

Ela estava muito desconcertada para responder.

— Não, Meg. Não te farei minha até que saiba com toda segurança que não está grávida. E depois tratarei de mantê-la sempre por perto.

Meg sentiu suas palavras como uma bofetada.

— Em realidade não te importa se tiver estado antes com um homem ou não - sussurrou consternada —; somente quer que te dê um filho.

— Por fim, entendeu.

— Que seja uma mentirosa, que te engane, que roube, ou seja, uma criminosa... Nada disso te importa. Qualquer mulher serviria, se estiver ligada à fortaleza de Blackthorne.



Os olhos do barão a atravessaram, com seu gélido olhar.

— Seu passado já não importa. Mas agora é minha esposa e exijo sua lealdade. Se me desonrar, sofrerá um castigo que nem sequer pode imaginar.

O pequeno fio de esperança que Meg tinha abrigado em seu interior se rompeu, dolorosamente, sob a fria realidade que se apresentava. Não se tratava do diabo normando de que falava Eadith, nem da alma generosa que ela tinha sonhado. Não queria dela risadas nem ternura, nem tampouco lhe interessavam suas ilusões, nem seus desejos de um futuro melhor para seus vassalos e para eles mesmos.

Dominic, o Sabre era simplesmente um homem, como foi John de Cumbriland. E quando visse frustrados seus planos dinásticos, possivelmente chegaria a ser como ele, devido às sombras e o desespero que povoavam sua alma.

Um calado grito de protesto pelo que podia ter sido percorreu violentamente, o corpo de Meg, mas não permitiu que nenhum som saísse de seus lábios.

O barão voltou a pronunciar bruscamente o nome de sua esposa; entretanto, a única resposta que obteve foi o olhar desolado de uns olhos tristes, que sabiam que nunca teria um filho.

— Por que franze o cenho assim? —inquiriu irritado—. Tanto te custa deixar seu amante?

Meg não pronunciou uma palavra. Não tinha ânimo para falar e menos ainda para que ele zombasse de seus sentimentos; não um homem que não os tinha.

— Façamos um pacto - propôs ele com voz glacial — Quando me der dois filhos, mandarei você para Londres. Ali poderá ter os amantes que queira.

As lágrimas que a jovem mal conseguia conter faziam com que seus olhos parecessem ainda maiores.



— Nem sequer imagina o que quero – recriminou — Toda a vida soube que minha obrigação era me casar com o homem que fosse imposto, mas, mesmo assim, eu pensei que poderia me converter em uma boa esposa para o homem adequado. E agora...

Sua voz se desvaneceu, em um dolorido silêncio.

— E agora o que? —disse Dominic—. Fale.

— Agora sei que nunca será assim - murmurou Meg —. A primavera chegou, mas não para mim.

— Te esqueça de uma vez de Duncan — ordenou Dominic, com tom severo.

— Duncan? Mas...

— Está casada comigo - a interrompeu sem piedade — Eu sou o único marido que vai ter.

— E eu serei sua única esposa, até que a morte nos separe. Acaso me matará para poder te casar de novo e ter filhos? É esse o perigo que me fez despertar fria e trêmula?

— Do que está falando?

Meg encolheu os ombros. O rubor tinha desaparecido de suas bochechas e tremia visivelmente.

— Ouve isso? —sussurrou com medo.

— O que?

— Essa risada.

Dominic escutou com atenção.

— Não ouço nada.

— É lorde John.

—Como?

—E stá rindo. Sabe que sua maldição será mais poderosa do que foi ele em vida. — Os sombrios olhos verdes se cravaram em Dominic — Morrerá sem herdeiros.



Ao escutar aquelas terríveis palavras, o barão agarrou com força Meg pelos ombros.

— Você me dará filhos!

— Não - disse a jovem com voz trêmula, ignorando as frias lágrimas que percorriam seu rosto desolado —. Não há amor em ti, Dominic, o Sabre. E sem ele, jamais conseguirá o que quer.





Capítulo 13

Quando Simon voltou por fim à fortaleza, Dominic tinha trocado a roupa de batalha e estava sentado, comodamente, nas dependências privadas do senhor, longe do salão principal. O que uma vez fora um leito de doente se transformou naquela manhã em uma luxuosa poltrona, feita especialmente para o barão, pois tinha decidido que naquela estadia teria a intimidade que o resto do castelo não lhe proporcionava.

O que Simon tinha averiguado, seguindo a pista de Meg, requeria essa intimidade. O rosto pálido de sua esposa, seu olhar perdido, e um silêncio que não se rompeu em nenhum momento durante sua volta ao castelo, perturbavam-no de uma maneira que lhe resultava difícil descrever, e muito menos compreender.

Além da discrição que Dominic procurava nas dependências principais da fortaleza, aquilo oferecia o calor necessário para aliviar o frio que parecia ter se estabelecido em seu interior. O fogo ardia vivamente em uma grande chaminé, cedendo terreno à umidade e os restos do inverno, e as largas e estreitas janelas protegiam o lugar da chuva da tarde, transformando-o nos aposentos mais belos do castelo.

— Parece que saiu do fosso - disse Dominic, quando Simon entrou deixando em sua caminhada, respingos de água.

— Assim me sinto.

— Te esquente. Em seguida falamos.

Enquanto seu irmão se dirigia para o fogo, despojando-se de sua capa e luvas empapadas, o barão se voltou para o servo que esperava na porta, disposto a servir seu senhor.



— Traz pão, queijo e uma jarra de cerveja - ordenou Dominic —. Também algo quente... — Olhou seu irmão e perguntou—: Que tal uma sopa?

— De acordo - respondeu Simon.

— E averigue onde está Gwyn - seguiu ordenando ao servo — Diga-lhe que venha aqui.

— Sim, milorde.

Sentado na poltrona com as costas eretas, Dominic deslizou entre seus dedos uma punhado de jóias, que repousavam em uma mesa próxima, enquanto esperava que os passos do servo se afastassem o suficiente para poder falar, sem temer ser ouvido.

Um som puro e melodioso invadiu o ar, procedente dos braceletes e correntes de ouro, que, certa vez, adornaram as mãos, tornozelos, quadris e cintura da concubina favorita de um importante sultão. Depois que Dominic conquistou uma cidadela na Terra Santa, a mulher foi devolvida intacta ao sultão. Entretanto, não ocorreu o mesmo com suas jóias.

— Como está seu falcão? —perguntou Simon, lembrando o presente do rei ao ouvir o som das pulseiras. Não queria mudar de assunto.

— Progride, com uma rapidez assombrosa — respondeu distraidamente Dominic —. Tirei-lhe o capuz depois de vir do bosque e não mostrou medo algum; nem sequer bateu suas asas. Veio com meu assobio, como se tivesse nascido para isso e se pousou sobre meu braço. Amanhã a tarde, a tirarei das falcoarias e a levarei sobre minha mão por toda a fortaleza. Não acredito que demore muito para conseguir levá-la para caçar.

— Excelente - opinou Simon, aliviado de que algo fora bem.

— Sim... — O barão fechou os olhos um momento, como se quisesse escutar melhor o harmonioso som das jóias — Dá a impressão de que já está adestrada - disse depois de uma pausa.

— Você acha?



— Pode ser. Embora seja estranho, tendo em conta que foi capturada com uma rede. Não a pegaram do ninho e sabe o que é a liberdade, por isso domá-la é muito mais complicado. Mas o encarregado dos falcões me assegurou que isso não importa, porque foi Meg quem cuidou dela, desde sua chegada.

Simon emitiu um som neutro.

— O que descobriu ao seguir seu rastro? — perguntou Dominic sem mudar a inflexão de sua voz. Entretanto, a sutil diferença em seu tom, foi suficiente para recordar a Simon quanto interessava a seu irmão a resposta.

— Nada - respondeu sem rodeios— O cão perdeu o rastro.

O som das pequenas correntes douradas silenciou, quando o barão olhou fixamente Simon.

— Perdeu o rastro? — perguntou — Leaper tem o olfato mais agudo do que qualquer outro cão de caça que tenha adestrado!

— Certo.

— O que viu ali?

— Um enorme cervo, que vive perto da nascente do riacho que desemboca no rio de Blackthorne, uma águia e cinco corvos que brigavam por uma presa, e rastros de uma raposa que tinha caçado uma lebre.

— Algum rastro de cavalos? —rugiu Dominic.

— Absolutamente.

— E de bois, carros ou rastros de botas? — insistiu.

— Nada.

— Onde perdeu o rastro?

— Exatamente onde Meg disse que o faria: nas rochas que rodeiam o monte sagrado.

— E não havia rastro de ninguém mais?

— Não - disse brevemente Simon —. É impossível que Duncan de Maxwell ou qualquer outro homem estivesse ali com sua esposa, esta manhã.



Dominic grunhiu.

— Pode ser que só estivesse fazendo o que disse: recolhendo plantas - assinalou Simon.

— Talvez, mas podia as haver recolhido mais perto da fortaleza.

— Averiguaste se essas plantas têm uma finalidade específica?

— Mostrei uma folha ao jardineiro e disse que nunca tinha visto nada semelhante - comentou o barão.

Dominic necessitava tempo para pensar. Tinha demonstrado ser um magnífico estrategista na Terra Santa, mas na batalha que estava liderando com sua esposa, estava fracassando estrepitosamente. E ele precisava ganhar. Era crucial para seu futuro.

— Pode ser que tenha julgado mal minha esposa — refletiu em voz alta—. Sim, tratei-a mal.

— Como? Qualquer outro marido lhe teria dado uma boa surra por ir sozinha ao bosque, sem avisar a ninguém.

— Como sabe que não fiz? —inquiriu Dominic, com voz tranqüila.

— Depois de te libertar da prisão, jurou que nunca permitiria o castigo com açoites nem chicotadas, quando tivesse seus próprios domínios. Conheço-te bem, irmão; é um homem de palavra.

Escutar Simon fez que o barão recordasse o horror de seu cativeiro; mas rapidamente o relegou ao mais escuro canto de sua mente, embora não pudesse evitar que ressurgisse em sonhos.

— Dei-te obrigado por aquilo?

— Salvamos a vida tantas vezes um do outro, que é impossível contar - assinalou Simon secamente.

— Não foi minha vida que salvou, mas minha alma.

De novo soaram as pequenas correntes, agitadas pelo punho do Dominic.

—Tenho uma nova missão para ti - disse depois de uma pausa — a de guardião.



Simon se voltou rapidamente, afastando o olhar do fogo.

— Sven descobriu mais alguma ameaça contra ti?

— Não me protegerá, mas Meg.

— Como pode me pedir isso? —perguntou-lhe indignado.

— Em quem mais posso confiar para que não seduza a minha esposa, nem se deixe seduzir? — inquiriu Dominic.

— Agora entendo por que os sultões utilizam eunucos.

— Não te pediria esse sacrifício.

— Deus! —exclamou Simon, passando uma mão pelo cabelo — Devo-te muito, Dominic, mas não minha dignidade!

A risada do barão se mesclou com o leve tinido das jóias que deslizavam entre seus dedos.

— Seu trabalho será vigiar que ninguém visite os aposentos de Meg, exceto eu - explicou.

— E sua donzela?

— Também permanecerá afastada. — Fez uma pausa — Serei eu quem ajudara a minha esposa a vestir-se e a despir-se.

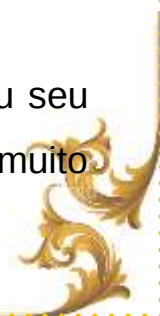
Simon tentou não rir, mas a diversão era evidente em seu atrativo rosto.

— Meg merece um castigo especial por colocar a si mesma em perigo - refletiu Dominic, em voz alta — Vou tratá-la como um falcão selvagem. Comerá de minha mão e beberá de minha boca; quando dormir, será junto a mim, e quando despertar, será minha respiração que ouvirá e meu calor que a cubra.

Intrigado, seu irmão arqueou uma sobrancelha.

— Afirma que não a conheço e está certo - continuou o barão — O engano é meu. No princípio, parecia disposta que este matrimônio funcionasse, entretanto, por alguma razão, agora voltou atrás.

Simon se perguntava, em silêncio, o que teria ocorrido quando deixou seu irmão e Meg a sós no bosque, mas não disse nada. Conhecia Dominic muito.



bem para se intrometer, uma vez que começava a planejar como conquistar uma fortaleza... Ou uma mulher.

— Quando souber se está grávida ou não — sentenciou —, conhecerei minha esposa melhor do que qualquer pessoa neste mundo.

— Comunicou a ela que é uma prisioneira em seu próprio lar? —inquiriu Simon com tom neutro.

— Sim.

— E o que disse?

Os olhos do barão se entrecerraram até converter-se em duas estreitas linhas.

— Nada. Não tornou a falar desde que me informou que morreria sem descendência.

— Deus santo! — exclamou seu irmão, assombrado.

Antes que Dominic pudesse seguir relatando o ocorrido, voltou o servo, acompanhado de Gwyn. Quando Simon começou a comer depois que o criado serviu o jantar e se retirou, o barão convidou à anciã para que se aproximasse.

— Jantaste já? — perguntou, educadamente.

— Sim, milorde. Obrigado.

Dominic fez uma pausa para perguntar-se qual seria a melhor maneira de abordar o tema de sua esposa glendruid, de malefícios e esperanças, de superstição e verdade; e das conexões secretas que os unem. Finalmente, decidiu abordar o tema de forma direta.

— Me fale das glendruid — lhe ordenou.

— São apenas mulheres.

ÀS costas do barão, se ouviu a risada contida de Simon mesclada com uma maldição.

— Eu já tinha reparado nesse detalhe em particular - assinalou Dominic com calma aparente.



Os olhos claros de Gwyn se iluminaram, com um leve brilho de humor.

— Acaso deseja saber algo mais, milorde?

— Sim - respondeu rapidamente — Quero saber no que se diferenciam as glendruoid do resto das mulheres.

— A cor de seus olhos é de um verde muito intenso.

Dominic grunhiu.

— Continue.

— Têm uma conexão especial com as plantas e os animais.

O barão esperou.

Gwyn também.

— Deus - estalou Dominic, exasperado — Fale de uma vez!

— Seria mais fácil se me dissesse o que quer saber - se limitou a dizer Gwyn, serena — Mas se não for assim, estarei encantada de começar a relatar o nascimento de lady Margaret e avançar até o dia de hoje. Meus velhos ossos desfrutam do calor da chaminé.

O barão se apoiou no respaldo da poltrona e estudou à anciã. Ela o olhou fixamente, com a mesma arrogância, mas com menos agressividade.

— Sei que as mulheres glendruoid são obstinadas - disse Dominic ao cabo de uns segundos.

— Assim é.

— Temerárias.

Gwyn inclinou a cabeça, como se estivesse refletindo.

— Não somos covardes - reconheceu por uns momentos. Fez uma pausa e logo acrescentou — Há uma diferença, milorde.

— Sim - concordou Dominic, surpreso pela inteligência da anciã.

— A definição exata seria dizer que têm coragem.

Pensativo, afrouxou a mão e tocou, de forma ausente, uma pequena corrente, enquanto considerava sua seguinte linha de ataque. O suave tinido chamou a atenção de Gwyn, que girou a cabeça para a exótica jóia.



— Esse som se assemelha ao sussurro do vento entre as flores - comentou com voz suave.

Dominic a olhou de novo.

— De novo me surpreende, anciã.

— É difícil surpreender a um homem que centra sua atenção em somente uma coisa.

— Está se referindo a mim? —inquiriu o barão com secura.

Gwyn assentiu.

— Em que centro minha atenção? — quis saber.

— Em ter herdeiros.

— Não é isso o que quer qualquer homem?

— Não - se apressou a responder à anciã — Outros homens querem muitas outras coisas. Alguns as esperam uma a uma; outros as querem todas de uma vez.

— E ficam sem nada.

Agora foi Gwyn a surpreendida.

— Sim – afirmou — Assim é. Mas você não é como outros. Está obcecado com somente uma coisa: um filho.

Os olhos do barão se contraíram até converter-se em pedaços de gelo.

— De nada me serve essa obsessão - assinalou com um falso tom suave — já que estou casado com uma mulher estéril.

— Isso não é verdade!

Não havia sombra de dúvida na voz da anciã.

— Então, por que Meg está convencida de que morrerei sem descendência? — rugiu Dominic, enquanto ficava de pé.

Gwyn arregalou os olhos, ao ver o imponente guerreiro que se erguia diante dela, e perceber, pela primeira vez, de quão profunda era a ira que ocultava.

— Foi isso o que lhe disse? —perguntou Gwyn atentamente.

— Sim.



— Preciso saber as palavras exatas que pronunciou milorde. Devo estar segura.

Por um momento, o normando pensou em negar. Entretanto, havia algo nos olhos da anciã que lhe impulsionou a fazer o que lhe pedia.

— Disse: «Não há amor em ti, Dominic, o Sabre. “E sem ele, jamais conseguirá o que quer.»

O som que emitiu Gwyn poderia ter sido um suspiro ou um gesto contido de dor. Fosse o que fosse, foi absorvido pelo suave rumor do fogo. Com um gesto cansado, esfregou os olhos sem que seu rosto manifestasse nenhuma emoção e depois olhou de novo a Dominic.

— Meg não é estéril, barão. Mas nenhuma mulher glendruid poderá ter um filho varão, se não houver amor entre seus pais.

— Como pode ser isso, anciã?

— Não sei - admitiu com pesar — Só posso lhe dizer que ocorre desde que se perdeu o lobo dos glendruid, um broche que devia ser usado por nosso líder.

— Quanto tempo faz isso?

— Tantos anos que nem sequer eu posso me lembrar, milorde.

— Pretende que acredite que, em todo esse tempo, nenhum homem enganou a sua esposa e lhe tem feito acreditar que a amava? — A voz de Dominic estava carregada de sarcasmo.

Gwyn encolheu os ombros.

— As mentiras que contaram não importam. Muitas mulheres glendruid quiseram ter filhos para trazer paz a seu mundo e nenhuma conseguiu.

O barão entrecerrou os olhos. As palavras de Gwyn não o agradaram, assim como não gostava de descobrir as armadilhas e fortificações de uma cidade que devia conquistar.

— É certo o que disse lorde John - murmurou Dominic — As glendruid são frias como o gelo.



A anciã esboçou um estranho sorriso.

— Acredita em John ou no que você mesmo experimentou?

O corpo de Dominic se esticou, ao recordar como tinha vibrado Meg entre seus braços na noite de suas bodas.

— Então, por que as bruxas não amam? São incapazes de fazê-lo? — quis saber.

— Algumas sim. Mas não Meg. Nela habita um grande amor. Pergunte a qualquer pessoa do castelo.

— Mas se as glendruid podem amar, por que depois de tantos anos não tiveram filhos varões? — insistiu o barão — Acaso se casaram com animais indignos delas?

— Animais? Não. Simplesmente se casaram com homens, senhor. Só homens.

— Se explique de uma vez - a insistiu impaciente.

— Para que? Escolheu não entender. Poderia entregar você sua alma a uma mulher que só quer lhe utilizar para obter terras, riquezas e filhos?

— O que está dizendo?

— Poderia — continuou a anciã, implacável — se permitir amar alguma mulher? Poderia compartilhar sua alma com ela?

Dominic a olhou, incrédulo.

— É obvio que não. Jamais cederei o controle sobre meu destino a ninguém, seja homem ou mulher!

Os olhos de Gwyn se encheram de lágrimas, mas não caíram. Tinha vivido o suficiente para saber que, em ocasiões como aquela, as lágrimas não serviam de nada.

— Então não terão filhos, e eu estarei condenada a esperar outra geração rezando para nos libertar da maldição.

— Não acredito em suas palavras - objetou irritado.



— Acredite nisto: as mulheres glendruid podem ver além da beleza de um homem; podem contemplar sua alma, saber o que habita nela. — Fez uma pausa —. Saber tudo de alguém e amar, apesar de tudo, pode ser muito difícil. Às vezes penso que é impossível, e Meg, milorde, é só uma mulher.

O olhar de Dominic se converteu em gelo, refletindo o frio que se condensava em seu interior, assim como a escura ira que lhe invadia. De repente, golpeou a mesa com o punho, fazendo com que as correntes de ouro saltassem e emitissem um breve som.

Logo, fez-se um silêncio que ninguém interrompeu.

Simon olhou à mulher e depois a seu irmão, que parecia estar refletindo sobre o que tinha escutado. Aquilo fez com que a tensão o abandonasse, pouco a pouco. Se Dominic se concentrava em algum objetivo, não havia fortaleza, cidade ou mulher que não pudesse conseguir por meio da força, da astúcia... Ou da traição.

Depois de uns longos minutos de silêncio, o barão observou uma vez mais, a anciã. Seu olhar era como o aço, duro e inflexível, igual a sua voz.

— Obrigado, Gwyn. Esclareceu muitas coisas.

Era o final da conversa e a anciã sabia; sacudiu a cabeça com pesar e saiu, sem um ruído, como a fumaça.

Dominic se voltou então para seu irmão e lhe perguntou, diretamente:

— O que acha?

— Que ela acredita firmemente no que nos contou.

— Sim - concordou o barão, tenso. Vivi o suficiente para saber que esse tipo de crença pode empurrar os homens à guerra.

— Ou invocar maldições?

Dominic golpeou a mesa outra vez, fazendo com que as jóias deixassem escapar de novo seu melodioso som.

— O que vai fazer? — perguntou Simon depois de um momento.

— Pedirá a anulação do matrimônio porque ela não é fértil?



— Não - jurou Dominic — Nunca.

A força de sua imediata resposta surpreendeu a ambos.

— Poderíamos manter a fortaleza sob controle, embora os vassalos se rebelassem - assinalou Simon—. E se os habitantes de Blackthorne se negassem a cultivar a terra para ti, nosso pai poderia enviar camponeses da Normandia; ficariam encantados de vir para um lugar no qual pudessem ter seu próprio terreno e animais.

— Sei.

O barão não disse nada mais. A solução que oferecia Simon era factível, mas Dominic a rechaçou imediatamente, sem pensar. Não conseguia explicar por quê. Somente sabia que todos seus instintos se rebelavam ante a idéia de separar-se de Meg.

Franzindo o cenho, Dominic observou as delicadas correntes douradas, que emitiam agradáveis sons musicais com qualquer movimento.

Como escutar o sussurro da brisa sobre as flores...

Se as bruxas glendruid pudessem amar...

— Sim! É isso!

— O que?

— A solução, irmão, é muito simples. Tenho que fazer com que Meg me ame.





Capítulo 14

Dominic e Simon atravessaram o grande salão para uma das escadas que lhes permitia acessar a três das quatro torres da fortaleza. O agradável som das jóias que o barão levava na mão esquerda se perdeu no ruído que produziam os servos, limpando e polindo o chão de madeira do castelo.

Uma vez limpo, mais servos se apressavam com cubos de água, sabão e escovas, enquanto outros amontoavam o junco sujo em um canto, para queimá-lo.

No meio de toda aquela agitação, o senescal ia com pressa de um grupo de servos a outro, lhes animando para que trabalhassem melhor e mais depressa para satisfazer ao barão de Blackthorne Keep.

— Ao menos o senescal sabe quem é o novo senhor - murmurou Dominic entre dentes.

— Todos sabem. Mas para alguns é mais difícil aceitá-lo.

— Será melhor para eles assimilar o quanto antes - replicou o barão, começando a subir as escadas — Se há algo que não suporto é sujeira.

— Seus cavalheiros sabem bem, irmão. E duvido que sua mulher demore a aprender.

— Não é necessário que o faça. Meg se banha todos os dias. A limpeza de seus aposentos me faz pensar que era lorde John, e não ela, o culpado do deplorável estado do castelo.

Pisadas de botas de couro ressoavam, ritmicamente. enquanto os irmãos subiam a escada que ia para a direita. Se eles tivessem tentado tomar a fortaleza de assalto, teria sido uma desvantagem o fato de que todos seus



cavaleiros fossem destros; era muito mais fácil defender as escadas que as atacar, porque o muro de pedra impedia de lançar estocadas nos atacantes. Os defensores, em troca, não tinham esse obstáculo. O fio de suas espadas só encontraria ao inimigo e não ao muro da torre.

Dominic subiu os últimos três degraus e percorreu o corredor que conduzia às dependências de sua esposa, ignorando as duas portas que se abriram enquanto passava. De uma delas saiu Eadith; da outra, Enjoe.

Não tinha vontade de ver nenhuma das duas. Eadith tinha lhe incomodado desde o primeiro momento que a viu e, de fato, nem sequer cuidava de sua higiene pessoal. E tampouco gostava da companhia de Enjoe.

Irritado, o barão percebeu do que gostava em Meg; ela não parecia interessada em descobrir o que continham os cofres que trouxe com ele para a fortaleza.

Em realidade, somente queria cuidar de suas malditas plantas. Ainda achava difícil acreditar que saía sozinha da fortaleza, arriscando sua própria segurança, unicamente para compilar umas estranhas folhas. Mas não havia nenhuma outra explicação para o ocorrido.

Dominic se perguntava se umas horas de silêncio teriam predisposto a jovem para falar com ele. Possivelmente, as jóias que pretendia lhe dar de presente pudessem devolver a alegria que pareciam ter perdido seus olhos, depois que a encontrou no bosque.

Quando por fim chegou à porta de sua esposa, encontrou-a fechada.

— Abre, Meg - lhe ordenou, golpeando a grossa madeira com impaciência—. Sou eu, Dominic.

Ao não obter nenhuma resposta, chamou com mais força.

— Meg, abra de uma vez. — A força de seu punho fez tremer a madeira — Se não abrir, derrubarei esta maldita porta!

De repente, a porta se abriu.



— Meg, você e eu vamos ter que estabelecer mínimas regras de cortesia. Espero que...

Suas palavras ficaram suspensas no ar quando se deu conta de que a grossa madeira tinha cedido sob seus golpes.

Sentindo que a ira ameaçava lhe invadir, entrou no aposento, só para encontrá-lo vazio.

— Maldita seja - rugiu, atirando as jóias sobre a cama. - Escapou de novo.

Com rapidez, Dominic e Simon inspecionaram todas as dependências nas quais poderiam encontrar Meg, incluindo os aposentos das donzelas.

Foi em vão.

Sem perder um segundo, dirigiram-se ao portão principal do castelo que levava até o pátio. O homem que se encarregava da guarda estava, sem dúvidas, tão aborrecido quanto aparentava.

— Viu sair lady Margaret? — espetou-lhe o barão sem rodeios.

— Não, milorde - se apressou a responder o soldado.

— Ordenaram-me que não a deixasse sair a não ser que fosse acompanhada pelo senhor.

Dominic grunhiu.

— E a donzela pessoal da senhora? — interveio Simon — Viu-a?

— Não. Somente saíram do castelo as servas, e as examinei cuidadosamente, uma por uma.

— Não duvido - ironizou Dominic.

Todos os soldados da fortaleza tinham sido duramente repreendidos por terem deixado sair lady Margaret nessa manhã, confundindo-a com uma serva.

— E agora o que fazemos? — perguntou Simon olhando a seu irmão — Vamos procurar Eadith?

Dominic fez uma careta. Por muito que lhe desgostasse a donzela de Meg, era provável que soubesse melhor do que ninguém onde estava sua senhora.



— Por onde começamos? — A voz do barão refletia sua frustração. — Pelas aldeias ou nas dependências dos soldados?

— Virá uma tormenta.

— Então, nos esqueçamos das aldeias. Não acredito que Eadith goste da chuva.

Num silêncio no qual se podia quase tocar a irritação de Dominic, os dois irmãos se dirigiram em busca da donzela.

Desde que Duncan e os Reeves partiram, Eadith tinha passado muito tempo fiscalizando as aldeias e paquerando com os soldados que estavam de guarda. Entretanto, quando chovia ou fazia mal tempo, rondava ao redor do poço, supostamente fiscalizando que os servos tirassem a água necessária para o castelo. Embora, em realidade, o que fazia era passear diante das dependências dos soldados, que se achavam muito perto do poço.

À medida que os irmãos se aproximavam de seu destino, puderam escutar com mais clareza o ruído produzido pelos cavalheiros e escudeiros da guarnição, e as servas que cantavam animadamente, ao conduzir água em um grande balde de madeira. Entre as vozes masculinas, era fácil distinguir as risadas femininas.

Quando Dominic e Simon entraram na guarnição, a primeira pessoa que viram foi Eadith e Enjoe ao lado de Thomas. Ambas as mulheres pareciam estar interessadas em captar a atenção dos ávidos olhos do cavalheiro e de suas mãos.

— Possivelmente deveria ter economizado o sustento de Enjoe e de seus caprichos - comentou Simon em voz baixa.

— A partir de agora, Enjoe ganhará a vida costurando - se limitou a responder seu irmão.

— E Eadith?

— Ela já decidiu seu caminho.



Thomas se precaveu da presença de seu senhor, antes das mulheres. Com rapidez, inclinou a cabeça em sinal de respeito, sendo consciente de que tinha sido surpreendido cometendo uma falta, quando deveria estar treinando.

— Thomas, o arsenal se encontra muito oxidado. Quando não estiver ensinando aos homens a montar ou a usar a espada com uma só mão, encarregar-te-á de fiscalizar que as armas sejam limpas minuciosamente - lhe ordenou Dominic, sem preâmbulos.

— Sim, milorde - respondeu Thomas, afastando a mão do quadril de Eadith

— Quando começo?

— Neste instante. Faz uma lista do que necessita e me entregue amanhã pela manhã.

— Sim, milorde.

O cavaleiro prendeu o manto que os hábeis dedos de Enjoe tinham desatado, lhes piscou os olhos e se foi.

— Enjoe - disse Dominic.

A bela mulher olhou para o barão com olhos tão negros como os de Simon, sem poder ocultar a alegria de ter captado, por fim, a atenção de seu senhor.

— Sim, milorde? Deseja algo de mim?

— Te dá bastante bem à costura. A partir de hoje, te ocupará do vestuário de minha esposa. Pode utilizar com total liberdade as sedas que trouxe de Jerusalém e as procedentes da Normandia e Londres. Se necessitar qualquer outra coisa, venha me ver, imediatamente.

A jovem deixou de sorrir, mas assentiu, aceitando as ordens de seu senhor.

— Não terá muito trabalho - comentou Eadith a Enjoe, quando a normanda se voltou para partir — Lady Margaret só se importa com seus jardins e suas flores.

— Enjoe. — Dominic não tinha elevado a voz, mas foi suficiente para que a jovem se detivesse — Se servir bem a minha esposa, recompensar-te-ei com suas próprias sedas.



— Preferiria outro tipo de recompensa - murmurou sorridente.

O barão sacudiu a cabeça.

— Vá agora.

— Quando se cansar de sua esposa, milorde, venha para me ver — disse, com uma voz suficientemente alta para que todos a ouvissem, ao mesmo tempo que lhe dirigia um olhar carregado de lembranças.

— Vá — repetiu Dominic. Mas não havia dureza em sua voz.

A jovem obedeceu e o barão observou sua marcha com um turvo sorriso. Os quadris femininos balançavam, em um silêncio, mas inconfundível convite e a fina lã de sua túnica se adaptava a suas curvas com perfeição, revelando a rigidez do sensual corpo que cobria.

— Sabe onde está sua senhora? — inquiriu Dominic, voltando-se para Eadith.

— Não, barão. — Fez uma pausa e logo se atreveu a brincar — A perdeu novamente, em tão pouco tempo?

Simon se assombrou da imprudência da mulher. Seu irmão tratava com justiça seus vassallos, mas isso não significava que pudessem tomar liberdades.

— Tem família? — perguntou-lhe Dominic em tom neutro.

— No castelo de Blackthorne?

— Sim.

Eadith negou com a cabeça.

— Sente vocação pela Igreja? — seguiu perguntando o barão.

— Não - respondeu surpreendida.

— Então, suponho que devo seguir te mantendo, como um simples ato de caridade cristã. Mas, a partir de hoje, fica relegada a fiscalizar o tanque e a cozinha.

Atônita, a donzela o olhou fixamente.

— É isso o que lady Margaret deseja?



— Como poderia sabê-lo? — zombou Dominic—. Não deixo de perdê-la, como você mesma lembrou. De qualquer forma, não importa a opinião de minha esposa. Em tudo o que concerne ao castelo, sou o único que manda.

O rosto de Eadith adquiriu uma palidez mortal e seus olhos se encheram de lágrimas.

— Por favor, milorde, me perdoe. Reconheço que me excedi. Os últimos dias foram difíceis - acrescentou depressa — A morte de lorde John, as bodas, o banimento de Sir Duncan, a chegada dos normandos...

A donzela deixou de falar no momento em que se deu conta do que estava revelando.

— Deve ser difícil para ti me servir - assinalou o barão — tendo em conta que seu pai morreu na guerra entre saxões e normandos.

— Sim, milorde - sussurrou, enquanto brincava com o alfinete de ouro que lhe tinha dado Dominic — E também morreram meus irmãos e meu marido.

— Isso é passado. - afirmou cortante—. Se quiser seguir lutando, terá que ir para outro lugar.

Desesperada, Eadith se ajoelhou e lhe agarrou uma mão.

— Não, rogo-lhes isso. Deixe que fique aqui até... — interrompeu-se.

— Até? —insistiu-a.

— Não conheço outro lar. Não quero outro lar. Por favor, milorde, deixe que eu fique. Farei tudo que me peça.

O primeiro impulso do normando foi afastar a mão, entretanto, não o fez, pois tinha aprendido que seguir seus impulsos não era a melhor forma de conseguir o que queria.

— Tudo? —repetiu ele brandamente.

— Sim - respondeu sem olhá-lo.

— Então, te levante e me diga onde costuma ficar minha esposa.

Eadith permaneceu de joelhos, apertando a mão de Dominic contra seus seios.



— O jardim, as falcoarias, o...

— Dentro do castelo - a interrompeu, liberando sua mão sem logo que ocultar sua aversão.

— O herbário, a capela e o banho. — Fez uma pausa e logo acrescentou — Sobretudo, o banho. Duncan e ela estavam acostumados a ficarem muito tempo ali. O sabão de milady é muito agradável.

Ao ver a expressão de ira de seu senhor, Eadith tentou suavizar suas palavras.

— Me desculpe se disse algo que lhe ofendeu, milorde. — se apressou a dizer — Estou segura de que tudo era bastante inocente.

—Vá à capela - ordenou Dominic entre dentes a Simon — E leve Eadith contigo.

Sem dizer mais, o barão deu a volta e abandonou o lugar. As escadas que levavam até o herbário eram estreitas e logo que estavam iluminadas, já que se encontravam na parte atrás da fortaleza, onde a edificação se fundia com o topo da rochosa colina.

Dominic agarrou uma tocha e a aproximou da vela que sempre se mantinha acesa na entrada do castelo. Quando a tocha ardeu, o sombrio resplendor laranja revelou uma descuidada construção.

O ar era frio, úmido, e estava carregado com o aroma próprio de um herbário. Dominic avançou rapidamente pelo estreito corredor, tentando controlar sua raiva ao pensar em Meg e Duncan no banheiro. Disse a si mesmo que não importava o que ela tivesse feito antes de se tornar sua esposa. Mas não era verdade. Importava. E muito.

Sabia que não era justo, já que Meg tinha estado comprometida com Duncan. O rei tinha rechaçado esse matrimônio e todos os outros que lorde John tinha proposto. Era natural que a jovem procurasse prazer em alguém por quem sentisse afeto. Mas mesmo assim, a imagem de sua esposa nos



braços do escocês fazia com que uma raiva assassina fervesse no sangue do normando.

Tentando controlar sua fúria, obrigou a si mesmo a observar o estado das estadias que havia em ambos os lados do corredor, comprovando que estavam perfeitamente limpas. Era evidente que sua esposa cuidava bem do lugar.

Oxalá a obediência também fosse outra de suas qualidades, pensou Dominic.

Quando por fim chegou ao herbário, teve que inclinar a cabeça para evitar bater no marco da porta. Tão logo se ergueu, a voz de Meg chegou até ele. Estava de costas, inclinada sobre uma larga mesa de pedra, que parecia ser parte da construção, amassando algo parecido com um pilão.

— Seja quem for — disse a jovem sem dar a volta — deixe a tocha lá fora. Polui o ar do herbário. Quantas vezes tenho que dizer para que entendam?

— Tantas quantas as que eu tenha que repetir que fique em seus aposentos? — replicou Dominic, mordaz.

Meg se voltou rapidamente. À agitada luz da tocha, seus olhos se viam assustados e sua pele parecia ter adquirido um brilho dourado semelhante às jóias que Dominic tinha atirado, aborrecido, sobre sua cama.

— O que faz em meu herbário? — perguntou-lhe assombrada.

— Não é seu herbário, milady. É meu, como o resto do castelo — assinalou cortante — Seria melhor lembrar disso.

Sem dizer nada, Meg voltou-se para continuar trabalhando com o pilão. Lançou um rápido olhar ao relógio de água e acelerou o ritmo de seus golpes.

— Estou falando com você - insistiu Dominic, tentando controlar a ira.

— Estou escutando.

— E também me escutou quando te disse que devia permanecer em seus aposentos, a não ser que saísse comigo?

Silêncio.



— Me responda - exigiu com violência.

— Sim, escutei.

— Então, por que está aqui?

— O herbário é parte de meus aposentos - replicou Meg.

— Não ponha a prova minha paciência - lhe advertiu, apertando os lábios com força.

— Como poderia fazê-lo, se não a tem? — murmurou à jovem.

Ouvir aquilo fez com que o autocontrole de Dominic ficasse em pedaços. Atravessou o aposento com três largas pernadas e agarrou Meg pelo braço.

— Basta de tolices - rugiu cortante — Prometeu diante de Deus me obedecer e Por Deus que o fará. Volta para seu quarto, milady.

— Me conceda uns minutos — lhe rogou — Tenho que trabalhar com estas folhas um pouco mais.

O barão não discutiu. Simplesmente se voltou para sair, arrastando a jovem com ele.

Meg tampouco tentou discutir. O medo que a afligia em seus sonhos, explodiu em sua mente e fez com que visse tudo negro. Desesperada, afastou seu braço e se retorceu, em um intento por libertar-se.

— Por todos os diabos... — resmungou Dominic.

A jovem soltou o pilão que segurava e arranhou seu marido na mão, tentando lhe obrigar a soltá-la. Os firmes dedos não cederam nem um pouco, assim tentou abri-los um a um.

Tudo foi em vão. Ele era muito mais forte que ela.

— Fique quieta antes que te faça mal — lhe advertiu Dominic com secura.

— Me solte!

— Não até que te encontre em seus aposentos.

— Não - protestou Meg com voz quebrada — Devo acabar o que comecei!

O barão a soltou só para agarrá-la de novo, com violência. No espaço de um segundo, Meg se encontrou no ar, agitando os pés, apanhada pelo



poderoso braço do normando. Pensando somente nas insubstituíveis folhas que devia preparar imediatamente ou se estragariam, debateu-se, em silêncio, ante a força superior.

A tocha descia e formava arcos, enquanto Dominic tentava fazer Meg permanecer quieta. As perigosas chamas se aproximavam perigosamente dos olhos, do cabelo e da bochecha da jovem, mas ela parecia não dar-se conta disso. Seu diadema, junto com o véu, caiu ao chão, fazendo com que seus cabelos se espalhassem, desordenadamente.

—Maldita seja - rugiu Dominic — Vai se queimar viva, pequena estúpida!

Meg pareceu não ouvi-lo e seguiu lutando, até que as chamas quase roçaram seu desprotegido braço quando tentou alcançar o rosto de seu marido. Depois de soltar um violento juramento, o normando atirou a tocha e a apagou, pisando-a com seus próprios pés.

Uma vez que dispôs das duas mãos, Dominic acabou rápido com as resistências dela. Antes que Meg soubesse o que tinha acontecido, o duro corpo masculino a aprisionava contra o muro, mal lhe permitindo respirar.

O normando estudou o angustiado rosto de sua esposa e se perguntou o que a teria levado a atacá-lo assim. Tinha esperado que a jovem discutisse ou suplicasse, ou possivelmente que atravessasse o castelo, batendo o pé, zangada, quando ele insistisse em que ela o obedecesse. Mas não tinha imaginado que se debatesse daquela forma, como um gato selvagem encurralado.

Lentamente, as resistências de Meg cederam. Entre afogados suspiros, ergueu os olhos e observou seu marido, com olhos ferozes, enquanto tratava de encher seus pulmões de ar.

—Acabou? — perguntou Dominic, com um irônico tom educado.

A jovem assentiu.

—Bem, iremos a seus aposentos...

Dominic ficou calado, ao sentir a tensa reação do corpo de Meg.



— Se soltar você, voltará a resistir, não é? — Sua voz estava cheia de incredulidade.

Ela não disse nada. Não tinha que fazê-lo. A fria rigidez de seu corpo dizia tudo.

Assombrado, Dominic contemplou a sua esposa à luz das velas, agradavelmente aromatizadas, do herbário. Era evidente que Meg não tinha nenhuma oportunidade diante dele. Mas também era evidente que continuaria lutando até esgotar suas forças.

Fez-se um longo silêncio, cheio de ira, enquanto o barão estudava as sombras que atravessavam os olhos verdes da jovem. E de repente, recordou a causa inicial do problema.

— Está trabalhando com as folhas que recolheu esta manhã? - perguntou com curiosidade.

— Sim - sussurrou Meg, suplicante — Rogo-lhe isso, me deixe acabar. É mais importante do que imagina. Devo prepará-las antes que percam suas propriedades.

— Por quê?

— Não sei – reconheceu — Mas se não fizer, ocorrerá algo horrível no castelo.

Dominic inclinou a cabeça, pensativo, e, de repente, escutou a fraca e lenta destilação da água, em algum lugar próximo. Surpreso, voltou a cabeça e viu um estranho artefato, uma terrina de prata, suspensa sobre outra de ébano, no qual a água gotejava, de uma para outra, com velocidade.

— Tudo isto tem algo a ver com seus costumes glendruíd? —perguntou, olhando de novo à mulher que se convertia, a cada hora que passava em um mistério ainda maior para ele.

— Sim.

— A anciã Gwyn falou que tinha percebido um perigo esta manhã e disse que provavelmente você também o havia sentido.



Meg assentiu com ansiedade.

— De que perigo se trata?

— Não sei.

Dominic grunhiu.

— Parece que sabe pouco. Ou não me quer contar - Por que não negociamos? — falou com voz ronca — O que me oferece em troca de te permitir acabar esse trabalho?

— Tive um... Um sonho - lhe explicou em voz baixa—. Estava presa no meio de uma escuridão que me afogava, e logo vi as folhas dessa planta. Então soube que tinha que as recolher para evitar o desastre. Rogo-lhe isso, milorde. Permita-me que acabe o que comecei. Não poderei voltar a conseguir essas folhas antes de uma quinzena no mínimo, possivelmente duas. Por favor.

Meg olhou a seu marido com inquietação, sabendo que o futuro do castelo de Blackthorne dependia de que ele fosse razoável, apesar de saber que o tinha levado ao limite de seu controle.

Antes que Dominic dissesse uma só palavra, Meg soube a resposta. O contato do poderoso corpo mudou, sutilmente, ao relaxar-se contra o seu, e seu abraço deixou de transmitir ira para converter-se em sensualidade, fazendo com que a jovem fosse consciente dos firmes músculos que a mantinham cativa.

— Por que não negociamos? — tentou-a com voz rouca — O que me oferece em troca de que permita acabar essa beberagem?

—Tudo o que desejas de mim é um filho varão - murmurou Meg, tratando de ocultar a amargura em sua voz — E eu não tenho poder para lhe oferecer isso, milorde.

Os olhos de Dominic se entrecerraram em uma mescla de ira, humor e especulação.



— Entre um homem e uma mulher podem acontecer muitas coisas além de conceber filhos - assinalou Dominic.

— Seriamente? Nunca me falou delas

— É verdade - concordou lentamente — Deveria havê-lo feito.

— Milorde?

— Meu nome é Dominic - a corrigiu, enquanto roçava a boca dela com a sua — Deixe-me escutar meu nome em seus lábios.

— Dominic...

O barão absorveu a calidez do fôlego da jovem.

— Faz muito bem, doce bruxa.

Devagar, a contra gosto, Dominic afrouxou a pressão de seu corpo, sem libertá-la.

— Deve-me um favor, e eu decidirei o que fará por mim e quando - lhe advertiu, com voz tensa pelo desejo — De acordo?

— Sim.

— Já? Tão rápido? Não está preocupada com o que possa te pedir?

— Não - respondeu Meg com ansiedade, olhando para o relógio de água — Só estou preocupada com as folhas. Se não acabar logo, meu esforço não terá servido de nada.

— Me beije para selar nosso acordo.

— Agora? — perguntou, consternada.

— Por que não?

Meg lhe respondeu precipitadamente, sem saber de quanto tempo dispunha.

— Por que quando acabarmos de nos beijar será muito tarde; minha mente estará confusa e meus dedos torpes. Você... Seus beijos me transtornam.

Quando Dominic conseguiu decifrar suas atropeladas palavras, sorriu e acariciou com o polegar o lábio inferior de Meg, que tremia visivelmente.

— E Duncan? — murmurou ele.



— Duncan? — Meg piscou perplexa — Que diabos têm Duncan a ver com os beijos? Ele nunca teve esse efeito sobre mim.

— E eu?

— Sabe que sim - disse exasperada — Acabo de dizer isso E se não deixar de passar seu polegar por meus lábios, morder-te-ei!

— Como? Assim? — Aproximou uma das mãos cativas de Meg de sua boca, mordeu a base de seu dedo polegar com extremo cuidado e foi recompensado com uma repentina e sensual inspiração da jovem.

— Por favor, pare - implorou, trêmula — Devo manter a mão firme.

O normando tentou ocultar o prazer que sentiu ante sua reação, mas foi impossível. Deixou-a livre, jogou a cabeça para trás e soltou uma sonora gargalhada, que fizeram vibrar os muros ao seu redor.

— Acabe seu trabalho, doce feiticeira. Logo, iremos a seus aposentos e discutiremos a natureza de seu cativo...

Antes que tivesse acabado de falar, Simon apareceu na soleira do herbário.

— Encontrei-a?

— Sim - respondeu Dominic, com a voz ainda impregnada pela risada — Venha, esperaremos lá fora. A tocha que leva polui o ar do herbário de Meg.

Uma vez que se afastaram uns metros, Simon dirigiu um curioso olhar a seu irmão.

— Sua esposa deve ser realmente uma bruxa.

Dominic emitiu um som inquisitivo que pareceu um murmúrio satisfeito.

— Faz um momento pensei que a esfolaria viva quando a encontrasse — continuou Simon — E agora te encontro rindo ao seu lado.

O sorriso que o barão dedicou a seu irmão fez que este franzisse ainda mais o cenho.

— Começa a me preocupar - insistiu Simon.

— Por quê? Acaso não posso rir como outros homens fazem?

— Enfeitiçou-te - afirmou com secura.



— Embora seja assim, não me importa - repôs Dominic sorrindo.

— Deus santo. Vigia sua alma, irmão, ou logo Duncan de Maxwell tomará a traição o que não pôde tomar pela força.





Capítulo 15

Meg percorreu o castelo com o recipiente que continha a preciosa poção, bem abafado e seguro com ambas as mãos, até que chegou a seus aposentos. Em circunstâncias normais teria deixado maturar o antídoto em algum lugar escuro do herbário, mas temia o perder de vista.

Com uma mescla de irritação e diversão, Dominic observou como Meg abria um painel oculto no biombo de madeira que dividia seus aposentos em um dormitório e uma pequena sala. A jovem guardou o recipiente no local, fechou o painel e deixou escapar um comprido suspiro de alívio.

— Dirá a alguém onde está a garrafa? — perguntou com ansiedade, voltando-se para o silencioso homem que tinha seguido cada um de seus passos.

Dominic encolheu os ombros e fechou a porta atrás dele.

— Isso importa?

— Se ocorrer algo com essa poção, não poderei voltar a preparar mais antes de duas semanas. E então, pode ser que seja muito tarde.

— Por quê? Para que serve?

Meg pensou com rapidez, perguntando-se quanto podia contar a Dominic, sem romper a promessa de silêncio que tinha feito a Gwyn. Depois de uma breve vacilação, falou medindo suas palavras com cuidado, já que não gostava de mentir.

— Alguns dos remédios que preparo podem chegar a matar se não forem ministrados de forma correta. Isso... — a jovem assinalou para o lugar onde tinha oculto a garrafa —... É um antídoto para a poção mais forte que conheço para a dor. Depois que lorde John morreu, fiz um novo lote dessa medicina, assim é prudente preparar também o antídoto.



— Para quem?

— Não te entendo.

— Lorde John está morto. Para quem preparou uma medicina tão perigosa?

Aquela pergunta tão direta fez com que Meg estremecesse. De novo, voltou a escolher suas palavras com extremo cuidado, revelando só parte da verdade.

— Observei que os treinamentos de seus soldados são muito violentos. Cedo ou tarde, um de seus homens ferirá outro. Agora já estou preparada para lhes ajudar.

Durante um longo tempo, Dominic estudou os belos olhos verdes que o contemplavam, com uma ansiedade mal disfarçada. Suspeitava que estivesse ocultando algo, mas não havia modo algum de averiguar do que se tratava.

— Não o direi a ninguém, à exceção de Simon - disse ele finalmente.

— Por favor, te assegure de que não o diga a ninguém mais.

O normando assentiu, antes de lhe dirigir um inquietante sorriso.

— Já me deve dois favores, esposa.

As bochechas de Meg se ruborizaram, ante a mescla de sensualidade e triunfo que destilava o sorriso masculino.

— Sim. — Nervosa, voltou-se para se ocupar do fogo.

Dominic observou os movimentos graciosos da jovem ao inclinar-se sobre a lareira para remover as brasas e sentiu como seu corpo se esticava de desejo, a ponto de ser doloroso. Quanto mais tempo passava com sua esposa, mais impaciente ficava por fazê-la sua.

— Eadith apenas ganha seu sustento - assinalou com voz dura. Era evidente pela destreza de Meg, que era ela mesma quem se ocupava do fogo em seus aposentos.

— A que te refere?

— Sua donzela parece dedicar pouco tempo a cumprir com suas tarefas.



— É mais fácil fazer costuras por mim mesma, do que chamar alguém para fazer. Em todo caso, Eadith não teria sido nunca minha donzela, se seu pai ou seu marido estivessem vivos. Assim evito ferir seu orgulho sempre que possível.

— Sei o que aconteceu com sua família, mas o que ocorreu com suas terras? —interessou-se ele.

— O mesmo que aconteceu com toda a Inglaterra: o rei William ou seus filhos as tomaram e as dividiram entre os normandos.

Dominic escutou com atenção, entretanto, não descobriu nenhum rastro na voz de sua esposa do ódio que tinha percebido em Eadith quando falava dos normandos; um ódio que mais de um dos servos do castelo compartilhava. Nem tampouco escutou a negativa a aceitar que ele era o novo senhor de Blackthorne, que tinha sido evidente na voz de Duncan. A jovem se limitou a relatar os fatos tal e como tinham acontecido e nem sequer elevou o olhar do recipiente de latão onde se guardava a madeira para o fogo.

— Não odeia aos normandos como o fazem os habitantes do castelo? — inquiriu com curiosidade.

— Alguns deles são atroztes, sanguinários e cruéis - afirmou Meg sem rodeios enquanto escolhia um ramo de carvalho.

— Também se poderia dizer o mesmo dos escoceses ou dos homens que lutam em Terra Santa.

— A crueldade não conhece nenhuma fronteira - refletiu ela, ao mesmo tempo em que observava pensativa, como umas diminutas chamas lambiam a madeira que acabava de colocar na chaminé.

Depois de um longo silencio, Dominic se aproximou da cama e agarrou as largas correntes de ouro.

Atraída pelo doce som, Meg se voltou para ele.

— O que é isso?

— Um presente para ti.



A jovem ficou em pé e se aproximou do normando, cativada pelo melodioso tinido.

— De verdade? — perguntou surpresa.

— Usará por vontade própria ou terei que lhe exigir isso em troca de um dos favores que me deve?

— Oh, não. São preciosas. É obvio que colocarei.

— Mas não usa o broche que te dei de presente - insistiu Dominic.

— As glendruid só podem usar prata antes de casar.

O barão olhou de forma significativa o vestido de Meg, que carecia de qualquer adorno.

— Agora está casada.

Sem dizer uma palavra, a jovem desabotoou lentamente os laços dianteiros de seu vestido, para poder lhe mostrar que o broche estava preso no sutiã de sua roupa, justo entre seus seios.

— Sinto inveja de meu presente - comentou Dominic sem afastar a vista do decote de Meg.

Desconcertada, a jovem olhou aquele estranho que se converteu em seu marido por ordem do rei.

— Inveja, milorde?

— Sim. Eu gosto do lugar que escolheste para pôr isso.

— Não sei o que dizer — comentou Meg, agitada.

O rubor se estendeu pelas bochechas de Meg, enquanto, com certa estupidez, voltava a fechar o vestido sob o atento olhar de Dominic. Nervosa, pigarreou e assinalou as largas e delicadas correntes que ele sustentava na mão, tratando de ignorar o inquietante sorriso masculino.

— Como devo pôr isso? - perguntou curiosa.

— Mostrarei a você. — Com uma agilidade imprópria de um homem de seu tamanho, sentou-se sobre seus pés em frente dela — Apóia seu pé sobre minha coxa - lhe indicou.



Vacilante, a jovem obedeceu e soltou um gemido de assombro quando uns compridos e quentes dedos se fecharam com delicadeza ao redor de seu tornozelo. Antes que pudesse afastar o pé, a mão de Dominic o segurou, com firmeza, estabilizando-a e refreando-a a mesmo tempo.

— Tranqüila - lhe disse em voz baixa—. Não há nada que temer.

— É bastante perturbador - comentou Meg, agitada.

— Que lhe toque?

— Não. Perceber que um homem a que conheço só há uns dias tem direito de me tocar quando deseja e quando lhe agradar.

— Perturbador... — repetiu Dominic, pensativo — Dou-te medo? É por isso que fugiu no bosque?

— Sei que sentirei dor quando me fizer sua, mas já te disse que fui ao bosque por outra razão.

—Então, só foi ali pela poção?

— Sim.

As pequenas correntes soaram levemente, quando Dominic rodeou o tornozelo de Meg com uma delas e a prendeu. Depois, comprovando que estava bem fechada, deslizou a palma pela suave pele de sua perna. A jovem tomou ar de forma audível e o sutil estremecimento de seu corpo fez com que as jóias emitissem um melodioso sussurro.

— Por que acredita que sentirá dor quando te possuir? —perguntou Dominic, acariciando-a lentamente — Algum homem te machucou?

Meg voltou a tomar ar bruscamente.

— Dei-te minha palavra de que é o único que me tocou e a mantenho. Mas Eadith sempre diz que não há nenhum prazer em estar com um homem.

A mão de Dominic se deteve por um momento, e logo retomou as lentas e delicadas carícias.

— Entretanto, sua donzela não perde oportunidade de oferecer seu corpo a meus soldados - assinalou mordaz.



— É por obrigação, não por prazer. Está procurando um marido, como você procura um herdeiro.

Dominic era um estrategista muito bom para negar a verdade. Assim, se esquivou, distraíndo e desconcertando seu oponente.

— Você gosta que te acaricie? — disse em voz baixa, apertando a panturrilha de Meg com sensual cuidado.

A jovem ficou sem respiração.

— Eu... Acredito que sim. É estranho.

— O que é estranho?

— Sua mão é muito grande e forte. Faz com que me sinta frágil em comparação contigo.

— Isso te assusta?

— Deveria.

— Por quê? Acha que sou cruel, depois de tudo? — insistiu ele.

— Acredito que me alegro de que não golpeie os falcões.

Dominic riu, mas não deteve as lentas carícias com as quais sua palma percorria a panturrilha de Meg, atrasando-se na parte interior de seu joelho, fazendo com que doces calafrios percorressem o corpo da jovem.

— Estava muito furioso quando entrou no herbário - continuou ela, tentando não distrair-se.

— Sim.

— E é muito forte.

— Sim. — Dominic inclinou a cabeça e ocultou seu sorriso — Mas você enfrentou a mim de todos os modos, pequeno falcão.

O normando deslizou uma última vez as pontas dos dedos pela parte interior de seu joelho e pôde sentir a reação de Meg no sutil e quase reticente tremor de seu corpo. Com cuidado, agarrou o pé que descansava sobre sua coxa e o apoiou no chão.



— Agora o outro - indicou Dominic. Quando a jovem se moveu, as diminutas correntes repicaram sob sua túnica. Ela aguardou tensa, que ele continuasse as sensuais carícias enquanto rodeava seu tornozelo com a segunda corrente e a fechava. Mas, por mais perturbador que fosse sentir suas ásperas e cálidas mãos sobre sua pele, Meg descobriu que gostava das inquietantes sensações que provocavam suas carícias. Faziam-lhe desejar esquecer que sob a cuidadosa sedução de seu marido, ardia a fria ambição de um guerreiro com um claro objetivo.

Quando acabou sua tarefa, Dominic se ergueu, surpreendendo-a de novo, com sua agilidade. Estava tão perto dela que seus seios o roçavam cada vez que respirava.

— Agora as mãos. — Sua grave voz teve quase o mesmo efeito na jovem que seu toque.

Meg obedeceu e, timidamente, estendeu ambas as mãos.

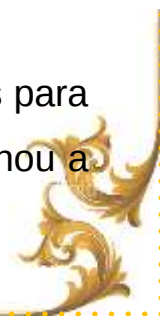
Em um silêncio que se via intensificado, de algum modo, pelo som das jóias, o normando fechou os braceletes ao redor das finas mãos de Meg. Quando acabou, ergueu as delicadas mãos da jovem e, lentamente, beijou o centro de cada palma, as saboreando com um único roçar de sua língua.

O som que emitiu Meg foi uma combinação de surpresa e descobrimento sensual. Dominic desejava beijar sua boca, mas a rígida ereção que evidenciava seu desejo ameaçava pôr em perigo o cuidadoso plano que devia manter, se queria ganhar a primeira batalha na sedução daquela formosa feiticeira pagã.

Devo manter o controle, recordou a si mesmo, com dureza. Tomá-la agora não me assegurará a vitória final.

Uma fria determinação percorreu o poderoso corpo masculino, mantendo frio seu desejo.

Soltando as mãos de Meg, Dominic a fez girar, até que ficou de costas para ele, e, com delicioso cuidado, retirou-lhe o diadema e o véu que ela tornou a



pôr depois do ocorrido no herbário. Na penumbra do quarto, seu cabelo brilhava gloriosamente sob a luz do fogo. A tentação de afundar os dedos na suave seda de seu cabelo foi tão grande que quase sucumbiu a ela, mas, contendo-se uma vez mais, limitou-se a entrelaçar uma das mãos na grossa trança.

Quando terminou, só restava uma corrente nas mãos. Inclinando-se, envolveu-a ao redor da estreita cintura da jovem, e deixou as pontas caírem, até quase alcançar o chão.

Por uns instantes, o normando ficou cativado pela imagem de Meg envolta nas deliciosas jóias e a doce música que produziam as pequenas correntes.

Depois, fez com que girasse devagar, até que pôde olhá-la nos olhos e embalar seu rosto entre suas fortes mãos.

— Tem fome, esposa?

— Sim - disse em voz baixa — Não comi nada desde a alvorada.

Soltando-a com um estranho sorriso, Dominic foi para a porta, abriu-a e examinou a bandeja que havia no chão com o jantar que tinha pedido a Simon.

— Pão, queijo, carne de ave, cerveja... — Recolheu a bandeja e entrou no quarto, fechando a porta com o pé — Figos, passas, nozes, amêndoas — continuou — e muita verdura crua.

Meg sorriu.

— Deve ser coisa da Marta, a cozinheira. Sabe que eu adoro as verduras frescas na primavera.

O normando olhou a montanha de verduras e levantou uma sobrancelha, com cepticismo.

— É um ritual pagão?

— Não - respondeu ela, rindo e alcançando uma cenoura. - Até Gwyn ri de mim por causa disso.



Dominic ficou de lado, bloqueando a mão de Meg com seu corpo antes, que pudesse agarrar mais comida.

— Paciência, pequena. Há algo que devo fazer antes que te alimente.

Desconcertada, Meg observou como Dominic punha a bandeja na mesa que havia junto à cadeira e depois começava a apagar cada vela e abajur de azeite que iluminava o aposento.

— Por que...? — exclamou alarmada.

— Os criadores de falcões se mantêm às escuras. Ou preferiria que te tapasse os olhos?

— Não pode falar sério.

— Deve escolher entre habitar este quarto às escuras ou cobrir seus olhos com seda, pequeno falcão.

O tom de Dominic, duro como o frio aço, indicou a Meg que a paciência de seu marido tinha chegado ao seu limite. As palavras que havia dito na igreja soaram de forma inquietante em sua mente: «Não confunda minha piedade com debilidade. “Quem põe a prova minha paciência de novo, morre.»

Ela o tinha desafiado diante dos vassalos e seguir fazendo-o poderia ser perigoso.

— Escuridão... — murmurou Meg.

Dominic assentiu e fechou as janelas. A jovem se angustiou, pois sempre as mantinha totalmente abertas, exceto quando havia tormenta. Adorava que o sol iluminasse seus aposentos, e vê-los agora só iluminados pelo pequeno fogo, fez com que se sentisse... Enjaulada.

Quando o normando se aproximou do fogo, como se fosse extinguir até aquela pequena fonte de luz, não pôde sufocar um pequeno som de protesto. Ele se voltou, olhou-a intensamente e acrescentou um pouco mais de lenha à fogueira, o que fez com que ela deixasse escapar um longo suspiro de alívio, quase inaudível.



Dominic o ouviu e ocultou um sorriso satisfeito, enquanto se sentava junto à chaminé, sabendo que tinha ganhado a primeira batalha: Meg tinha aceitado seu cativo. Agora negociariam os termos.

— Sente-se! - ordenou, fazendo gestos para seu joelho.

Vacilante, a jovem deu um passo adiante, ficando surpresa quando as jóias de seus tornozelos se agitaram e emitiram um delicioso som.

— Oh. — ficou calada, por um segundo, escutando, e depois avançou de novo — É um som muito formoso.

— Como o sussurro da brisa sobre as flores? — perguntou Dominic.

— Sim — respondeu, sorrindo apesar de seu nervosismo.

— Me alegro de que você goste de meu presente.

— Eu adoro milorde..... Dominic. Foi muito amável de sua parte.

— Também me alegro de te parecer amável - disse com um sorriso enigmático.

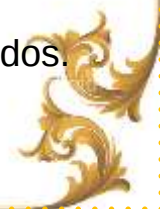
Devagar, Meg chegou até seu marido e se sentou, com cautela, em seus joelhos. Ele a segurou e a colocou em seu colo de maneira que ficou reclinada sobre seu braço esquerdo. Então ela ergueu os olhos e se perdeu na chama prateada do olhar masculino. Mesmo na tênue luz do fogo, seus olhos brilhavam intensamente.

Como se tivesse todo o tempo do mundo, Dominic olhou a bandeja de comida e agarrou uma coxa de ave. Meg, acreditando que ia lhe oferecer, tentou agarrá-la, mas ele a sustentou fora de seu alcance.

— Não. — Seu tom não admitia réplicas — Eu te alimentarei, pequeno falcão.

Surpresa, a jovem franziu ligeiramente o cenho. O barão sorriu, arrancou uma pequena parte de carne da coxa com os dentes, e o segurou, diante dela com os dedos. Entretanto, quando Meg aproximou sua mão para agarrá-lo, ele retirou a comida uma vez mais.

— Não - a repreendeu Dominic brandamente — Os falcões não têm dedos.



Ao escutar suas palavras, a jovem abriu a boca com surpresa, e ele aproveitou para deslizar habilmente a carne entre seus lábios.

— Não é tão difícil, verdade? — murmurou com voz hipnótica.

Mastigando devagar, ela negou com a cabeça, o que fez que as jóias de sua trança emitissem um doce som.

— Mais? — perguntou Dominic.

Meg assentiu.

— Alguns falcões, os especiais..., os mágicos..., falam - comentou o normando com um sorriso sombrio, enquanto arrancava outra parte de carne da coxa.

— Sobre o que?

— Comida, água, a morte, o selvagem do vôo...

— A liberdade... — sussurrou a jovem.

— Sim - conveyo ele, lhe oferecendo o pedaço—. Suspeito que os falcões selvagens falam sobre tudo desse tema.

Meg observava cada movimento que fazia Dominic, ao tempo que comia de sua mão. Havia uma estranha intimidade em todo aquele ato. Um laço tão tênue como um singelo fio de seda parecia lhes unir com cada pedaço de comida que ela aceitava e, como um fio de seda unido a outro, o fio resultante se reforçava até fazer-se inquebrável.

À medida que os minutos passavam no silêncio, quebrado, pelo suave tinido das jóias que a adornavam, Meg compreendeu por fim a razão pela qual os bebês são tão unidos às suas mães através do leite materno; e por que os falcões, as criaturas mais livres do universo, alimentam-se só da mão de seu senhor, colocam-se só em sua mão, e acodem só a sua chamada especial.

— Você não gosta da comida? — perguntou Dominic, interrompendo os pensamentos da jovem.

— Oh, sim.

— Por que deixaste de comer, então?



— Pensava nos falcões e seus amos.

— Os falcões não têm amo.

— Mas caçam a ordem de seu senhor.

— Caçam quando o desejam - a rebateu o barão, introduzindo uma pequena parte de pão entre os lábios femininos — Seus amos simplesmente lhes brindam com a oportunidade de fazê-lo.

— Todos os homens vêem assim?

O normando encolheu os ombros.

— Não me importa o que pensem os outros. Se houver estúpidos que preferem acreditar que são eles que dominam os falcões em lugar dos falcões a eles, quem sou eu para julgá-los?

Meg considerou as palavras de Dominic enquanto mastigava devagar. Logo que engoliu, ele retirou os pequenos miolos de seu lábio inferior com uma doce carícia.

— Mas os falcões são cativos e os homens não - concluiu Meg.

— Libertaste um falcão alguma vez?

— Sim, em uma ocasião.

— Por quê? — quis saber Dominic.

— Nunca aceitou seu cativeiro - respondeu.

— Mas todos os outros sim.

Meg assentiu.

— E ao fazê-lo - continuou o normando — conheceram uma liberdade diferente.

Os olhos verdes formularam uma pergunta silenciosa.

— Aceitaram que lhes cuidassem durante o inverno - continuou seu marido — que lhes alimentasse quando não havia caça nos campos e bosques, que lhes desse a oportunidade de viver mais e melhor. Quem pode julgar que liberdade é superior?



Quando Meg quis falar, Dominic deslizou uma pequena parte de fruta entre seus lábios, impedindo-a. Sem dar-lhe tempo de responder, o normando pegou a jarra e lhe deu de beber

— Tudo depende de como aceitam os falcões sua nova vida - afirmou.

A jovem não podia alegar nada, pois cada vez que tentava, lhe dava um pouco de queijo ou qualquer outra coisa, acompanhado de um perturbador sorriso.

— Cerveja? — ofereceu.

Ela assentiu com prudência, em lugar de tentar falar, esperando que ele sustentasse a jarra contra seus lábios, como se fosse uma menina. Mas uma vez mais, o normando a surpreendeu.

Dominic bebeu da jarra, inclinou-se sobre Meg como se fosse beijá-la e lhe deu de beber de seus próprios lábios. Assombrada, ela bebeu a cerveja que percorria sua garganta, enquanto ele se atrasava, mordendo sensualmente o carnudo lábio inferior da jovem.

A intimidade daquele gesto fez com que Meg tremesse e que seu ventre se contraísse de prazer.

Sem lhe dar tempo de protestar, o normando agarrou de novo a jarra e lhe deu de beber da mesma forma.

— Já é suficiente - sussurrou ela. Via-se aturdida ao sentir o fôlego de seu marido, provar seu sabor, sentir a deliciosa tortura que seus dentes infligiam a seus lábios.

— Chega?

— Estou bastante satisfeita.

A risada de Dominic soou como sua voz: suave, aveludada, incrivelmente viril.

— Não é a cerveja que te produz esse efeito - murmurou contra seus lábios — mas o modo de bebê-la.



— Possivelmente, simplesmente seja fome - lhe rebateu Meg, apesar de ser consciente de que a cerveja nunca antes lhe tinha feito sentir assim.

Dominic riu para si, e voltou a introduzir outra parte de fruta entre seus lábios. Pouco a pouco, os batimentos do coração da jovem se estabilizaram, enquanto se acostumava ao contato masculino.

— Não provaste nada - comentou Meg.

— Eu não sou um pequeno falcão.

— Até as águias comem - protestou ela com um sorriso, olhando-o com um estranho brilho nos olhos.

O normando riu em voz alta e retirou, com uma suave carícia, um pequeno miolo de pão da comissura de seus lábios.

Logo, a jovem ficou saciada, mas, inclusive quando não podia mais, não queria parar. O homem que a segurava com tanta suavidade, que a tratava com tanta ternura, devia possuir em seu interior algo mais que ambição e frieza.

A pequena esperança que tinha mantido viva em seu coração se avivou, lhe sussurrando que Dominic possivelmente pudesse ser capaz de amar. E se isso fosse possível, se ele pudesse amá-la...

Então algo poderia ocorrer. Algo.

Inclusive poderia lhe dar um filho.

Quando lhe ofereceu outra parte de pão, Meg o rechaçou sacudindo a cabeça, mas roçou as pontas de seus dedos com um beijo fugaz. Por um momento, o normando ficou imóvel, seus olhos se entrecerraram e sua respiração se acelerou ante a inesperada carícia.

— Gostaria de algo doce? — Sua voz refletia a intensidade de seu desejo.

A jovem pousou o olhar nos diminutos bolos turcos que haviam sobre a bandeja, e foi incapaz de decidir que sabor preferia.

— Qual é o de limão? — perguntou duvidosa.

— Teremos que averiguá-lo.



Com gesto enganosamente indolente, Dominic agarrou um dos doces e o comeu.

— Prova meu sabor, pequeno falcão - sussurrou.

Uma deliciosa sensação se apoderou da jovem. Sabia que os lábios de Dominic podiam ser duros e frios, mas, naquele momento, eram maravilhosamente quentes e complacentes.

O normando a observou sabendo qual era a debilidade de sua esposa, da mesma forma como tinha averiguado os pontos frágeis dos homens que tinha derrotado e das cidades que tinha tomado.

A debilidade de Meg era sua necessidade de sentir-se amada.

Renda-se a mim, pequena, pediu-lhe em silêncio. Dê-me o filho que desejo.

Respondendo unicamente a seu instinto, a jovem pousou seus lábios sobre a boca entreaberta de Dominic e acariciou a ponta da língua com a sua. Repentinamente assustada, afastou-se com rapidez e o olhou, com olhos grandes e receosos.

Ele arqueou a sobrancelha com gesto interrogante.

— Não era de limão - disse Meg em voz baixa.

— Teremos que repeti-lo de novo, não acha?

Dominic escolheu outro doce e deu uma dentada. Quando o engoliu, olhou para sua esposa. Daquela vez, ela foi para ele sem vacilar, atrasando-se no sabor da boca masculina antes de retirar-se.

— Melhor? — perguntou Dominic.

— Sim...

— Mas não é o que procurava? — zombou, brandamente.

Meg negou com a cabeça.

— Terá que seguir tentando-o.

Ela assentiu com um sorriso divertido, suspeitando que seu marido soubesse muito bem qual dos doces tinha sabor de limão. Não importava. Ao contrário. Estava completamente cativada pelo feitiço sensual no qual



Dominic a tinha envolvido, lhe fazendo desejar que seus beijos fossem mais intensos.

Quando o normando escolheu outro doce, o deu diretamente a Meg, que aceitou desejosa. O sabor ácido do limão se estendeu pela boca da jovem e lhe fez emitir um gemido de prazer do mais profundo de sua garganta.

— É esse que queria? — sussurrou ele sobre seus lábios.

— Sim.

— Compartilhe comigo.

Meg não soube qual dos dois beijava a quem. Suas bocas estavam tão profundamente unidas que não era capaz de saber onde começava uma e terminava a outra.

Quando Dominic ergueu, por fim, a cabeça, Meg respirava rapidamente, aturdida pelo violento e ardente desejo que percorria seu corpo e que a deixava sem forças. Devagar, abriu seus ofegantes, lânguidos e sensuais olhos, e se encontrou com o olhar de gelo de seu marido.

— Desafiaste-me e achaste clemência. — A jovem ficou imóvel, sentindo suas duras palavras como se fossem golpes — Eu só mostro clemência uma vez à mesma pessoa, Meg. Jamais volte a me enfrentar; poderia ser perigoso.





Capítulo 16

À medida que passavam os dias, a promessa de Meg de não desafiar Dominic se fazia mais difícil de cumprir.

— Mas meu jardim... — protestou, quando viu que seu marido se dirigia à porta — Devo...

— Gwyn está se ocupando dele - a interrompeu, parando um instante na soleira — Estarei de volta antes do meio-dia.

Sem mais, saiu e fechou a porta, deixando-a em meio da escuridão.

— Quando me deixará livre? — gritou, ao ouvir o som de seus passos afastando-se.

— Quando não houver dúvida de que não está grávida. Retornarei logo, pequeno falcão. Enquanto isso, recorda a promessa que me fez.

Com um som de frustração, Meg golpeou a porta com seu punho fazendo tilintar as jóias de seus braços.

— Recorda sua promessa - repetiu com indignação — Como posso esquecê-la? Não tive outra coisa no que pensar nos últimos três dias!

O barão, o Sabre, dono e senhor da fortaleza de Blackthorne, era o único contato que Meg tinha com o exterior. Seguindo suas ordens, ninguém se aproximava de seus aposentos para falar com ela através da porta ou levar comida ou bebida.

Ele entrava sem avisar, obsequiava-a com uma flor fresca ou um seixo do rio para acrescentar a sua coleção, e ficava um momento para conversar sobre o rápido progresso de seu falcão peregrino, a situação dos campos, a restauração da armaria ou a situação dos jardins.

Na hora das comidas, fazia com que Meg se sentasse sobre seu colo e lhe dava de comer com uma paciência que dava ganas de gritar, embora ela



zombasse da reclusão, e, quando chegava a noite, levava-a até a grande cama com dossel e a abraçava até que adormecesse.

Mas era o momento do banho o que a jovem mais temia. Só o fato de lembrar-se de Dominic recostado contra a porta, observando-a com seus brilhantes olhos prateados enquanto ela se lavava, a fazia estremecer. Entretanto, apesar de toda a intimidade que tinham compartilhado, de todos os belos momentos vividos, seu marido seguia mantendo um férreo autocontrole, tocando-a unicamente para alimentá-la e lhe dar calor no frio da noite.

Pela primeira vez em sua vida, Meg desejou poder dominar a arte da sedução. Então poderia conseguir que Dominic ardesse de paixão, faria dela sua esposa, por fim, e descobriria que todas suas suspeitas sobre Duncan eram infundadas.

Se pudesse seduzi-lo...

Era plenamente consciente de que sua forçada reclusão devia acabar, pois acrescentava o ódio dos habitantes de Blackthorne por seu novo senhor. Quando Harry tinha falado com ela na manhã depois das bodas, tinha-o feito em nome de todos os vassalos.

Não permitiremos que seu marido lhes faça mal. Poderia lhe acontecer um acidente mortal quando sair para caçar.

O temor a invadia, ao recordar as palavras de Harry. Se algo assim chegasse a acontecer, seria uma catástrofe para o castelo... E para ela. A vingança de Simon contra o povo da fortaleza seria rápida e desumana. E quanto a ela... Não podia suportar sequer a idéia de que algo de mal pudesse ocorrer a Dominic.

As jóias tilintavam em seus tornozelos enquanto percorria suas dependências de um lado para o outro, inquieta pelo futuro. Finalmente a distraiu o som de vozes masculinas, provenientes do pátio de armas e o estrondo produzido pelo entrecocar de espadas contra escudos.



A jovem se aproximou da janela e abriu-as um pouco para não ser vista de baixo. A abertura não era suficientemente grande para permitir a entrada da luz do sol, mas sim para observar o que ocorria no pátio de armas.

Os soldados treinavam sob o atento olhar do barão pondo a prova suas habilidades com tanta violência que, apesar de protegidos com cota de malha e elmo, estavam acostumados a se ferir.

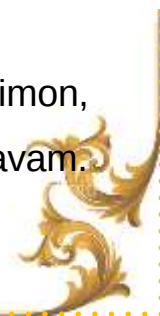
Eadith servia cerveja e animava seus favoritos, como Enjoe. Inclusive do difícil ângulo de que olhava, Meg percebia, claramente, o sensual balanço dos quadris da antiga amante de Dominic ao aproximar-se dele

Com olhos frios como o gelo, a jovem observou que seu marido se inclinava galante, para escutar algo que lhe dizia Enjoe, para depois jogar a cabeça para trás e rir as gargalhadas. Ao ver aquilo, Meg sentiu que uma faca atravessava suas vísceras. A única coisa que a impedia de abrir totalmente as janelas e jogar o conteúdo do urinol na cabeça de Enjoe, era a certeza de que Dominic não tinha se deitado com ela ultimamente, já que tinha passado a maior parte do tempo com sua esposa e atendendo as necessidades da fortaleza.

Se ela era a prisioneira de Dominic, ele era também o prisioneiro de Meg. Aquele pensamento esquentava o coração da jovem de uma estranha maneira.

As ardentes carícias de Dominic sobre sua sensível pele, contemplá-lo enquanto dormia, sentir o olhar possessivo percorrendo suas femininas curvas quando se despia para seu banho... Não havia dúvida de que a sedução de seu marido estava surtindo efeito e que suas frágeis defesas se rachavam cada vez que lhe sorria ou a acariciava com suavidade. Ser consciente disso aterrava-a... Amar ao normando sem ser correspondida seria sua perdição.

Quando Dominic se afastou de Enjoe para ouvir uma pergunta de Simon, Meg suspirou aliviada e colocou de lado os pensamentos que a perturbavam.



Mas seu alívio durou pouco, pois os dois irmãos foram aprontados para a batalha rapidamente, por seus respectivos escudeiros e se dirigiram ao centro do pátio.

Ao vê-los, outros cavaleiros se retiraram para desfrutar do combate, já que tanto Dominic como Simon eram dois ferozes e temíveis guerreiros. Ambos eram mais altos que a média, largos de ombros, mais fortes e mais rápidos.

A um sinal quase imperceptível, os dois irmãos empunharam suas pesadas espadas com enganosa facilidade e o inquietante assobio do aço cortou o ar, fazendo com que Meg contivesse a respiração. Os terríveis golpes que trocaram teriam derrubado rapidamente a homens de menor envergadura e, pouco a pouco, à medida que o combate se desenvolvia, tornou-se evidente que, embora Simon fosse ligeiramente mais rápido Dominic era mais forte.

A jovem afogava seus gritos uma e outra vez, quando parecia evidente que seu marido ia receber uma ferida mortal nas costelas ou na cabeça, ou cada vez que levantava seu escudo, no último momento, amortecendo o golpe. Os dois irmãos se agachavam, moviam-se em círculos, giravam, fintavam e se atacavam, uma e outra vez; mas depois de observá-los durante longos minutos, Meg entendeu que apesar dos demolidores golpes, não havia intenção de causar um dano realmente sério.

— Milady - a chamou de repente alguém do corredor, interrompendo seus pensamentos — Está aí? Sou Marta.

— O barão proibiu a todo mundo de falar comigo durante um tempo - lhe advertiu a jovem, preocupada — Vá embora, antes que lhe vejam e lhe castiguem.

— Trata-se da esposa de Harry, milady. Faz quase dois dias que está tentando dar a luz e tememos que não sobreviverá.

— Onde está Gwyn?

— Foi ao povoado para comprar remédios.

A angústia se apoderou de Meg.



— rei ver Adélia. Vá, antes que descubram.

— Sim, milady. — Depois de um silêncio, acrescentou pesarosa - Não deveria ter vindo. Se tentar sair do castelo, os soldados de seu marido vão vê-la.

— Há outro caminho. Agora, vai!

— Que Deus lhe pague, milady.

A jovem se apressou a procurar uma túnica ritual, em uma arca estranhamente lavrada, tirou a poção de seu esconderijo secreto e se dirigiu à porta. Fechou-a com cuidado a suas costas e, enquanto seus pés voavam pelo corredor, a advertência de Dominic ressoou em sua mente:

‘Eu só mostro clemência uma vez à mesma pessoa, Meg. Jamais volte a me enfrentar; poderia ser perigoso.’

Entretanto, agora devia fazê-lo. Não restava outra opção, já que a esposa de Harry certamente morreria sem sua ajuda e o bebê com ela.

Ignorando os curiosos olhares dos servos, que conheciam bem as ordens de seu barão, a jovem desceu correndo as escadas de caracol, até chegar ao herbário, em meio ao melodioso alvoroço das jóias que levava nos tornozelos. Uma vez ali, procurou nas prateleiras e meteu em uma cesta pacotes de ervas, a poção contra a dor, seu antídoto e a túnica.

Depois, Meg acendeu uma pequena vela e se dirigiu para a parte mais profunda do herbário. Pegou várias ervas, cascas, caules, sementes e flores que secavam na escuridão, que a chama da vela parecia aumentar em lugar de reduzir.

Depois da última estante, completamente oculta e bloqueada por uma pesada roda de madeira, havia uma abertura apenas suficientemente grande para que um homem escapulisse por ela de joelhos. Era a saída secreta do castelo, a última via de escape para o senhor e sua família, se o lugar fosse invadido pelos inimigos.



Meg apoiou o ombro na roda, empurrou-a para um lado, e ficou de joelhos. Uma tênue luz brilhava no extremo mais afastado do túnel, assim que a jovem apagou a vela, meteu-a na cesta e começou a avançar engatinhando, empurrando a cesta diante dela. Tinha seguido esse mesmo caminho em muitas outras ocasiões, quando sua mãe ainda estava viva e usava o túnel para escapar da fúria de lorde John.

Estava acostumada a engatinhar por esteiras de juncos que apenas a protegiam nos lances mais rochosos e, no lugar onde o túnel passava sob o fosso, as paredes estavam frias e úmidas devido às infiltrações. Meg avançou tão rápido como pôde, pois nunca tinha gostado daquela estreita passagem, embora já não lhe assustasse tanto como o tinha feito quando menina.

Apesar de sua urgência, chegou ao final do túnel como lhe tinham ensinado que devia fazer, respirando o ar puro do exterior e escutando com atenção, para ver se havia alguém perto. Nada chegou até seus ouvidos, à exceção de um silêncio interrompido só pelo som do vento brincando com as incipientes folhas do matagal que ladeava a saída.

Nervosa, abriu caminho entre o matagal de arbustos e jogou uma olhar ao prado. No local mais afastado, pôde ver ovelhas e cordeiros pastando. Não havia pastores nem cães à vista, e as ovelhas logo ergueram a cabeça, quando Meg surgiu do matagal.

A jovem apressou seus passos. O atalho que levava até a cabana de Harry, situada sobre uma pequena colina, estendia-se serpenteando entre muros de pedra que chegavam à altura da cintura e cujas paredes rochosas eram um mosaico de ervas e musgos de vários tons de verde, negro e de uma brilhante cor avermelhada.

Em circunstâncias normais, Meg teria adorado a nacarada luz e as elegantes silhuetas dos carvalhos, emergindo nus das abruptas colinas verdes, o intenso aroma das flores e o sussurro da brisa sobre elas; mas, nesse dia, mal notou os sinais do triunfo da primavera sobre o inverno. Só



tinha olhos para evitar qualquer obstáculo que houvesse no caminho e que pudesse fazê-la tropeçar e cair, derrubando os valiosos remédios que levava em sua cesta.

A cabana de Harry era de pedra e madeira, já que seu pai tinha sido um dos cavalheiros favoritos de lorde John. Aos quatorze anos, Harry já era escudeiro e estava a caminho de converter-se em cavaleiro, entretanto, ficou aleijado na mesma batalha em que morreu seu pai e se converteu em um soldado de Blackthorne e em proprietário de uma pequena parte de terra.

A matrona do lugar devia ter estado observando pela janela, porque saiu correndo, quando Meg ainda avançava pelo atalho.

— Obrigado, milady - exclamou, agarrando a mão de sua senhora e beijando-a aliviada — A pobre mulher está no limite de suas forças.

— Há suficiente água?

— Sim - respondeu a matrona.

Seu tom enérgico indicava que recordava bem os partos anteriores que tinha atendido e nos quais pediu ajuda à senhora do castelo. Talvez a matrona não compreendesse os rituais glendruid, mas já não os questionava.

Meg teve que abaixar a cabeça para entrar na cabana, que dava testemunho da difícil gravidez de Adélia: semanas de desperdícios onde se encontravam partes de comida em mal estado, estavam empilhados por toda parte à espera de serem limpos. Depois do ar puro do exterior, aquele aroma era como uma bofetada.

— Está dormindo, mas seu sonho é breve - comentou a matrona em voz baixa.

A cama da jovem mãe estava situada junto a uma parede e o colchão sobre o qual repousava era a única coisa que cheirava a limpo naquela casa, já que Meg lhe tinha enviado saquinhos de ervas através de Harry a cada quinze dias.



Adélia tinha se casado aos treze anos e tinha tido seu primeiro bebê antes de completar quatorze. Depois de nove anos de matrimônio, tinha dado a luz a seis filhos, sendo que apenas três seguiam vivos, o que a fazia parecer muito mais velha que sua senhora, apesar de ser apenas três anos mais velha.

Meg se aproximou e encheu uma terrina de água quente. Ali acrescentou três tipos de ervas e alguns pedaços do sabão que ela mesma fabricava. Tirou seu vestido, e inundou as mãos na terrina, enquanto entoava uma suave cantiga no silêncio de sua mente, aprendida muitos anos atrás:

«Desfaz-te de tuas vestimentas e deixa atrás os pecados e as penas. Cobre seu corpo com a túnica do ritual de cura glendruid e coloque suas mãos cheias de luz sobre a enfermidade. Afasta quando puder a morte e deixe que retorne a vida. Deus nos protege e nos ajuda a suportar a dor do nascimento.

“Assim seja.»

Meg acariciou com carinho a cruz de ouro que pendia de seu pescoço, recordando o momento em que sua mãe a tinha guardado no interior de uma caixa esculpida, à espera que sua filha finalmente se casasse.

Oxalá estivesse aqui comigo, mãe. Suas mãos eram capazes de fazer desaparecer qualquer dor.

Entretanto, não havia ninguém que fizesse desaparecer o seu.

Depois de sacudir as últimas das gotas de água perfumada de seus dedos, Meg colocou a túnica ritual. Era nova, pois cada túnica se usava uma só vez em um nascimento ou para o cuidado de um doente, e logo se queimava, seguindo as tradições glendruid.

—Onde estão os meninos? — perguntou em voz baixa.



— Os dois menores foram à casa da irmã de Adélia e o outro está nos campos - respondeu a matrona.

— Ninguém ficou com ela?

A boa mulher encolheu os ombros.

— As meninas são muito pequenas, e os outros são necessários para arar e semear tanto as terras de seu pai como as de seu marido. Não há suficientes mãos. Logo que tenham acabado com os campos, alguém limpará tudo e trará juncos frescos.

— Deve ser feito agora.

A matrona apertou os lábios, mas não discutiu. Simplesmente, saiu para o pátio para procurar ajuda.

Quando Meg se ajoelhou por fim junto à cama, Adélia abriu os olhos.

— Milady... — sussurrou consternada — Disse que não fossem lhe buscar. O barão ficará muito aborrecido com você.

— Isso não é nada comparado com sua necessidade. Diga-me, como está?

Quando Adélia começou a falar, com voz hesitante, Meg se inclinou, deslizou as mãos por debaixo da colcha e começou a acariciar o inchado ventre, com extrema suavidade.

— Lutaste bem, irmão — admitiu Simon, apoiando-se no muro de pedra do castelo e respirando com dificuldade.

— Não tão bem como você - replicou Dominic — Me deste um bom golpe na cabeça.

— Não te queixe. Destroçou-me as costelas - replicou Simon.

Com uma gargalhada, o barão tirou o elmo e o estendeu a seu escudeiro, que se aproximou com rapidez para agarrá-lo. Do outro lado do pátio, Thomas chamou Eadith para que abrisse outro barril de cerveja e, a um sinal de Dominic, os cavaleiros formaram pares para seguir seu treinamento.



Instantes depois, o pátio de armas voltou a ressoar com o choque das espadas contra os escudos e os gritos dos homens que conseguiam acertar golpes certos ou esquivar-se deles.

Dominic recolocou a cota de malha, com um ágil movimento de seus musculosos ombros, enquanto erguia os olhos para a planta superior do castelo. Todas as janelas estavam abertas à exceção de duas. Nos aposentos de Meg, a grossa madeira seguia impedindo a entrada dos quentes raios do sol.

— Nem sequer tem aberto a janela para ver nossa luta - comentou Simon, seguindo a direção do olhar de seu irmão — Durante quanto tempo vai mantê-la encerrada?

Dominic lhe dirigiu um enigmático sorriso.

— Não decidi. A verdade é que desfruto mantendo a minha esposa encerrada. Dar-lhe de comer de minha própria mão tornou-se algo muito agradável. E comer da sua, ainda mais.

— Enjoe tem razão - assinalou Simon, revelando uma clara preocupação em sua voz — Está enfeitiçado por essa bruxa. Ainda não a possuiu e, entretanto, não procura nenhuma outra mulher.

— Não quero nenhuma outra. Estou muito ocupado fazendo com que se acostume a mim.

A masculina satisfação impressa na voz de seu irmão fez com que Simon erguesse as mãos em um gesto de impotência.

— Não espero que o compreenda - disse Dominic — Mas te direi algo que poderá compreender.

— Sim. Faça-o! Porque te juro que não entendo nada - rugiu Simon.

— Enquanto ela estiver em seus aposentos, não tenho que me preocupar com o fato de que esse bastardo escocês possa aproximar-se dela e, além disso, consigo que se acostume pouco a pouco a minha presença.



— Pode ser que você goste de tê-la encerrada, mas os vassalos começam a inquietar-se — advertiu seu irmão com tom cortante.

— Não param de falar sobre Duncan de Maxwell e o resgate de sua senhora.

— Malditos sejam! — exclamou o barão, irritado — A tratei com uma delicadeza da qual antes, não teria me acreditado capaz. Jamais lhe faria mal.

— Então deixa que vejam com seus próprios olhos que está bem. E faça isso logo.

Dominic lançou um furioso olhar a seu irmão, mas Simon o devolveu com a confiança de um homem que sabia que sua opinião era respeitada, embora não fosse bem recebida.

— Duncan está rondando pelos bosques? — perguntou o barão depois de um momento, suspeitando que fosse isso o que havia atrás do franco conselho de seu irmão.

— Alguém o está fazendo. Os cães encontraram um cervo morto no outro extremo da reserva. Não deixaram nada, à exceção da cabeça e os cascos.

— Os caçadores furtivos são bastante comuns nestes bosques.

— Cavalgando sobre corcéis de guerra? — perguntou Simon mordaz — Também...

Dominic ergueu, de repente, uma mão exigindo silêncio ao ver Eadith aproximando-se com duas jarras de cerveja. Quando Simon foi agarrar uma, a donzela se afastou dele com um salto.

— Não, milorde. Primeiro deve beber o barão - argüiu com descaramento — Bebeu muito pouco da comida com sua esposa.

Sorrindo ao seu senhor, Eadith lhe ofereceu uma das jarras.

— Obrigado - disse Dominic, lhe devolvendo sua gentileza apesar da inexplicável aversão que sentia por aquela mulher.

O barão bebeu, fez uma careta, e observou a jarra rapidamente, como Simon.



— Nunca provei cerveja pior - resmungou Dominic enquanto devolvia a jarra a Eadith — Até fel seria melhor.

— O barril deve haver quebrado - repôs Simon antes de cuspir.

— Trago mais? — ofereceu-se Eadith com presteza.

— Não para mim - rechaçou o barão.

Simon sacudiu a cabeça. Ele também tinha tido suficiente da amarga cerveja de Blackthorne.

A donzela agarrou as jarras e atravessou de novo o pátio correndo, enquanto outros homens a chamavam para que lhes desse de beber. Lutar suportando o terrível peso da espada e a armadura despertava muita sede.

— Há sinais... — continuou Simon como se nada os tivesse interrompido — ...de que Duncan e os Reeves estão levantando um acampamento, a menos de um dia daqui. Inclusive a rumores que estão construindo cercadas e um pátio.

Em silêncio, o barão olhou para as nuvens que flutuavam por cima das escuras pedras do castelo.

— Dominic? — perguntou Simon.

— Não há nada que possa fazer com respeito a Duncan enquanto não chegar o resto de meu exército da Normandia - explicou o barão sem rodeios — Até lá, só posso me concentrar em proteger Blackthorne. Se sairmos, nos esquecendo da segurança do castelo por um punhado de cervos mortos ou acreditando em rumores sobre a construção de um torreão, perderemos as terras e a vida.

Seu irmão desejava rebater seus argumentos, mas não o fez. No referente a estratégias, não havia ninguém que superasse Dominic.

— É duro aceitá-lo - reconheceu Simon, depois de um momento.

— Sim - concordou o barão, começando a atravessar o pátio.

— Aonde vai?

— Com meu pequeno falcão. Ela fará que seja mais suportável.



O estimulante que Meg tinha dado a Adélia era muito potente; possivelmente até demais, mas não havia alternativa. Se não acabasse tudo logo, nem a mãe nem o bebê sobreviveriam a noite que se aproximava.

— Lamento - se desculpou Meg com pesar — Não posso te dar nada para a dor, à exceção de um simples bálsamo.

— Não... Não importa - ofegou Adélia — Força... Isso... Tudo o que peço.

Apesar das irregulares inspirações e os contidos gemidos de Adélia, Meg escutou o distante som de cavalos galopando e homens gritando. Mas, justo nesse instante, as contrações recomeçaram, rapidamente, requerendo toda sua atenção, por isso esqueceu tudo o que acontecia ao seu redor e se concentrou em ajudar à esgotada mulher a dar a luz.

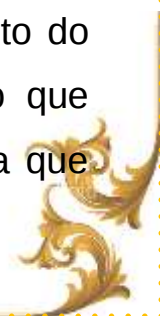
— Muito bem! — O entusiasmo fez com que elevasse a voz — A cabeça do bebê já está fora! Só um pouco mais, Adélia. Só um pouco mais de esforço e então poderá descansar.

A suas costas, a porta se abriu bruscamente, deixando passar Dominic, que teve que inclinar-se para entrar, seguido dos estridentes protestos da matrona. O afiado aço de sua espada desembainhada lançou brilhos prateados, e seus frios olhos cinzentos percorreram o único aposento da cabana com rapidez e precisão. Mas foram seus ouvidos que encontraram primeiro a Meg na penumbra. O tinido de suas jóias a delatou. Estava ajoelhada junto a uma cama, vestida tão somente com uma estranha túnica.

A fúria invadiu Dominic como lava ardente ao comprovar que os rumores tinham estado certos: Meg tinha escapado de seu luxuoso cativeiro para ir em busca de Duncan de Maxwell, um homem que não tinha títulos nem terras.

Maldita seja, lamentará o dia que...

O primeiro pranto trêmulo de um bebê interrompeu o mudo juramento do normando e o deixou paralisado. A ira foi substituída por um alívio que pareceu lhe roubar as forças e que incrementou o amargor da cerveja que



ainda permanecia em sua boca. Sentindo-se subitamente enjoado, embainhou a espada com um torpe movimento que teria surpreendido a Simon, se houvesse visto.

— Deste ao Harry outro maravilhoso filho varão - disse Meg a Adélia, quando acabou de limpar a boca e o nariz do bebê.

— Ponha-o sobre seu peito, embora, provavelmente, ainda não possa sugar. Está tão esgotado como você.

— Obrigado - conseguiu dizer a mulher entre ofegos — Agora parte... Antes que seu senhor... Descubra.

— Seu senhor já a descobriu - anunciou Dominic.

O assustado gemido de Meg enquanto ficava em pé, perdeu-se sob o grito de Simon, chamando seu irmão do pátio.

— Dominic? — gritou de novo — Está tudo bem?

— Está aqui! — respondeu o barão, por cima do ombro.

Antes que pudesse acrescentar algo mais, Simon entrou na cabana com a espada desembainhada.

— Tranquilo - disse seu irmão com calma — Tudo está bem. Não fugiu com Duncan.

— Então, por que rompeu a promessa que te fez? Por que...? — Quaisquer que fossem suas perguntas, foram abafadas pelo trêmulo pranto do bebê — Deus Santo - exclamou, embainhando a espada com um ágil movimento — É um recém-nascido.

A matrona empurrou Simon para um lado mostrando-se absolutamente indiferente a sua força e ao fato de estar armado.

— Não - espetou zangada—. É um milagre. A pobre Adélia estava em trabalho de parto há dois dias e já não lhe restavam forças. Mas quando lhe disse que o bebê morreria antes do jantar, e ela com ele permitiu que chamasse milady.

Dominic olhou Meg com os olhos entrecerrados.



— É certo? Esteve tanto tempo em trabalho de parto?

Adélia gemeu brandamente.

— Sim - respondeu Meg, voltando-se para ajoelhar junto ao leito. —Agora parte, por favor, e leve o seu irmão contigo. Adélia ainda não terminou seu trabalho e isto é coisa de mulheres.

Sob o hostil olhar da matrona, os irmãos saíram depressa da cabana.

— Maldita seja - resmungou Dominic, tapando os olhos quando a luz exterior o cegou — Não tinha visto um sol assim desde que retornamos de Jerusalém.

Simon dirigiu a seu irmão um olhar de assombro.

— Deve ter bebido muita cerveja. O céu está coberto de nuvens.

Quando o barão fechou os olhos com força, para proteger-se da dolorosa luz, uma sensação de enjôo e de estranha frouxidão o invadiu, despojando-o de suas forças. Com a inquietante sensação de observar tudo na distância, deu-se conta de que não podia respirar. Inclusive dar um passo era difícil.

— Dominic? — exclamou Simon incrédulo, ao ver que seu irmão cambaleava e não podia manter-se de pé — Está bêbado?

— Não - conseguiu responder o barão, com voz pastosa.

Em um intento de dissipar a enlouquecedora lentidão de seus pensamentos e de sua língua, sacudiu a cabeça com violência. Mas em vez de ajudar, aquele movimento aumentou a sensação de enjôo.

— Simon, eu...

Caiu para frente e só a rápida reação de seu irmão evitou que desabasse.

— É sua cabeça? — disse Simon com urgência — Realmente te golpeei com tanta força?

Dominic negou com a cabeça, sentindo-se ainda mais enjoado e vendo-se obrigado a apoiar-se pesadamente em seu irmão para não cair.

— Pode andar? — perguntou Simon angustiado.

— Sim...



— Então, faça. Vamos.

Com um grande esforço, Dominic obrigou a si mesmo a avançar para os cavalos que aguardavam há uns trinta metros do pátio da cabana, apoiado sobre seu irmão. Montar sobre Cruzado foi uma tarefa quase impossível, embora, finalmente, conseguiu, com a ajuda da força de Simon.

Uma vez sobre a sela, cambaleou e não pôde evitar que o pé esquerdo deslizesse do estribo. Estava perdendo rapidamente a consciência e era impossível que pudesse percorrer a cavalo a curta distância que os separava do castelo, assim Simon tomou uma rápida decisão e saltou sobre Cruzado, colocando-se atrás de seu irmão.

O animal baixou as orelhas ao sentir o dobro do peso, mas não protestou. Todos os cavalos de batalha eram treinados para aceitar o peso de dois, e mesmo de três cavaleiros se fosse necessário, pois os sobreviventes carregavam seus companheiros feridos em plena batalha. De fato, Dominic havia salvado seu irmão, em certa ocasião, carregando-o sobre o lombo de Cruzado.

— Agüenta - insistiu Simon.

— Espera... — balbuciou — Meg...

Arrastava tanto as palavras que seu irmão demorou para compreender. Quando o fez, apertou o lábio em um mudo grunhido.

— Ocupar-me-ei da bruxa mais tarde - afirmou Simon.

— Aqui... Não está... Segura.

Ignorando as palavras do barão, seu irmão assobiou para que seu bem treinado cavalo os seguisse e, sem perder um segundo, dirigiu-se a galope para o castelo, segurando Dominic com seu poderoso braço.

— Meg - repetiu o barão, com urgência.

— Maldita bruxa! — grunhiu Simon —. Agora já sabe por que era tão importante para ela ir aquele maldito lugar e recolher folhas.

— Meg...? — gemeu.



— Sim, irmão. Meg. De alguma forma, essa condenada bruxa te envenenou.

Sem dizer mais nada, Simon esporeou Cruzado, fazendo com que o garanhão acelerasse ainda mais o passo.

Quando chegaram ao castelo, Dominic estava inconsciente.





Capítulo 17

— O que quer dizer com não posso entrar? — gritou Meg — É meu marido!

— Sim - espetou Simon com violência — Um marido que não deseja. Esteve contra ele desde que se casaram.

— Isso não é verdade!

As jóias dos tornozelos de Meg repicaram, com controlada ferocidade, quando tentou passar, rodeando Simon. Mas ele se moveu com rapidez, lhe bloqueando a entrada aos aposentos de Dominic. Em silêncio, a jovem se voltou para o outro lado e avançou como uma flecha, até que uma mão coberta com manopla de malha se fechou, dolorosamente, ao redor de seu braço, fazendo que segurasse com força a cesta que levava.

— Não ponha a prova minha paciência, bruxa - advertiu o normando, com aspereza — Sei o que tem feito com essas estranhas plantas que recolheu nesse maldito lugar.

Meg olhou-o, assombrada.

— Do que está falando?

— De veneno, bruxa. Envenenou meu irmão!

— Não! Nunca faria isso! Ouviu? Nunca!

— Reserva suas mentiras para seu amante, Duncan de Maxwell - rugiu Simon.

Meg mordeu o lábio, reprimindo um grito de dor. A força com a qual o normando agarrava seu braço ameaçava lhe fazer cair de joelhos e nem sequer podia respirar normalmente, pois depois de acabar de atender Adélia, havia voltado correndo ao castelo, empurrada por um medo que nunca havia sentido.



— Fui aos seus aposentos e encontrei o esconderijo secreto —continuou Simon implacável — A poção que guardou já não está lá.

— Levei comigo - se apressou a lhe explicar Meg — Sabia que Adélia estaria fraca e temia que a matrona lhe tivesse dado muita medicina para aliviar a dor, retardando assim o parto. A poção que preparei teria rebatido esse efeito.

Simon olhou os olhos de Meg e desejou esmagá-la com suas próprias mãos. Só a certeza de que Dominic, se é que sobreviveria, nunca lhe perdoaria a morte de sua esposa, refreava sua fúria.

— Recordo muito bem - a acusou entre dentes.

— Equivoca-te. Minto muito mal - replicou Meg — Pergunte a qualquer um. E agora me deixe entrar. Se Dominic estiver doente, eu posso ajudar.

— Não. Não se aproximará dele, enquanto eu viver.

A jovem reprimiu o desejo de gritar; sabia que assim não conseguiria nada, exceto liberar a raiva que Simon continha, com muita dificuldade. Tentando tranquilizar-se, respirou fundo várias vezes até estar convencida de que poderia falar de forma calma, apesar da selvagem urgência que a dominava.

— Por favor - sussurrou, sentindo que seu coração ia explodir de angústia — Suplico, me deixe passar. Harry me disse que chegaram ao castelo a todo galope.

— E que mais te contou? — inquiriu ele com brutalidade.

— Que Dominic era incapaz de falar e que Thomas e você tiveram que lhe trazer para seus aposentos - continuou Meg — Não sabe nada mais, mas segundo um servo, corre o rumor de que lhe golpeou muito forte no combate.

— Tome cuidado com o que diz, maldita bruxa.

Maldita.

Bruxa.

Ao escutar suas duras palavras, Meg percebeu que o normando não lhe deixaria ver Dominic por mais que suplicasse.



— E por que deveria medir minhas palavras? — gritou desesperada — Acaso não quer que lhe ajude para que morra e assim poder ficar com sua herança?

A acusação foi tão inesperada que Simon não pôde reagir, e a jovem aproveitou a ligeira debilidade do normando para seguir atormentando-o.

— Me escute, Simon — explorou, libertando-se de sua mão.

— Demolirei Blackthorne Keep, pedra por pedra, com minhas próprias mãos e envenenarei o poço de água, antes de permitir que te beneficie com a repentina morte de seu irmão!

— Cale-se, bruxa - a ameaçou — Se fosse um homem, já teria morrido por me acusar assim.

A voz de Simon recordou a Meg a de Dominic quando estava furioso. Em qualquer outro momento, teria se dobrado e acovardado ante a ira daquele homem; mas seu marido estava morrendo e não importava nada mais. Devia salvá-lo. Já não podia imaginar um mundo sem ele. Não podia.

Com dedos nervosos desabotoou parcialmente a túnica e lhe mostrou a cruz de ouro que tinha pertencido a sua mãe e que agora descansava sobre a fina pele.

— Acaso uma bruxa levaria esta cruz? — espetou-lhe — Me responda, levaria?

— Não – reconheceu, depois de um prolongado silêncio, enquanto voltava a pôr em seu lugar a túnica da jovem, com mão respeitosa.

Meg esperou, mas o normando não mostrou nenhuma intenção de afastar-se.

— Me deixe passar, por favor — suplicou — Agora sou sua única possibilidade de salvação.

Simon se manteve em silêncio, sem deixar de observar com curiosidade à mulher de extraordinários olhos verdes que o enfrentava sem medo. Desde sua chegada a Blackthorne, os vassalos comentavam sobre o toque mágico.



que tinha Meg com os doentes e feridos. Chamavam-na de feiticeira glendruoid, mas entre seus seios repousava um pendente em forma de cruz.

E agora Dominic estava, virtualmente, morto.

Simon nunca tinha temido pela vida de seu irmão. Nem sequer quando Dominic trocou sua vida pela de doze cavalheiros e foi feito prisioneiro por um sultão cuja crueldade era legendaria.

Mas agora, sentia que o medo de perdê-lo congelava suas veias.

— Se não conseguir salvá-lo - advertiu com voz áspera — matarei você com minhas próprias mãos, no mesmo instante em que Dominic exalar seu último fôlego. — Fez uma pausa — Juro.

— Que assim seja. — Meg assentiu, selando seu destino.

Ao escutá-la, Simon não pôde ocultar a surpresa que se desenhava em seu rosto. Esperava muitas coisas da bruxa com a que se casou seu irmão, mas não que aceitasse o perigo que aquela situação implicava para ela.

Certamente não lhe faltava coragem.

Com esse pensamento em mente, afastou-se e, antes que pudesse ver, Meg já tinha entrado no quarto e estava se inclinando sobre a cama.

— Quase não respira - sussurrou Meg. Angustizada, tocou com suavidade a pele de seu marido e sentiu um nó na garganta — Meu Deus... Está gelado.

Reclinando-se um pouco mais sobre Dominic, inalou o ar que ele acabava de exalar e então sentiu que a calma invadia seu corpo. Forçou uma exalação do mais profundo de seus pulmões e respirou fundo de novo.

Simon se manteve imóvel apoiado sobre a porta fechada e escutando o som que produziam as jóias de Meg, vibrando, como se estivessem lamentando por seu senhor moribundo.

Pouco a pouco, a jovem foi se endireitando enquanto afastava as mechas que escaparam de sua trança, durante a corrida para o castelo.

— Milady? — chamou-a Eadith detrás da porta — Aqui têm a água e a túnica que pediu.



— Pegue as coisas e não a deixe entrar — murmurou Meg — Se os Reeves chegarem a se inteirar de que Dominic está doente...

Simon deu a volta antes que a jovem terminasse a frase. Entreabriu a porta para agarrar o que Eadith levava, e depois fechou a grossa madeira de um golpe, apagando as persistentes perguntas da indiscreta donzela.

— Coloca a terrina e a túnica ao lado da chaminé - lhe ordenou Meg — E dê a volta enquanto me troco.

Sem incomodar-se em comprovar se Simon estava olhando, ficou de costas, e tirou a túnica que usava, atirando-a no fogo, enquanto sussurrava um velho cântico. Jogou uma mescla de ervas e sabão na terrina e se aseou depressa, mas com eficácia, sem deixar de entoar um milenar cântico. Quando por fim a água levou a dor de Adélia, que havia ficado impregnada em sua pele, colocou a nova túnica ritual e se voltou.

Simon estava de costas.

— Terminei. Agora me conte o que aconteceu - insistiu Meg.

— Recorde tudo, mas depressa, porque a vida de Dominic está por um fio. Se lhe der a medicação incorreta, morrerá; inclusive é possível que faleça embora lhe dê a apropriada. Quando te deu conta de que não se sentia bem?

O normando se voltou para enfrentá-la e, ao vê-la, estacou, surpreso, não por suas palavras, mas sim pelas lágrimas que caíam silenciosamente por suas bochechas.

— Ao sair da cabana de Harry — começou Simon — Dominic comentou que a luz lhe parecia tão brilhante como a de Jerusalém, mas o céu estava completamente nublado.

Meg escutava atentamente, com os lábios tensos.

— Foi quando começou a cambalear e a falar como se estivesse bêbado - continuou o normando.



A jovem desprezou a idéia, com um movimento brusco da mão. Não tinha a menor dúvida de que seu marido nunca perderia o controle por causa da cerveja.

— Tropeçou várias vezes e, se não lhe tivesse segurado a tempo, teria caído no chão. — Fez uma pausa, recordando — Havia algo estranho em seus olhos...

— O que quer dizer? - interrompeu a jovem bruscamente.

— Tinha as pupilas tão dilatadas que seus olhos pareciam tão negros como meus.

— Comeu ou bebeu algo, enquanto estive com ele?

— Comida? Não. Ultimamente só come contigo. Mas, sim, tomamos uma jarra de cerveja. — Os lábios do normando desenharam uma careta ao recordar o sabor — Era bastante forte.

— Beberam da mesma jarra?

— Não.

— O que passou depois?

— Dominic disse que ia aos seus aposentos para tirar o mau sabor de boca e foi quando descobriu que tinha escapado.

— E diz que sua cerveja também tinha um sabor azedo?

— Sim.

— Mas não sentiu, em nenhum momento enjôos, nem frouxidão? Nem sequer te incomodava a luz nos olhos?

— Sinto-me bastante cansado por ter treinado com tanta dureza, mas... — pareceu angustiado — As costelas não me doem tanto como eu esperava.

Meg fechou os olhos, ante o temor que tomava seu coração. A garrafa que tinha desaparecido continha suficiente medicação para matar um grande número de homens. Estava claro que Simon não tinha bebido a dose necessária para que lhe afetasse, mas Dominic o tinha feito.



— Inteira-se se algum dos soldados tem os mesmos sintomas de seu irmão. Rápido - apressou Meg — Temo que a cerveja esteja envenenada.

O normando ficou paralisado durante um segundo; depois se dirigiu com rapidez à porta e a entreabriu o justo para poder tirar a cabeça. O escolta de Dominic não se moveu de seu lugar e Jameson, o escudeiro, estava sentado no chão ao final do corredor com a cabeça entre as mãos e o medo refletido em sua jovem face.

Enquanto Simon dava ordens entrecortadas, a jovem tirou o antídoto de sua cesta junto com uma pequena terrina. Abriu a garrafa e jogou uma pequena quantidade na terrina, acrescentando um pouco de água. Quando começou a tampar o recipiente, titubeou, pensando que seu marido precisava de mais medicina, pois era um homem extremamente alto e forte. Acrescentou algumas gotas mais da poção âmbar, e depois disso algumas mais, antes de deixar a terrina sobre a mesa e concentrar-se no homem que estava imóvel na cama.

— Dominic - disse Meg com voz clara e autoritária — Levante-se. Seu irmão está em perigo!

Não houve resposta por parte do doente e nem sequer alterou sua respiração, lenta e superficial.

— Estou em perigo? — perguntou com calma Simon, que tinha se aproximado até ficar nas costas da jovem.

— Não. Mas se algo pode arrancá-lo de sua inconsciência, seria acreditar que você pode morrer. É o único que lhe importa no mundo.

O normando, surpreso por suas palavras, limitou-se a observá-la enquanto ela se inclinava sobre seu irmão e o sacudia, sem conseguir nada.

A mão de Meg se ergueu, de repente, e o som de sua palma estalando contra o rosto de Dominic ressoou como um trovão no aposento. Simon deu um passo para detê-la, mas conseguiu controlar-se. Por muito que lhe



desgostasse ver como golpeavam o seu indefeso irmão, não lhe ocorria nada melhor para despertá-lo.

— Dominic - gritou a jovem, lhe esbofeteando de novo — Escute-me. Tem que despertar! Simon foi traído! Precisa de você!

Por um momento, Meg pensou que seu marido se moveu ligeiramente, mas não estava certa. Com os olhos cheios de lágrimas, levantou a mão e voltou a lhe golpear.

— Seu irmão está ferido! Sitiaram a fortaleza! Desperta agora ou nunca terá um filho!

A mão de Dominic se moveu então como se quisesse alcançar uma espada, mas, quase imediatamente, caiu inerte. Contendo a respiração, Meg esperou outros sinais de resposta.

Não houve nenhuma.

— Não serve de nada - murmurou desolada — Está muito longe para que minhas palavras o alcancem.

A suas costas se ouviu uma frase blasfema.

— Rápido - ordenou Meg, sem tirar os olhos de Dominic. — Levante-o para que possa beber.

Simon se colocou do outro lado da cama e levantou a cabeça, de seu irmão. Sem perder tempo, a jovem levou a terrina à boca e o inclinou, mas o líquido se derramou pelas comissuras dos lábios do doente. Desesperada, Meg tentou de novo, sem obter resultados.

— Basta - disse Simon com aspereza, voltando a deixar seu irmão sobre a cama — Assim não conseguiremos nada.

A jovem não se incomodou em responder. Introduziu dois dedos na boca de Dominic, fez com que a abrisse levemente e verteu um pouco da poção, que se derramou de novo.

— Tomou! — exclamou Simon com entusiasmo.



— Sim, mas desperdiça muita medicina; e só disponho da que há na garrafa.

— Quanto tempo para fazer mais?

— Quinze dias. As plantas têm que crescer. Só deixei folhas suficientes para manter vivas as raízes.

— Maldição – resmungou — Está segura?

A resposta de Meg foram suas lágrimas, que caíram de forma lenta e silenciosa por suas bochechas. Saber que Dominic morria levava uma parte de sua própria alma e a única esperança de paz para Blackthorne.

Meu Deus, não pode deixá-lo morrer agora. Não quando começo a amá-lo, não quando pode trazer a paz a estas terras e a meu coração. Sofremos muitos anos de ódio e guerras. É hora de paz de boas colheitas, de bebês. Oh, Deus! Não poderei seguir vivendo sem ele.

Sem deixar-se vencer pelo desânimo, gotejava, com infinita paciência, mais medicina à boca de Dominic... E esta voltava a cair.

Amaldiçoando, Simon tirou as luvas, atirou-as no chão, e começou a passear de um lado para outro, como um lobo enjaulado.

— Pense - disse com impaciência — Tem que haver uma forma de que beba. Uma colher, possivelmente?

— Mande trazer uma. — Mas não havia verdadeira esperança em sua voz. Dominic precisava tomar mais remédio com urgência e não acreditava que a colher lhe ajudasse. Então, de repente, recordou a forma em que lhe dava de beber.

Um estremecimento percorreu o corpo de Meg. O antídoto era muito forte. Só o ter na boca era um risco terrível, e se o tragava, provavelmente morreria.

Mas se não fizesse algo, e rápido, Dominic não veria outro amanhecer.

— Espera Simon, fica comigo. — Alarmado, o normando se voltou para ela — Ajude-me a levantar seu irmão.



Com ajuda do normando, Meg passou um braço por trás dos ombros de seu marido, fazendo com que a cabeça de Dominic repousasse em seu braço.

— Segure a cabeça para que fique um pouco inclinada — lhe indicou a jovem — Não, nem tanto. Como se estivesse olhando o horizonte. Sim! Mantenha aí.

Qualquer suspeita que Simon possa ter tido sobre a beberagem que Meg queria ministrar a seu irmão, desvaneceu-se quando ela mesma levou a terrina aos lábios. Não engoliu. Simplesmente abriu a boca de seu marido outra vez, pousou seus lábios sobre os dele e lhe deu de beber umas gotas do líquido.

E por fim, Dominic tomou.

— Sim! — exclamou Simon emocionado — Conseguiu!

Sem perder nem um segundo, a jovem repetiu a operação uma e outra vez, até que a terrina ficou vazia.

Quando Simon observou, assombrado o cuidado e a ternura com que Meg dava a Dominic a medicina, admitiu silenciosamente que a tinha julgado mal. Suas lágrimas e suas ações não deixavam lugar a dúvidas de que queria salvá-lo, sem lhe importar sua própria vida.

De fato, se não estivesse certo de que o matrimônio não se consumou, teria jurado que entre seu irmão e Meg havia algo além do afeto. Inclusive, por um instante, acreditava ter chegado a ver nos belos olhos femininos um brilho de... Amor.

— Sua respiração parece mais lenta que antes - disse ela de repente, alarmada.

A esperança que tinha albergado Simon desapareceu, ao perceber que Meg tinha razão. A respiração de Dominic, sem dúvida, estava muito lenta.

— Não cheguei a tempo! Meu Deus! Não cheguei a tempo! — Cheia de angústia, jogou a terrina no chão e sacudiu seu marido pelos ombros — Tem que respirar! Deve fazê-lo!



Completamente desesperada, inclinou-se de novo sobre ele e sussurrou:

—Toma meu fôlego. Toma-o. — Selou a boca de Dominic com a sua e fez com que o oxigênio de seus pulmões passasse ao corpo de seu marido, lhe tampando o nariz com sua bochecha. Depois ergueu a cabeça, tomou ar e o forçou a entrar na boca de seu marido, repetindo a mesma ação, sem parar.

Simon segurou o corpo inerte e contemplou assombrado durante longos minutos, a firmeza com que Meg lutava por cada baforada de ar que Dominic tomava. À exceção de seu irmão, nunca tinha topado com tal determinação e nem sequer tinha acreditado que pudesse existir.

De repente, Simon sentiu que Dominic se movia, quase ao mesmo tempo em que Meg. Depois de lhe oferecer um último fôlego, esta se ajoelhou no chão e pousou a bochecha sobre o peito de seu marido, tremendo, com um esforço que parecia mais mental que físico.

— Respira? — perguntou a jovem entre ofegos.

— Sim. Com certa dificuldade, mas cada vez mais profundamente.

Meg tomou ar, quase soluçando e ergueu a cabeça. Dominic estava menos pálido agora. Tocou-lhe a bochecha e comprovou que sua pele, antes gélida, estava se aquecendo. Entretanto, ainda respirava com uma debilidade quase dolorosa.

A jovem observava os pequenos avanços com inquietação, sabendo que o antídoto tinha que ter feito mais efeito. Fora feito com novas folhas e era muito mais eficaz que o que tinha preparado no verão passado.

De repente, o som da porta abrindo-se fez com que ambos se sobressaltassem.

— Milorde - anunciou o escudeiro de Dominic da soleira — Alguns dos cavalheiros estão um pouco atordoados, mas nenhum se queixa. Somente dizem que a cerveja estava mais forte do que o normal.

O normando dirigiu um olhar inquisitivo a sua cunhada.



— Se estivessem em perigo, já teriam manifestado sintomas - se limitou a dizer Meg, sem deixar de olhar Dominic.

— Volta para seu posto - ordenou Simon para Jameson — Se necessitarmos de algo, chamaremos.

— Milorde? — titubeou o escudeiro, preocupado.

— Dominic está muito melhor - lhe assegurou Simon, mostrando um falso sorriso — Anuncia aos vassalos que seu senhor estará completamente recuperado amanhã.

— Obrigado, milorde. — O alívio de Jameson foi evidente. Começou a dar a volta para partir, mas no último momento vacilou — Quase me esqueço. Sir Thomas deseja saber se deve ordenar baixar a ponte levadiça ao amanhecer.

— Não. — O tom de Simon não admitia réplicas — Ninguém deve entrar, nem sair.

— Sim, milorde! — O escudeiro se retirou com mais urgência que formalidade, sob o atento olhar de seu senhor.

Quando o normando voltou sua atenção a Meg, pôde ler o medo na lividez de seu rosto. Tinha a mão espalmada com suavidade sobre o coração de Dominic, mas não era a respiração dele o que realmente a assustava.

— Não é suficiente - gemeu a jovem — Morrerá antes que desperte. Devo correr o risco e dar-lhe tudo.

— O que quer dizer? Não faça nenhuma loucura!

Fazendo caso omissso de suas palavras, Meg se levantou depressa e, ao tratar de alcançar a pequena garrafa com o antídoto, golpeou com os pés a terrina que tinha jogado no chão. Agarrou o frio metal, encheu-o de água até a metade e verteu o brilhante líquido âmbar da garrafa, até que não ficou nenhuma gota.

Ao voltar para lado do doente, Simon afastou-se para lhe deixar mais espaço. Com supremo cuidado, a jovem deslizou a ponta do dedo pela boca de Dominic, que desta vez se abriu com mais facilidade. Meg levou a terrina



que continha a potente beberagem aos seus próprios lábios, e depois se inclinou sobre seu marido, lhe dando de beber da mesma forma que antes.

Depois do primeiro gole abrasador, o barão tomou a bebida com avidez, combatendo o veneno com cada pulsação que acelerava o antídoto através de seu corpo.

Quando Meg lhe deu de beber o último gole, tomou com as últimas gotas. Dominic tinha ensinado a desfrutar da intimidade daquele ato, assim exerceu uma suave pressão com a língua sobre a dele, numa suave carícia, e deu-lhe a última gota da beberagem.

Elevou seus olhos cheios de esperança para Simon e, ao dar-se conta de que a observava com uma mescla de compaixão e surpresa, ruborizou. Aturdida, dirigiu-se em silêncio à água, enxaguou a boca, meticulosamente, e depois fez a mesma com a terrina.

Apesar de que Meg tinha tomado cuidado, filtrou-se em seu próprio corpo suficiente quantidade da potente beberagem, o que tornou impossível manter-se quieta. Caminhava de um lado para outro da habitação, com uma rapidez que fazia repicar as jóias douradas e, quando aquilo já não foi suficiente para acalmar-se, agarrou a pesada garrafa e a fez rodar entre as palmas de suas mãos.

Depois de uns minutos, Simon olhou Meg, interrogando-a com o olhar.

— E agora? — disse sem poder seguir guardando silêncio durante mais tempo.

— Só podemos esperar - respondeu a jovem entre ofegos.

— Até que...?

— Até que ganhe um dos dois remédios.

O normando observou a garrafa entre as mãos femininas. O pouco cuidado com o que Meg a segurava era mostra evidente de que não restava nada nela.

— Quando saberemos?



— Não sei dizer – sussurrou — Qualquer homem mais fraco já teria morrido duas vezes.

— Duas vezes?

— Sim - afirmou cortante — Uma vez pelo veneno e outra pelo antídoto para combatê-lo. Trata-se de um estimulante muito potente.

— Por isso está andando de um lado para outro, sem parar? Quando Meg assentiu com a cabeça, Simon se alarmou.

— Está em perigo?

— Não sei. Mas se Dominic acordar e eu não, estou... — As palavras de Meg se detiveram com brutalidade — Dê-lhe água até que não possa beber nenhuma gota mais. Isso ajudará a eliminar o veneno de seu organismo.

Simon se afastou do leito de seu irmão e se aproximou rapidamente da jovem.

— Não há nada que possa tomar?

— Não. Não sou tão forte como Dominic. Eu perderia na luta entre os dois remédios mais potentes que conhece meu povo.

Quando Meg viu que Simon franzia o cenho, manifestando sua preocupação, sorriu apesar de que a beberagem a obrigava a respirar muito rápido.

— Não se preocupe. O estimulante... Perde força... Em seguida. As palavras entrecortadas e a agitada respiração da jovem não ajudaram o normando a tranquilizar-se.

— Teria que ter pedido que eu desse a poção a Dominic. Ou essa forma de dar é um segredo glendruíd?

Meg riu, de forma estranha, e caminhou ainda mais rápido, fazendo com que as jóias ressoassem com mais fúria.

— Glendruíd? Não, foi Dominic quem me ensinou. — Simon a olhou assombrado — Meu marido deseja um filho acima de tudo e planeja minha sedução nos mínimos detalhes.



Fez-se silêncio, enquanto a jovem dava a volta e recomeçava a caminhar pelo aposento. Falava de uma maneira rápida e quase brusca, do mesmo modo que andava.

— Mas não depende de mim lhe dar ou lhe negar um filho. Quando Dominic entender isso, vai me odiar, como nunca antes um homem odiou a uma mulher. — Fez uma pausa enquanto o som das jóias arrepiava o pêlo da nuca de Simon — Glendruid. Maldição e esperança unidas. Todas as mulheres de nosso clã carregaram a maldição e nenhuma a esperança.

Antes que o normando pudesse responder, Meg começou a respirar entre ofegos e a dar passos cada vez mais curtos, até que parou, tremendo visivelmente. O estimulante corria por suas veias como se fosse fogo.

Ao ver o estado em que encontrava-se, Simon correu para o seu lado e a segurou, quando esteve a ponto de cair, entre angustiantes gemidos.

— Perdoe-me, Meg — lhe pediu, com voz tensa, ao compreender o muito que se equivocou, julgando-a — Pensava que queria a morte de Dominic. E, entretanto, arriscou sua vida para dar uma oportunidade a ele.

A jovem não lhe escutava. Seu corpo começou a sofrer convulsões e Simon tentou segurá-la para que não se machucasse. Ela lutou com força durante um instante, mas em seguida deixou de lutar. O ataque tinha terminado tão rápido como tinha começado. Tremeu com violência, uma última vez, e caiu nos braços de seu cunhado.

—Meg? — Simon precisava assegurar-se de que estivesse bem.

— O pior aconteceu - afirmou ela em voz baixa.

De repente, se escutou um débil som proveniente da cama e Meg se libertou do apoio que lhe oferecia Simon, dirigindo-se, cambaleante ao lado de seu marido.

— Dominic? — disse com urgência.

Ele abriu os olhos, mas não a viu. Parecia atormentado e de seus lábios saíam sons graves e incoerentes.



Ao escutá-lo, Meg soltou um grito de angústia.

— Meu Deus, a poção o fez perder a razão.





Capítulo 18

Simon custou a entender a causa do desespero da jovem, mas quando por fim o fez, teve que dissimular um sorriso triunfal e tratou de tranquilizá-la.

— Não, Meg. Salvaste-o.

— Está louco? Não ouve esses balbucios?

— Sim. E nunca pensei que eu gostaria tanto de escutar a língua de meus inimigos.

Ela o olhou, temendo que também ele tivesse perdido a razão.

— Está falando em turco - disse Simon soltando uma gargalhada de alívio.

Meg sorriu com certa indecisão, enquanto observava ao guerreiro loiro que tanto recordava seu marido.

—Turco? — perguntou, quando ele deixou de rir — Então o que diz significa algo!

— Sim.

— E o que diz?

Simon escutou com atenção, duvidou um segundo, e logo lançou a Meg um olhar ligeiramente divertido.

— Ehh... Fala dos antepassados de certo sultão.

— Os antepassados?

— Em certo sentido, sim. Burros, idiotas, lama e... ehh... Excrementos.

— Não entendo nada - estalou exasperada — Tem menos juízo que seu irmão.

Um sorriso cruzou o rosto de Simon, tornando-o mais parecido com Dominic e fazendo com que a jovem recordasse quanto temia não voltar a ver jamais o



sorriso de seu marido. Levaria com gosto as correntes e comeria de sua mão durante todo um ano, se com isso recuperasse a saúde.

— O sultão não se caracterizava precisamente por sua bondade. - Ihe explicou o normando.

De repente, uma corrente de palavras procedente da cama fez que ambos concentrassem sua atenção no doente. A jovem somente pôde entender o nome de Simon, mas a clara angústia de seu marido não necessitava de palavras para fazer-se entender.

— Descansa Dominic. — Meg se dirigiu a ele em um tom claro e calmo, enquanto se sentava ao seu lado e lhe agarrava a mão com ternura — Está a salvo.

— Simon! Capturaram Simon. — Embora falasse em voz baixa, o lamento de Dominic tinha a urgência de um grito.

Simon tomou a mão livre de seu irmão e a apertou, tentando lhe transmitir sua força.

— Estou aqui - Ihe tranqüilizou — Resgatou-me desse maldito buraco. Estou a salvo, irmão, e você também.

Dominic gemeu de novo, mas pouco a pouco, a calma se apoderou de seu corpo.

— O que aconteceu em Jerusalém? — perguntou Meg, em voz baixa.

— Capturaram-me junto a outros onze homens e nos entregaram a um sultão com um nome que nenhum de nós sabia pronunciar. Era pior que o diabo, mas Dominic nos resgatou.

— Não deve ter sido fácil.

— Não. — Fez uma pausa como se lhe custasse falar. — Absolutamente.

A jovem observou com atenção Simon, pressentindo que algo escuro e terrível se escondia atrás de suas palavras.

— O que quer dizer?



— Ao sultão não interessava nem eu nem os outros onze homens. Somente havia um infiel cujo valor queria pôr a prova.

— Dominic? — sussurrou Meg.

Simon fez um gesto de assentimento com a cabeça.

— Assim é. Dominic, o Sabre.

— O que ocorreu?

— Meu irmão se entregou ao sultão em troca de nossa liberdade.

— Meu Deus — gemeu assombrada.

— Deus não tinha muito a ver com o sultão. Não conheci ninguém mais cruel. — Guardou silêncio um momento, e depois continuou. Há homens que desfrutam com as mulheres. Alguns gostam dos meninos. Outros gostam de fazer sofrer. Aquele homem vivia para destruir aqueles a quem considerava mais fortes do que ele e tinha desenhado uma assombrosa variedade de ferramentas com esse propósito.

Um calafrio percorreu o corpo de Meg.

— A mão que segura leva a marca do sultão - seguiu Simon — Se seu matrimônio fosse normal, veria muitas cicatrizes no resto de seu corpo.

Meg baixou o olhar e observou com atenção seu marido. Sua mão era muito maior que a dela, mais forte, calejada pelo uso da espada; e, mesmo assim, apesar de tudo, ele a tinha acariciado com uma suavidade deliciosa.

Devagar, a jovem riscou com as pontas dos dedos as cicatrizes que marcavam o dorso da mão de Dominic. Quando chegou aos dedos, deixou de respirar. Havia visto suficientes acidentes com tochas ou pedras para reconhecer os sinais de dedos quebrados, que não tinham sido adequadamente curados. E quanto às unhas, todas apresentavam sinais de tortura. A penumbra em que a tinha mantido cativa e a sensualidade com a qual a tinha envolvido cada vez que estavam juntos, tinham evitado que percebesse isso, até aquele momento.



— É o mesmo na outra mão - disse Simon — E, me acredite, arrancar as unhas foi o menos doloroso que lhe fez.

Meg afogou um grito de angústia e acariciou a mão de seu marido com uma ternura comovedora, como se dessa forma pudesse eliminar as crueldades do passado.

— Como Dominic conseguiu a liberdade? — inquiriu ela com um sussurro rouco, depois de uns minutos.

— Quando souberam o que tinha ocorrido, reuniram-se cavalheiros de todos os exércitos a mais de cem quilômetros ao redor. Quando terminamos, não ficava em pé nenhuma pedra da cidadela onde tinha estado prisioneiro.

— O que aconteceu com o sultão?

— Estava morto quando o encontramos.

Uma vez mais, foi o tom de voz de Simon, mais que suas palavras, que chamou a atenção de Meg.

— Como? — O frio sorriso do normando fez com que a jovem esperasse a resposta, contendo a respiração e sentindo que o sangue se congelava em suas veias.

— É difícil de saber. Quando entramos no palácio e resgatamos Dominic, houve um grande alvoroço. Meu irmão conseguiu burlar o guarda do sultão, arrastou-o até as habitações das mulheres e se encerrou ali. — Fez uma pausa significativa — Todos sabiam que esse maldito sultão gostava de desfrutar de seu harém, quando não tinha novos infiéis aos quais torturar.

Simon observou a comoção no rosto de Meg e sorriu de novo.

— Meu irmão é o melhor estrategista que conheço - lhe explicou. — Sabia que nada do que pudesse fazer ao sultão teria sido suficientemente cruel; que o castigo imposto por umas concubinas que tinham sido torturadas durante anos, seria muito mais eficaz.

O silêncio se impôs entre eles, enquanto Dominic se agitava e gemia, amaldiçoando em inglês e em turco contra um cavaleiro chamado Robert.



— De quem fala? — perguntou Meg, olhando Simon.

— Robert era um de nossos cavalheiros. Um dia conheceu Enjoe, a jovem normanda que trouxemos conosco. No princípio tudo foi bem, mas ela gostava de divertir-se com outros homens. Robert acreditou que Dominic era um deles e o conduziu a uma emboscada.

— Feriram meu marido?

— Sim. Quando se recuperou, desafiou Robert, matou-o e ofereceu a Enjoe seu amparo, para evitar que seus cavalheiros lutassem por ela.

Os lábios de Meg se converteram em uma fina linha, ao descobrir como aquela mulher tinha chegado a ser a amante de seu marido.

— Que inteligente por parte de Dominic! — assinalou mordaz.

— Sacrificar-se assim pela honra de seus cavalheiros...

— A alternativa era vendê-la a algum sultão; e isso não teria sido muito nobre, não acha?

— E por que não? — rebateu-lhe — Pelo que pude ver, não acredito que esse destino lhe tivesse desagradado.

—Deveria estar agradecida. — O olhar de soslaio que Meg dirigiu a Simon fez com que este tivesse que esforçar-se para não sorrir—. Sem Enjoe e, é obvio Eadith, os homens de meu irmão estariam semeando o caos entre as donzelas da fortaleza. Os normandos não são muito populares por aqui.

— Nos dê tempo — disse Meg com secura — Dominic conta com um bom número de cavalheiros fortes, atraentes e teimosos. Estou certa de que as donzelas cederão logo.

— Acha?

— Por que não? Às escuras, é impossível distinguir os normandos dos escoceses ou dos saxões.

Simon riu abertamente.

— Fará de Dominic um homem feliz, Meg. Cai-lhe bem. Algo pareceu morrer nele na Terra Santa.



Com um leve sorriso, a jovem deu a volta e verteu água na terrina de metal. Quando a beira metalizada roçou os lábios de seu marido, este se afastou, sacudindo a cabeça, com impaciência.

— Talvez meu irmão esteja doente - comentou Simon com um ligeiro ar zombador —, mas não é estúpido. Estou certo de que preferiria receber o líquido de seus lábios.

O rubor tingiu as bochechas de Meg, enquanto tomava um gole de água, inclinava-se sobre seu marido e lhe oferecia a bebida de seus lábios. Não houve necessidade de lhe persuadir para atrair sua atenção. Assim que sua boca roçou a dele, voltou-se para ela com avidez e, antes de ter bebido duas terrinas inteiras, não voltou a estar inquieto e a delirar.

Daquela vez falou em inglês, mas a jovem teria desejado não entender o que dizia.

—... Matanças sem fim. James, morto. O pequeno John, morto. Ivar o Pagão, morto. Stewart o Vermelho...

Enquanto Dominic parecia recitar uma estranha e inquietante ladainha cheia de sangue e morte, Meg lhe acariciava o cabelo, com ternura, como se tentasse apaziguar um menino com febre.

Mas não era a febre que consumia Dominic, e tampouco era um menino. Era um homem que tinha conhecido o sangue derramado na batalha, a confusão das lanças e os cavalos misturando-se com os homens a pé, o lento desgaste de assédios e enfermidades até que os meninos morressem de inanição e as mulheres brigassem por um pedaço de comida.

O barão seguiu recitando a lista de famintos, mutilados e mortos repetidamente, até que Meg pensou que gritaria se escutasse um só nome mais.

— Deve haver paz!

Por um momento, a jovem pensou que tinha sido ela mesma quem tinha gritado, mas outro grito interrompeu seus pensamentos.



— Ouviu-me, irmão? Deve haver paz!

— Sim - respondeu Simon com clareza — Tranquilo, trará paz a sua terra. Vai conseguir.

Quando Dominic gritou de novo, Simon respondeu da mesma forma, tratando de chegar mais à frente do delírio do veneno para que seu irmão pudesse descansar.

A dor que seu marido sempre ocultava quando tinha controle sobre si mesmo, rasgou o coração de Meg, também atormentado pela maldição glendruid.

Fosse qual fosse o motivo que impulsionava Dominic sempre me tratou com justiça e se mostrou terno comigo. E apesar de desejar tanto um filho, em vez de me exigir isso, trata de me cativar.

Poderia ter matado todos os saxões da fortaleza por lhe trair, e ainda assim, conteve-se. Quer a paz não a guerra. Meu Deus, oxalá tivesse o poder de lhe conceder a meu marido seu maior desejo.

Mas Meg não podia e era muito consciente disso. Os filhos de uma glendruid só podiam nascer do amor correspondido. Pode que ela o desejasse, que sentisse compaixão por seu sofrimento, que respeitasse sua inteligência, disciplina e ambição, que lamentasse o que poderiam ter tido juntos se ela não soubesse o que ele pretendia. Pode inclusive que já o amasse, mas nunca poderia ter filhos se não lhe correspondia. Simplesmente estava além de sua capacidade... Não existia amor em Dominic para ela.

Cheia de angústia, atraiu a poderosa mão masculina para seus lábios e a manteve ali enquanto lágrimas que não podia conter se deslizavam desde suas bochechas aos dedos dele. Todas as esperanças de seu marido eram vãs, ao igual às suas. Ela era como todas as mulheres glendruid que a tinham precedido.

Estava maldita.



— Dominic mudou depois de ter sido prisioneiro do sultão - disse Simon de repente em voz baixa, rompendo o fio dos pensamentos da jovem—. Sempre tinha sido um guerreiro sensato, mas se tornou tão brilhante como absolutamente implacável. Planejava cada batalha com supremo cuidado, não só para ganhar, mas também para fazer o menor dano possível no processo. Entretanto, quando destruía algo... — sua voz se desvaneceu por um momento e logo cobrou força — Fazia de tal maneira que duvido que voltasse a se recuperar.

Meg acariciou com os lábios a palma da mão do Dominic.

— Agora habita nele uma desconcertante frieza - continuou o normando — Mostra clemência com os que atuam com inteligência, sem lhe importar o muito que lhe tenham provocado, e não tem piedade com os que atuam sem pensar, por mínima que seja a ofensa.

Em silêncio, a jovem voltou a beijar a palma da mão de seu marido, perguntando-se se mostraria clemência com ela ou se não teria piedade ao julgá-la por faltar a sua palavra de permanecer em seus aposentos.

— Quando meu irmão se afastou dos domínios do sultão que ele mesmo arrasou jurou que teria terras de sua propriedade no limite mais remoto do mundo civilizado, longe das ambições de reis, batalhas e sultões. Administraria essa terra com tal cuidado que não existiriam nem a fome nem a necessidade. E seus descendentes herdariam seu legado.

— Para que assim algum de seus lucros vivesse para sempre? —perguntou Meg.

Simon negou com a cabeça.

— Dominic só quer a paz. Uns filhos fortes com crenças firmes ajudarão a mantê-la. Não toleraria outra coisa.

Terra, uma esposa nobre, descendência... E paz. Sobretudo, paz.

Os desejos de seu marido ressoavam na mente de Meg uma e outra vez enquanto contemplava as rugas que a dor marcava em seu rosto. Em silêncio.



rebelou-se, com fúria pelas circunstâncias que os envolviam e a ironia da situação.

Lutaste tanto pela paz... Por possuir terras... Por que Deus te enviou para mim, que não posso te dar o que tanto necessita?

— Dar-lhe-á os filhos que deseja? —inquiriu Simon, tenso.

Meg lhe ofereceu como única resposta o lento e surdo fluir de suas lágrimas.

Durante muito tempo, Meg sustentou a mão de Dominic apertada contra sua bochecha enquanto escutava seus delírios de paz e de guerra. Os angustiantes gemidos que jamais tivessem escapado de sua boca se tivesse estado acordado, cravavam-se no coração da jovem como adagas. E por fim, entendeu que o cavaleiro normando tinha surto da névoa fazia o que parecia um século, não era a força maligna que ela acreditava; era um homem forte, leal, nobre, e atormentado pelas extremas circunstâncias de sua vida.

Chorou por ele, e também pelo destino que lhe tinha unido a uma mulher que não podia lhe conceder o sonho pelo que tinha pagado um preço tão alto.

Finalmente, Dominic emudeceu, sua respiração se voltou mais profunda e seu corpo se relaxou.

— Está melhor? —perguntou seu irmão.

— Sim. Já não está inconsciente, mas adormecido.

Simon a olhou, observando como desapareciam as marcas de tensão de seu rosto, igual a tinham desaparecido de Dominic quando entrou em um sonho reparador. Murmurando uma oração de agradecimento, aproximou-se do leito e apartou uma grossa mecha da frente do doente. O gesto dizia muito do afeto que se professavam os dois irmãos; um vínculo muito mais profundo que o mero fato de ter o mesmo pai.

— É tão estranho - sussurrou Meg.



— A que te refere?

— Duncan tocava lorde John dessa maneira - disse sem pensar.

— Duncan - rugiu Simon grosseiramente, apartando a mão — Arrancarei seu coração por isso.

Meg cortou a respiração.

— Por quê?

— Por envenenar meu irmão.

— Duncan nem sequer está no castelo!

— Seus cúmplices estão.

— Os Reeves partiram com ele.

— Malditos sejam - bramou Simon, furioso—. Está claro que há espiões dentro da fortaleza e que um deles envenenou Dominic. Quando descobrir quem é, enforcá-lo-ei.

— Ninguém do castelo seria capaz de envenenar...

Sua aflita voz se foi apagando ao compreender que estava equivocada. Fechou os olhos e, inconscientemente, abraçou a si mesma, como querendo proteger-se de um vento gélido. A idéia de que alguém a quem conhecia odiasse tanto a Dominic para matá-lo de maneira tão covarde, deixava-a literalmente geada.

— Antes de ver como lutava por salvar a vida de meu irmão, estava seguro de que você era a assassina — admitiu o normando.

Ao escutar aquelas palavras, Meg abriu os olhos, verdes e frios como a esmeralda que Dominic tanto adorava, e os cravou em Simon.

— Sou curandeira - afirmou.

— Agora sei. Inclusive arriscaste sua vida por ele. —Sorriu-lhe quase com amabilidade—. Se não tivesse sido por ti, Dominic estaria morto.

— Não entendo como pôde ocorrer isto - murmurou Meg, sacudindo a cabeça—. O que acha que aconteceu?



— É evidente que alguém jogou a poção no barril de cerveja, e depois pôs algo mais na jarra de Dominic para assegurar-se de que morreria.

— Quem? Quando?

— Puderam ter posto em qualquer momento.

— Não. Só no dia anterior às bodas.

— Por que está tão segura?

— Foi quando descobri que faltava a poção - confessou Meg.

— Disse à Dominic?

— Não.

— Maldita seja! Por que não?

— Não estava segura da classe de homem que era - reconheceu a jovem sem rodeios—. De todas as formas, também poderia havê-la roubado qualquer um de seus homens.

Simon rechaçou aquela possibilidade com um gesto brusco.

— Não. Todos os homens são leais. Dominic vendeu sua alma para resgatá-los.

— De verdade os conhece o suficiente para responder por sua honestidade?

— Vamos, Meg - se impacientou Simon—. Quem de meus homens poderia saber algo de suas ervas e remédios?

— Ninguém - murmurou - Só Gwyn e eu utilizamos ervas para curar em Blackthorne.

— E onde está a anciã? —inquiriu ele, entrecerrando os olhos.

— Em uma aldeia ao sul daqui, trocando remédios com outra curandeira.

— Ela poderia ter posto a poção no barril antes de partir.

— Se o tivesse feito, Dominic estaria morto.

Simon lhe lançou um olhar sombrio.

— Por que está tão segura?

— Gwyn conhece a dose necessária para fazê-lo. - limitou-se a dizer.



— Apóia-te só nisso para defendê-la? —espetou-lhe Simon.

— Gwyn não poderia matar. Nunca o faria. É uma curandeira.

— Conhece Eadith a dose exata? —perguntou então o normando.

— Não. Por quê?

— Odeia aos normandos.

— Seriamente? —burlou-se Meg—. Por isso passa tanto tempo na cama de Thomas e na tua?

— Foi ela que serviu a cerveja - insistiu ele.

— Enjoe também o fez - replicou a jovem—. Suspeita dela?

— É obvio que não. Deve a vida a Dominic.

— E Eadith me deve isso. Pode ser que goste de espalhar rumores, mas essa não é razão para pensar que tenha cometido um ato tão atroz.

— Mas é ambiciosa - assinalou Simon.

— Somente deseja um marido e um lar.

O normando emitiu um som de exasperação e passou uma mão impaciente pelo cabelo.

— Possivelmente tenha sido um dos cavaleiros de lorde John - disse finalmente.

Meg se dispôs a negar, mas um gesto de impaciência de Simon a deteve.

— Alguém envenenou essa cerveja e quase consegue matar Dominic - afirmou com uma voz que não admitia réplicas—. Ninguém estará seguro até que descubramos o traidor.

A jovem olhou para a cama onde dormia seu marido. Por muito que odiasse as conclusões de Simon, sabia que tinha razão. O destino de Blackthorne estava unido irremediavelmente à vida e a morte de Dominic o Sabre.

E ambos tinham estado muito perto de morrer.





Capítulo 19

Dominic despertou na metade da noite junto ao suave e quente corpo de Meg, sentindo que uma terrível dor de cabeça ameaçava lhe atravessando o crânio. Quando abriu os olhos, inclusive o tênue resplendor do fogo que se filtrava através dos cortinados que penduravam do dossel da cama, produzia-lhe uma terrível dor. Sufocando um gemido, apertou as têmporas com as mãos e se perguntou o que lhe teria passado.

Imediatamente, Meg despertou e agarrou a cesta de remédios que tinha tido a mão durante as muitas horas que seu marido tinha permanecido dormindo. Sem perder um segundo, jogou casca em pó em uma jarra de água que Simon tinha pegado diretamente do poço, e que tinha levado ele mesmo ao quarto de seu irmão.

— Toma - disse, oferecendo a bebida a Dominic —. Bebe isto. Aliviar-te-á a dor de cabeça.

Ele o fez sem vacilar, e, embora a poção fosse amarga, não apartou a jarra até apurar o último sorvo.

Sem ser consciente disso, Meg deixou escapar um suspiro de alívio.

— Pensava que não ia querer tomar o remédio? —perguntou-lhe Dominic com expressão severa.

—Temia que pensasse como Simon. —Ao ver que ele levantava uma sobrancelha em sinal de interrogação, explicou-lhe—: Seu irmão acreditava que eu te tinha envenenado.

Envenenado!



Dominic se levantou de repente, fez um gesto de dor, e murmurou algo em turco. Meg se apressou a ajoelhar-se a seu lado e pôs as mãos sobre o amplo peito masculino, tentando que voltasse a deitar-se.

— Não te levante ainda - lhe aconselhou—. Deve te sentir como se lhe tivesse uma tocha na cabeça.

— Sim! —gemeu—. Santo Deus é exatamente assim!

— Shhh... —murmurou ela—. Se fechar os olhos se sentirá melhor. Agora, até uma leve iluminação deve te parecer uma luz cega.

Ao inclinar-se para esfregar as têmporas de Dominic, as pequenas correntes que Meg tinha enroscadas em sua trança quase desfeita tilintaram.

— Continua usando as jóias que te dei de presente. — As trevas que o tinham envolvido começavam a dissipar-se.

— Até que você as tire - assentiu Meg.

—Mas faltou à palavra que me deu de outra maneira.

As delicadas mãos femininas se detiveram. Alegrava-se de que Dominic não pudesse vê-la com clareza. Inclusive aturdido pelos efeitos residuais do veneno, teria percebido seu temor. Recordava claramente suas palavras: «Eu só mostro clemência uma vez à mesma pessoa, Meg. “Jamais volte a me enfrentar»

Mas o tinha feito.

— A esposa de Harry... —começou ela, voltando a esfregar as têmporas de Dominic.

— Lembro-me - a interrompeu — Um parto comprido e complicado. Como vai?

— Não sei. Simon não deixa que ninguém entre nem saia deste quarto, exceto ele mesmo. Agora está fora, no corredor, dormindo.

— Necessita-te ainda essa mulher? —interessou-se.

Meg se perguntava o que estaria pensando Dominic. Sua voz não lhe delatava, nem tampouco seu corpo. Voltava a ter pleno controle de si mesmo.



— Não acredito. Gwyn voltou ontem, justo antes do entardecer. Teria avisado se acontecesse algo a Adélia.

— E ao diabo com as ordens de Simon? —perguntou ele em tom neutro—. Ou com as minhas?

Cheia de angústia, Meg tentou procurar em sua mente algum modo de explicar a Dominic que ela era responsável pelos habitantes de Blackthorne de uma maneira que ia além das obrigações normais da esposa do senhor.

— Saber que há gente ferida quando eu poderia lhes aliviar... —disse com voz entrecortada—. Que estão doentes, quando eu poderia lhes curar... Que morrem, quando eu poderia haver ajudado a viver...

Meg deixou cair às mãos enquanto observava o rosto de seu marido, em busca de alguma pista a respeito do que pensava nesse momento.

Não achou nenhuma. Sua expressão era como sua voz: implacável e disciplinada, carente de emoções, quase desumana.

— Seja qual for o castigo que me imponha por romper meu juramento — sussurrou a jovem— não seria pior que saber que alguém morreu quando eu poderia lhe haver salvado.

Com um rápido movimento, Dominic apanhou as mãos de sua esposa entre as suas.

— Rompeu o juramento que me fez.

— Sim - reconheceu Meg, fechando os olhos.

— E o faria de novo, se sua gente o necessitasse. —Não era uma pergunta e sim uma afirmação.

— Sim - voltou a dizer ela—. Sinto muito, Dominic. É algo que não posso mudar.

— Está preparada para receber o castigo que eu ache conveniente?

Ela respirou profundamente antes de falar.

— Sim. Mas por favor, não volte a me encerrar. Não poderia suportá-lo.

— Os vassalos tampouco o aceitariam, verdade?



Meg titubeou e depois fez um gesto de assentimento com a cabeça.

— Verdadeiramente é um problema, esposa.

— Não pretendo sê-lo. Sou tão somente... O que sou.

— Alguém que faz o que deve fazer.

— Sim.

Depois de uns segundos, Dominic perguntou:

— Como escapou do castelo?

A jovem não respondeu nem abriu os olhos. Não queria enfrentar-se à gélida ira de seu marido apesar de que agora sabia o muito que tinha sofrido e o que impulsionava suas ações.

O silêncio foi tão denso e durou tanto tempo, que finalmente Meg se atreveu a levantar a vista. Ele a observava com um olhar tão frio e analítico que lhe produziu calafrios.

— É uma mulher valente - reconheceu Dominic com voz dura—. Claro que, se houver algo que não te agrada, somente tem que fazer saber a seus vassalos.

— isso não é certo! —exclamou desconcertada — Odiava estar encerrada sem ver a luz do sol, mas em nenhum momento protestei por isso. Nem tampouco me neguei quando o rei decretou meu matrimônio. Nem sequer me queixei ante ninguém das surras que me dava lorde John.

— Mas os vassalos sabiam.

Ela duvidou antes de responder.

— Sou sua curandeira. Estamos... Unidos de algum modo.

Produziu-se outro momento de silêncio enquanto o normando meditava sobre a estranha mescla de vulnerabilidade e intransigência que era sua esposa.

— É evidente que há um passadiço que conduz para fora da fortaleza - disse por último Dominic—. Ensinará onde está, assim que possa sair desta cama.



Meg não queria revelar sua rota secreta, mas era consciente de que seu marido tinha direito a conhecê-la.

— Sim — acessou ao fim.

Os lábios do normando desenharam um estranho sorriso.

— Foi tão difícil, pequena?

— O que?

— Admitir que é minha e que está sob meu amparo.

— Faz que pareça egoísta.

— Não. Nunca conheci ninguém que o seja menos. Mas não reconhece nenhuma autoridade em certos temas.

O triste sorriso de Meg surpreendeu a Dominic.

— De verdade acha isso? — perguntou-lhe com pesar—. Sempre devo estar atenta às necessidades de todo o mundo, sem importar a hora nem o lugar. Mas nunca, nenhuma só vez, ninguém perguntou quais eram meus próprios desejos.

— E o que é o que desejas?

— Não estar atada a antigas maldições, milorde. Tão somente isso.

Afastando lentamente suas mãos de debaixo das de seu marido, Meg jogou de lado os pesados cortinados que penduravam do dossel e saiu da cama para vigiar o fogo da chaminé.

— Dorme Dominic. Necessita-o.

— Dormiria melhor contigo ao meu lado.

Devagar, Meg depositou um ramo de carvalho no fogo e, quase imediatamente, as chamas percorreram toda a madeira, preparando-a para que ardesse. Durante uns segundos, a jovem se sentiu como aquele ramo, sacrificada pelas necessidades de outros. Depois sacudiu a cabeça para afastar aqueles pensamentos e voltou para a cama.

Dominic a esperava. Sem dizer uma só palavra, abriu os lençóis em um silencioso convite e ela se deslizou rapidamente a seu lado.



— Deve abrigar-se - sussurrou Meg.

— Você me dará calor.

Os fortes braços de seu marido a atraíram para si até que a jovem apoiou a cabeça em seu ombro e ficou intimamente unida a ele. Normalmente o calor que desprendia de Dominic era muito intenso, mas aquela noite os últimos restos de veneno faziam com que seu corpo quase tremesse de frio.

A jovem cobriu os corpos de ambos com as mantas o melhor que pôde e tentou transmitir seu próprio calor a seu marido.

Sentir a preocupação de Meg fez com que uma suave onda de prazer invadissem Dominic. Sorrindo, deu-lhe um tenro beijo na frente, acariciou com suavidade sua bochecha e se deixou levar pelo sonho.

A jovem fechou os olhos, relaxou seu corpo e por fim se permitiu descansar.

— Não! —gritou Meg com desespero ao mesmo tempo em que se levantava.

Dominic, reagindo imediatamente, ergueu-se brandindo uma adaga e, com um rápido olhar, comprovou que nenhum intruso ameaçava sua segurança.

— Dominic? —chamou rudemente seu irmão da porta—. Está tudo bem?

— Sim. Só foi um mau sonho.

Simon murmurou algo a respeito de bruxas e pesadelos enquanto fechava a porta e voltava a deitar sobre a cama que tinha preparado no corredor.

Meg tremia com o coração na boca e murmurava angustiantes e incoerentes sons. Tomando conta da situação, o normando guardou com rapidez a adaga sob o travesseiro, abriu um lado dos cortinados e acendeu uma vela com os últimos restos da que se estava apagando sobre a mesinha.

— Meg? —disse Dominic em voz baixa, acariciando brandamente sua bochecha—. O que te ocorre?



A jovem parecia incapaz de responder, perdida como estava em um mundo de sombras que só ela podia ver.

— Meg?

Como se sentisse a crescente inquietação de seu marido, ela abriu os olhos por fim e olhou a seu redor como se estivesse desorientada.

— Dominic? Ocorre algo? Está doente outra vez?

— Não, Meg. Trata-se de ti. Gritaste — lhe explicou em voz baixa para não assustá-la.

— Oh!

Abraçando-se a si mesma, a jovem observou a vela a uns centímetros da cama e as brasas quase extintas da chaminé. Nem um só raio de luz atravessava as grossas janelas fechados.

— O fogo - comentou ausente.

— Vou acendê-lo

—Não! Pegará frio.

O normando pôs um dedo sob o queixo de Meg, obrigando-a a olhá-lo.

— O que aconteceu pequena?

Ela moveu os lábios sem pronunciar uma palavra e esfregou os braços tentando encontrar calor.

— Se deite. — Enquanto falava, empurrou-a com cuidado para recostá-la na cama — Se não, será você que pegará frio.

Com uma rapidez incomum em um homem que tinha estado tão doente hora antes se levantou e avivou o fogo com destreza. Quando retornou ao leito, atraiu Meg para si e os cobriu com as mantas. Ela passou um braço sobre seu amplo peito e tratou de tranquilizar-se, respirando fundo.

— Pode contar agora? — perguntou Dominic.

Pensava que a jovem não responderia, mas, uma vez mais, surpreendeu-o.

— Foi um sonho - respondeu Meg com um suspiro.

— Está acostumada a tê-los freqüentemente?



— Não.

O normando esperou que se explicasse, entretanto, a jovem não acrescentou mais nada.

— Acaso teme que te castigue pelo que fez? —inquiriu instantes mais tarde.

— Não - sussurrou ela—. Embora devesse.

— Por quê?

— É muito mais forte que eu.

O sorriso que se desenhcou nos lábios de Dominic estava cheio de ironia.

— Acha isso mesmo? Então, por que me desobedece continuamente?

— Eu... —A pressão dos firmes dedos masculinos sobre seus lábios interrompeu sua réplica.

— Por que te despertaste gritando? —perguntou-lhe sem rodeios.

— Às vezes... Às vezes sonho - se apressou a responder Meg.

— Muita gente o faz.

— Não deste modo.

— Todos têm pesadelos às vezes - disse ele com serenidade.

— Você também os sofre?

— Sim.

Meg moveu a cabeça até que pôde observar o duro e atrativo perfil de Dominic, recortado contra a luz do fogo.

— O que sonha? —sussurrou ela.

— Não recordo. Só sei que me levanto molhado de suor frio.

— Não recorda nenhum sonho?

— Alguns - respondeu reticente.

— Mas não aqueles que lhe incomodam? —insistiu.

— Não, esses não.

O longo suspiro que emitiu Meg percorreu calidamente a pele de Dominic.

— Eu desejaria não recordar os meus - murmurou.



— Pode me descrever o que recorda? Ou é um assunto exclusivo dos glendruoid?

— Não sei. —encolheu-se ligeiramente de ombros— Gwyn e eu não falamos disso e minha mãe nunca mencionou nada.

— Mas você pensa que está relacionado com as lendas de seu povo.

Apesar do tom empregado por Dominic não ser violento, era evidente que procurava repostas que lhe convencessem.

— Sim - admitiu Meg.

— Me fale sobre isso, pequena. Deixa que te conheça. —Suas palavras estavam cheias de ternura, mas em suas pupilas brilhava o fogo da determinação.

— Tive pouca paz em minha vida - confessou a jovem a meia voz—. Meu pai... Lorde John sempre desejou me casar com um cavalheiro escocês ou um lorde saxão...

Dominic insistiu que seguisse, com um gesto.

— Os saxões, que viram como os normandos arrebatavam suas terras, vagavam em grupos lutando, roubando e tentando recuperar de novo suas posses.

— Como os Reeves? —interveio ele.

Meg assentiu.

— Lorde John - continuou—, era o filho de um cavalheiro normando e uma dama escocesa e saxã. Pai e filho lutaram por estas terras, mas abandonaram o cultivo das colheitas e seus rebanhos foram saqueados. — Fez uma pausa—. Esse foi o motivo que impulsionou lorde John a tomar por esposa a uma glendruoid. Desejava um tempo de prosperidade para seu feudo que lhe permitisse recrutar mais soldados e seguir lutando.

O normando retirou com uma carícia uma mecha avermelhada da bochecha feminina.



— Mas nada saiu conforme o planejado - se lamentou Meg—. Todos fracassaram.

— Todos?

— Meu povo e lorde John.

— O que perderam os glendruoid? —quis saber Dominic.

— A esperança - afirmou terminante—. Gwyn acreditou que minha mãe conceberia um filho.

— Entretanto, nasceu uma menina.

— Uma decepção. —O pesar era evidente em sua voz.

— Não para mim. Não teria escolhido a nenhuma outra mulher como esposa.

— Não parecia estar muito satisfeito comigo quando foi me buscar na cabana de Harry.

Ele foi prudente e não respondeu, deixando que o crepitar do fogo enchesse o silêncio. Pensativo, acariciou com suavidade o cabelo de Meg enquanto recordava suas apaixonadas palavras: «Nunca, nenhuma só vez me perguntaram quais eram meus próprios desejos.»

— O que é o que desejas Meg? —perguntou Dominic finalmente—. Por que aceitou se casar comigo? Por que não escolheu Duncan de Maxwell?

O corpo de Meg se esticou visivelmente.

— Não desejava mais guerras - afirmou cortante—. Detesto a crueldade, a violência, vidas que se apagam antes de ser vividas... E era consciente de que isso só seria possível se Blackthorne Keep fosse governado por um grande guerreiro respaldado por um exército. Foi quando escutei as proezas de Dominic o Sabre, na Terra Santa e que todos lhe consideravam um herói.

Inspirou rápida e profundamente antes que Dominic a interrompesse.

— Entretanto, agora me acusam de ter sido amante de quem, até recentemente, acreditei que era meu irmão, e as suspeitas de envenenar a meu marido recaem sobre mim.



— Eu não suspeito de ti - replicou ele.

Meg continuou falando como se não tivesse escutado nada.

— Sou curandeira e desejo erradicar o ódio que alimenta as guerras. Quero paz! Paz!

A respiração de Dominic cessou por um instante. Nunca imaginou que alguém pudesse descrever seus próprios sonhos com tanta precisão.

— Compartilho seu desejo. —Devagar, com infinita ternura, fez que Meg o olhasse—. Lutemos juntos, pequena. Ajude-me a conseguir a paz nesta terra.

— Como?

— Mesclemos sangue glendruid e normando. Tenhamos filhos.

Ao escutá-lo, os olhos de Meg se encheram de ardentes lágrimas não derramadas.

— Isso não depende de mim - sussurrou—. É um grande guerreiro, capaz de ser prudente, de te conter, de velar pelo bem-estar de seus vassalos... Mas não é capaz de amar.

Dominic não negou. O inferno do sultão levou com ele grande parte de sua alma e qualquer emoção. Sentia que seu interior estava morto e que a única solução era conseguir que Meg o amasse.

— É certo - admitiu—. Eu sou um guerreiro incapaz de amar. Mas você é uma curandeira incapaz de odiar. Vê salvação nesta armadilha?

Meg negou com a cabeça lentamente.

— A anciã Gwyn me disse que as mulheres glendruid estão malditas porque são capazes de ver dentro das almas dos homens - insistiu Dominic.

— Sim - sussurrou Meg. As lágrimas fluíam incontinentes por suas bochechas.

— Estou seguro de que uma curandeira glendruid olharia de forma distinta a um homem que pudesse trazer paz a uma terra tomada pela guerra, seria capaz de ver além das imperfeições de sua alma, poderia amá-lo. —Fez uma pausa, esperando que suas palavras chegassem a Meg—. Olhe-me. Sei que



pode ver a paz que posso trazer para Blackthorne Keep. Ame-me, pequena, cure esta terra com nossos filhos.

— Pede muito - murmurou ela, aturdida por sua lógica.

— Só o necessário. É a única maneira de que ambos saíamos desta armadilha.





Capítulo 20

Enquanto Enjoe trabalhava nos últimos ajustes do novo vestido de Meg com o cenho franzido, os sinos da igreja repicavam avisando aos vassalos que cultivavam os campos que era a hora do almoço. As vozes cessaram no pátio do castelo e as servas deixaram de fazer suas tarefas uns segundos para poder desfrutar do agradável som.

Os sinos voltaram a soar, recordando a jovem o tenso momento que tinha tido lugar fazia alguns dias, quando seu marido e ela tinham caminhado do castelo até a igreja, esperando, envoltos na névoa, que John de Cumbriland fosse enterrado.

A cerimônia foi breve.

Não se guardará luto por ele, tinha decretado Dominic com voz serena. Lorde John não era seu pai.

Depois de dizer aquelas terríveis palavras, o barão se afastou da tumba para fundir-se de novo na névoa levando consigo Meg, enquanto os sinos seguiam tangendo pelo antigo senhor de Blackthorne.

A jovem não objetou a simplicidade da cerimônia. De fato só pôde sentir alívio no enterro de John. Parte dela esperava que marcasse o final de uma época cheia de sangrentas guerras e que abrisse caminha para outra em que imperasse a paz.

Entretanto, o medo que algo terrível ocorresse ainda estava ali, em algum lugar de sua mente. Tinha passado uma semana desde que seu marido se livrou por completo dos efeitos do veneno e ela seguia tendo pesadelos. Despertava coberta de um suor gelado, mas Dominic já não a embalava brandamente entre seus braços para tranquilizá-la. Meg tinha voltado para



seu quarto e não dormiriam juntos até que ele soubesse com certeza que não estava grávida.

O barão não havia tornado a mencionar o tema de amor, paz e filhos, exceto no momento em que deu de presente a Meg vários metros de seda. O objeto era tão verde como seus olhos e parecia ter sido tecida exclusivamente para ela; inclusive poderia rivalizar em beleza com o vestido de bodas prateada, que tão cuidadosamente tinha guardado Gwyn em algum lugar que só ela conhecia.

Ao ver a alegria com a que sua esposa recebia o tecido, Dominic sorriu; mas seus olhos seguiram conservando sua frieza quando falou.

Pensa no que falamos. Pensa em me querer, Meg. Com seu amor, algo é possível... Inclusive a paz.

Ele não tinha mencionado nada sobre ter filhos, entretanto, a idéia estava ali: em seus penetrantes olhos, na fome de sua voz, na tensão que atravessava seu poderoso corpo...

Ela já sentia pelo normando muito mais do que tinha imaginado sentir por nenhum homem, não obstante, sabia que Dominic não a queria e duvidava que chegasse a fazê-lo. Tantos anos de guerra, de solidão, e o que lhe tinha ocorrido na Terra Santa, levaram consigo qualquer rastro de amor que tivesse podido existir em sua alma, deixando somente desolação. A ternura com a que a tratava, a doce sedução a que a estava submetendo, era o fruto de um cálculo premeditado.

Meg não podia culpar Dominic por algo sobre o qual não tinha controle; só desejava que ele não tivesse chegado até ela com uma ferida que estava fora de suas capacidades de cura.

Sentindo que uma onda de tristeza ameaçava afogá-la, a jovem deslizou a mão brandamente pelo maravilhoso objeto de seda verde, fazendo com que as jóias de sua mão emitissem sua melodiosa música.

— A malha é tão suave... —disse depois de uns segundos.



— Sua pele é mais - comentou Enjoe sem levantar o olhar dos pequenos pontos que estava dando.

Meg baixou o olhar à pequena e alegre mulher que estava sentada com as pernas cruzadas no chão, enquanto dava os últimos pontos no vestido que tinha costurado para sua senhora. A normanda era um enigma para Meg. A combinação de franca sexualidade, e a viva e algo cínica inteligência de Enjoe, intrigavam-na. Seu corpo exuberante, a forma de mover-se e os perfumes exóticos que utilizava, fazia com que todos os homens do castelo fossem muito conscientes de sua presença.

Só Dominic e Simon pareciam imunes. Mas por outro lado, se eles a quisessem em seu leito, não teriam que fazer mais que mover um dedo. A bela mulher normanda sabia muito bem quem era o senhor da fortaleza, e quem era seu braço direito.

— Não precisa me adular. — A voz de Meg continha uma nota de amargura.

— Não o faço - afirmou Enjoe sem lhe dar importância — É a simples verdade. Gire à esquerda, por favor.

Meg obedeceu e o som de suas jóias voltou a envolver a estadia.

— É uma lástima que o barão seja tão possessivo com sua beleza - continuou a normanda.

— A que te refere?

Enjoe ergueu o olhar do vestido bem a tempo de captar a surpresa na face de sua senhora. A inocência da baronesa lhe fez sorrir ironicamente.

— O barão me deu instruções precisas de que tanto seus ombros como sua cintura, peito, e tornozelos estivessem completamente tapados com a seda - lhe explicou.

— Assim deve ser.

Enjoe meneou a cabeça.



— É obvio que não. Assim não chamará a atenção de ninguém. As mulheres dos haréns que sabiam como atrair aos homens com sua roupa.

— O que quer dizer?

— Elas levavam várias capas de tecidos muito mais leves e frágeis que este. Desse modo, quando se moviam, seu corpo ficava levemente descoberto antes de ser coberto de novo, para que nenhum homem pudesse estar seguro do que tinha visto.

— Está brincando? —perguntou Meg, surpreendida.

— Absolutamente. Por favor, milady olhe à frente ou a prega ficará torcida.

—Vestiam-se com tecidos quase transparentes? De verdade?

O sorriso de Enjoe se ampliou.

— De verdade.

— Assombroso.

— Possivelmente para os ingleses. Para os turcos era aceitável. E — acrescentou Enjoe astutamente— muito apreciado pelos homens.

— Você usava roupa transparente?

— Sim. De fato, seu marido achou particularmente atraente.

Meg se esticou de repente, fazendo com que um fio se enroscasse e que Enjoe murmurasse em turco.

— Ah, os saxões! —suspirou a normanda um momento depois, sacudindo a cabeça—. Posso entender o desejo de um homem de possuir uma esposa, já que precisa estar seguro da paternidade de seus filhos. Mas uma esposa possessiva... —encolheu os ombros, comprovou a longitude do fio na agulha e seguiu costurando—. Uma vez casados, não há por que sentir ciúmes. Você conta com o amparo, o título e as riquezas do barão para o resto de sua vida. Que mais quer dele?

— Seu afeto. Seu respeito. Seu... Amor.

— O ouro e as jóias duram mais - replicou Enjoe—. Pode vender em troca de comida e roupa em tempos de guerra ou fome. O desejo é divertido.



durante um tempo, mas sempre acaba me cansando. Quanto ao amor... Não acredito que exista.

Por fim, a normanda terminou sua tarefa, fez um nó e cortou o fio com um rápido movimento de seus dentes.

— Agora tem o caimento perfeito - exclamou satisfeita, levantando-se com a graça de uma mulher acostumada a sentar-se sobre almofadões espalhados no chão em lugar de cadeiras. Depois, seus dedos voaram enquanto desabotoava o apertado vestido que acabava de costurar.

— Enjoe.

— Sim, milady?

— Não quero que te aproxime de meu marido - lhe advertiu Meg, cortante—. Se usar seus truques com ele, lamentará havê-lo tentado, tenha êxito ou não.

Houve um momento de assombrado silêncio, antes que Enjoe lançasse uma gargalhada.

— Agora entendo por que lhe chama seu pequeno falcão - disse mordaz—. Por favor, afaste-se para que possa guardar o vestido, milady.

Meg o fez sem deixar de olhá-la, enquanto a normanda depositava com cuidado, o vestido em um arca.

— Enjoe?

— Como desejar - acessou calma, voltando-se de novo para sua senhora—. Mas deve saber que seu desejo se cumprirá sempre que o barão também o deseje.

— O que quer dizer?

Durante o espaço de um segundo, Enjoe olhou Meg com algo similar à compaixão.

— Não entendo como pode seguir sendo tão inocente em sua idade... — Suspirou com força, fez uma pequena pausa e logo lhe explicou—: Enquanto seu marido lhe corteje, nem sequer me olhará. Mas quando isso mudar, irei a



seu leito sempre que me queira. Lorde Dominic é o senhor do castelo, não eu. Nem você, milady. Nenhuma mulher é.

Enjoe agarrou a pequena cesta de costura e guardou silêncio durante um instante.

— Necessita algo mais de mim? —perguntou finalmente.

— Não.

Depois de uma leve inclinação de cabeça, a normanda saiu da habitação balançando sensualmente os quadris.

Meg deixou escapar o ar que tinha estado contendo, junto a umas palavras que teriam provocado um olhar horrorizado de seu confessor. O pior era que Enjoe tinha razão. Se Dominic decidia favorecer a sua amante acima de sua esposa, Meg não poderia fazer nada a respeito.

Mas ela não pode lhe dar herdeiros legítimos, pensou. Só eu poderia fazê-lo se...

Franzindo o cenho, a jovem jogou uma capa por cima dos ombros e se dirigiu ao banho. As estranhas sapatilhas bicudas que seu marido lhe tinha dado emitiam um suave sussurro ao roçar o chão e desprendiam um brilho metálico à luz dos abajures de azeite. Desde a chegada de Dominic, cada canto do castelo estava iluminado por abajures, velas e tochas.

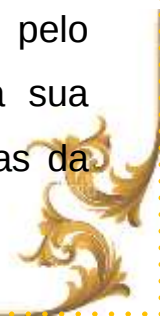
— Já estão aqui - exclamou Eadith ao vê-la entrar nas dependências de banho—. Por um momento acreditei que havia tornado a desgostar a seu senhor e que lhes teria castigado encerrando de novo em seus aposentos.

Meg sorriu forçadamente.

— Provei o vestido verde e Enjoe terminou a prega de baixo.

— Ah, essa suja normanda. Seu marido prometeu seda para ela se fizer um vestido que lhe agradasse.

Ao ouvir aquelas palavras, toda a ilusão que a jovem tinha sentido pelo vestido de seda verde se desvaneceu. Vacilante, deu as costas a sua donzela, tirou a capa, deixou-a de lado e começou a desatar as cintas da



roupa de seda que Dominic lhe tinha dado junto às sapatilhas confeccionadas com fio de ouro.

Enquanto isso, Eadith comprovou a temperatura da água na banheira, pareceu satisfeita e se voltou para ajudar a sua senhora.

— Que tecido tão delicado - comentou Eadith enquanto lhe tirava o sutiã—. E os bordados são lindos.

Meg não disse nada. A idéia de Dominic dando presentes a Enjoe a fazia sentir-se inquieta e zangada.

‘Irei a seu leito sempre que ele o deseje. Lorde Dominic é o senhor do castelo, não eu. Nem você, milady. Nenhuma mulher é.’

Depois de lançar um olhar de soslaio à abatida cabeça de sua senhora, Eadith se dispôs a preparar o sabão, o perfume e as natas que formavam parte do ritual glendruid. Pessoalmente, a donzela pensava que tudo aquilo era uma perda de tempo. Embora, por outro lado, os cavalheiros sempre a deixavam de lado se podiam ter Enjoe, que se banhava quase tão freqüentemente como sua senhora. Possivelmente deveria provar também aquele estranho costume.

Em silêncio, recolheu a trança de Meg formando uma coroa sobre sua cabeça e começou a trançá-la com passadores de ouro e esmeraldas, que também eram um presente de Dominic.

— Que passadores tão bonitos.

— Sim - assentiu Meg com voz baixa.

— Ficam preciosos em seu cabelo.

— Obrigado.

— Thomas me deu de presente uns de prata. Disse-me que ficariam bem em meu cabelo.

— Sente algo por Thomas? —perguntou então Meg—. Falaste muito dele esta última semana.

Eadith encolheu os ombros.



— Tem um bom coração dentro desse corpo tão grande.

— Você gostaria de se casar com ele? Possivelmente, se eu o sugerisse a meu marido...

— Não. Thomas não possui riquezas para manter a dois escudeiros, e muito menos a uma esposa - respondeu Eadith—. A não ser que o barão pense oferecer terras a seus cavalheiros.

— Não sei.

— Bom, duvido - concluiu, colocando outro passador—. Mesmo quando chegar o resto de seu exército, logo disporá de suficientes homens para defender a fortaleza. Se os cavalheiros tivessem que partir para defender suas próprias terras, não poderiam defender as de seu senhor.

— Certo.

— Sabe quando chegarão seus homens? O senescal já está protestando pelo muito que comem os soldados.

Os lábios da jovem desenharam um meio sorriso: o senescal se queixava do mesmo desde que ela era uma menina.

— Possivelmente ainda estejam na Normandia - respondeu Meg—. Gwyn me disse que no sul se falava muito sobre quão difícil era a travessia a França nesta época.

— Então, demorarão no mínimo uma quinzena. —Eadith deu um passo para trás—. Preparada, pode entrar no banheiro.

Meg tirou as sapatilhas douradas e se meteu na fumegante água perfumada com ervas. Com um suspiro de prazer, inundou-se até o queixo silenciando os musicais gritos das diminutas cascavéis, à exceção dos que levava no cabelo.

— Não entendo como pode gostar tanto de se banhar - comentou Eadith, observando como sua senhora sorria—. Necessita alguma coisa mais?

— Não.

— Nesse caso lhe deixarei a sós.



Meg sorriu divertida ante a inflexível desaprovação de sua donzela sobre o asseio pessoal.

— Se não estiver de volta quando precisar de mim — acrescentou Eadith—, me chame em voz alta. Seu guardião está no corredor. Ele irá me buscar.

Os lábios de Meg se esticaram. Sim, seu marido deixava que percorresse o castelo com inteira liberdade, mas Jameson, seu escudeiro, sempre a vigiava de perto quando Dominic não estava ao seu lado.

Tanto desconfia de mim?

A resposta foi tão imediata como inevitável.

Sim. Se não o fizesse já me teria feito dele. Sei que me deseja, mas não me tocará até que confirme que não estou grávida. Assim estará seguro de que não criará ao filho de Duncan.

Mas se me amasse... Se me amasse confiaria em minha palavra de que ninguém me tocou.

Lentamente, os tristes pensamentos de Meg foram se dissolvendo na perfumada e balsâmica água quente. Fechou os olhos, inalou o vapor aromatizado com uma mescla de ervas, e começou a recitar em voz baixa um antigo ritual de purificação e renascimento. Lavou-se com o sabão destinado a limpar seu corpo de velhos enganos e pesares, e depois suavizou sua pele com o sabão do ritual da renovação.

Uma vez terminado, abriu os olhos languidamente sentindo-se relaxada e cheia de energia de uma vez. Mas de repente, sua calma se desvaneceu ao ver que Dominic a observava a poucos metros com olhos que brilhavam como prata. Sua capa, escura e pesada, o fazia parecer uma poderosa criatura da noite.

— Não... Não me tinha dado conta de que estava aqui - gaguejou Meg—. Há quanto tempo está aí?

— Há muito tempo - respondeu ele, com uma voz carregada de roucos e estranhos matizes.



Meg deixou de respirar durante um momento e seu coração bombeou com força. Receosa e esperançosa, ao mesmo tempo olhou como lhe estendia um pano tão grande como uma capa, enquanto seus firmes e masculinos lábios desenhavam um enigmático e sedutor sorriso.

— Venha a mim, pequena.

Meg esboçou um tímido sorriso, vacilou e finalmente se levantou da banheira com um gracioso movimento. A água escorregou de seu corpo formando respingos ao mesmo tempo em que as correntes emitiam doces sons.

A visão do magnífico corpo de sua esposa resplandecendo a luz das velas fez com que as mãos de Dominic se fechassem com força ao redor do pano, perguntando-se se tinha sido prudente ir procurar à intimidade do banho. Por um instante recordou que estava impaciente por lhe perguntar se queria lhe acompanhar a caça, mas finalmente teve que reconhecer que tinha ido até ali movido por uma imperiosa necessidade de tê-la perto.

Nunca a tinha visto mais formosa, levando unicamente as jóias que lhe tinha dado e olhando-o trêmula. Oculto sob a capa, seu corpo se endureceu subitamente ao ponto da dor, ansioso de tomar aquilo que era dele.

Deus; nunca desejou tanto a uma mulher. Quando poderei por fim fazê-la minha?

O normando recordou que Simon tinha sugerido que se desafogasse com Enjoe, mas descartou a idéia imediatamente. Só de pensar nisso lhe repugnava. Precisava aplacar as necessidades de seu corpo sim, mas, inexplicavelmente para ele, não com qualquer mulher. Só desejava Meg, sua doçura, sua suavidade, sua... Paixão. A paixão que Dominic sabia que tinha despertado nela.

Ainda não posso fazê-la minha. Deus, nunca havia custado tanto ser paciente. Pareço um escudeiro inexperiente.



— No que pensa? Franze o cenho como se sua mente estivesse muito longe daqui - disse Meg com ar indeciso, esticando a mão para tomar o pano.

Dominic foi mais rápido e a envolveu no enorme pano, imobilizando seus braços.

— Está muito perto, Meg, me acredite. Muito perto.

Sua voz foi mais áspera que sedutora. Não podia evitá-lo, assim como tampouco podia controlar a forte excitação que o invadiu ante a bela visão do corpo nu de sua esposa.

Sabia que deveria dar a volta e sair dali, entretanto, foi impossível. Devagar, com suavidade, Dominic começou a secar Meg pelos ombros e o pescoço, atrasando-se em seus seios, desfrutando enormemente de acariciá-la daquela maneira.

— Ocorre algo na fortaleza? —perguntou ela, preocupada.

— Não. —Agarrou uma ponta do pano e secou seu pescoço, onde se tinham acumulado umas tentadoras gotas de água—. Ocorre algo comigo.

— O que?

— Vim aqui impaciente por te levar a caçar e temo que vá partir ainda mais impaciente.

— Caçar? —Estava emocionada ante a perspectiva—. Sim, Dominic! Vamos! Peça a Eadith que venha me vestir e estarei pronta em seguida!

Sorriu ao ver o rosto de Meg iluminado pela alegria, mas o sorriso adquiriu uma estranha sombra quando suas mãos esfregaram as esbeltas e elegantes costas femininas. Apesar do grosso pano que separava sua pele, podia sentir sua deliciosa suavidade.

— Não necessitamos de Eadith no momento — assegurou Dominic — Eu me ocuparei de ti.

— Mas será mais rápido se ela me ajudar.

— Tão impaciente está por ir caçar?



— Sim. Lorde John quase nunca me deixava ir, embora ajudasse a adestrar muitos dos falcões.

O eco distante de um trovão fez com que Meg lançasse um olhar preocupado à larga ranhura da janela. Viam-se muitas nuvens escuras.

— Depressa - lhe insistiu—. Aproxima-se uma tormenta.

— A mim já alcançou.

Dominic a atraiu intimamente para si e estendeu as mãos para suas nádegas e afundou seus dedos nelas. Meg gritou sobressaltada ao sentir que uma estranha sensação invadia seu corpo e fazia afrouxar seus joelhos.

— Assim... —sussurrou ele—. Também te acontece.

— Hã... O que?

— Deitarmos juntos na noite, respirar nosso fôlego, compartilhar a calidez de nossos corpos... Afetou-te igual a mim. Está em minha pele, Meg. Sinto-te como fogo em meu interior.

A jovem tentou responder, mas as fortes mãos masculinas voltaram a flexionar-se, fazendo com que uma corrente de ardentes sensações se derramasse em seu sangue. Completamente entregue ao que a fazia sentir, gemeu observando as chamas que ardiam nos olhos de seu marido, e então soube que era certo: em algum momento, durante as longas noites que tinham compartilhado juntos, Dominic tinha acendido uma secreta paixão no mais íntimo de seu ser, desconhecida até então para ela.

— Agora você também arde por mim - murmurou ele, saboreando o gemido que tinha arrancado da garganta de Meg—. Arderemos juntos...

— Dominic - ofegou.

Antes que a jovem pudesse dizer uma só palavra mais, o normando se inclinou tomando posse de sua boca e suas línguas se buscaram em um sensual duelo que deixou sem fôlego Meg, obrigando-a a apoiar todo seu peso sobre ele por temor de cair no chão. Nunca tinha conhecido nada



semelhante ao prazer que seu marido lhe dava. Sentia-se indefesa e vulnerável ante ele, incapaz de opor resistência a seus avanços.

Talvez haja esperança para nós. Se ele chegasse a me amar...

De repente, Meg começou a lutar fazendo com que Dominic levantasse reticente a cabeça e a olhasse fixamente: o rubor cobria seu belo rosto, respirava com agitação e, seus seios, tensos e inchados, erguiam-se contra o grosso pano.

— Por que tenta escapar de mim? — sussurrou com voz mais rouca da que desejava.

— Só quero me libertar do pano - conseguiu dizer entrecortadamente—. Eu gostaria de te acariciar, mas estou presa.

Dominic estava tão fascinado ante a visão dos duros mamilos de Meg empurrando contra o tecido, que demorou um momento para dar-se conta de que tinha envolvido seus braços, de forma que tinham ficado presos.

— Quer me acariciar como o seu gato? — perguntou ele—. Da cabeça aos pés, uma e outra vez? Deslizaria sua bochecha por todo meu corpo?

Só pensar nisso fez com que a respiração da jovem se entrecortasse.

— Você gostaria? — sussurrou Meg.

— Sim - afirmou em voz baixa — Todas as manhãs, quando te vejo acariciando o gato durante tanto tempo, eu fico pensando como seria se me tocasse do mesmo modo.

Um trovão selvagem retumbou nas janelas abertas e o vento se levantou trazendo consigo aroma de chuva, terra úmida e flores.

Meg não se assustou da tormenta que estava se formando no exterior da fortaleza. O fogo prateado dos olhos de Dominic e a profunda sensualidade de sua voz consumiam-na, desviando toda a sua atenção. Amasse-a ou não, o certo é que a desejava com uma intensidade que a deixava sem fôlego.



Possivelmente ele pudesse, embora fosse só por um momento, esquecer-se de terras e filhos; possivelmente ela pudesse lhe ajudar a esquecer-se de tudo obtendo que sucumbisse à paixão que os unia.

— Ronronaria se te acariciasse? — sussurrou trêmula.

— Nunca o fiz até agora, mas contigo acredito que o faria.

As mãos de Dominic deslizaram dos quadris de Meg para suas costas. Agarrou a ponta do pano e começou a baixá-lo, acariciando ao mesmo tempo o frágil torso feminino.

— E você? — inquiriu com voz rouca quando as generosas curvas de seus seios ficaram expostas ao seu feroz olhar—. Ronronará quando te fizer minha?

Meg não pôde articular nenhuma palavra. A expressão no rosto de seu marido enquanto contemplava seus seios, como se nunca tivesse visto nada tão belo, tornava impossível pensar, e muito menos responder a qualquer pergunta. Respirava agitado e sentia os seios pesados, com os mamilos tensos e doloridos, clamando pelo contato das firmes mãos masculinas.

— É tão formosa... — murmurou.

De repente se ouviu uma rápida sucessão de trovões e um sopro forte de vento entrou veloz no quarto, fazendo tremer as chamas das velas. A jovem estremeceu ao sentir frio e calor, e seus mamilos se endureceram ainda mais.

— Tem frio? — perguntou-lhe Dominic.

— Sim... Não. — Emitiu um som afogado—. Não sei. Não posso pensar quando me olha dessa forma.

— De que forma?

— Como se estivesse a ponto de me devorar.

A boca de Dominic desenhou um sorriso sensual que fez que o ventre de Meg se contraísse de prazer.



— Assim é.

— Que?

— Quero provar seu sabor.

Antes que ela pudesse protestar, Dominic inclinou a cabeça e acariciou com a língua a ponta de um de seus seios com extrema delicadeza.

— Dominic.

Ele deixou escapar um som que pareceu um ronronar.

— Doce... Com um sabor que não consigo definir - sussurrou contra seu seio.

Sem piedade, riscou o contorno do mamilo com sua língua, desenhou círculos a seu redor, atormentou-o com os dentes e, finalmente, abriu os lábios e o introduziu em sua boca, reclamando-a, marcando-a como dele.

Perdida em um mundo de sensações, Meg tremeu de prazer e surpresa sentindo que um estranho calor se concentrava em suas vísceras para depois dispersar-se por todo seu ser em pequenas e perturbadoras rajadas, fazendo com que emitisse um pequeno gemido.

O som teve o mesmo efeito em Dominic que uma chicotada. Seu corpo inteiro se esticou, e a segurou com mais força para aumentar a pressão que sua boca exercia no seio de Meg. As carícias passaram da suavidade a uma selvagem intensidade ao mesmo tempo em que a jovem se retorcia contra ele. Um grito entrecortado e a pressão dos dedos de Meg nos sólidos antebraços de Dominic não fizeram nada além de aumentar o fogo da paixão que rapidamente destruíu o autocontrole do normando.

Devagar, soltou o seio cativo só o suficiente para riscar com a língua um caminho até apanhar seu outro mamilo. Com uma impaciência que mal podia controlar, acariciou as costas nuas descendendo até a cintura e deslizando sua mão sob o pano.

Ignorando o estremecimento da jovem, fez com que abrisse mais as pernas e desenhou com seu comprido dedo a linha de sua coluna até a fenda de seu



traseiro, acariciando-a e saboreando o calor que desprendia a delicada e sensível pele de Meg. Consciente do perigo, Dominic ficou imóvel um segundo tratando de recompor seu autocontrole; depois se retirou da doce tentação, rodeou os quadris femininos com suas poderosas mãos as apertando com suavidade, e levantou a cabeça.

Sabia que devia deter-se, limitar-se a desfrutar dos pequenos estremecimentos de prazer que percorriam o corpo de Meg. Entretanto, quando ela se apertou contra seu amplo peito lhe pedindo mais, Dominic acariciou suas esbeltas costas de novo, o grosso pano caiu ao chão e as pontas de seus dedos voltaram a percorrer a escura fenda que formavam os firmes montículos do traseiro feminino. Seguiu baixando devagar, arrancando um gemido entrecortado da garganta da jovem e provocando uma pequena resistência. Sem piedade, os largos dedos de Dominic descobriram, acariciaram e por fim acharam a suave calidez da feminilidade de Meg.

O ar frio do quarto contrastava vivamente com o calor que inundava o ventre da jovem e as ardentes sensações que faziam com que o sangue martelasse com força em suas veias. Temendo que seus joelhos cedessem, teve que agarrar-se aos braços de seu marido enquanto o quarto parecia dar voltas a seu redor.

— Meu Deus - murmurou Meg—. O que está fazendo?

— Descobrindo seus segredos - sussurrou em seu ouvido, sem deixar de atormentar as sedosas e até então ocultas dobras. Quase imediatamente, foi recompensado pela respiração ofegante de Meg e uma umidade que nada tinha a ver com o banho que acabava de tomar.

— Mal posso me sustentar - confessou ela.

— Te agarre a mim.

— Já... Estou... Fazendo - conseguiu dizer com voz entrecortada.

Dominic sorriu apesar da dolorosa ereção que palpitava violentamente dentro de seus calções.



— Sim – disse – Posso senti-lo.

Meg se deu conta muito tarde de que seus dedos estavam profundamente afundados nos musculosos braços de seu marido.

— Sinto muito. Não queria te machucar.

A risada de Dominic, grave e masculina, fez com que um calafrio de prazer percorresse a espinha dorsal de Meg.

— Machucar? —repetiu ele — Não. Eu gosto de sentir que não tem controle sobre seu desejo. Não tema provar sua força contra mim, pequena.

Sua mão subiu em uma ardente carícia do quadril a sua frágil garganta e, depois, sem deixar de olhá-la nos olhos, as pontas de seus dedos iniciaram um atalho descendente percorrendo o vale que formavam seus seios; atrasaram-se um instante no umbigo e seguiram deslizando até chegar ao suave pêlo que protegia a úmida suavidade.

— Me deixe te agradar - sussurrou Dominic, explorando as sensíveis dobras com uma carícia de fogo que o levou até a suave abertura feminina que conduzia ao interior de Meg. Devagar, como se tivessem todo o tempo do mundo, tentou penetrá-la com um dedo, de forma suave e insistente, mas ela estava muito tensa e se retirou por medo de lhe machucar.

—Se abra para mim - murmurou com voz tensa.

Antes que a mente de Meg pudesse raciocinar sobre o pedido de Dominic, suas pernas se separaram lhe permitindo maior intimidade. Satisfeito pela resposta da jovem, seu marido a recompensou com uma cálida e atrevida carícia que fez com que seu corpo vibrasse percorrido por calafrios de prazer.

Justo naquele instante, Meg soube que tinha desejado aquilo desde sua noite de bodas, quando tinha sentido pela primeira vez a áspera e cálida mão de Dominic deslizando sob seu vestido.

— Se abra mais - lhe pediu ele com voz rouca, colocando uma coxa entre suas pernas—. Confia em mim, pequena, não te farei mal.



Ela obedeceu expondo-se por completo a ele. Mas ao sentir a lenta e inexorável penetração do dedo de Dominic, tentou fechar as pernas, só para descobrir que a coxa de seu marido o impedia. Surpreendida, abriu os olhos

Dominic a estava observando com um brilho de fogo prateado nos olhos.

— Não deveria fazer isto - admitiu com voz áspera.

— O que? — sussurrou Meg.

— Isto.

Dominic introduziu um pouco mais o dedo em seu interior e pressionou com o polegar o tenso e aveludado centro de prazer de Meg, fazendo com que ela tremesse violentamente e que seus lábios deixassem escapar um trêmulo grito.

— Tão macia. Tão estreita... — sussurrou Dominic, perdendo seu controle— e, entretanto, posso sentir o aroma que desprende sua paixão.

— É só... Meu sabão.

— Não, pequena. É o aroma de seu desejo.

Meg abriu a boca, mas não pôde articular nenhuma palavra. Ele a estava torturando de novo e não podia respirar por causa das de ondas de prazer que se expandiam por todo seu corpo, deixando-a entregue.

— Dominic..., não posso...

Sem dizer nada, ele a levantou e a sentou sobre uma mesa próxima, cuja fria e polida madeira lhe ofereceu outro tipo de carícia. Sem lhe dar tempo a pensar, e com o rosto tenso pelo desejo, manipulou suas próprias roupas para deixar livre seu grosso membro.

— Rodeia minha cintura com suas pernas - lhe ordenou com voz rouca, urgente, enquanto a guiava—. Bem, pequena. Agora, te aproxime. Mais perto, Meg. Mais... Sim, um pouco mais...

A jovem tomou ar bruscamente e seus dedos se afundaram nos fortes antebraços de seu marido quando sentiu que algo largo, suave e sólido explorava as delicadas dobras de sua feminilidade.



— Dominic?

Ele estremeceu com força, empurrou brandamente e, imediatamente, sentiu a cálida umidade de sua resposta. Não podia esperar mais. Devia fazê-la sua, afundar-se em seu ardente e estreito interior naquele mesmo instante.

— Te agarre a mim com força, pequena. Estou muito excitado para ser suave contigo.

Imersos como estavam em sua paixão, mal reagiram quando foram interrompidos por um grito estridente.

— Vai para o diabo, escudeiro! —ouviu-se Eadith do corredor — Se desejo falar com minha senhora, o farei!

A porta se abriu e os cortinados foram afastados para o lado com brutalidade.

— O cozinheiro deseja saber se... Oh!

Embora o amplo manto do normando impedisse a visão de Eadith, as circunstâncias não deixavam lugar a dúvidas sobre o que tinha interrompido. A expressão de horror no rosto da donzela teria parecido divertida a Dominic se, nesse mesmo momento, não estivesse disposto a estrangulá-la.

— Me desculpem. Milord, milady - balbuciou a mulher enquanto retrocedia apressadamente.

Ele começou a amaldiçoar em turco quando. Meg tentou escapar de seu abraço. No princípio, não permitiu. Mas, logo, com um último juramento, soltou-a.

— É melhor assim - rugiu Dominic furioso—. Não tinha intenção de chegar tão longe antes de saber se está grávida.

O violento estalo de um trovão sacudiu o castelo e seus últimos ecos ficaram afogados pela torrencial chuva.

Felizmente, essa mesma chuva também afogou as palavras que Meg dirigiu a seu marido, enquanto este abandonava o quarto. Embora cada palavra



fosse escolhida com cuidado, nenhuma delas era adequada para os lábios de uma dama.





Capítulo 21

Uma selvagem tormenta, acompanhada de um gélido vento, açoitou Blackthorne impedindo que o sol saísse por dois dias.

Meg estava tão agitada como o tempo, porque seu corpo e seus sentidos pareciam ter vida própria. O som da voz de Dominic na distância fazia com que seu coração se acelerasse; a imagem dele entrando em um aposento a fazia respirar com dificuldade; o mais simples contato de sua mão enviava agradáveis calafrios por todo seu corpo. E só recordar como tinha acariciado-a no banheiro fazia com que seu ventre se contraísse de prazer.

A única satisfação da jovem era que Dominic também parecia afetado. Meg suspeitava que já não confiava em seu extraordinário autocontrole no que se referia a ela.

— Sangraste já?

— Não.

— Me avise quando o fizer pequena. Até então não te tocarei.

Saber que Dominic estava esperando que seu corpo revelasse se estava ou não grávida, enfurecia-a. Já era bastante desagradável que não confiasse em que ele era o único homem que a havia tocado; mas lhe resultava insuportável que a desejasse simplesmente pelos filhos que podia lhe dar em vez de querê-la por ela mesma e por tudo o que podia lhe oferecer: sua companhia, sua risada, sua suavidade, seus silêncios, suas esperanças... E seu amor. Tinha muito mais para compartilhar com Dominic que um futuro herdeiro e sonhava ser capaz de seduzir seu marido, conseguindo que se esquecesse de sua férrea disciplina.

Mas ele não a amava.



E o que corria de boca em boca tampouco fazia com que confiasse nela. Os campos estavam infestados de falatórios sobre sir Duncan e lady Margaret, amantes separados cruelmente por um senhor normando. Não importava que ela negasse qualquer relação com Duncan a todas as pessoas com as quais se encontrasse, nem tampouco quanto elogiasse seu marido; os rumores persistiam.

Meg rezava para que Dominic não tivesse escutado os falatórios, mesmo sabendo que era em vão, pois muito pouco do que ocorria dentro e fora da fortaleza de Blackthorne escapava a sua atenção. Os servos podiam dar fé disso. O castelo reluzia com sua recente limpeza. Dos chãos emanava a fragrância de ervas e juncos recém colhidos, e as especiarias que ele havia trazido do Oriente perfumavam as proximidades da cozinha, fazendo com que as últimas provisões do inverno cheirassem como um grande festim.

Mas era o valioso conteúdo das arcas do barão que fascinava a maioria dos servos. Cada vez que Meg aparecia com as correntes ou gemas brilhando em seu cabelo, os servos deixavam o que estavam fazendo e a contemplavam assombrados.

Com uma mescla de prazer e frustração, Meg olhou o último presente de Dominic. Tratava-se de um precioso broche de ouro e esmeraldas que, de algum modo, recordava a um falcão deixando-se levar pelo vento. Maior que sua mão e adornado com inumeráveis esmeraldas, o broche prendia um manto de lã escarlata cujo estampado floral estava bordado com ricos fios de ouro. Também tinha sido costurado à extraordinária malha diminutas correntes de ouro. E quando andava, girava ou se sentava, cada movimento ia acompanhado por uma delicada música.

Aceita meu presente e pensa em mim, em nossos filhos, em sanar a terra.

— Milady? —chamou-a Eadith do corredor— Onde está?

Sobressaltada, Meg deu a volta fazendo com que suas jóias se agitassem e delatassem seu repentino movimento.



— Na capela - respondeu.

A jovem se levantou imediatamente quando a donzela entrou na pequena capela que ocupava o terceiro andar de uma das torres.

— O que acontece? —perguntou Meg.

— O barão deseja lhe perguntar se você gostaria de sair à caça.

— Sim! Quando?

— Depois de comer.

Meg estudou o ângulo que desenhava a luz do sol que entrava na capela. Era quase meio-dia. Não dispunha de muito tempo para trocar-se.

— Depressa, então. —A jovem se apressou pelas escadas de caracol para seus aposentos, seguida de uma mal-humorada Eadith. Mas protestando ou não, os dedos da donzela trabalharam rápido. Antes que soassem os sinos anunciando o meio-dia, Meg estava sentada no grande salão rodeada de cavalheiros, cujos falcões aguardavam sobre poleiros colocados junto à parede, detrás de suas cadeiras.

Entretanto, o poleiro que havia depois da cadeira do senhor do castelo estava vazio.

— Decidiu meu marido não trazer seu falcão à mesa? —perguntou Meg a Simon, que estava sentado à esquerda da cadeira vazia reservada para Dominic.

— Não. Tinha que trocar as correias, mas não demorará.

— Está tranqüila? —insistiu Meg, interessando-se pela ave cativa.

— Sim - respondeu Simon com evidente satisfação—. É magnífica; uma rainha entre as de sua espécie. Antes que o verão acabe se converterá em uma grande caçadora.

Um grunhido surgiu debaixo da mesa, seguido por uma rajada de gemidos.

—Taron! —exclamou Meg, sem incomodar-se em olhar—. Deixa de incomodar Leaper.



A cabeça de um cão emergiu junto à coxa de Meg lhe dirigindo um angustiado olhar, e ela acariciou as orelhas do animal com ar ausente.

Simon ficou olhando-a fixamente.

— Se eu fizesse isso, arrancaria minha mão.

— Taron? Como pode dizer isso? É um cão muito manso quando não está caçando.

A única resposta de Simon foi sacudir a cabeça e lançar uma gargalhada.

De repente, uma inquietante sensação invadiu Meg lhe indicando que seu marido estava perto. Dirigiu o olhar para a entrada do grande salão e, um segundo depois, Dominic apareceu com seu pesado manto negro e o grande falcão peregrino que lhe tinha dado o rei, descansando sobre seu braço.

Quando avançou, um feixe de luz proveniente de uma janela fez com que os sutis tons cinzentos das plumas do falcão brilhassem como aço e pérolas.

A ave parecia ser consciente de sua importância, e a segurança em sua destreza podia ver-se em cada linha de seu corpo. Seu claro e penetrante olhar percorreu e desprezou o alegre caos da comida no grande salão e, com a calma de um predador extremamente paciente, aguardou o sinal que indicasse o começo da caça.

À medida que o barão se aproximava de seu lugar no grande salão, surgiam murmúrios de admiração e entusiasmo dos cavalheiros.

O resto das aves permanecia encapuzado em seus poleiros, mas Dominic não havia coberto a cabeça de seu falcão. Seus olhos estavam serenos com o elementar conhecimento da vida e a morte, e de suas patas ostentavam novas correias com incrustações de esmeraldas e pequenas correntes de ouro.

— Deus, é uma beleza - comentou Simon.

Seu irmão sorriu, estendeu o braço para o cabide colocado detrás de sua cadeira, e o falcão se colocou nela sem protestar. Depois, girou o pescoço por



volta de um e outro lado, estudando o salão de banquetes como se tentasse decidir se havia algo que merecesse sua predadora atenção.

— Compadeço —me de qualquer camundongo que se aventure a entrar no salão - comentou Simon.

— Meu falcão não se alteraria por uma presa tão pequena - repôs Dominic.

— Tente não alimentá-la durante um ou dois dias - comentou Meg com um sorriso amável—. Caçaria ratos tão rápido que envergonharia o meu gato.

O barão dirigiu a sua esposa um olhar de soslaio. Tinha tomado cuidado de não ficar a sós com ela desde que tinha estado a ponto de tomá-la no banheiro. Mas permanecer afastado de Meg não tinha sido fácil; só recordar o momento em que tinha começado a penetrá-la, conseguia excitá-lo até limites insuportáveis.

Amaldiçoando mentalmente, o normando reprimiu seus inquietantes pensamentos. Antes de voltar a tocá-la, devia estar seguro de que não estava grávida. Não podia confiar em que seria capaz de se conter uma segunda vez.

— Está muito bela, como sempre - comentou Dominic, erguendo a mão de Meg e depositando um beijo na parte interna.

A repentina e frenética aceleração do pulso da jovem sob seus lábios fez com que ele desejasse gemer com uma mescla de triunfo e desejo.

— São as jóias e o manto, nada mais - respondeu Meg.

— É você - insistiu Dominic em um tom que não admitia réplicas.

Embora ela não dissesse nada mais, o barão leu seu cepticismo na expressão de seu rosto.

— Duncan deve ser um amante lamentável — resmungou entre dentes enquanto se sentava entre Simon e sua esposa.

Meg não podia acreditar o que acabava de ouvir.

— Perdão? —sussurrou.



— Disse que Duncan deve ser um amante lamentável — repetiu com suavidade.

Simon emitiu um som afogado e afastou o olhar de seu irmão com cautela.

— Como pode dizer isso? —perguntou Meg horrorizada.

— Nunca elogiou sua beleza - lhe esclareceu Dominic – Isso torna esse bastardo um amante lamentável.

— Duncan nunca foi meu amante! — replicou — E além disso, não sou formosa!

Ao recordar o corpo de Meg úmido pela água e a paixão, os olhos de Dominic brilharam e a familiar corrente de sangue que se concentrava em sua rígida ereção fez com que desejasse rir e amaldiçoar ao mesmo tempo. Se não a fizesse sua logo, a dor que lhe provocava sua constante excitação lhe obrigaria a andar torto.

— Equivoca-te - insistiu Dominic em voz baixa—. Nenhuma mulher pode superar sua beleza.

O sensual brilho de seus olhos e a aspereza aveludada de sua voz indicou a Meg que ele também recordava a íntima cena no banheiro.

— Deve me acreditar. — A voz da jovem se converteu quase em uma súplica—. Duncan nunca me viu como você.

Durante um intenso instante, Dominic evocou a imagem de suas coxas abertas e depois a afastou com força de sua mente. Deu as costas a Meg com decisão e fez sinais para que se servisse de comida. Quando voltou-se para ela, sua mente, embora não seu rebelde corpo, estava sob controle uma vez mais.

— Isso não é o que todo mundo diz - afirmou com frieza — O rumor de que seu amante te espera em algum lugar do bosque cresce, dia a dia.

— Eu não posso controlar as más línguas - comentou Meg, tensa.

— Enquanto forem rumores, importam-me pouco. —encolheu os ombros e agarrou sua jarra de cerveja.



— É tão difícil para ti acreditar em minha honra? —inquiriu desolada.

A mão de Dominic se deteve a meio caminho quando se dispunha a levantar a jarra.

— A honra pode ter muitos significados - assinalou depois de um momento—. Em Jerusalém, terá que matar os turcos para proteger a honra de Deus. E, entretanto, segundo os turcos, os infiéis têm que morrer para honrar a Deus. Nestas terras, a honra exige fidelidade ao rei, enquanto que nas fronteiras do norte, a honra requer que se renegue ao rei da Inglaterra. — Fez uma pausa—. Eu não sei o que exige a honra dos glendruoid, além de não usar seus conhecimentos para matar.

—Tão somente nos exige fidelidade - se apressou a responder Meg—. Se te traísse, trairia a mim mesma. Eu...

— Não são as palavras o que importa, mas os fatos - a cortou Dominic com brutalidade.

— De verdade? Então, por que presta atenção aos rumores? Não são mais que palavras.

— Que descrevem fatos...

— Que nunca aconteceram - lhe espetou a jovem.

— Tenho a esperança de que diga a verdade. Mas «esperança» é também só uma palavra, que não vem acompanhada de fatos.

A conversa foi interrompida quando chegou o prato de pescado. Em silêncio, Dominic se concentrou na enguia fervida e em seu saboroso caldo, e depois de dois pombinhos assados que, apesar de não ser de grande tamanho, estavam deliciosamente condimentados.

Confusa, Meg se perguntou se seu marido era realmente tão frio como parecia. Mas então recordou a tensa expressão do rosto masculino no banheiro, quando sua excitada carne tinha explorado a sensual entrada do corpo de sua esposa.



Sentindo que um fogo abrasador consumia suas vísceras ao recordar o ocorrido no banheiro, Meg agarrou sua jarra de cerveja com mão trêmula e bebeu rapidamente, esperando esfriar o desejo que seu marido tinha acendido em seu interior.

Ao seu lado, Dominic deixou sua própria jarra sobre a mesa com um golpe e se voltou para seu irmão.

— Quais são as últimas notícias, Simon?

— Sempre o mesmo. Os Reeves rondam por suas terras com total liberdade. Se os descobirmos, desaparecem, e quando nos damos conta, voltam a aparecer.

Embora Simon falasse em voz baixa, Meg escutou suas palavras acima do agradável alvoroço da comida e sentiu que o horrível pressentimento que a espreitava em sonhos tomava força.

— Maldito seja! — balbuciou Dominic—. Duncan não conseguirá nada assim. Parecia um homem mais prudente.

— Acha-se com direito a suas terras e fará o que for para conseguir — manifestou Simon abertamente—. É evidente que conta com espiões na fortaleza e que sabe que o resto de seu exército ainda não chegou. Por isso se atreve a tanto.

— Que notícias Sven trouxe do sul? — perguntou o barão com o cenho franzido.

— Seus soldados chegarão daqui a uns dez dias. As tormentas impediram de chegar antes.

— Maldição! Se soubesse, teria esperado para me casar!

Uma bandeja cheia de porco assado apareceu ante eles antes que pudessem seguir falando. O animal tinha pouca carne por causa do duro inverno, mas o cozinheiro se esforçou por contentar aos normandos e o assado estava suculento.



— Espero que a caça tenha êxito - comentou Dominic—. Se os serventes da cozinha são capazes de fazer isto com o escasso material que têm, imaginem o que poderiam fazer com um veado.

— Oxalá consiga boas caças - desejou Simon.

De repente, os cães começaram a grunhir e uivar formando um tumulto debaixo da mesa.

— Basta, Taron! —ordenou Dominic bruscamente.

Imediatamente, os cães se acalmaram emitindo uns poucos uivos e grunhidos suaves.

Ainda com o cenho franzido, o barão tirou uma adaga do cinturão e cortou rodelas de carne para Meg, fazendo com que o succulento assado cheio de figos, cebolas e azeite de romeiro se derramasse.

Quando um servo apareceu com uma terrina de verduras, Dominic dirigiu um ligeiro olhar de diversão a sua esposa. Então, sorrindo, pôs as verduras em seu prato junto à carne, cortou uma pequena parte de pão e começou a comer, ignorando os suaves uivos que saíam debaixo da mesa.

Mas o que não pôde ignorar foi à repentina pressão da perna de seu marido contra a sua, quando agarrou o saleiro. Mesmo através das pesadas capa de roupa pôde sentir o calor que desprendia o poderoso corpo masculino.

Sentindo-se aturdida de repente, tremeu-lhe a mão e um pedaço de carne caiu no chão. Imediatamente, os cães de caça se equilibraram contra as pernas da jovem, que, assustada, separou-se tão rápido da mesa que a pesada cadeira em que estava sentada balançou e esteve a ponto de cair.

Dominic se moveu com uma rapidez imprópria de um homem de seu tamanho: uma mão endireitou a cadeira de Meg e a outra desapareceu sob a mesa só para reaparecer sustentando Leaper pelo cangote. Segundos depois, os servos cuidaram da cadela e a admoestaram com gravidade por ter assustado à senhora de Blackthorne. Mas assim que a soltaram escapou para sentar-se sob os pés de outra pessoa.



— Mordeu-te? —perguntou Dominic, olhando preocupado para sua esposa.

— Não, somente me assustou-respondeu a jovem a meia voz—. Estava pensando em outra coisa e não esperava essa reação de Leaper.

— Está entrando no cio - disse ele, lhe dirigindo um penetrante olhar—. Sabe que chegou seu momento e por isso está inquieta.

A consciência culpada de Meg por ouvir aquilo fez com que um forte rubor cobrisse suas bochechas e que o olhasse hesitante. O sorriso no rosto masculino indicou a jovem que seu marido sabia que tinha estado ocultando algo.

— Sangraste já? —sussurrou Dominic em seu ouvido.

A cor das bochechas femininas se incrementou, delatando-a.

—Quanto tempo faz? —insistiu ele.

Em meio de um opressivo silêncio, Meg voltou a cabeça, e provou o porco assado sem que o barão perdesse nenhum só de seus movimentos.

—Se estivéssemos sozinhos, pequeno falcão - disse com os dentes apertados—. Estaria comendo de minha mão. E eu...

Meg ergueu os olhos, viu o fogo que ardia nos olhos de seu marido, e soube que se estivessem sozinhos, ele estaria fazendo mais com suas mãos que lhe dar de comer.

De repente, Dominic ficou de pé rompendo a tensão que se instalou entre eles e anunciou:

— É hora de ir caçar.

Os senhores da fortaleza de Blackthorne, acompanhados de quatro cavalheiros, cinco escudeiros e uma matilha de cães de caça, dirigiram-se a cavalo aos bosques. Só a presença de Meg revelava que seu objetivo era caçar.



Dominic e seus homens levavam espadas no cinto, vestiam-se com cota de malha e montavam sobre corcéis adestrados para a guerra, seguidos por escudeiros que levavam lanças.

Não era o habitual em uma caçada, mas era preferível a ver-se desarmados ante um grupo de rebeldes saxões.

Frente a eles, acidentadas colinas rochosas se estendiam abruptamente sob um incomum céu claro. Não eram tão grandes como as montanhas que Dominic tinha visto em suas viagens, mas apresentavam um aspecto grandioso, cobertas pelo brilhante manto verde da primavera. A cabeceira do rio Blackthorne se achava escondida no escarpado terreno e dava lugar a um belo lago de margens desiguais. Com o rio como guia, Simon esperava encontrar um atalho no lugar onde tinha encontrado os rastros de um grande cervo, quando seguiu a pista de Meg.

Ao longo das ladeiras, as árvores encontravam um ponto de apoio e levantavam seus inumeráveis ramos ao céu. Um rubor verde esfumava os ramos, e as flores silvestres floresciam com vivas cores amarelas e azuis, púrpuras e douradas, absorvendo a luz; antes que as folhas do olmo, o salgueiro e o aliso se abrissem cobrindo o céu e impedindo que o sol atravessasse a barreira que tinham criado. Então, o musgo aumentaria e cresceria com força, e as samambaias se multiplicariam.

Apesar de ir rodeada de homens armados e de montar um cavalo já mais velho, Meg estava desfrutando da cavalgada. Os agradáveis murmúrios que emitiam suas jóias pareciam acompanhar os cânticos dos pássaros.

De repente, o penetrante som de uma águia procurando uma presa fez com que Meg protegesse os olhos do sol com a mão e elevasse a vista para olhar com desejo o livre vôo do pássaro.

— Simon? —disse o barão, rompendo o silêncio—. É este o lugar no qual viu os restos do cervo?



Seu irmão contemplou o acidentado terreno que se estendia frente a eles, onde estreitos afluentes do rio Blackthorne se trançavam ao longo das rochosas colinas. O chão, muito úmido para as árvores, convertia-se em um pântano salpicado por charcos tranquilos e arroios que serpenteavam entre os arbustos, com cores que iam da prata ao azul passando pelo negro, dependendo da hora do dia.

— Acredito que sim. O monte sagrado está atrás, a oeste, e eu me aproximei por ali - respondeu Simon assinalando o caminho de carretas que levava até Carlysle, a propriedade mais afastada do senhorio de Blackthorne.

Do outro lado do pântano, rodeado de ladeiras cobertas de neve que não se derreteria até o verão, estendia-se um amplo vale.

— Meg, há um caminho pelo qual possamos chegar até o vale evitando o pântano? —perguntou Dominic.

No verão, o vale se transformaria em um belo bosque cheio de árvores e claros ensolarados campos de grama. Mas, no momento, parecia um lugar fantasmal, povoado por troncos e escuros ramos. Um riacho o atravessava correndo alegremente, onde os novos brotos de erva empurravam através do pardo matagal de vegetação do último verão.

— Não. Teremos que atravessar o pântano. —Meg negou com a cabeça depois de observar que o atalho da colina resultava intransitável — No princípio será lento, mas depois o caminho é bastante fácil.

Dominic percorreu com a vista a paisagem, memorizando a situação das colinas, o vale e o pântano, e depois fez um gesto ao encarregado dos cães, que assentiu e reuniu aos cães com uma breve nota de seu corno de caça. Os cães estavam impacientes, pois tinham feito pouco exercício desde que saíram da Normandia.

— Adiante! - ordenou o barão a seu irmão.



Simon ficou à frente da partida de caça e os homens o seguiram, enquanto Dominic ficava atrás junto a sua esposa. Quando a jovem lhe dirigiu um olhar inquisitivo, lhe explicou:

— Eu não gostaria que fosse pisoteada no fragor da caça. Não deveria ter deixado que viesse montada nesse cavalo. Não é apropriado para caçar.

— Mas e você? — inquiriu Meg—. Se ficar ao meu lado não poderá caçar.

— Haverá outras caçadas.

— Meu cavalo será o mesmo.

— Não. Quando chegar o resto de meu exército, te darei de presente uma égua com sangue árabe cuja pele seja tão vermelha como seu cabelo.

— De verdade? —perguntou.

— Sim - afirmou—. Vamos cruzá-la com o meu garanhão.

—Maternidade, outra vez - se lamentou a jovem.

Ele não respondeu a seu comentário, limitando-se a guardar um prudente silêncio e a centrar sua atenção no caminho.

Meg tinha razão sobre a dificuldade do primeiro lance do atalho e logo ficaram separados do resto do grupo. Seu cavalo não era comparável aos magníficos garanhões dos normandos, que Dominic fazia treinar tão arduamente como seus cavalheiros, pois maus cavalos no campo de batalha eram sinônimos de morte.

Quando o cavalo da jovem conseguiu sair por fim do pântano, o barão ficou ao seu lado. O resto da partida de caça tinha seguido avançando através do riacho que discorria entre as ervas e as árvores dispersas, e tinha entrado no bosque. Mesmo sem folhas, as árvores eram suficientemente espessas para tragar o grupo de cavalheiros e escudeiros que os precediam sem deixar rastro.

Meg e Dominic haviam cavalgado mais de um quilômetro quando um corno de caça ressoou no ar. Detiveram-se a escutar e ouviram o estridente som do corno, duas vezes mais.



— Estão seguindo o riacho lateral - disse Meg.

— Avistaram o cervo - comentou Dominic.

O som foi se debilitando, lhes indicando que se iniciou a perseguição do cervo. Dominic tinha razão, o cavalo da jovem não teria podido resistir ao ritmo da caçada.

De repente, e sem motivo aparente, Meg sentiu que um calafrio de inquietação lhe percorria as costas.

— O que te ocorre? —perguntou o barão quando viu que a jovem olhava a seu redor com expressão de angústia.

—Tenho um mau pressentimento - sussurrou—. Sinto-me... Observada, como se nós fôssemos a presa.

— Ocorreu-te alguma outra vez? —inquiriu ele com curiosidade.

— Não. Nunca. Eu... —A voz de Meg se quebrou ao escutar de novo o som de um corno que provinha do este, muito diferente do dos homens de Blackthorne Keep.

— Reconhece esse corno?

— Não. Não pode ser... —murmurou assustada.

— A quem pertence? —exigiu saber Dominic com urgência.

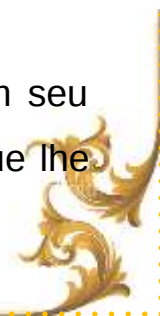
— Ao Duncan - respondeu ela rapidamente—. É o corno de batalha dos Reeves.

O corno soou de novo, muito mais perto. Os rebeldes não estavam perseguindo os homens que tinham tomado à dianteira, mas a Dominic e a Meg.

— Maldita seja! —vaiou ele — Há algum lugar no qual possa enfrentar a eles em campo aberto?

— Não. Embora haja um lugar onde não nos seguirão, mas meu cavalo não pode...

Antes de poder acabar de falar, Dominic a agarrou pela cintura com seu poderoso braço, colocou-a escarranchada sobre sua sela e fez com que lhe



indicasse o caminho a seguir, enquanto a suas costas, se ouvia um selvagem grito que anunciava que os rebeldes acabavam de descobrir a sua presa.





Capítulo 22

Meg se inclinou muito perigosamente para o lado direito do pescoço do garanhão, quando o ramo mais baixo de um grande carvalho ameaçou atirá-la da sela. Atrás dela, Dominic dobrou à esquerda, mas não pôde evitar que o ramo raspasse sua cota de malha.

A suas costas se escutavam os gritos de seus perseguidores, que pareciam ter ficado muito atrás na frenética escalada da colina. Mas o profundo e gutural uivo de um cão, muito parecido ao de um lobo, fez com que o cabelo da nuca de Meg se arrepiasse.

— Estão seguindo nosso rastro - disse a jovem com muita dificuldade, tratando de olhar por cima do ombro.

— Mantém o olhar à frente ou perderá o equilíbrio — lhe ordenou Dominic.

Ela obedeceu e apertou seu rosto uma vez mais contra o musculoso pescoço do garanhão, agarrando-se a ele com ambos os braços até que lhe doeram os músculos. Mesmo assim, se não fosse pelo forte braço de Dominic rodeando sua cintura, teria caído. Não estava acostumada a montar campo em um cavalo do tamanho e com a força de Cruzado.

O frenético batimento do coração de Meg e sua agitada respiração se mesclavam em seus ouvidos com as ensurdecedoras pegadas dos cascos do garanhão. O vento fazia com que seus olhos ficassem cheios de lágrimas, e a juba negra do animal açoitava seu rosto enquanto cavalgava a toda velocidade para o topo da colina.

O bosque se abateu de repente a seu redor, lhes ocultando dos rebeldes. A uns dois quilômetros, no profundo da colina, erguia-se um arvoredo de enormes carvalhos. Assim que a avistaram, Cruzado parou em seco e se negou a seguir avançando.



— Maldito seja! — rugiu Dominic, esporeando ao garanhão! — O que é o que te ocorre?

— Desce do cavalo! — gritou Meg, deslizando até o chão — Depressa!

Dominic desmontou preparado para a batalha, com a mão na espada e o corpo preparado para lutar.

— Tape os olhos de Cruzado e me siga. — A jovem tirou rapidamente o véu de seu cabelo —. Nega-se a nos seguir, deixe-o aqui. Estão a ponto de nos alcançar!

Dominic seguiu as indicações de sua esposa e depois pegou as rédeas. Mas o animal, soprando, resistindo a seguir. O normando, apesar da urgência da situação, sussurrou palavras tranquilizadoras no ouvido do animal e sustentou firmemente as rédeas.

— Te apresse! — insistiu Meg —. Vi um cão!

Finalmente, Cruzado se rendeu. Soprou e seguiu a seu dono como tinha feito em tantas ocasiões, por mais adversas que fossem. Dominic caminhou rápido guiando ao garanhão entre carvalhos centenários que cresciam tão juntos que era difícil avançar entre eles.

De repente, apareceu ante eles um enorme círculo formado por imponentes e grossas pedras, que se erguiam orgulhosamente em direção ao céu, deixando espaços quase uniformes entre elas de mais de um metro. A antigüidade da formação era delatada pela capa de musgo e líquen que cobria as pedras.

Uns cem metros mais à frente se levantavam um segundo círculo formado também por pedras. Mas estas não tinham a altura das primeiras e estavam tão juntas que não cresciam árvores entre elas. As silenciosas sentinelas de rocha pareciam resguardar o espaço de uns cinquenta metros de diâmetro e a construção de terra e rochas coberta de musgos se elevava no centro.



Ao olhar a seu redor, Dominic entendeu o que tinha feito com que Cruzado temesse entrar no arvoredo. O monte que se levantava dentro dos círculos concêntricos de rochas, não devia ser perturbado de forma irresponsável.

Pertencia aos glendruíd.

O normando avançou com cautela e curiosidade enquanto guiava a seu corcel para um lugar tranqüilo e protegido. As flores silvestres tinham invadido o lugar e parecia que as árvores tinham mais folhas, como se ali o sol chegasse antes e ficasse mais tempo.

Mais à frente do primeiro anel de rochas chegou o uivo desesperado de um cão que tinha sido privado de sua presa. Curiosamente, não ouviram mais latidos que evidenciassem a presença de mais sabujos.

Dominic dirigiu então a Meg um duro olhar.

— Duncan caça com um só cão?

— Só quando procura caçadores furtivos. Além disso, não podemos estar seguros de que seja Duncan.

— Deixa de defender esse bastardo - ordenou bruscamente—. Quem poderia ser se não ele?

A jovem guardou um prudente silêncio. Não havia nada que pudesse dizer para negar a lógica das palavras de Dominic, mas algo em seu interior se negava a acreditar que Duncan, o homem que a tinha protegido tantas vezes da ira de lorde John, pretendesse lhe machucar.

— Deveria ter deixado que Simon estripasse a esse maldito escocês na igreja - amaldiçoou Dominic olhando o claro ensolarado e seu velho monte. Não havia nenhum lugar no qual um homem pudesse ter as costas cobertas, enquanto se defendia frontalmente—. Continuemos avançando.

— Agora só o castelo é seguro, e não há forma de voltar para lá, exceto o caminho que seguimos.

Meg não acrescentou que os rebeldes agora ocupavam o terreno entre o círculo sagrado e a fortaleza de Blackthorne.



— Nesse caso, estamos completamente apanhados - disse Dominic jurando entre dentes—. Necessitaríamos de muitos homens para defender este lugar.

— Não. Nenhum rebelde poderá atravessar o primeiro círculo de rochas.

— Duncan é suficientemente inteligente para enfaixar os olhos de seu cavalo e seguir nossos rastros até aqui.

— Duvido. Nem sequer eu estava segura de que isso fosse funcionar.

Dominic lançou a Meg um olhar inquisitivo.

— Então, por que propôs?

— Sabia que não deixaria seu cavalo, até que fosse muito tarde. Os Reeves lhe teriam matado como um cervo encurralado, antes que tivesse cruzado o anel.

— Ainda poderiam fazê-lo - grunhiu ele.

— Não acredito. Nenhum homem atravessou essas rochas em centenas de anos. Uma força estranha parece repeli-los e lhes impede de entrar. Nem sequer meu pai.

— Tentou?

— Uma vez.

— Por quê?

Meg encolheu os ombros.

— Pensava que o segredo para ter um filho estava entre as rochas e não em seu coração.

— Ou no coração de sua esposa? —sugeriu Dominic.

De repente, Cruzado levantou a cabeça, e atirou as rédeas bruscamente.

— Tranquilo. —O normando falou em voz baixa, enquanto acariciava o pescoço do animal—. Não há nada que temer neste lugar.

— Cheira a água - disse Meg, assinalando para um conjunto de pedras e ervas na base do monte.

— Uma fonte sagrada? —perguntou ele em tom neutro.



— Não acredito que aconteça nada, se seu cavalo saciar sua sede. Era isso o que queria saber?

Em silêncio, Dominic tirou a venda de Cruzado. O animal olhou a seu redor com curiosidade, mas não mostrou medo algum quando seu dono o levou para o pequeno manancial e esperou que bebesse a água cristalina.

Era fácil seguir o progresso de seus perseguidores ao redor do anel exterior de pedras. Débeis gritos e o triste uivo de um cão se ouviam em distintos pontos ao redor do círculo, enquanto os rebeldes tentavam encontrar a maneira de entrar no lugar sagrado.

Entretanto, as rochas só deixavam passar o vento.

— O que há no centro do monte? —inquiriu Dominic de repente.

— Uma sala sem teto.

— Há lugar em seu interior para um cavalo?

Meg vacilou.

— Esquece o que disse. - apressou a dizer ele, notando-a reação—. Amarrarei Cruzado aqui.

— Estará bem, asseguro isso.

— Vá à sala do monte - indicou—. Se Duncan consegue atravessar os anéis de rochas, a sala será mais fácil de defender que este espaço aberto.

— E você?

— Irei assim que me ocupe de Cruzado. Ou acaso necessitarei feitiços ou encantamentos especiais para entrar? — zombou.

— Se este fosse um lugar maligno, acha que minha cruz o toleraria? — replicou Meg com voz tensa.

— Não importa. —Dominic se encolheu de ombros—. Faria um trato com o mesmo diabo para nos proteger de Duncan e seus homens.

— Não! —exclamou ela horrorizada—. Nunca diga isso!

A risada que saiu dos lábios do normando tinha um toque de ternura.

— É uma bruxa muito estranha.



— Não sou nenhuma bruxa - explorou Meg, remarcando cada palavra—. Sou uma glendruoid. Não é o mesmo.

— Não é fácil entender a diferença.

— Eu não tenho culpa disso - replicou ela.

— Vá para dentro, Meg. Reunir-me-ei contigo ali.

A jovem caminhou ao redor do monte até que chegou a uma abertura que não podia dizer-se se era natural ou feita pelo homem. Entrou decidida no estreito passadiço revestido de rochas, e chegou a uma sala circular.

As ervas e as flores cresciam profusamente, formando um espesso tapete sob seus pés. E no lado oeste, as folhas do ano anterior se empilharam ao redor de quatro estranhas pedras brancas. Poderia tratar-se de suportes para um refúgio ou de pequenos obeliscos ao redor de um altar desaparecido, ou simplesmente ser pontos de referência que capturassem a luz indicando a mudança de estação.

Ninguém sabia.

Pode ser que os glendruoid conhecessem o propósito do monte, a sala, e os obeliscos, mas esse conhecimento não tinha sobrevivido ao tempo em que um irmão se voltou contra outro, causando a perda do broche sagrado e da paz.

—Parece triste - disse Dominic de repente às costas de Meg—. É por este lugar ou gostaria que Duncan te levasse com ele?

— Isso é o que acha?

A tentação de provocar a sua esposa quase foi maior que o bom senso do normando. Com um juramento entre dentes, tentou refrear sua língua, mas o que tinha ocorrido com os Reeves tinha feito que lhe fervesse o sangue.

— Só sei que estou cansado de escutar rumores sobre a suposta relação que mantém com Duncan de Maxwell - espetou com uma voz tão fria como o gelo.



— Eu também - replicou Meg em um tom tão amargo como o de seu marido.

Fazendo um esforço evidente para controlar seu temperamento, Dominic conseguiu manter a calma.

— Fique aqui - lhe ordenou — Eu ficarei de guarda lá fora.

Em silêncio, a jovem observou como seu marido saía do lugar, com passo irado. Com um gesto de pesar, sacudiu a cabeça e decidiu procurar um lugar para descansar. Demorou só uns segundos para encontrar uma posição cômoda entre as ervas e as flores silvestres. Tirou a capa, deu a volta para proteger o tecido de brocado, e o colocou como travesseiro. Sua trança quase se desfez na frenética fuga, assim desfez o laço que a segurava e deixou que o cabelo caísse solto pelas costas.

Do alto do topo do monte, onde Dominic subiu para vigiar, o cabelo de Meg parecia fogo sobre as ervas.

A beleza de sua esposa o atraía irremediavelmente, distraíndo-o de sua tarefa de vigiar os rebeldes. Inclusive o leve som das jóias que levava nos braços parecia encaixar a perfeição com o dia e o gorjeio dos pássaros.

Sussurrando uma maldição, Dominic fechou os olhos e tentou escutar algum som que lhe indicasse que seus perseguidores estavam próximos. Entretanto, não ouviu mais que o zumbido dos insetos e o suspiro da brisa através das suaves folhas da primavera.

Voltou a cabeça para olhar Cruzado, confiando no instinto protetor do garanhão, mas o cavalo mordiscava tranquilo alguns brotos de erva e só de vez em quando levantava a cabeça aspirando o aroma da brisa com os focinhos bem abertos e as orelhas levantadas, em busca de qualquer sinal de perigo. Aparentemente não percebeu aroma algum de pessoas, animais ou cães, assim voltou a farejar a folhagem, mais por aborrecimento que por fome.



Pouco a pouco a lassidão foi invadindo o corpo de Dominic, afastando-o das tensões vividas e lhe incitando a unir-se a Meg. Durante alguns minutos, resistiu ao impulso de descer, mas, finalmente, desceu do monte e amarrou Cruzado junto à entrada da passagem, onde ninguém pudesse passar sem chamar a atenção do garanhão.

Entrou na sala sagrada e, por um instante, a beleza de sua esposa adormecida lhe deixou sem fôlego. Sem deixar de olhá-la, estendeu no chão sua escura capa e tirou com cuidado o elmo e a cota de malha, pondo-os ao lado.

Depois levantou com extremo cuidado a jovem, colocando-a sobre a capa, e se deitou junto a ela, estreitando-a entre seus braços.

Por um curto instante se permitiu desfrutar da liberdade que lhe dava o haver tirado as vestimentas de guerra, da calidez do frágil corpo de sua esposa, da paz que se respirava naquele lugar...

E pela primeira vez desde que trocou sua liberdade pela de seus homens na Terra Santa, Dominic o Sabre dormiu sem que os pesadelos assaltassem seu sonho.

Quando Meg despertou se sentiu desorientada por um instante, mas não teve medo. A luz do sol e o doce gorjeio dos pássaros lhe indicaram que estava a salvo, antes de abrir os olhos. Entretanto, o que em realidade lhe deu segurança foi sentir o calor dos braços de Dominic rodeando-a, e o contínuo e compassado pulsar de seu coração sob sua bochecha.

Recordando, de repente, o frenético galope pelo bosque, levantou a cabeça o suficiente para poder ver o final da passagem e observou que Cruzado se encontrava fora, com a cabeça abaixada, dormindo sobre as patas.



A inclinação dos raios do sol tinha mudado pouco, por isso deduziu que pouco tempo tinha passado. Mesmo assim, sentia-se renovada, cheia da paz que alagava aquele lugar sagrado ao qual só uns poucos tinham acesso.

Voltou o olhar a Dominic e percebeu que tirou a cota de malha para deitar-se com ela. Ele também devia haver sentido a estranha paz que flutuava no ambiente.

Dar-se conta disso fez com que um calafrio percorresse as costas de Meg. Gwyn não tinha conhecido ninguém em anos que fosse capaz de deixar de lado suas cargas o tempo suficiente, para ser capaz de entrar no segundo anel de pedra, e menos ainda de dormir, relaxadamente, no monte sagrado.

Entretanto, aquilo era o que seu marido tinha feito.

A prova disso estava justamente ao seu lado: o musculoso corpo de seu marido estava relaxado por completo e dormia tão placidamente como um bebê. Dominic o Sabre, um guerreiro tão perigoso, que era temido pelo próprio rei da Inglaterra, fazia um desconcertante pacto com a paz.

Ame-me, pequena, cure esta terra com nossos filhos.

A jovem ouviu de uma forma tão clara aquela frase, que em um princípio pensou que seu marido tinha falado. Mas logo se deu conta de que aquelas eram as palavras que Dominic tinha pronunciado quando conseguiu despertar do sonho induzido pelo veneno.

Ame-me, pequena.

Em um silêncio cheio de possibilidades, Meg se sentou ao seu lado e passou o olhar pelas densas pestanas masculinas e a mecha que lhe caía livremente sobre o rosto e que em tantas ocasiões ficava oculto sob o elmo. Sorrindo, recordou o muito que ele gostava que ela afundasse seus dedos em seu cabelo e o acariciasse, e desejou fazê-lo no resto de seu corpo.

Com muita suavidade, percorreu com a mão a camisa de couro que Dominic estava acostumado a usar sob a cota de malha e, quase sem ser



consciente disso, encontrou-se desatando os cordões para poder explorar a cálida pele que o pesado objeto ocultava.

Com um pequeno suspiro de prazer, observou os músculos que formavam o amplo peito de seu marido e enroscou seus dedos lenta e cuidadosamente no negro pêlo que descia por seu poderoso torso, até converter-se em uma fina linha que desaparecia sob a calça.

De repente, uma leve mudança na respiração masculina lhe indicou que Dominic estava despertando. Reticente, a jovem deixou de lhe acariciar e começou a afastar-se, mas, com uma rapidez que a deixou surpresa, a mão de seu marido, endurecida pela guerra, agarrou sua frágil mão e a segurou contra seu peito.

— Não. Não te afaste de mim - lhe pediu com voz rouca.

Os lábios de Meg se curvaram em um doce sorriso cheio de promessas e elevou o olhar para enfrentar-se ao penetrante olhar de seu marido.

— Ou acaso prefere acariciar a seu gato? —perguntou ele em tom zombador.

— Não. Eu... Não trocaria este instante por nada.

A respiração de Dominic se acelerou quando Meg começou a lhe acariciar de novo, com uma expressão que indicava que estava desfrutando tanto como ele.

— Tem frio? —disse a jovem, preocupada.

— Não.

A voz masculina estava enrouquecida pelo desejo, e os olhos prateados delatavam uma zombadora e lânguida sensualidade que Meg não tinha visto antes em seu marido.

— Mas te senti tremer sob meus dedos - insistiu ela.

Em silêncio, Dominic deslizou o dorso de seus dedos pela bochecha da jovem até chegar ao seu pescoço, no que foi uma ardente carícia que fez com que ela estremecesse e emitisse um trêmulo gemido.



— Tem frio? —perguntou ele por sua vez, com uma expressão que indicava que conhecia a resposta.

— Não, eu... — de repente, entendeu o que Dominic queria dizer e, deixando de lado seu acanhamento, voltou a percorrer a fina linha de pêlo que ia desde seu umbigo à calça—. Foram... ? Foram minhas carícias que lhe fizeram tremer?

— Sim. Faz de novo, Meg. Faça-me tremer.

— É... É isto... Normal? —inquiriu com voz trêmula.

— Não sei pequena. Nunca antes tinha tremido com o tato de uma mulher.

A jovem acariciou de novo o peito de Dominic por debaixo da camisa, suavemente primeiro, e logo com mais confiança. Sentir o rápido pulsar do coração masculino sob sua mão e saber que era ela que o provocava, fez com que se sentisse poderosa.

— É tão... —comprovou o musculoso corpo de seu marido com suas unhas—... Forte. E, entretanto, foi tão suave comigo...

Um som leve, rude, saiu da garganta de Dominic em uma estranha mescla de risada e resposta sensual.

— Oh! E também ronrona como meu gato - provocou Meg.

Dominic se pôs a rir, antes de ficar sem respiração. Os esbeltos dedos da jovem tinham encontrado um mamilo e o submetiam a enlouquecedoras carícias. Mas quando o mamilo se endureceu, ela afastou a mão, sobressaltada.

— Outra vez - pediu ele com voz rouca.

— Você gosta?

— Somente poderia gostar mais é de sentir sua língua em mim.

A intensa lembrança de como Dominic tinha tomado seu seio em sua boca, obrigou-a a fechar os olhos enquanto uma ardente onda de desejo a percorria.



Com rapidez, Dominic tirou a camisa de couro deixando a descoberto seu poderoso peito e agarrou uma das mãos da jovem, pondo-a de novo sobre ele e insistindo que seguisse explorando.

— É tão... Belo - sussurrou Meg com os olhos ainda fechados.

— Não. —Dominic percorreu os suaves lábios femininos com a ponta dos dedos—. Não é certo. Meu corpo está cheio de cicatrizes.

Meg piscou, abriu os olhos e, pela primeira vez, viu a horrível cicatriz que percorria o peito e um dos ombros de Dominic. Sentindo-se angustiada de repente, levou a mão à boca ocultando o afogado gemido que emitiu sua garganta.

Em silêncio, amaldiçoando a si mesmo por sua estupidez ao despir-se em plena luz, o normando procurou a camisa que acabava de jogar em um lado; mas a mão de Meg o impediu que a pusesse de novo.

— Deixemos assim. É melhor sentir na escuridão que ver na luz - afirmou.

— Não - disse ela com voz trêmula—. É um prazer para meus olhos.

— Mal pode me olhar. Deixa que me vista.

— É a dor.

— O que quer dizer?

— Sua dor clama dessa cicatriz - lhe explicou Meg— Não esperava. Não voltará a me pegar de surpresa. Deixe-me ver, por favor.

Deixe-me te curar.

Dominic abriu seu punho lentamente, soltando a grossa malha. Meg a pôs de um lado e observou com atenção a seu marido. Depois de um tenso e silencioso instante, começou a riscar com as pontas de seus dedos as linhas de seu musculoso corpo com lentas e ternas carícias.

— Sei que é muito forte - sussurrou Meg depois de uns segundos, olhando-o com um brilho nos olhos que tinha muito de sensual e muito pouco de inocente—. Inclusive me assombrou quando me levantou de meu cavalo sem



esforço e me pôs sobre o teu. Mas agora posso sentir essa enorme força nua sob meus dedos.

Os olhos de Dominic se entreabriram, ante a palpitante ereção que tinham provocado as palavras de sua esposa.

— É magnífico, milorde. Todo você. Não só seu corpo - murmurou enquanto percorria com extrema delicadeza a horrível cicatriz.

Aquele gesto conseguiu arrancar um rouco e profundo som da garganta do normando, pois não havia temor na voz ou no tato de sua esposa. Ser consciente de que suas cicatrizes não lhe importavam o aturdiu. Sabia, com uma segurança que o assombrava, que as palavras de Meg eram sinceras; que a seus olhos era um homem atraente e que o desejava intensamente.

— Esta cicatriz é parte de sua força - sussurrou Meg, riscando a grossa marca que a guerra tinha deixado em seu peito—, a lembrança de uma honorável batalha.

Um forte tremor percorreu Dominic, desejando possuir não só o corpo daquela mulher que o tinha cativado com sua ternura e suavidade, mas também sua alma.

— Vence-me com suas palavras - admitiu com voz rouca.

— Só quero levar sua dor.

Quando Meg se inclinou para beijá-lo e seu cabelo caiu sobre ele como frias chamas, o normando enredou seus dedos na sedosa juba e a atraiu para si para saquear sua boca, longa, profundamente.

Temendo por seu autocontrole, o normando a soltou e observou satisfeito que ela estava ruborizada de prazer e que suas mãos tremiam sobre seu peito.

— Tem sabor de chuva, a luz do sol, a primavera...

— Em troca, você tem sobre mim o efeito do vinho - conseguiu dizer ela—. Faz com que meus sentidos se nublem, que não possa pensar, que...

— Então deveria te deitar.



Dominic recolheu o cabelo de Meg com uma mão e, com a outra, atraiu-a para si enquanto se voltava, de modo que ela ficou estendida debaixo dele completamente indefesa. Contemplou por um instante, observando com atenção seus olhos lânguidos, o cabelo como fogo sobre o escuro manto, e não pôde evitar apoderar-se uma vez mais de sua boca; consumindo-a com os movimentos profundos e sinuosos de sua língua, até que ela se agarrou a ele como se não quisesse soltá-lo nunca.

— Está menos confusa? —perguntou o normando contra seus lábios.

Meg abriu a boca, mas não conseguiu dizer nada, apanhada como estava sob o sensual feitiço da sedução de seu marido. Tentando expressar como se sentia, acariciou suas largas costas e foi quando seus dedos descobriram os sinais de uma complexa rede de cicatrizes, largas e grossas, provocadas pela crueldade de um látigo, que tinha sido utilizado com sanha, uma e outra vez.

— Não são exatamente as cicatrizes de uma honorável batalha, verdade? —A voz de Dominic parecia vir de muito longe, de um lugar escuro e frio.

— Não pode haver maior honra que fazer o que você fez por seus homens - replicou a jovem com voz firme.

A respiração masculina se agitou.

— Quem lhe contou isso?

— Simon. — Meg olhou fixamente os sombrios olhos de seu marido—. E também me disse que o sultão teve a morte que merecia.

— Assim foi.

— Bem - aprovou a jovem, com um comprido e profundo suspiro.

Os olhos de Dominic se abriram com surpresa.

— Possui um lado assombrosamente selvagem para ser uma curadora.

— Dói-me pensar que alguém te machucasse só por prazer.

— Alguma vez chegarei a te conhecer? —perguntou-lhe, observando com atenção os delicados rasgos da enigmática e sensual mulher que era sua esposa.



Antes que Meg pudesse responder, Dominic inclinou a cabeça e pousou seus lábios sobre os dela, para desfrutar de novo das texturas de sua boca, de seu sabor, de seus gemidos afogados. Fechando os olhos, a jovem se entregou ao beijo e ao guerreiro cheio de cicatrizes que amava como nunca sonhado fazê-lo. Seus fortes braços rodeando-a faziam sentir-se segura, cheia de uma ardente paixão que era fogo e ternura ao mesmo tempo.

Sem lhe dar tempo a pensar, os compridos e fortes dedos masculinos desfizeram os laços do vestido da jovem e liberaram seus braços do objeto, baixando-o até a cintura. Quase imediatamente, fez a mesma coisa com sua camisa, e então Meg sentiu o sol sobre seus seios nus pela primeira vez em sua vida. A calidez que a acariciava a fez mover-se sinuosamente, tentando aproximar-se mais da fonte de seu prazer.

Ao ver a plenitude dos túrgidos e generosos seios, Dominic deixou escapar um áspero gemido e passou um de seus poderosos braços sob suas costas, obrigando-a a arquear-se. Inclinou a cabeça e começou a acariciar um de seus mamilos com os lábios e a língua, fazendo com que endurecesse com rapidez. Sem piedade, brincou com o duro mamilo e a torturou com seus dentes, fazendo com que Meg ofegasse entrecortadamente e se retorcesse contra ele com movimentos sinuosos.

O sabor e o aroma da jovem se afundaram como doces garras no corpo de Dominic, levando-o a um grau de excitação que era doloroso e prazeroso ao mesmo tempo, e que nunca antes tinha conhecido. Jamais tinha sentido por uma mulher uma paixão tão forte que lhe fizesse esquecer-se de terras, filhos e qualquer outra preocupação, impulsionando a desejar unicamente afundar-se nela, fundir-se em sua suavidade como se não existisse o ontem nem o amanhã; só o momento presente e o profundo prazer que lhe invadia.

Levantou-a um pouco mais, libertando-a com surpreendente rapidez do vestido e de qualquer rastro de roupa de baixo, até que ficou por completo exposta a seu ardente olhar. Depois a pôs de novo sobre o manto e, sem



deixar de percorrê-la com olhos cheios de desejo, ficou em pé para desfazer-se das botas e da calça.

Meg deixou escapar um gemido entrecortado e seus olhos se abriram assombrados, quando Dominic se ajoelhou junto a ela.

— Dou-te medo? —perguntou-lhe ele em voz baixa.

— Não, só estou... Surpresa - admitiu em um sussurro, observando com atrevimento a rígida ereção que se erguia orgulhosamente ante ela—. Deveria ter sabido que tudo em ti era... Grande.

Ao escutar as palavras da jovem, a paixão se derramou como lava fervendo pelas veias de Dominic e mal foi capaz de controlar seu forte instinto de tomá-la naquele mesmo instante. Deixando escapar uma maldição, deitou-se a seu lado enquanto de seu grosso membro escapava uma única gota nacarada que evidenciava sua excitação.

— Não mereço tanta beleza - murmurou ele com voz grave e tensa—. É digna de um rei... Seus olhos brilham mais que as esmeraldas. Sua pele é mais suave que a seda...

Inclinou-se de novo e, com sua boca e seus dedos, submeteu a uma doce tortura os duros mamilos de Meg, convertendo-os em rosados picos de veludo.

— Quentes rubis... —O olhar masculino refletia com clareza o voraz desejo que o consumia.

Os olhos de Meg se fecharam e todo seu corpo vibrou ao sentir que uma onda de prazer a invadia, deixando-a sem fôlego, enquanto as mãos de seu marido percorriam sua cintura, seus quadris, sensibilizando sua pele com cada roçar, envolvendo-a em uma ardente bruma de prazer.

Sem lhe dar um segundo de trégua, Dominic separou as pernas da jovem com cuidado e acariciou a parte interna de suas coxas. Lenta, implacavelmente, separou com seus dedos o suave pêlo que ocultava seu mais íntimo local e explorou, até encontrar o ponto de prazer escondido entre



as dobras de veludo, tentando-a, seduzindo-a, uma devastação total de seus sentidos.

—Tão doce... Tão suave... —ofegou ele.

A respiração da jovem se entrecortou e seu corpo tremeu visivelmente ao ser empurrado além de qualquer limite que tivesse conhecido. Sem que pudesse evitá-lo, violentas contrações aconteceram em seu interior e uma cálida umidade banhou os dedos que a atormentavam.

— Sândalo e especiarias - sussurrou Dominic quando o aroma da paixão de Meg chegou até ele como uma carícia selvagem—, o mais valioso de todos os perfumes.

Perdida em algum lugar entre a realidade e os sonhos, a jovem emitiu um ofego entrecortado, que era o nome de seu marido e uma pergunta ao mesmo tempo. Ele respondeu, voltando a acariciar as suaves e acolhedoras dobras de sua feminilidade, fazendo com que seus dedos se umedecessem.

— É perfeita - murmurou com voz densa e áspera enquanto observava os íntimos estremecimentos que percorriam o frágil corpo de sua esposa—. Sinto-te como fogo sob minhas mãos. Arderá comigo, pequena?

Sondou a entrada de corpo com um comprido dedo, e o introduziu devagar e com cuidado em seu apertado e tenso interior. Quando o moveu ligeiramente, ela o acariciou a sua vez, envolvendo-o e acolhendo-o em sua calidez.

— Enfeitiçaste-me, Meg - murmurou Dominic, deslizando o dedo ainda mais profundamente dentro dela e depois o tirando, para atormentá-la.

Ao escutar suas palavras sussurradas, a jovem abriu os olhos e viu que as duras e atraentes feições do rosto de seu marido estavam marcadas pelo controle que impunha a si mesmo. Com um leve e trêmulo sorriso, Meg acariciou sua bochecha e deslizou os dedos lentamente por seu torso até roçar sua carne rígida. Ele se agitou sob sua mão, como se tivesse recebido uma chicotada.



— Há tanto dor em ti... —conseguiu dizer ela com voz rouca —. Deixe-me te curar.

— Só poderia fazer de uma forma.

— Então tira de mim o que necessita. Algo... De qualquer forma...

Dominic se ergueu sobre ela e se colocou entre suas coxas abertas. Emitindo um ofego de desejo contido, segurou seus quadris e roçou a úmida entrada de seu corpo com a grande e grossa ponta de seu membro, acariciando-a e abrindo caminho, devagar através de sua estreiteza.

Meg soluçou e fechou os olhos com força suplicando alívio, desejando algo que não chegava a compreender. Mas quando Dominic sentiu a frágil barreira de sua virgindade, ficou imóvel. A prova de sua inocência o afligiou fazendo com que seu desejo se redobrasse e que os frenéticos batimentos de seu coração se acelerassem. Uma fina camada de suor cobriu seu corpo enquanto lutava para recuperar o autodomínio que, até esse momento, tinha sido o eixo de sua vida.

De forma instintiva, a jovem tentou atraí-lo para si, mas ele resistiu com uma facilidade que lhe recordou o quanto era forte.

— Shhh... Fica quieta - murmurou Dominic roucamente contra o pescoço de Meg—. Não quero te machucar.

— Você nunca me faria mal.

— Não deliberadamente, mas é virgem, pequena. —Falava entre sussurros enquanto riscava um ardente atalho de beijos sobre o pescoço da jovem—. Se não cuidado posso te machucar.

— Não importa Dominic. Tome... Faça-me sua.

— Só doerá desta vez, Meg. Prometo isso.

Ela nunca havia se sentido tão incrivelmente frágil e vulnerável. O coração pulsava de forma visível na base de sua garganta e o sangue circulava como lava ardente por suas veias.



Desesperada por senti-lo em seu interior, agarrou-se ao corpo de seu marido e se moveu sinuosamente embaixo dele. Daquela vez Dominic não se afastou, mas deslizou uma mão entre seus corpos e começou a acariciar de novo suas suaves e úmidas dobras.

Respondendo a um instinto tão antigo como o tempo, Meg arqueou seus quadris contra ele, fazendo com que o duro e grosso membro do normando se afundasse um pouco mais em sua suavidade.

— Quer mais? —perguntou ele, enquanto seguia torturando o tenso centro de seu prazer.

— Sim. Dominic, eu... —A voz do Meg se tornou mais ofegante.

— Me diga, quanto mais?

Seus dedos a submeteram a diferentes pressões, riscaram diminutos círculos, tentaram-na e a seduziram até que se arqueou violentamente cedendo à negra e ardente paixão que a rasgava, arrastando-a sem piedade a um abismo desconhecido e obrigando-a a gritar o nome de seu marido.

Rompendo seu autocontrole, Dominic a encheu, empurrando através das acolhedoras dobras da entrada de seu corpo, perdendo-se nela, abrindo-a, investindo uma e outra vez, sentindo como o reclamava, como se contraía ao redor de sua rígida carne, clamando por ele.

Se Meg sentiu alguma dor, ficou completamente esquecida pelo prazer de sentir cada palpação do grosso membro masculino em seu interior, enquanto derramava bruscamente sua semente nela.

E de repente, em meio daquele selvagem êxtase, as palavras que ele tinha pronunciado há muito tempo ressoaram de novo na mente da jovem.

Ame-me, pequena, cure esta terra com nossos filhos.





Capítulo 23

Seguindo o costume que tinha adquirido há três dias, quando tinham sido atacados durante a caçada, Dominic observou suas terras ao pôr do sol da torre mais alta de Blackthorne.

Aquela estratégica posição lhe permitia ver a espessa névoa que cobria o pântano e os rios, uma montanha onde se perfilavam as silhuetas de carvalhos já verdes, o escuro perfil das rochosas colinas onde começava a esconder o sol; umas quantas ovelhas perdidas que eram perseguidas por cães para obrigá-las a voltar para rebanho, e chegou a distinguir os últimos grupos dispersos de aves que desciam em espiral até o pântano para poder descansar.

Mas não percebeu nenhum sinal de Duncan de Maxwell nem de seus homens, apesar de saber que se escondiam em algum lugar de seus vastos domínios, escondidos à espera de atacar a fortaleza.

De repente, sua concentração se rompeu ao escutar passos provenientes da torre mais próxima. Conhecia muito bem esse som e não teve que voltar o olhar para ver de quem se tratava.

— Bonita tarde - comentou Simon.

A única resposta que recebeu de Dominic foi uma maldição entre dentes.

— Pode ser que não seja tão bonita — zombou Simon.

O barão voltou a grunhir.

— De péssimo humor, possivelmente? — sugeriu ironicamente Simon.

Dominic se limitou a lhe dedicar um perigoso olhar de soslaio.

— Tenho novas notícias sobre seus cavalheiros - disse então seu irmão com voz grave, conseguindo por fim a atenção do barão.

— Onde estão?



— Se não houver mais tormentas, há nove dias daqui. Os caminhos estavam tão cheios de barro que foi impossível começar a viagem antes de hoje.

— Maldito seja! —vaiou Dominic entre dentes.

— Poderia ordenar a seu exército que se adiantasse, deixando que os servos trazerem os animais de carga.

—Seria uma temeridade e sabe; tanto os servos como meus bens estariam indefesos ante os Reeves.

— Oxalá encontrássemos esses bastardos - desejou Simon, apertando os punhos.

— Duncan nunca se arriscará a que isso ocorra. Seus homens não estão bem treinados e é certo de que perderia em uma batalha a campo aberto.

— Sven também pensa como você.

Ao escutar aquilo, Dominic se voltou para olhar fixamente a seu irmão.

— Já retornou?

Simon assentiu.

— Ordene-lhe que se presente ante mim.

Justo nesse momento, um homem apareceu na soleira da torre. Seus suaves calçados de pele não fizeram nenhum ruído ao caminhar sobre a pedra; fundir-se com algo que o rodeasse era uma das estranhas habilidades de Sven, além de parecer calmo em qualquer ocasião, por mais difícil que fosse.

— Jantaste? —perguntou-lhe Dominic.

— Sim - respondeu Sven em voz baixa—. Barão, não tenho muito tempo. Preciso estar de volta muito em breve em Carlysle, para me ocupar de meus rebanhos.

Imaginar um guerreiro tão temível como Sven cuidando de ovelhas, fez com que os lábios de Dominic se erguessem em um sorriso irônico.

— Soube de algo novo?



— Sim. Os Reeves está crescendo em número.

— Quantos são agora?

— Oito cavalheiros, doze escudeiros e trinta servos.

— De quantos cavalos dispõem?

—Tão somente de dois corcéis, mas em poucos dias chegam melhores cavalos da Escócia.

— E o que me diz das armas? —interrompeu-o Dominic.

— Os cavalheiros estão tão bem armados como nós; não são tão hábeis, mas os escoceses de Solvay têm sangue viking nas veias, e isso lhes converte em inimigos a levar em conta.

Dominic sorriu ligeiramente. Os soldados estavam acostumados a zombar de Sven por ser tão orgulhoso de seus antepassados nórdicos, embora nenhum se atrevesse a dizer nada em sua presença.

— Os escudeiros já têm idade para iniciar na batalha - seguiu o cavalheiro—. De fato, alguns deles estão a vários anos cometendo assaltos.

Ao ouvir um grito, Sven se voltou com rapidez, fazendo com que suas cinzentas vestimentas de peregrino se elevassem pelo brusco movimento, e que seus claros olhos brilhassem em busca de algum movimento que viesse do pátio inferior.

— Surpreenderam Leaper roubando pão - comentou Dominic com calma—. Está acostumado a fazê-lo a esta hora, todos os dias.

— Quando chegará o resto de seu exército? —perguntou Sven sem rodeios.

— Dentro de nove dias; possivelmente mais.

— É muito tempo. Os Reeves logo estarão preparado para atacar.

— Podemos agüentar - assegurou Simon—. O castelo poderia resistir a qualquer assédio.

—Primeiro atacarão ao exército que vem em nossa ajuda e depois virão atrás de nós - refletiu Dominic em voz alta.



— Sim - concordou Sven - Este é o plano de Duncan; um homem muito ardiloso, barão.

— E o que me diz desses malditos Reeves? Aceitam que Duncan seja seu chefe? —inquiriu Dominic com curiosidade.

— Os que ainda pensam que sua causa é nobre sim, mas o resto seguiria a qualquer um que lhes oferecesse um banho de sangue, inclusive Rufos.

— Esse homem é tão perigoso como Duncan?

— Absolutamente. Duncan é como você, barão, um líder ao qual seus vassalos seguiriam ao inferno; mas Rufos não é mais que um covarde.

Dominic olhou para os campos com ar pensativo, deixando que a tranqüilidade da tarde acalmasse suas inquietações.

Necessitava-o.

Compartilhava o leito com Meg desde que tinham retornado do monte sagrado e a jovem despertava cada noite, gritando de medo. Quando lhe perguntava o que acontecia, a resposta sempre era a mesma.

— O perigo se abate sobre nós.

— Que tipo de perigo? A peste? Um assédio? Veneno? Emboscadas?

— Não sei. Não sei! Só sei que um terrível perigo nos espreita e que cada noite se aproxima mais e mais... Abrace-me, Dominic, me abrace. Temo por sua vida, milorde, temo...

Ele tratava de acalmá-la abraçando-a com ternura e lhe acariciando o cabelo com suavidade, envolvendo-a em sua calidez até que amanhecia.

— Bem. —Dominic sacudiu a cabeça, tentando concentrar-se no momento presente — Ao menos agora sei de que perigo se trata. Pode ir, Sven, obrigado. Sua informação foi inestimável, como sempre.

Simon esperou que deixassem de ouvir os quase imperceptíveis passos de Sven para falar.

— A que se referia com isso de que já sabe de que perigo se trata? — perguntou a Dominic com curiosidade.



— Minha esposa tem pesadelos todas às noites, e até agora não entendi seu significado.

— Ao menos já se entregou a ti e o perigo de que fuja com Duncan desapareceu - assinalou Simon.

— Sim. —A voz de Dominic estava marcada por um profundo sentimento de posse —. Agora é minha e ninguém poderá tirá-la de mim.

Mas nunca me fala de amor. Fala-me de prazer, de perigo, do cuidado do castelo, do jardim, da primavera... Mas nunca de amor.

Ame-me, pequena, cure esta terra com nossos filhos.

— Não sei explicar, irmão, mas todos os habitantes da fortaleza souberam o que tinha ocorrido entre vocês no momento em que voltaram da caçada - disse Simon com satisfação, dando uma palmada nas costas de seu irmão—. A forma como Meg te olhava... Nunca a tinha visto tão bela.

Dominic não respondeu.

Imóvel, em silêncio, dirigiu o olhar para os longínquos e tranquilos campos até que a escuridão permitiu que a lua fora visível.

Simon esperou que seu irmão voltasse a dirigir-se a ele, sem impacientarse. Tinha aguardado daquele modo em muitas outras ocasiões depois de Sven ter apresetado um relatório, dando a Dominic o tempo que necessitava para estabelecer a estratégia a seguir.

— Acredito... —disse o barão finalmente— ...Que já é hora de dar ao diabo o que merece.

— O que quer dizer?

— John de Cumbriland deve ter um funeral adequado.

Simon estava muito desconcertado para poder falar.

— Haverá música, atores e torneios - continuou Dominic.

—Torneios - repetiu Simon com voz cheia de incredulidade.

— Sim. É hora de que Duncan e seus Reeves saibam a quem estão enfrentando.



Entre eles se produziu um profundo silêncio, seguido de um breve estalo de gargalhadas.

— Um enfrentamento sem derramamento de sangue - disse Simon com admiração—. Muito ardiloso. Mas também muito perigoso. O que ocorrerá se os Reeves decidem mandar ao inferno as justas e os torneios, e lutam a sério?

— Então, haverá guerra e correrá sangue.

O que Dominic não disse foi que o sangue poderia ser o seu. Desafiaria a Duncan e aquele combate decidiria o futuro de Blackthorne. Entretanto, era muito consciente de que o escocês era um perigoso inimigo, quase invencível com a espada.

Depois de um último olhar da torre, Dominic se voltou, dando as costas a terra por cuja posse tinha lutado toda sua vida, e ao sonho de paz que sempre o tinha evitado. Tudo aquilo permanecia no passado. Naquele instante só queria viver o presente, voltar a estar com sua esposa, cheirar seu único e especial aroma, acariciar sua suave pele, afundar-se até o fundo no interior de seu acolhedor corpo...

Abandonou os muros, sem pronunciar uma palavra, dirigindo-se a grandes passos para os aposentos de Meg. Não parou para bater na porta; sabia que ela estaria lá dentro, esperando-o.

Ao vê-lo aparecer na soleira, Eadith emitiu um grito afogado.

— Nos deixe - lhe ordenou Dominic.

A donzela deixou cair o pente com o que tinha desembaraçado o cabelo de sua senhora, e obedeceu com incomum rapidez. O senhor de Blackthorne parecia furioso e só tinha olhos para sua esposa.

Logo que Eadith saiu e Dominic trancou a porta, Meg se levantou da cadeira onde tinha estado sentada com um olhar preocupado. As jóias de seus tornozelos se agitaram e emitiu um doce murmúrio, entretanto, ela mal foi



consciente do agradável som, pois a intangível escuridão que rodeava o seu marido fez com que encolhesse seu coração.

— O que ocorre? — sussurrou.

Os olhos de Dominic estudaram minuciosamente a frágil figura feminina. O comprido cabelo vermelho caía livremente por suas costas e tão somente estava preso por um delicado diadema de ouro e esmeraldas. Um delicioso vestido de seda verde cobria seu corpo como uma segunda pele, ressaltando a turgidez de seus seios, a estreita cintura e a curva de seus quadris. E como cinto, usava várias correntes de ouro que emitiam um doce som cada vez que se movia.

Aproximou-se dela devagar, e quando estendeu o braço para apanhar uma comprida mecha de seu cabelo, sua mão tremeu pela feroz ansiedade de seu coração.

—É... Incrivelmente bela - disse Dominic em voz baixa, fechando os olhos e deixando escapar os sedosos fios entre seus dedos—. Mas «beleza» é uma palavra que não pode descrever o que significa para mim.

— Milorde - insistiu Meg, lhe agarrando a mão—. O que ocorre?

Ele abriu os olhos e a olhou como se quisesse gravar em sua mente o elegante arco de suas sobrancelhas, o brilho de seus olhos cor esmeralda, a cremosa textura de sua pele, a elegância de seu rosto...

Com uma ternura dilaceradora, roçou seus suaves lábios com o áspero dorso de seus dedos.

—Tentei me afastar, mas não posso — admitiu em voz baixa—. Necessito-te, Meg. Está... Melhor?

— Melhor?

— Quando estivemos juntos no monte sagrado te machuquei. Já se recuperou?

— Você nunca me machucou - assegurou Meg com veemência.

— Sangrou.



— Só senti prazer - sussurrou antes de beijar os dedos cheios de cicatrizes que acariciavam sua boca, fazendo com que um sutil tremor atravessasse o poderoso corpo masculino.

— Significa que virá para mim de bom grado? —perguntou Dominic.

A Meg resultou impossível ocultar o desejo que a percorreu.

— Pensei que não me desejaria logo - confessou trêmula.

— Logo? —repetiu ele, assombrado, acariciando o agitado pulsar no pescoço da jovem —. Aconteceu há três dias.

— Eadith me disse que um homem necessita tempo para voltar a desejar uma mulher.

Um estranho sorriso distendeu as severas linhas do rosto de Dominic.

— Se a mulher em questão é Eadith - comentou irônica—, toda uma vida não seria suficiente para despertar meu... Digamos... Interesse. Mas se for você...

— Meio-dia? —aventurou Meg.

O normando sorriu.

— Se for você, pequena, seria muito meia hora.

— Tão logo? Nem sequer você pode...

A jovem ruborizou e sua voz se apagou de repente, ao escutar suas próprias palavras.

Dominic riu, sentindo que a fria escuridão que tinha invadido seu humor na torre, se desvanecia.

— Se não tivesse temido te fazer mais mal do que já te fiz —lhe assegurou—, teria te feito minha de novo, no mínimo, uma vez mais antes de abandonar os círculos de pedra.

Meg o olhou, assombrada.

— De verdade?

— Sim, de verdade. — Fez uma pausa e logo lhe perguntou com voz tensa—: É verdade o que disse? Dei-lhe prazer?



O rubor se intensificou nas maçãs do rosto de Meg, antes de assentir brevemente e baixar a cabeça.

Dominic colocou a palma sob seu queixo e a obrigou a levantá-la.

— Não te esconda de mim, pequena. Preciso saber.

Às escuras pestanas se elevaram, revelando as verdes profundidades dos olhos femininos.

— Verdadeiramente te dei prazer? — insistiu ele.

A resplandecente prata do olhar de Dominic subjugou Meg, cujos lábios se abriram para tomar ar, entrecortadamente.

— Sim - admitiu trêmula.

A mão do normando se afundou no cabelo da jovem, atraindo-a para si, para beijá-la.

— E eu?—perguntou Meg contra seus lábios.

— O que quer dizer?

— Dei-lhe prazer?

— Sim. —Beijou-a brevemente — Sim. — Voltou a beijá-la—. Sim, sim, sim.

— Está certo? Enjoe diz que os homens obtêm pouco prazer de uma virgem.

—Te esqueça de Enjoe - disse Dominic, mordiscando o carnudo lábio inferior da jovem com delicioso cuidado —. Sabe muito pouco sobre virgens e menos sobre homens.

Meg olhou seu marido, vacilante, perguntando-se se estava brincando.

— Lamento discordar, milorde, mas eu diria que Enjoe sabe muito sobre homens.

— Se duvida de minhas palavras, me dê sua mão - a desafiou.

A jovem piscou.

— Qual delas?

— Qualquer uma servirá.



Meg estendeu sua mão direita. Dominic a agarrou e, sem vacilar, colocou-a sobre sua rígida ereção. A jovem deixou um escapar um pequeno som afogado de assombro e ele sorriu, aproximando-a ainda mais e guiando sua palma ao longo de seu grosso membro.

— Os homens podem mentir sobre muitas coisas. Mas não sobre isto. — Inclusive amortecida pelas capas de tecido, a carícia de Meg foi suficiente para que o sangue de Dominic retumbasse como um trovão por todo seu ser—. O corpo de um homem não pode mentir sobre o desejo.

A jovem ruborizou ainda mais, mas não afastou a mão.

— Nada em minha vida anterior me tinha preparado para o prazer que me deu no bosque - continuou ele com voz áspera e rouca—. Só recordar o que senti ao te possuir, ao te fazer minha, ao entrar em seu interior, é suficiente para me excitar. Ninguém te havia tocado nunca e, entretanto, enfeitiçou-me, derramou seu desejo em meus dedos.

Com um afogado gemido, Dominic retirou a mão que o atormentava e a levou a sua boca, para lhe beijar os dedos.

— Deixará que te dispa?

—É obvio - respondeu Meg, dando a volta, para que pudesse alcançar as cintas de seu vestido — Tem direito como esposo...

— Não - a interrompeu ele bruscamente—. É uma glendruid. Não tenho nenhum direito, à exceção dos que você me conceder.

A tristeza subiu, de repente, a garganta da jovem.

— Por isso me trata com tanta ternura? Porque sou uma glendruid?

Os firmes dedos masculinos se detiveram sobre as cintas do vestido cor de esmeralda.

— Te cortejaria da mesma forma em qualquer caso - afirmou Dominic.

— De verdade? —inquiriu ela, imprimindo um matiz de ironia a sua voz — Ah, sim, me esquecia. Os homens não podem ter herdeiros se não conseguir dar prazer a suas esposas.



Ao escutar suas palavras, Dominic se limitou a encolher os ombros.

— Eu não acredito nessa superstição - asseverou cortante.

As cintas deslizaram, com um suave sussurro.

— Acredita que uma mulher que não sentiu prazer pode conceber? — perguntou Meg.

— Sei que pode.

Meg voltou a cabeça e o olhou por cima do ombro.

— Por que está tão seguro? Forçou alguma vez alguma mulher e deixou-a grávida?

— É essa a opinião que tem de mim? —A voz de Dominic refletia claramente a tensão que o dominava.

Com um suspiro, Meg voltou a lhe dar as costas.

— Não - admitiu contrita—. Sinto haver dito isso. Sei que não obtém nenhum prazer da dor alheia.

Durante uns instantes, reinou um pesado silêncio que pareceu encher o quarto.

— Faz tempo - disse por fim, o normando em voz baixa e controlada—, um de meus cavaleiros encontrou uma jovem sarracena sozinha. Era virgem. Deixou-a tão rasgada e ensangüentada por seu brutal ataque, que quase não pudemos lhe salvar a vida. Sei com certeza que ela não obteve nenhum prazer dele, entretanto, concebeu um filho.

— Meu Deus! Isso é muito injusto.

—Também o é nascer bastardo - apontou Dominic—. Mas meu irmão e eu nascemos assim.

— Igual a Duncan de Maxwell.

Uma cinta atravessou rapidamente sua casa.

—Tem inclinação pelos bastardos, milady? Meg soltou um estranho som de exasperação.



— Eu? Não. Diria que são eles que têm inclinação pelo castelo de Blackthorne!

As mãos de Dominic permaneceram imóveis, enquanto lutava por controlar a ira que o dominava cada vez que sua esposa falava dos términos de seu matrimônio.

— Não posso mudar a forma como nos casamos ou por que o fizemos — afirmou Dominic quando pôde voltar a confiar em sua voz—. E tampouco o faria, se pudesse. E você, mudaria esposa? Desejaria ter negado uma união imposta pelo rei da Inglaterra?

— Não - respondeu Meg – Resultaria na guerra.

— Desejaria um marido que não se importasse com o castelo de Blackthorne?

— Não.

— Desejaria um marido que não pudesse te dar filhos?

— Não. É obvio que não - sussurrou ela.

— Desejaria um marido que não sentisse desejo por ti?

— Você sabe que não - murmurou Meg, mordendo o lábio.

— Então, por que quer discutir? Pensa que não defenderei e protegerei as terras?

Meg sacudiu a cabeça.

— Acaso acha que não defenderei e protegerei meus filhos?

— Não. Estou segura de que o faria - conseguiu dizer, trêmula.

— Acha que não te defenderei e protegerei até a morte?

Duas lágrimas escaparam dos olhos de Meg. Tinha a garganta tão apertada que não podia falar, assim, lentamente, voltou a mover a cabeça em um gesto negativo, lhe indicando que confiava nele por completo.

Os compridos e fortes dedos do normando libertaram, por fim, a última das cintas. O verde vestido de seda se abriu, revelando as elegantes costas de Meg, cobertas pelo fino tecido de seu sutiã.



— Acha que não sou digno de ti, em algum aspecto? —exigiu saber.

— Dominic... Claro que é. —A voz de Meg se tornou fraca. Que lhe fizesse essa pergunta rasgava seu coração. Amava-o, sua alma o tinha reconhecido no momento em que o viu na igreja. Era tudo o que ela tinha desejado. Um só de seus sorrisos, uma carícia, bastava para fazê-la feliz. Não havia outro para ela.

Se conseguisse que ele a amasse...

De repente, a jovem tomou ar, emitindo um premente gemido quando a boca de seu marido se pousou em sua nuca, ao mesmo tempo em que seus dedos soltavam os frágeis fechos de sua roupa íntima.

Enquanto riscava um ardente atalho pelo pescoço de Meg com seus lábios, Dominic se desfez do resto da roupa feminina fazendo com que formasse um sedoso monte aos pés da jovem. Sem lhe dar trégua, acariciou seu arredondado traseiro com lentas e prementes carícias. Desejava tanto afundar-se de novo na sensual calidez de seu interior que suas mãos tremiam de paixão contida.

Mas não o faria ainda.

Primeiro, queria ouvir Meg gritar seu nome e seu corpo se arquearia contra ele, lhe pedindo que a fizesse dele.

Com delicioso cuidado, Dominic percorreu com seus dedos a fenda de seu traseiro que conduzia a seus mais ocultos segredos, enquanto se sentava sobre os pés. O som da voz de Meg ofegando ao pronunciar seu nome lhe fez esboçar um frio sorriso de triunfo.

— Sim? —murmurou ele—. Há algo que deseje?

O quente fôlego do normando na parte baixa de suas costas enviou doces ondas de prazer a cada uma das terminações nervosas de Meg, e a refreada pressão de seus dentes em suas nádegas fez com que lhe acelerasse o pulso. Mas a suave penetração de um de seus dedos em seu estreito interior quase a obrigou a cair de joelhos.



— Não há nada em ti que não seja suave - sussurrou ele contra sua pele.

Ao sentir os firmes dedos explorando as profundidades de seu ser, a jovem lançou um grito mal contido e abriu mais as pernas, em uma súplica involuntária. No preciso instante em que Dominic começou a retirar-se por temor de lhe machucar, sentiu que a úmida evidência da excitação de Meg alagava sua mão. Sem piedade, introduziu um segundo dedo e foi recompensado com uma deliciosa contração que o acariciou em um intento de retê-lo.

— Seu corpo foi feito para mim, pequena - murmurou.

Ela não pôde responder. Dominic estava aumentando a pressão de seus dentes nas nádegas, submetendo-a a uma deliciosa tortura, para logo aliviar a dor com sua língua e seus lábios; ao mesmo tempo em que sua mão separava as úmidas e inchadas dobras femininas até encontrar a palpitante e diminuta protuberância que era o centro de seu prazer.

Os hábeis dedos de seu marido pararam naquele ponto, torturando-a, cativando-a, aumentando a excitação da jovem com devastadoras carícias, enquanto um de seus musculosos braços lhe rodeava com força os quadris para impedir que caísse.

O coração de Meg batia, enlouquecido, e uma indescritível sensação de êxtase explodiu em seu interior, fazendo com que se balançasse e que gritasse o nome de seu marido, excitando- ainda mais.

— Basta, por favor - sussurrou a jovem, segundos depois, apoiando-se em seu forte braço — Não posso ficar de pé.

Reticente, Dominic começou a retirar-se de seu acolhedor corpo, só para descobrir que não desejava soltá-la, mas voltar a ouvir seus gemidos, cheirar de novo o aroma de sua excitação.

— Uma vez mais, pequena. Só uma vez mais.



Antes que ela pudesse protestar, ele voltou a morder sua carne com sensual cuidado, enquanto a penetrava com os dedos, abrindo-a e preparando-a para que pudesse recebê-lo, sem sentir nenhuma dor.

Meg sentiu a boca de Dominic como um fogo abrasador na parte baixa de suas costas. Voltava a estar dentro dela, empurrando-a, enchendo-a, conduzindo-a de novo a uma ardente e escura espiral de sensações.

Com um grave gemido, a jovem tremeu com violência e desabou sobre seu braço, enquanto um calor líquido empapava de novo os dedos de seu marido.

O normando emitiu um rouco grunhido triunfal e ficou em pé lentamente, arrancando mais gemidos de Meg ao acariciar cada milímetro dela em sua retirada. Quando se balançou contra ele, rodeou-a com o braço por baixo de seu peito, para sustentá-la.

A cremosa e nua linha de suas costas suplicava, a gritos, que a percorressem, baixando até o quente centro de prazer feminino que só ele havia tocado.

— Leva-me a limites que até agora não tinha conhecido - reconheceu tenso.

— Eu? — conseguiu dizer Meg.

A rouca aspereza de sua voz foi como uma carícia para os ávidos sentidos de Dominic, que estremeceu com força lutando por conservar o pouco autocontrole que restava e que se reduzia com cada selvagem batimento de seu coração.

— Quero fazer meu cada centímetro de seu corpo, deixar minha marca em você — disse, quase com dureza.

—Faça então. — Invasa por um desejo que lhe queimava as vísceras, Meg cravou as unhas no braço que a sustentava—. Faça-me sua, Dominic! Sinto-me vazia.

Estavam longe da cama, mas a um passo da mesa de costura.

Sem prévio aviso, ele a ergueu com um braço e utilizou o outro para limpar a mesa de fios e cestas, com um impaciente movimento. Um instante depois



sentou Meg sobre ela e se desfez , com uma velocidade surpreendente, de suas próprias roupas. A combinação de surpresa e desejo que refletia o rosto da jovem fez com que Dominic emitisse um som, que era uma risada e um gemido.

— Na mesa? —conseguiu perguntar ela, com voz rouca.

— Está mais perto que a cama.

Meg não protestou; estava fascinada pela rígida ereção que evidenciava o desejo de Dominic.

— Posso... Tocar-te? —sussurrou ela.

— Morrerei se não fizer.

A voz do normando se converteu em um grave gemido ante o delicado e abrasador roçar das pontas dos dedos de Meg.

—Tão duro - sussurrou, rodeando a base de seu grosso membro— E, entretanto, tão suave... — Lentamente, seus dedos o percorreram, acariciando-o até chegar à ponta grossa—. Sobretudo aqui.

— Deus, me dê forças - resmungou Dominic, apertando seus dentes.

Um relâmpago de prazer o atravessou, sacudindo-o e, pelo espaço de um segundo, esteve perto de perder o controle por completo. O suor percorria seu corpo ao mesmo tempo em que dominava seu feroz desejo com uma longa e entrecortada inspiração.

Com sua força de vontade pendendo de um fio, Dominic apanhou a mão de Meg e mordeu sua palma.

— Não gostou que te tocasse? —perguntou, olhando-o confusa.

— Muito. Estive a ponto de gozar em sua mão.

A surpresa nos olhos da jovem foi rapidamente substituída pela curiosidade e, sentindo-se atrevida, baixou o olhar com uma expressão de sensual especulação. Um momento depois tomava ar com um suave e rasgado gemido, ao sentir que Dominic fechava as mãos ao redor de seus joelhos e as separava lentamente.



— Te abra mais para mim, pequena.

Meg tentou responder, mas não pôde. Controlar a força das mãos que separavam suas pernas a tinha deixado sem voz, e o perigoso brilho prateado que percorreram os olhos de Dominic ao contemplar sua nudez a fez tremer.

Deveria ter se sentido assustada, indefesa, mas, em lugar disso, sentiu-se estranhamente poderosa, intensamente desejada. Sabia que naquele instante nada era mais importante para seu marido que ela.

A voz de Meg morreu, gemendo o nome de Dominic quando ele tentou a entrar em seu corpo com a abrasadora longitude de sua ereção. A ponta do grosso membro parecia marcá-la como um ferro quente, enquanto seus dedos roçavam e pressionavam o suave centro de prazer escondido entre suas dobras. Ao redobrar suas carícias, a jovem jogou para trás a cabeça com um grito afogado e se abandonou às sensações que a consumiam.

— Sim - exclamou ele, observando-a com olhos febris de desejo—. Assim é como eu te queria, quente e úmida. Gritando por mim.

— Não posso... Não posso suportar mais.

Dominic riu, em voz baixa e estremeceu quando sentiu como sua líquida resposta se derramava sobre o extremo de sua excitada carne, lhe facilitando a entrada no interior da jovem.

—Eu tampouco - reconheceu com voz áspera—. Rodeie-me a cintura com as pernas e me aproxime de ti. Sim, assim.

As poderosas mãos masculinas deslizaram por baixo dos quadris de Meg.

— Te prepare pequena. Isto não vai ser fácil.

A jovem tão somente pôde emitir um grito entrecortado, ao sentir como Dominic entrava, inexoravelmente, nela até chegar ao mais fundo de seu ser. Durante uns segundos, Meg acreditou que a rasgaria. Ele tentou retroceder, mas não pôde obrigar a si mesmo a abandonar as escuras e quentes dobras que o aprisionavam.

— É muito? —perguntou através de seus apertados dentes.



— Eu...

Temendo lhe machucar, começou a retirar-se, mas a oculta carícia ao roçar pele contra pele arrancou um estremecimento de Meg e a chuva secreta que seguiu facilitou a sólida presença masculina em seu interior. Com cuidado, Dominic voltou a penetrá-la e, daquela vez, os ofegantes sons que a jovem emitiu eram fruto do prazer e não da dor.

Quando ele retrocedeu uma vez mais, Meg esticou as pernas ao redor de seus quadris, tratando de impedir-lhe. O possessivo gesto fez com que o normando perdesse o controle. Com um rugido, começou a penetrá-la uma e outra vez, afundando-se nela com toda sua feroz longitude, e urgindo-a a um ritmo mais duro e selvagem.

A jovem emitiu um soluço de entrega, rendendo-se a sua implacável invasão. Tremendo, gritando entrecortadamente, arqueou-se contra ele com todas suas defesas, e afundou as unhas nos musculosos ombros pronunciando o nome de seu marido com uma crescente nota de urgência.

Ele elevou os quadris femininos com suas grandes mãos, fazendo que sentisse o primitivo poder de seu corpo e investindo-a com tanta força que teria lhe machucado, se não estivesse tão excitada. Meg respondeu contraindo-se ao seu redor, em uma série de ondas de um intenso e demolidor prazer, que rasgaram seu corpo e a deixaram exausta enquanto Dominic se esticava grosseiramente, entre seus braços e ejaculava com força em seu interior.

Quando finalmente cessaram os últimos ecos do êxtase que sacudiam todo seu ser e pôde voltar a respirar com normalidade, Meg abriu os olhos.

Dominic a olhava como se ela fosse sua jóia mais preciosa.

— Está bem? — perguntou em voz baixa.

— Sim - ofegou Meg.

— Não te fiz nenhum mal?



— Não. Fez-me sentir que o mundo explodia a meu redor - confessou entrecortadamente—. Mas não me fez mal.

— Está segura? Pretendia te tomar com muita mais delicadeza - se desculpou—. Mas quando estou contigo, não tenho nenhum controle sobre meu corpo.

— Não me fez mal. Ao contrário. Nunca havia sentido tanto prazer.

Enquanto falava, a jovem se inclinou para beijá-lo, e o movimento fez com que ele também se movesse em seu interior. Aturdida, abriu os olhos e ficou sem respiração, sentindo como pequenas e deliciosas sacudidas a percorriam de novo.

Dominic percebeu a resposta de Meg com a mesma clareza com que ela o fez, pois os delicados e inflamados tecidos que o acolhiam, acariciaram-no, impedindo sua retirada. Entrecerrou os olhos ante a repentina aceleração de seu pulso e, sem separar seus corpos em nenhum momento, levantou-a e a levou até a cama.

— Não. Não me deixe - suplicou Meg, abraçando-se a ele quando a deitou.

Dominic exalou violentamente.

— Você gosta de me ter dentro de ti?

— Sim.

Adorava sentir Dominic estendido sobre ela, descansando seu peso sobre os cotovelos. Inclusive podia sentir até o menor de seus movimentos, pois ele estava transbordante e duro uma vez mais.

— Não te fiz gozar? —murmurou preocupada.

— Tanto, que não posso me manter em pé.

Meg balançou, timidamente contra ele.

—Mas... Você ainda está... Duro.

—Não, ainda não. Mas logo vou estar.

Os olhos da jovem se arregalaram assombrados.

— Não fez meia hora.



Ele riu e voltou a mover-se, em investidas curtas dentro dela, saboreando cada milímetro de sua calidez e de sua fragrante chuva de prazer. Depois retrocedeu lentamente e, quando voltou a avançar, permitiu-lhe sentir seu peso e seu poder.

— Dominic - sussurrou ela, querendo gritar que o amava.

A sólida pressão em seu interior se intensificou, enchendo-a por completo e seduzindo-a até que já não pôde pensar só sentir, perdida no mundo de sensações que ele tinha criado para ela. Tentou lhe explicar o prazer que sentia ao estar tão unida a ele, movendo-se no implacável ritmo que ele marcava, compartilhando fôlego e corpo, mas tudo o que surgiu dos lábios femininos foi um afogado gemido.

Dominic riu ao sentir o prazer e a força que o percorriam; um poder aumentado e liberado pela mulher que, nesse momento, vibrava docemente sob seu corpo. Inclinando-se, tomou com sua boca os pequenos gritos que surgiam de seus lábios, avançando e retrocedendo, deslizando para frente e para trás, penetrando-a uma e outra vez até que os gritos se tornaram agudos e prementes, refletindo seu medo.

— Dominic? — ofegou Meg, sentindo que seu corpo ardia, consumindo sua alma.

— Se abandone em mim. Voe, eu te sustentarei.

— Mas, você...

— Estarei contigo. Voa pequeno falcão. Voa para o alto, até o sol.





Capítulo 24

Simon permanecia de pé na porta da torre de entrada, observando à multidão que formava redemoinhos na grande esplanada onde se organizava o festim funerário e os jogos em honra de John de Carlyse, falecido senhor de Blackthorne.

Estava se preparando para a última das justas. Até então, os homens do castelo de Blackthorne tinham derrotado a todos os Reeves, exceto dois cavalheiros que acabavam de voltar da Terra Santa.

Duncan de Maxwell e Dominic o Sabre ainda não tinham lutado.

— Parece ter dúvidas - comentou Dominic em voz baixa para que só seu irmão pudesse ouvi-lo.

Simon o olhou com receio.

— Entretanto, você parece muito seguro.

— Temia que Duncan pudesse acreditar que isto era uma armadilha e decidisse não vir.

— Trouxe todos os Reeves que pudessem montar.

— Sim, mas sós três de seus cavalheiros estão à altura dos nossos.

— Duncan é um dos melhores guerreiros que conheço.

—Sei.

Simon seguiu a direção do olhar de seu irmão para o irregular campo de batalha, onde quatro cavalheiros permaneciam separados do resto dos Reeves. Um deles era Duncan de Maxwell; os outros três eram homens para os quais a guerra e a morte não tinham nenhum mistério.

— É interessante que Rufos não se encontre entre eles — assinalou Simon. Dominic encolheu os ombros.



Duncan é um homem ardiloso e sabe que Rufos o inveja. É evidente que só confia nesses cavalheiros que o acompanham.

— É uma lástima que esse maldito Rufos não seja o chefe dos Reeves - rugiu Simon—. Com ele à frente, os rebeldes deixariam de ser um problema.

— Falando de problemas... Viu ao sacerdote ultimamente?

— Sim. Não deixou de comer e beber desde que chegou - zombou.

— Onde está?

— Junto a Duncan, onde estaria? A Igreja não dissimulou suas preferências. Deveria ter se desfeito dele depois que realizou seu matrimônio.

Dominic sorriu friamente.

— Considerei - admitiu—. Mas logo pensei que poderia fazer uso da mediação da Igreja até que o castelo de Blackthorne esteja seguro em minhas mãos.

— Necessita do sacerdote agora? —perguntou Simon com curiosidade.

— Sim. Estão a postos os soldados?

— Tal e como você ordenou. Agora, seria amável me explicar que demônio planeja?

— Nada muito elaborado. Vou acusar Duncan de tentar raptar a minha esposa.

— Por quê? Pensava que era sua morte que Reeves desejava.

— Muito provavelmente, mas isso não despertaria a indignação do povo do lugar. Entretanto, raptar a esposa de um homem para ter relações sexuais ilegítimas...

Simon entrecerrou os olhos por um momento. Depois, seus lábios se estreitaram em um sorriso tão frio como o de seu irmão.

— Nem sequer o Reeves poderia tolerar semelhante conduta publicamente - continuou Dominic—. E a Igreja teria que mostrar-se ainda mais horrorizada. Acha que esses malditos rebeldes permitiriam que um excomungado os dirigisse?



— Vai matar Duncan, não é? —disse seu irmão, passados uns segundos.

— Sim, devo fazê-lo... —encolheu os ombros—. Os Reeves estão se tornando muito fortes.

Os traços de Simon se enrijeceram.

— Isso significará a guerra.

— Espero que não. Sem a liderança de Duncan, os Reeves serão um inimigo muito mais fácil de derrotar.

Dominic calou-se por um momento e pareceu vacilar como se estivesse escolhendo com cuidado suas próximas palavras.

Um calafrio percorreu as costas de Simon ao observar aquela atitude. Nunca, nem sequer quando o resgataram da sala de torturas do sultão, tinha visto as sombras que povoavam os olhos de seu irmão naquele momento.

— Se morro — começou Dominic— te encarregue de que Meg esteja segura.

— Não! Não morrerá! Eu mesmo protegerei suas costas. E Thomas...

— Não fará nada - lhe interrompeu seu irmão—. Nem você tampouco. Acusarei Duncan de tentar raptar a minha esposa, ele o negará e o assunto se resolverá de um modo que ninguém poderá questionar: um combate até a morte.

— Deus Santo! —exclamou Simon, consternado—. Isso é muito arriscado. Poderia escorregar ou ele poderia conseguir lançar um golpe afortunado. Inclusive é possível que seus homens ataquem a traição...

Dominic elevou a mão, cortando as palavras de seu irmão.

— É a única forma de evitar a guerra - afirmou terminante.

Durante um momento se produziu um silêncio que pareceu pesar como uma laje.

— Seja como for - concluiu Simon—, se esse maldito escocês te matar, usarei seu crânio para beber seu sangue.

Um sorriso distendeu ligeiramente o rosto de Dominic.



— Sei que o fará, irmão. É endemoniadamente rápido com essa espada.

— E você endemoniadamente forte.

— Também Duncan.

Simon não contradisse.

—Vá procurar ao sacerdote antes que esteja muito bêbado para nos confessar — lhe pediu Dominic.

— Aí está.

Dominic seguiu o escuro olhar de seu irmão e observou que o sacerdote estava de pé junto a Duncan, falando com seriedade, sem deixar de comer. Com aspecto visivelmente aborrecido, o escocês lhe escutava sem afastar os olhos da multidão.

Quando Simon e Dominic se aproximaram, Duncan soube imediatamente que ia ter a oportunidade de provar a têmpera da melhor espada do rei.

- Assim, decidiu se unir aos jogos - comentou o escocês com profunda satisfação.

— A minha maneira - respondeu Dominic, antes de voltar-se para o sacerdote—. Está o bastante sóbrio para nos confessar?

Duncan ficou imóvel. Seus claros olhos cor de avelã passearam de Dominic a Simon, e logo voltaram para Dominic.

— Desde quando necessitam cavalheiros ser confessados antes de participar de simples jogos? —perguntou brandamente.

— O rapto de uma esposa não é um jogo - replicou Dominic com uma voz tão fria e inexpressiva como seus olhos.

— Rapto de uma esposa? —repetiu o escocês, surpreso.

Os cavalheiros de Duncan se voltaram e olharam Dominic e Simon como se estes houvessem desembainhado suas espadas.

— Sim - confirmou o barão com gravidade—. Rapto de uma esposa.

— Quando?

— Faz uns dias, quando saímos para caçar.



Perplexo, Duncan olhou Simon. Onde uma vez brilhou a possibilidade de uma amizade nos olhos do outro homem, agora só havia uma sombria promessa de destruição.

— Não entendo - disse em voz baixa.

Durante vários minutos, Dominic olhou ao filho bastardo de lorde John e, muito a seu pesar, acreditou em suas palavras: Duncan não tinha tido nada que ver com o ataque que ele e Meg tinham sofrido, dias atrás.

Por desgraça, isso não mudava nada. O escocês era um líder muito forte para deixá-lo partir livremente. Se seguisse com vida seria uma ameaça para a estabilidade do castelo de Blackthorne.

— Quando o cavalo de Meg ficou atrás porque não podia seguir o ritmo da partida de caça - explicou Dominic elevando a voz para que todos pudessem lhe escutar—, eu fiquei junto a ela. Pouco depois, escutamos um corno de caça diferente do nosso.

Duncan começou a falar, mas o normando o cortou imediatamente.

— Minha esposa reconheceu o som desse corno - continuou implacável—. Era o teu, Duncan de Maxwell. Igual ao cão que rastreou nossa pista.

— Não sou culpado do que me acusa - afirmou o escocês, cortante—. Nunca faria algo assim a Maggie.

Dominic sorriu levemente.

— De verdade? Eu acredito que o faria, Duncan. Sabe que Meg é a chave para conseguir a lealdade do povo do castelo de Blackthorne. Quem quer que a possua, possuirá as terras.

— Sim. —A voz de Duncan era sombria — Nisso estamos de acordo.

— E como existe certo «afeto» entre vocês, tentou raptar à esposa que Deus e o rei Henry me outorgaram, pensando que, desse modo, roubaria também o castelo de Blackthorne.

— Não!



— Pode negar o quanto quiser, mas não te acreditarei. Ninguém o fará - assegurou Dominic categórico—. Tem duas opções, escocês. Pode abandonar estas terras, para não retornar jamais...

— Não - lhe interrompeu Duncan.

—... Ou me enfrentar em um combate até a morte aqui e agora.

Depois daquelas palavras, um opressivo silêncio se estendeu pelo prado como uma onda expansiva.

Meg, que tinha estado falando com a matrona e a anciã Gwyn sobre a recuperação do parto da Adélia, elevou a vista surpreendida. Depois do estranho silêncio, chegaram-lhe excitados comentários do iminente combate.

Dominic o Sabre, a melhor espada do rei.

Duncan de Maxwell, o Martelo Escocês.

Combate até a morte.

O rosto de Meg empalideceu e seu frágil corpo cambaleou antes de conseguir recuperar a compostura.

— Não podem - sussurrou, mesmo sabendo que não poderia impedir o combate.

Dominic e Duncan lutariam, e um deles morreria.

Sem perder um segundo, a jovem recolheu sua larga saia cor de esmeralda e correu para o grupo de cavaleiros. Ao vê-la, a multidão no prado abriu caminho, conscientes de sua urgência.

Os cavaleiros também a escutaram aproximar-se. Os homens se voltaram e olharam à bela mulher que se aproximava deles, com seu longo cabelo elevando-se ao vento, como labaredas de fogo.

A jovem, entretanto, só tinha olhos para um deles. Precisava senti-lo perto tanto como respirar. Ignorando a cota de malha, a espada e o frio roçar do aço contra sua pele, Meg se equilibrou sobre o homem que amava o homem sem o qual já não podia viver.



— Pequeno falcão - sussurrou Dominic, estreitando-a com força entre seus braços.

Foi tudo o que pôde dizer.

A expressão atormentada dos olhos de sua esposa o deixou atônito. Sem preocupar-se com o povo que os observava, fez que apoiasse o delicado rosto sobre seu amplo peito e beijou seu cabelo com uma ternura comovedora, sentindo as intensas emoções que a sacudiam. Quando finalmente o frágil corpo feminino deixou de tremer, Dominic a soltou devagar.

—Tudo ficará bem - a tranqüilizou em voz baixa — Não importa quem vença você estará bem.

Meg olhou fixamente seu marido com olhos cheios de lágrimas de medo e fúria.

— Um matará e outro morrerá - sussurrou tensa — Como pode dizer que tudo irá bem?

—O castelo de Blackthorne sobreviverá.

Ela fechou os olhos e duas lágrimas deslizaram por suas bochechas. Tentou falar, mas não pôde. Voltou a abrir os olhos e, com uns dedos que tremiam visivelmente, percorreu as firmes e marcadas feições do rosto de Dominic como se as estivesse memorizando.

— A terra sempre sobrevive - murmurou a jovem — São as pessoas que importam; as que vivem e morrem. As que amam...

Levou as mãos ao pescoço e, com um rápido movimento, tirou-se a corrente de ouro com a antiga cruz de sua mãe. Agarrou a mão de seu marido, beijou a cruz e a pôs sobre a palma enluvada.

— Que Deus te proteja - conseguiu dizer ela com voz rouca.

Dominic tirou a luva de malha e sustentou a cruz com sua mão nua, sentindo que a calidez do metal atravessava sua pele. Beijou a cruz e deslizou a corrente ao redor de seu pescoço.



Com uma sombra de pesar atravessando seus olhos, Duncan observou à mulher que uma vez foi sua prometida e ao homem que o destino tinha convertido em seu inimigo.

— Maggie, eu não teria te raptado nem a teria obrigado a cometer adultério — afirmou Duncan — Acredita em mim, não é verdade?

— Sim - respondeu ela sem duvidar.

— Me alegro de escutar isso.

— Escuta também isto - replicou Meg.

O tom de sua voz fez com que os cavalheiros se voltassem e a olhassem com atenção. A jovem lhes devolveu o olhar, parando nos homens que estavam junto a Duncan. O intenso brilho de seus olhos verdes contrastava vivamente com a mortal palidez de seu rosto.

— Se algum de vocês desembainhar sua espada antes que o combate se declare acabado — lhes ameaçou —, conhecerão o que é enfrentar à ira de uma glendruid.

Um leve sorriso de tristeza sobrevoou o rosto de Duncan.

— Maggie... Você não é capaz de matar e sabe bem.

— Sim. — Seu tom era tão gélido como o gelo—. Mas há coisas piores que a morte, Duncan de Maxwell. Assegure-se de que seus homens não as descubram em sonhos e as experimentem ao despertar.

Quando Meg deu as costas ao escocês, o sacerdote deixou cair o osso que havia roído até deixar limpo e se benzeu, apressadamente. Todos os homens pareciam inquietos, exceto Dominic. Ele só prestava atenção à mulher sem a qual já não podia imaginar a vida, enquanto ressoavam em sua mente as palavras que lhe havia dito, palavras que só nesse momento começava a compreender.

São as pessoas que importam; as que vivem e morrem. As que amam...

Em meio de um silêncio que foi enfatizado, mais interrompido, pelas palavras que gaguejou o sacerdote, Duncan e Dominic foram confessados e



lhes administraram os últimos sacramentos para que estivessem preparados para encontrar-se com seu Deus.

Simon tomou o elmo de Dominic das mãos de Jameson, acomodou-o sobre a cabeça de seu irmão, e o despojou do manto. Embora nenhum dos dois homens pronunciasse uma palavra, a Meg lhe encolheu o coração pela muda emoção que era evidente entre os irmãos.

A jovem se voltou então para Duncan e não viu um inimigo, a não ser o homem que a tinha mimado em sua infância, o homem que tantas vezes a tinha salvado da fúria destruidora de lorde John. As lágrimas empanaram seus olhos, apagando os traços do guerreiro que tinha acreditado ser seu irmão.

Quando Meg pôde ver de novo, Dominic estava observando-os, a ela e Duncan, com uns olhos desconfiados. A jovem desejou com todas suas forças poder ir para seu marido, abraçá-lo uma vez mais e sentir seus poderosos braços a seu redor.

Mas era muito tarde.

O corno de guerra soou de repente, como o uivo de um lobo, paralisando o povo no prado. No silêncio que seguiu ao persistente eco da última nota, dois corcéis de guerra foram guiados para pontos opostos do prado. O enorme garanhão castanho de Duncan era tão imponente quanto à negra e poderosa presença de Cruzado.

Sem mediar palavra, Dominic o Sabre e Duncan de Maxwell se voltaram para dirigir-se a seus respectivos cavalos. Os dois homens montaram do mesmo modo, com um único salto felino, como se a cota de malha e o elmo, as luvas e as botas, a espada e o escudo fossem feitos de fina seda e não de resistente metal. Seus escudeiros lhes entregaram as lanças e ambos os cavalheiros sustentaram sua arma, preparando-a para a luta iminente.

Um menino chorou, um cão grunhiu e o falcão de um cavaleiro emitiu um grasnido, enquanto Meg afogava um grito de desespero.



Os dois corcéis se levantaram desafiantes sobre suas duas patas traseiras e provocaram uma ovação dos cavalheiros ali reunidos.

Uns instantes depois, os corcéis entraram na luta levantando pó e erva em seu caminho. Um som ensurdecedor surgiu dos grandes cascos enquanto os opositores se equilibravam um contra o outro, com os escudos levantados e as lanças preparadas.

Imediatamente, um dilacerador choque de aço, escudos e cavalos ressoou por todo o prado. Os dois corcéis cambalearam, recuperaram o equilíbrio e galoparam até o outro extremo do prado, para realizar uma nova investida.

De novo, ouviu-se um estrondo de cascos e voltou a produzir-se o choque de metal e o ruído surdo da carne. E de novo, os cavalos cambalearam e se reagruparam para outra investida.

E logo outra vez.

E outra.

— Estão muito iguais - comentou Simon com gravidade—. Os cavalos são virtualmente do mesmo peso e estão bem treinados, A não ser que Duncan cometa um engano ou uma lança se rompa...

O estalo de uma lança rompendo-se sublinhou as palavras do normando. Mas não foi a lança do Duncan que se partiu.

Foi a de Dominic.

Embora desviasse a força do golpe do escocês com seu escudo, a repentina destruição de sua lança derrubou o barão. Ficou em pé rapidamente e correu para seu cavalo, mas o corcel de seu oponente girou sobre suas patas, cortando o caminho e lhe golpeando tão forte no ombro que atirou-o no chão.

No mesmo instante em que Dominic voltava a levantar-se, Duncan galopou de novo. Os gritos dos Reeves se misturaram com os grunhidos e maldições dos cavalheiros de Blackthorne.



Presas pela angústia, Meg entrelaçou os dedos e conteve o grito que estava rasgando sua garganta quando o enorme garanhão castanho se equilibrou sobre seu marido. Duncan apontou com sua lança. Se Dominic se voltasse e fugisse, o cavalo o alcançaria. E se desembainhasse sua espada e tentasse lutar, a lança de seu competidor o mataria.

— Não!

Ninguém escutou o assustador grito de Meg, pois as vozes da multidão se elevaram em gritos ou exortações. Simon segurou a jovem com dedos que pareciam garras de aço, para evitar que saísse correndo para o campo de batalha; ela lutou com ferocidade até que percebeu que não a soltaria.

Dominic ficou imóvel como se tivesse decidido enfrentar à morte cara a cara. Todos os cavaleiros presentes no prado esperavam que saltasse no último instante, evitando tanto a lança como o cavalo. Era uma tática comum no campo de batalha, que oferecia ao cavaleiro que permanecia de pé tempo para que um amigo entrasse na luta e o ajudasse.

Mas ninguém ajudaria ao barão de Blackthorne. Estava proibido por tradição e por lei. Deus, e não a rapidez, nem o número de amigos de um homem decidiam quem sobrevivia em um combate ritual.

Sem ajuda, Dominic poderia evitar a seu inimigo durante um tempo, mas um homem a pé logo se esgotava ou tropeçava. Então, Duncan se equilibraria, sobre ele e o mataria.

O garanhão castanho galopou contra Dominic, pegando velocidade com cada pernada. Ele aguardou, dobrando as pernas e apoiando todo seu peso na parte anterior da planta de seus pés, claramente preparado para saltar para qualquer lado. Preparado para perseguir a sua presa, Duncan se levantou ligeiramente da sela e uma feroz careta transformou seu rosto enquanto se equilibrava sobre o barão.

Para esquivar da lança, Dominic teve que se manter quieto até o último instante possível antes de afastar-se do caminho do animal. Quando por fim



saltou para um lado, evitando ser esmagado, o cavalo estava tão perto que lhe salpicou com o pó que levantavam seus cascos.

Um estranho som, que poderia expressar tanto apoio como repulsa ao senhor do castelo de Blackthorne, elevou-se acima da multidão. Duncan voltou a galopar contra ele. E de novo, Dominic voltou a afastar-se no último momento. O mesmo se repetiu várias vezes mais. Cada vez que o escocês galopava, inclinava-se um pouco mais para frente sobre os estribos, impaciente por pôr fim à desigual batalha.

Na sexta investida, Dominic saltou de novo, mas daquela vez o fez para seu oponente e não se afastando dele. Agarrando o pé direito de Duncan, se atirou para cima, com força. A tática funcionou e o escocês caiu do cavalo.

No mesmo instante em que foi derrubado, Duncan soltou a lança, ficou em pé com agilidade e desembainhou sua arma. Mas antes de poder atacar, o normando lhe golpeou por trás dos joelhos com o cabo de sua espada, lhe fazendo cair.

Sem lhe dar tempo de reagir, Dominic pôs a ponta de sua espada no pescoço de seu inimigo. O escocês paralisou-se, esperando morrer um segundo depois. Entretanto, o barão de Blackthorne permaneceu de pé sobre ele, respirando com dificuldade por causa do combate. Sob a ponta da arma, o sangue brotava em um quente rasgo pela grossa coluna que formava o pescoço de Duncan.

—Uma vez disse que não te ajoelhava ante ninguém, à exceção de seu rei - disse Dominic com uma voz dura e calma que se elevou com facilidade por toda a esplanada.

O escocês entreceitou os olhos à espera de uma morte iminente.

—Te darei uma oportunidade, Duncan de Maxwell. Morre agora ou me aceite como seu senhor.



Durante um longo minuto, produziu-se um silêncio que era mais ensurdecedor que as palavras. Logo, o escocês amaldiçoou em voz baixa, soltou sua espada e sorriu com pesar.

— Prefiro ser vassalo de um homem de sua coragem - respondeu Duncan.

Ao escutá-lo, Dominic jogou para trás a cabeça e riu. —Boa escolha, Duncan.

Com um rápido movimento, o normando embainhou sua espada e estendeu uma mão para ajudar o escocês a levantar-se. Mas, em lugar de ficar em pé, Duncan fincou um joelho em terra e agachou à cabeça, deixando claro a todos os presente que aceitava ao barão de Blackthorne como seu senhor, apesar de não estar sob a ameaça de uma espada.

— Levante-se - ordenou Dominic.

Quando Duncan o fez, o barão recolheu a espada caída e a entregou, sustentando-a pelo fio e lhe oferecendo o punho.

— Deu-me sua palavra - continuou—. Não necessito nenhuma outra prova de sua lealdade.

Duncan olhou primeiro sua arma e logo a de Dominic, que descansava em sua capa. Seus lábios se distenderam em um amargo sorriso e embainhou sua espada, em um rápido movimento. Depois daquele gesto, um longo suspiro emergiu da multidão.

O barão de Blackthorne se voltou então para os cavaleiros que permaneciam à espera; mas foi aos Reeves que dirigiu seu escrutinador olhar.

— Concederei a Duncan de Maxwell um grande feudo na fronteira entre Escócia e Inglaterra.

O escocês olhou fixamente a Dominic, assombrado.

— Aqueles de vocês que não lhe seguirem não poderão retornar jamais a meus domínios - continuou Dominic—. Mas os que o fizerem, deverão aceitar Duncan como seu senhor, e através dele, a mim.





Capítulo 25

Enquanto Dominic e Simon fiscalizavam a partida dos Reeves que tinham escolhido seguir Rufos em lugar de permanecer com Duncan, a anciã Gwyn e Meg trabalhavam em uma das amplas estadias da torre da comemoração, atendendo aos cavaleiros de ambos os bandos que tinham saído feridos durante o longo dia de jogos. O enorme aposento se converteu em uma improvisada sala de curativos, já que o grande salão estava sendo preparado para o banquete.

— Ai! —exclamou Duncan, afastando-se das mãos disse: Meg, isso dói!

O escocês tinha insistido em que lhe atendesse por último, já que suas feridas não eram graves.

— Fique quieto — replicou Meg— Não te queixava tanto quando a espada de Dominic descansava em sua garganta.

— Pensei que ia morrer. Do que teriam servido minhas queixas?

A jovem lhe dirigiu um frio olhar. Por muito afeto que lhe tivesse, custaria muito tempo esquecer a imagem de Duncan equilibrando-se sobre Dominic, disposto a pôr fim ao combate com um golpe mortal.

— Joga para trás a cabeça - lhe pediu—. Não posso ver sua garganta.

— Não sei se posso confiar, Maggie. Eu não gosto da frieza de seu olhar.

Meg estudou a mescla de compreensão e diversão que refletiam os olhos cor de avelã do homem que acreditava ser seu irmão, e sentiu que parte de sua tensão desaparecia.

— Se Dominic pode perdoar a vida a um inimigo - disse com ironia—, eu posso perdoar a um amigo.



Ignorando os dissimulados sorrisos de seus cavalheiros, Duncan fez uma careta e jogou a cabeça para trás, para permitir a Meg um melhor acesso a seu pescoço.

— É só um arranhão - resmungou ele.

—Só isso? — zombou a jovem— Do modo como te move e te queixa, pensava que tinha a garganta completamente aberta.

Os soldados que restavam no aposento riram ao ver uma mulher repreendendo a um dos guerreiros mais temidos de toda a Inglaterra.

— Vão jantar, cavalheiros - sugeriu Meg, elevando o olhar e lhes dirigindo um sorriso— Sir Duncan se unirá a vocês em seguida.

Enquanto os homens passavam junto à jovem em direção ao grande salão, esta se inclinou uma vez mais e começou a apalpar a garganta do escocês, com cuidado. Duncan tinha deixado de lado sua roupa de batalha e tão somente usava calças de couro. O cabelo de Meg, como era habitual, soltou-se e, quando um grosso cacho ameaçou atrapalhar seu trabalho, o ferido o apanhou, acariciou-o levemente e o prendeu atrás da orelha feminina. O despreocupado gesto dizia muito da longa familiaridade existente entre o filho bastardo de lorde John e a senhora do castelo de Blackthorne.

Com olhos entrecerrados, Dominic observou Duncan e Meg da entrada. Cada vez que tomava ar, dizia a si mesmo que não havia motivo para o ciúme que sentia, correndo como chumbo fundido em suas vísceras. Mesmo assim, ver como sua esposa percorria a grossa coluna que formava o pescoço do escocês em busca de feridas, dava forças a cada rumor que tinha escutado sobre eles, inclusive antes de chegar ao Blackthorne.

Prometida de Duncan.

A amante de Duncan.

A bruxa espera, sorrindo e aguardando o momento oportuno.

—Esteve muito perto de morrer - disse a jovem em voz baixa.



— Sim. —Duncan tomou outro cacho solto e lhe sorriu com carinho—. Teria sentido minha falta, Maggie?

— Faz falta que responda a essa pergunta?

Duncan riu e tratou de colocar o rebelde cacho às costas de Meg, deslocando sem querer o diadema no processo. Com total naturalidade, voltou a colocar-lhe no cabelo, sem que a jovem protestasse pela familiaridade do gesto.

Existe afeto entre eles.

Só simula estar satisfeita com seu frio senhor normando.

A bruxa sorri e aguarda o momento oportuno.

— Ah! Maldita seja não aperte tão forte. Acaso tenta acabar o que seu marido começou?

— Está certo de que não tem problemas para engolir? —insistiu Meg.

— Estou certo.

— Teve sorte, Duncan de Maxwell.

— Sim - assentiu ele, sério—. Mas nunca terei uma esposa como você, Maggie.

— Deveria te alegrar - ironizou ela — Pergunte a Dominic. Sou tal problema para ele que inclusive me deu de presente jóias com correntes para saber onde estou em cada momento.

— É cruel contigo? —perguntou com voz grave.

— Com sua esposa glendruid? Sua única esperança de ter herdeiros legítimos? Acaso te pareceu meu marido um homem estúpido? —Um matiz de amargura ergueu-se na voz feminina.

— Não. Possivelmente é o homem mais ardiloso que conheço.

— Assim é. E não. Não é cruel comigo. Minhas correntes, depois de tudo, são virtualmente iguais às de seus magníficos falcões.

Duncan riu as gargalhadas.



Meg, sorrindo ao mesmo tempo em que repreendia ao escocês e lhe exigia que se mantivesse quieto, aplicou um bálsamo sobre os diversos machucados que tinham aparecido no musculoso peito masculino.

Aguarda o momento oportuno e espera o escocês que sempre amou.

— Se tiver qualquer problema para engolir, chame - lhe advertiu Meg, aplicando um pouco mais de unguento sobre um corte no ombro de Duncan.

— Sempre o faço, Maggie. Não há melhor cura para uma ferida que sentir suas mãos sobre ela.

Dominic tirou o elmo e o deixou sobre uma mesa próxima com tanta força, que a cerveja da jarra que Simon tinha deixado para que os cavalheiros bebessem se derramou.

Sobressaltada, Meg elevou a vista e seus olhos verdes examinaram o seu marido em busca de feridas ocultas; mas o que viu foi à ira glacial que lhe percorria e lhe fez ser consciente de que estava de pé entre as musculosas coxas de Duncan. O rubor tingiu de repente suas bochechas e retrocedeu apressadamente.

O escocês se voltou então, com rapidez e olhou Dominic. A expressão no rosto de seu senhor deixou claro que não estava absolutamente satisfeito de encontrar a sua esposa só, com um homem seminu.

— Agora já sei por que me concedeste essa grande extensão de terras a três dias de viagem daqui - disse Duncan, lhe dirigindo um sorriso zombador.

— Te assegure de partir logo para elas - replicou Dominic em tom gélido.

— Assim o farei. Eu gosto de conservar a cabeça onde está.

Duncan se levantou e abandonou o solar dando rápidas pernadas e colocando, ao mesmo tempo, o manto sobre os ombros. Os frios olhos cinzentos do barão permaneceram cravados nele até que desapareceu.

— Ordenei a Eadith que te preparasse um banho - disse a jovem rompendo o opressivo silêncio que se instalou de repente na estadia —. Já deve estar preparado. Quer que te ajude?



— Sim. Quero descobrir seu «tato curador» por mim mesmo.

As palavras foram como uma chicotada para Meg.

— Não tem nenhum motivo para insinuar que aqui ocorreu algo indecoroso - protestou furiosa.

Dominic arqueou uma sobrancelha com expressão cética.

— Não há nada entre Duncan e eu. Nunca houve - insistiu a jovem—. Meu Deus! Cheguei virgem ao seu leito!

— Sim, mas um homem só pode estar seguro uma única vez da fidelidade de uma mulher, verdade?

— Não posso acreditar que duvide de mim! —exclamou doída.

— Sim, posso. E o faço. Oxalá tivesse matado a esse bastardo escocês.

Uma calma estranha invadiu de repente a Meg.

— O que tenho feito para merecer sua desconfiança? —exigiu saber, com voz distante.

O tom da jovem enfureceu ainda mais Dominic, que ainda não tinha deixado para trás a fúria do combate, que tinha estado muito perto de perder.

— Estava sozinha com um homem seminu, ao qual esteve prometida e com o qual, conforme dizem, espera escapar algum dia - replicou Dominic—. Se tivesse sido Enjoe que tivesse surpreendido de pé, entre as pernas de Duncan, não teria me importado. Mas não era Enjoe que sorria enquanto o curava. Era minha esposa!

— Limitei-me a curar suas feridas. —Seu tom não admitia réplicas—. Sou curandeira, não prostituta.

Dominic grunhiu.

—Às vezes, é difícil ver a diferença.

— Duncan não tem esse problema. Sabe o que sou e não o interpreta mal. Oxalá meu próprio marido também soubesse!



—Tento acreditar nisso, Meg. Tento. Mas não faço mais que tropeçar com esse maldito escocês a cada momento. Diga-me... A quem aclamava enquanto lutávamos?

— Como pode sequer me perguntar isso? —sussurrou ela com pesar.

Dando-lhe as costas, a jovem começou a recolher os remédios com mãos que tremiam por causa da ira e do gélido medo que aumentava cada vez que se dava conta da pouca confiança que seu marido lhe tinha.

— Irei chamar Simon para seu banho — disse em voz baixa.

—Não.

A ordem foi tão cortante e fria como uma espada.

— Como deseja - respondeu Meg, passando junto a ele com gesto abatido

— Embora um homem que confia tão pouco em mim, deveria temer encontrar-se com uma adaga em suas costas.

Pronunciando entre dentes um juramento blasfemo, Dominic a seguiu. Sabia que tinha um caráter muito brusco e que sua língua podia ser tão mortífera como sua arma, mas, naquele momento, pouco podia fazer a respeito. Sua habitual irritabilidade depois da batalha se converteu em uma ardente fúria, ao ver Meg e o escocês seminu.

Quando chegaram à sala de banho, ele fechou os cortinados para ocultá-los da vista de todos.

— Ama esse bastardo escocês? —perguntou Dominic de repente.

— Sim - afirmou—. Como a um primo, a um amigo, como ao irmão que acreditei que era.

Com rápidos e ágeis movimentos, o normando começou a desabotoar sua roupa de batalha.

— Alguma vez o desejaste? —insistiu.

— Não.

— Mas ele te ama.



Meg emitiu um som que soou muito triste e zangado para poder considerá-lo uma risada.

— Não, milorde. Duncan e eu nos criamos juntos e só sente por mim o carinho de um irmão. É o castelo de Blackthorne que ama e, como você, acredita que eu sou a chave para obtê-lo. — Fez uma pausa— Quanto a mim, me ordenou casar contigo e cumpri com meu dever.

Dominic não podia mostrar-se em desacordo com a serena afirmação da jovem. Entretanto, teria gostado de fazê-lo. Desejava que lhe dissesse que tinha chegado até seu leito induzida por algo muito mais poderoso que o dever; e que sua obrigação para Blackthorne nada tinha a ver com a paixão que a impulsionava a lhe suplicar que a tomasse.

Em meio de um tenso silêncio, a jovem ajudou seu marido a despojar-se da roupa de batalha. Quando o último objeto caiu ao chão e ficou completamente nu ante ela, a rígida prova de sua enorme excitação fez com que Meg ficasse sem fôlego. E, de repente, compreendeu por que se enfureceu tanto ao encontrá-la com Duncan. A tensão da batalha se converteu em paixão e, depois de estar perto da morte, Dominic a tinha procurado para reafirmar a forma mais elementar da vida.

Meg podia entendê-lo porque ela tinha sentido o mesmo. O medo que tinha congelado suas vísceras durante todo o combate pensando que o homem que amava podia morrer, transformou-se, no espaço de um segundo, em um intenso desejo.

— Não há doces sorrisos nem ternas carícias para seu marido? — perguntou-lhe o normando com dureza enquanto se introduzia no banho—. Não vais acariciar-me e curar minhas feridas de guerra?

— Mal têm machucados - respondeu Meg—. Mas te acariciarei em qualquer lugar que deseje.

Seu selvagem olhar não lhe causava nenhum temor, mas a fez tremer com a emoção da antecipação.



A mudança na voz de Meg, antes tensa, converteu-se em rouca e sensual, surpreendeu e desarmou Dominic. Sem deixar de olhá-la um segundo, observou a sensual mudança em seu sorriso, quando seu comprido e grosso membro desapareceu sob a água; e não perdeu um detalhe de cada movimento que fez a jovem ao desfazer do manto e do vestido, ficando tão somente com uma fina camisa, para ajoelhar-se junto à tina.

A água estava quente e desprendia o mesmo aroma que o herbário de Meg. As dores e machucados que Dominic tinha acumulado na batalha se dissolveram, mas não o desejo que mantinha seu corpo em uma sensual tensão, nem a crua ereção que pulsava com força, com cada carícia das mãos femininas, quando se inclinava sobre ele.

Em voz baixa, a jovem entoou o canto glendruíd de renovação enquanto lavava Dominic, eliminando os enganos e dores do dia, pedindo que a esperança habitasse e perdurasse no interior do poderoso corpo do guerreiro. Quando ele já não pôde suportar mais aquela terna tortura, tomou uma das mãos de sua esposa e a deslizou por seu peito até chegar a seu palpitante membro.

Ao sentir o primeiro roçar dos dedos da jovem em sua rígida ereção, Dominic gemeu. Mas quando sua mão se fechou com avidez a seu redor e o acariciou da base até a ponta, pensou que perderia a batalha por seu controle e gozaria.

— Meg...

A palavra soou como se tivesse sido arranca das profundezas da garganta masculina.

— Sim, milorde? —murmurou ela.

— Simon diz que minha fúria não conhece limites depois de uma batalha - confessou arrastando as palavras.

— Seu irmão tem razão.



Meg arrastou suas unhas delicadamente pela ávida carne de Dominic, lhe arrancando outro gemido.

— Mas agora que sei como acalmar sua fúria - acrescentou ela—, serei mais pormenorizada.

— Acha que me tem em suas mãos.

Uma suave e feminina risada deu razão a Dominic.

— E não é assim? —sussurrou, acariciando-o—. Adoro esta parte de ti. É... Mágica.

— Mágica? —Dominic tomou ar bruscamente enquanto o prazer percorria cada terminação nervosa de seu corpo—. Por quê?

—Porque é suave e dura ao mesmo tempo - murmurou—. Porque é poderosa e, entretanto, é capaz de ser terna, por que... Porque é capaz de dar vida. Isso é magia, milorde.

Com um gemido apagado, o normando jogou para trás a cabeça apoiando-a na borda da tina, lutou por manter o controle durante uns segundos eternos e, por fim, ergueu-se.

— Nunca tinha sentido ciúmes - reconheceu—. Mas só de pensar em ti tocando Duncan deste modo fez com que desejasse matá-lo.

Tirou o braço da tina e seus dedos deslizaram ao passar pela coxa feminina, arrancando um gemido da jovem.

— Para ser um cavalheiro famoso por sua lógica e suas táticas - conseguiu dizer ela entrecortadamente—, seu ciúme não têm muito sentido.

Ele entreceitou os olhos até que se converteram em brilhantes frestas cinzentas, enquanto sua palma subia pela perna de Meg de novo. Mas dessa vez não se deteve em sua coxa, mas seus firmes dedos procuraram o frágil tecido que se interpunha entre ele e seus desejos. Arrancou, de uma só vez, com força, e a barreira se rompeu. Um segundo depois, seus dedos estavam enroscados no suave pêlo que cobria sua cálida feminilidade. O entrecortado



gemido que sua esposa emitia lhe avivou tanto como o fogo líquido que provocou sua carícia no mais profundo do interior de Meg.

— Por que não deveria me sentir ciumento disto? —perguntou Dominic—. Qualquer homem mataria por ti.

A jovem apertou com delicadeza a palpitante ereção masculina enquanto perguntava com voz rouca:

— Acaso acha que não posso diferenciar entre o homem que faz com que me esqueça do que sou, cada vez que me faz dele, e um amigo de infância?

— Quando me toca assim, não posso pensar em nada.

Sorrindo, Meg deslizou sua mão da ponta grossa até a base e mais à frente, sustentando e apertando com suavidade as duas esferas iguais, nas quais sua semente aguardava impaciente, por ser liberada.

—O que me faz sentir... Deus, entre seus braços nem sequer posso recordar meu nome - sussurrou ela—. Duncan é meu amigo, Dominic. Nada mais. Nunca poderia tocá-lo como a ti, nem a ele, nem a nenhum outro homem. Para mim, só existe você.

— Está me matando - gemeu Dominic, lhe apartando a mão com certa brutalidade.

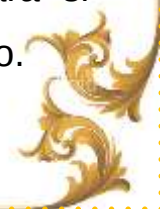
Por um segundo, Meg lhe dirigiu um olhar de assombro até que compreendeu o que seu marido queria dizer.

— Se segue torturando assim, perderei o controle - explicou ele com voz rouca.

— Seria isso tão terrível?

— Não.

Os olhos cheios de desejo de Dominic foram da boca de Meg aos seus túrgidos seios e finalmente ao refúgio avermelhado que tanto lhe tentava. Com um rápido movimento, ficou em pé e saiu da tina enquanto um desejo primitivo atravessava seu corpo. Ajudou-a levantar-se e a atraiu para si agarrando com força seus quadris, molhando-a por completo no processo.



— Aqui podem nos interromper - murmurou ele em seu ouvido — Há coisas que desejo...

— Que coisas?

A única resposta do normando foi um silêncio tão significativo como seu ardente olhar.

Fora, os únicos sons que se escutavam eram os procedentes do grande salão na parte inferior, onde os cavaleiros bebiam e alardeavam sua destreza na batalha.

— Ninguém se aproxima - sussurrou Meg.

— Se ficarmos, não poderei ser suave contigo - lhe advertiu com voz tensa.

—Pressinto que se abate um grande perigo sobre mim. —Seus lábios desenharam um sorriso travesso—. Posso senti-lo como um ferro vermelho contra meu ventre.

O normando soltou uma gargalhada. Embora soubesse que devia obrigarse a percorrer a curta distância que os separava dos aposentos de Meg, não estava seguro de ser capaz de fazê-lo, pois sua excitação estava chegando a limites inimagináveis.

— Há coisas das quais ouvi falar com os sarracenos que me intrigam - murmurou Dominic, fazendo com que se arqueasse contra ele—, mas nunca me senti tentado a prová-las até agora.

— Que coisas? —quis saber Meg.

— Carícias que muitos considerariam proibidas, doces tortura que nos fariam gritar, implorantes, antes de nos render a um prazer que nunca imaginaste.

Meg entrecerrou os olhos, ruborizada.

— Possivelmente, não deveria dizê-lo - confessou entrecortadamente—. Mas... Eu gostaria de saber mais.

— Sim, doce feiticeira. — Dominic lhe dirigiu um sorriso cheio de escuras promessas, enquanto deslizava uma mão entre eles—. Seu corpo fala por ti.



As pontas de seus dedos percorreram o suntuoso refúgio entre as coxas de Meg e, quando roçaram o centro de seu prazer escondido entre as úmidas dobras, ela tremeu com violência entre os musculosos braços masculinos.

— É muito sensível - sussurrou ele.

Meg estremeceu de novo.

— Meus dedos são muito ásperos - disse Dominic em voz baixa, retirando a mão e pousando-a sobre o frágil torso feminino—. Acredito que minha língua seria mais apropriada para te atormentar.

O assombrado olhar no rosto de sua esposa fez com que o normando risse com suavidade, apesar da selvagem paixão que percorria suas veias.

— Sim, pequena. Começa a entender.

A imagem de seus mamilos tensos contra a seda e o apaixonado rubor de suas bochechas fez-lhe desejar lançar um feroz rugido triunfal. Rompeu o fino tecido com um forte puxão e tomou os generosos seios entre suas mãos, acariciando e pressionando sensualmente seus mamilos até que se endureceram ainda mais e Meg deixou escapar um grito afogado. O grito se transformou em um entrecortado gemido que a deixou sem respiração, quando o comprido dedo indicador de Dominic riscou um ardente atalho por seu ventre e se introduziu no mais profundo de seu ser.

— Desejo-te - murmurou.

—Me faça tua, Dominic. Não... Não posso agüentar mais.

— Entregue-se para mim com tanta generosidade... —sussurrou ele—. Nunca conheci ninguém como você.

— É você que provoca esse efeito em mim, não eu.

— Somos os dois. —Um forte estremecimento percorreu com força o poderoso corpo de Dominic — Desta vez, te farei gritar de prazer, pequena feiticeira. Juro.

— E você? Vai me ensinar a te dar tanto prazer?

Dominic gemeu.



— Não deveria.

Mas finalmente o fez.





Capítulo 26

— Preparada para sair para caçar com os falcões esta manhã? —perguntou Dominic em voz baixa—. Ou acaso minha bela feiticeira ainda está dolorida?

A sensualidade impressa nos olhos entrecerrados de seu marido fez com que Meg ruborizasse. Tinham passado dois dias desde que tinha banhado o seu perigoso guerreiro e tinha descoberto quão exigente e potente podia ser.

Antes daquela tarde, Dominic lhe tinha oculto grande parte de si mesmo e ela esperava que nunca voltasse a fazê-lo.

— Só estive um pouco dolorida durante uma manhã - murmurou Meg, que tinha descoberto ao lado de seu marido um grau de prazer que nem sequer tinha sonhado que pudesse existir—. Um banho fez com que me recuperasse.

O brilho de desejo nos olhos do barão se intensificou perigosamente enquanto acariciava o doce sorriso de sua esposa, com a ponta dos dedos.

— Realmente seus banhos são mágicos, pequena - sussurrou Dominic contra seus lábios — Voltaremos a provar um deles, quando retornarmos da caçada.

O entrecortado assentimento de Meg quase fez com que seu marido cedesse à poderosa tentação de aprofundar o beijo. Mas suspeitava que, se o fizesse, passariam todo o dia na cama.

Reticente, sentindo que um ardente desejo martelava suas veias, Dominic levantou a cabeça e observou com atenção os extraordinários olhos verdes da jovem. Pareciam tão claros e tranquilos como mananciais sagrados. Entretanto, cada noite que passava com ela, Meg despertava gelada e tremendo.

A noite anterior não tinha sido diferente.



— Do que tem medo?

— Tenho estranhos pesadelos.

— O que vê neles?

— Perigo.

— Que perigo pode ser esse? Duncan partiu para o norte e os Reeves se dividiram. Sob as ordens de Rufos, logo acabaremos com eles. O resto de meu exército não demorará a chegar e tudo parece sob controle. O que teme?

— Não sei.

De repente, o inconfundível lamento de uma ave se elevou por cima dos sons habituais do castelo, interrompendo os pensamentos de Dominic.

— Seu falcão está impaciente - comentou Meg, divertida— Sabe que logo luzirá suas correntes incrustadas de jóias pelo céu de Blackthorne.

— Faz um dia magnífico para isso.

A jovem olhou através da alta e estreita janela de seus aposentos e viu como a luz do sol se derramava pelas terras de Blackthorne.

— Sim – assentiu — Assim é. Possivelmente a primavera tenha derrotado por fim ao inverno.

Apesar de suas palavras, Dominic detectou algo estranho no tom de sua voz, mas o rítmico som de cascos de cavalos no pátio interior, anunciando a chegada de cavaleiros ansiosos por sair de caça, impediu que lhe perguntasse sobre isso.

Ambos se apressaram a descer as escadas para unir-se à partida de caça, entretanto, quando chegaram ao grande salão, um grito fez com que se detivesse.

— Lady Margaret, espere! — Eadith correu para ela.

— O que acontece? —perguntou o barão com impaciência—. Estão nos esperando para caçar.



— É Enjoe - se apressou a responder a donzela—. Está vomitando o café da manhã e lhe dói muito o estômago.

— Maldita seja - resmungou Dominic.

Meg emitiu um comprido suspiro de resignação.

— Devo ir ver milorde. Vá você caçar.

— Não irei sem ti.

Quando sua esposa se dirigiu ao quarto de Enjoe, Dominic a seguiu e permaneceu em silêncio enquanto Meg fazia várias perguntas à doente. Não havia dúvida de que Enjoe não se encontrava bem. Sua pele estava pálida e sem brilho, e seus lábios, normalmente rosados, careciam totalmente de cor.

Quando Meg acabou de perguntar, o barão elevou uma sobrancelha em um mudo gesto interrogativa.

— É provável que tenha comido algo em mal estado - lhe explicou ela.

— Então, deixa que sua donzela se encarregue de cuidá-la.

A jovem descartou a idéia com um gesto da mão.

— Eadith não é de nenhuma ajuda junto ao leito de um doente. Se o paciente vomitar, ela também o faz. Vá caçar. Acompanharei da próxima vez.

Quando Dominic vacilou, Meg ficou nas pontas dos pés e lhe falou com ouvido.

— Vá sem mim, por favor. Enjoe não gosta que a veja assim.

Resmungando uma maldição, o barão deu a volta e, contrariado, saiu do quarto. Uns minutos mais tarde, o alvoroço e os gritos de uma partida de caça abandonando o pátio se fizeram ouvir por todo o castelo.

Meg mal percebeu isso. Estava muito ocupada utilizando uma colher para introduzir umas gotas de medicina entre os pálidos lábios de Enjoe. A tarefa requeria paciência, pois na maioria das vezes, as gotas não passavam da língua da doente antes que esta voltasse a vomitar.



Finalmente, Enjoe conseguiu reter suficiente da medicina para que os vômitos comesçassem a ser menos freqüentes. Depois, soltou um entrecortado suspiro e dormiu.

Com um rápido olhar à posição do sol, Meg soube que a partida de caça se encontraria muito longe e que não poderia alcançá-los com seu velho cavalo. Quando conseguisse chegar até Dominic, já teria acabado de caçar e estaria de retorno ao castelo. Suspirando, a jovem voltou a dirigir seus pensamentos para Enjoe, até que um grito interrompeu sua tarefa.

— Milady!

A urgência na voz de sua donzela fez com que Meg ficasse rapidamente em pé.

— O que aconteceu? —inquiriu quando Eadith entrou correndo na habitação.

— O cavalo de seu marido tropeçou e ele está gravemente ferido. Temem por sua vida, se não acudir rápido!

Por um instante, tudo o que rodeava Meg pareceu girar a seu redor e a escuridão ameaçou envolvê-la. Mas percebendo que Dominic necessitava dela, obrigou-se a respirar fundo e a tratar de controlar o terror que lhe congelava as vísceras.

É este o perigo que me avisavam os pesadelos?

— Em que parte do corpo se feriu? —inquiriu Meg, tensa.

— O escudeiro não falou.

—Te ocupe de que preparem meu cavalo...

— Já fiz isso - a interrompeu Eadith.

— E Gwyn? —perguntou Meg enquanto saía apressadamente do quarto.

— Enviei uma das cozinheiras para que a trouxesse.

— Fique com Enjoe. Se voltar a vomitar, lhe dê doze gotas disto - ordenou, dando-lhe uma garrafa fechada.



Sem perder um segundo, Meg desceu correndo a escada de caracol que levava para o herbário, no meio dos sons que produziam as jóias que levava nas mãos e nos tornozelos. Agarrou remédios, envolveu-os em vários trapos para protegê-los da dura viagem que lhe esperava e saiu. Quando chegou ao pátio interior, Harry a estava esperando, e a ajudou a subir no cavalo mostrando uma força incomum, tendo em conta sua velha ferida de guerra.

— O estúpido escudeiro retornou com a partida de caça mal me informando da situação - rugiu o guardião furioso—. Nem sequer esperou para lhe guiar.

— Conheço estas terras melhor que qualquer dos escudeiros normandos - replicou Meg—. Onde está meu marido?

— O moço disse que o acidente tinha ocorrido onde o arroio de Holy Cross sai do pântano norte.

— Tão longe - lamentou Meg trêmula.

— Não tem sentido que tenham ido ali. Os falcões não poderão caçar porque as presas podem encontrar refúgio facilmente. —Ao ver que sua senhora se colocava em marcha, acrescentou com rapidez—: Espere milady, não pode ir sozinha. Deixe que lhe acompanhe.

Mas Harry se encontrou falando sozinho, pois Meg já tinha posto o velho palafrén em galope e estava cruzando a ponte levadiça. Subiu pelo caminho a toda velocidade, ignorando os vassalos que se encontravam no caminho e lhe gritavam que não podia ir sem escolta.

Mas ela não podia esperar a que uma patrulha colocasse a cota de malha e selasse seus cavalos para acompanhá-la. Só uma coisa lhe importava. O homem que amava estava gravemente ferido em algum lugar e a necessitava. Necessitava-a. E ela não estava ali.

Cheia de angústia, Meg fez cavalgar o velho animal no ritmo mais rápido que podia suportar, enquanto deixava atrás campos e cercas de pedra. Quando o caminho se tornou mais duro e já podia divisar o limite do bosque,



a respiração do cavalo se tornou profunda e trabalhosa, e uma grossa capa de suor se acumulava em seus flancos e garupa.

Consciente de que não poderia resistir muito mais, permitiu que reduzisse o passo nos piores atalhos, mas logo que lhe era possível, exigia-lhe mais velocidade. A um ritmo normal, chegaria ao lugar do acidente em menos de uma hora, entretanto, a jovem não tinha intenção de demorar tanto. As palavras de Eadith eram como uma faca que se afundava mais e mais na alma de Meg.

O cavalo de seu marido tropeçou e ele está gravemente ferido. Temem por sua vida, se não acudir rápido!

Finalmente, entrou no bosque e o caminho se converteu em um estreito atalho íngreme, por isso, desesperada, teve que reduzir a marcha de novo.

De repente, um punhado de Reeves saiu de seus esconderijos atrás das árvores, rodeando-a antes que pudesse fugir. Sem titubear, Meg obrigou a seu cavalo que girasse à direita, lançando-se para uma brecha entre dois dos assaltantes.

Entretanto, o velho cavalo foi muito lento e os rebeldes se apressaram a fechar a via de escape, preparando-se, tal e como lhes tinha ensinado, a receber a investida do palafrén.

Estava encurralada. Sabia que havia homens armados rodeando-a por toda parte e que seu plano inicial não ia dar certo, assim, em um último e desesperado intento de escapar, Meg atirou com força as rédeas para a esquerda, mas, antes que sua exausta montaria pudesse responder, um cavalo de batalha saltou na frente e golpeou o velho animal, jogando-o para o lado.

No instante em que o palafrén caiu sobre seus joelhos, um Reeve arrancou Meg do lombo de seu cavalo e a colocou diante dele, sobre sua sela.

— Não - gritou Meg, voltando-se com a intenção de lutar contra seu captor—. Meu marido está ferido! Devo ir até ele!



Um despreocupado bofetão de uma mão envolta em cota de malha fez com que tudo desse voltas a seu redor. Quando se recuperou, encontrou-se de cabeça para baixo sobre o regaço de seu colo, enquanto o cavalo atravessava o bosque a galope.

Dominic! Meu amor, também você sofreu uma emboscada?

Não houve resposta à exceção do estrondo dos cascos. E foi então, ao compreender que o perigo que lhe tinham advertido seus pesadelos se converteu em uma terrível realidade, o sangue gelou em suas veias.

No silêncio de sua alma, Meg chamou uma e outra vez ao homem que se converteu em parte dela.

— Maldição - espetou Simon a Dominic — O que te ocorre? Por que está tão inquieto? Seu falcão voou esplendidamente.

O barão lançou a seu irmão um olhar de soslaio com o cenho franzido, e depois voltou a contemplar com olhos frios o terreno que se estendia frente a ele. Seu falcão descansava tranqüilo sobre um poleiro, preso a sela de seu cavalo, e a luz do sol caía sobre o suave capuz estampado com um relevo de ouro que cobria sua cabeça, dando vida aos desenhos turcos que havia sobre o couro.

— Não posso deixar de pensar que algo vai mal. Deveríamos ter trazido as armaduras e os cavalos - comentou Dominic.

— Por quê? Acha que Duncan romperá sua promessa?

— Se acreditasse nisso, o teria matado há dois dias.

Simon grunhiu.

— Quando Duncan partiu ontem para suas terras, levou com ele seus melhores homens. Sem eles, os Reeves não são mais que um punhado de bandidos.

— Sei.



— Rufos não poderá liderá-los — continuou Simon —. Em uma quinzena, não ficará nem um só rebelde nestas terras.

— Disse isso a Meg, horas antes do amanhecer.

— E?

— Não foi um consolo para ela.

Simon resmungou algo sobre bruxas glendruid e os problemas que davam aos homens que se casavam com elas.

— Também há compensações - afirmou Dominic, sorrindo para si mesmo.

Uma delas era recordar o brilho do cabelo de Meg à luz das velas, enquanto tomava em sua boca seu grosso membro, fazendo com que gozasse dentro dela. A experiência tinha sido demolidora para ambos e os tinha deixado exaustos e satisfeitos.

Subitamente, o mau pressentimento que tinha estado presente em Dominic se cristalizou na imperiosa necessidade de ver sua esposa uma vez mais. Sem pensar, fez com que seu cavalo girasse para voltar pelo caminho que acabavam de percorrer. O garanhão cinza respondeu imediatamente. Embora não fosse do tamanho de Cruzado, era mais rápido e mais ágil, uma montaria perfeita para caçar.

— Dominic? — gritou Simon, surpreso.

— Já tive suficiente de caça por hoje - lhe explicou — É hora de ver como está Meg.

— Deus Santo. É que não pode confiar em perdê-la de vista umas horas? — resmungou Simon.

Sem dizer uma só palavra, o barão urgiu ao falcão para que pousasse em sua mão e se lançou a galope. Amaldiçoando, Simon chamou também a seu falcão e deu a volta com rapidez para seguir os passos de seu irmão, como os três cavalheiros e os seis escudeiros que os acompanhavam.

Quando a partida de caça atravessou a toda velocidade os campos e as cercas de pedra, os camponeses que estavam trabalhando deixaram cair



seus utensílios e ficaram olhando ao senhor do castelo de Blackthorne como se fosse um fantasma.

A primeira vez que aconteceu, Dominic não deu nenhuma importância. Mas quando o fato se repetiu uma e outra vez, os irmãos trocaram inquietos olhares.

— O que ocorre, bom homem? —perguntou Simon a um pastor — Por que nos olha assim?

O homem se benzeu, deu a volta e saiu correndo. Nenhum outro vassalo ousou aproximar-se dos cavaleiros. De fato, pareciam aterrorizados ante a presença do barão.

— Eu não gosto disso - balbuciou Simon.

Dominic urgiu a seu cavalo para que cavalgasse ainda mais rápido e não reduziu o ritmo até que chegou à ponte levadiça.

Ao vê-los retornar, Harry saiu coxeando da torre de entrada, ficou olhando abismado para Dominic e lhe agarrou a mão, quando passou junto a ele.

—Graças a Deus - exclamou o guardião com ardor—. Sabia que ela lhes salvaria!

—Me salvar? Do que?

Harry fez menção de falar, mas de seus lábios não surgiu nenhum som. Simplesmente se limitou a ficar olhando atônito ao poderoso barão normando, que não mostrava nenhum traço de feridas.

— A senhora... —começou, esforçando-se por engolir.

—Ocorre algo a lady Margaret? —perguntou Dominic, cortante.

Harry assentiu.

— Fala! —ordenou-lhe o barão—. Onde está minha esposa?

—Veio um escudeiro e disse que estava gravemente ferido no ponto onde o arroio de Holy Cross sai do pântano norte.

Simon tentou falar, mas um tenso gesto de seu irmão interrompeu suas palavras.



— Como pode ver, não estou ferido. Onde está minha esposa?

— Foi em sua busca, milorde. Para lhes atender.

— Ao pântano norte? —inquiriu - Está a meio caminho de Carlysle Manor, não é certo?

— Sim.

— Quem a acompanhou?

A expressão no rosto de Harry disse ao barão mais do que desejava saber.

— Maldito seja – explodiu — Deixou que ela fosse sozinha?

Um agudo grito feminino cortou de repente o ar, fazendo com que arrepiasse o cabelo da nuca de Dominic. Com semblante sombrio, fez girar a seu cavalo e viu Eadith correndo para ele, através dos paralelepípedos do pátio interior, como se fosse perseguida pelo diabo.

— Milorde - gemeu a donzela, lançando-se aos pés do cavalo do barão—. Não faça com que me açoitem, milorde! Deus sabe quanto me esforcei para que isto não acontecesse! Tenho feito o melhor que pude, mas não consegui convencê-la!

Dominic tentou interrogá-la, mas a mulher não deixava de falar entre soluços.

— Amou-o desde que era uma menina e estava decidida a lhe seguir. Não me escutou! Tentei milorde. Deus sabe que o tentei! Mas não quis me escutar!

— Do que está falando? —perguntou Dominic com uma frieza letal.

—Lady Margaret pagou a um moço para que viesse correndo com uma história que você estava ferido. Depois, aproveitando a confusão, montou em seu cavalo e saiu, sem deixar que ninguém a acompanhasse.

— Quanto tempo faz disso?

—Aconteceu ao meio-dia, milorde.

Dominic se voltou imediatamente para seu irmão.



— Podemos alcançá-la antes do jantar. Não pode ter chegado longe com esse cavalo.

Simon parecia confuso.

— Nunca teria pensado isso de Meg. Eu mesmo vi como lutou por salvar sua vida, arriscando a sua própria. Inclusive cheguei a pensar que te amava. Realmente acha que ela...?

— Só sei é que não está aqui - afirmou Dominic com uma voz que conseguiu atemorizar aos que o ouviram—. O que você acha que houve?

Simon olhou a seu redor e viu o medo refletido nos rostos dos vassalos que se aproximaram ao ouvir os gritos: não lhes cabia a menor duvida de que o desastre tinha se abatido sobre eles de novo.

— Acredito que se foi - respondeu Simon finalmente — Que Deus amaldiçoe sua alma até...

Um olhar ao sombrio rosto de Dominic bastou para que seu irmão interrompesse sua maldição.

Eadith passou então o olhar de um homem a outro.

— Não percam tempo, milorde - insistiu com urgência—. Pode que o cavalo de lady Margaret seja velho, mas estou segura de que Duncan a espera no caminho com um cavalo melhor.

Dominic lançou à donzela um perigoso olhar, antes de voltar-se para os homens a cavalo que aguardavam e lhes dar uma série de ordens breves e diretas. Os soldados obedeceram imediatamente. Nunca tinham visto seu senhor com um aspecto tão feroz; nem sequer quando o tiraram das ruínas do palácio do sultão, com o corpo coberto de feridas produzidas pelas torturas e sangrando abundantemente.

Minutos depois, o criador de cães apareceu com Leaper, o cão que melhor olfato possuía. Quando lhe mostraram rastros do palafrén de Meg, o cão se pôs em marcha imediatamente, rastreando as marcas que tinha deixado o



cavalo. Simon e Dominic o seguiram a galope, enquanto que os restos dos cavalheiros ficaram no castelo cumprindo as ordens de seu senhor.

Leaper não afrouxou o passo até que chegou ao local onde Meg tinha sido assaltada. Ali, os rastros do palafrén formavam redemoinhos e ficavam cobertos pelos de outros cavalos. Em um tenso silêncio, Dominic e Simon detiveram suas ofegantes montarias à espera de que Leaper recuperasse o rastro no bosque. Uma vez que o fez, os dois irmãos avançaram entre as árvores a uma velocidade temerária.

— Vejo-o! —exclamou Simon, urgindo a seu cavalo para que acelerasse.

Dominic não se incomodou. Ele também tinha visto o palafrén. E tinha visto igualmente que seu cavaleiro não estava em nenhum lugar.

Eadith tinha razão: alguém tinha esperado no bosque com um cavalo para Meg.

Apenas capaz de reprimir sua selvagem ira, Dominic voltou à cabeça para o caminho onde se mesclavam os rastros de vários cavalos. Não havia forma de saber qual era o cavalo de Meg, nem tampouco necessidade disso. Tudo apontava que a jovem tinha fugido para as novas terras de Duncan de Maxwell.

Então, o cavalo de Meg trotou para Dominic envolto em uma suave música de correntes douradas. Confuso, o barão esporeou seu cavalo e se apressou a agarrar as rédeas do palafrén. Alguém tinha posto na sela um dos braceletes de Meg, junto a um pergaminho enrolado, escrito com a elegante caligrafia de um sacerdote.

O barão leu a mensagem com rapidez e, quando elevou a cabeça, Simon, surpreso, conteve o fôlego. Nunca antes tinha visto tal ira flamejando nos olhos de seu irmão.

— Voltemos para castelo - disse Dominic em um tom que não admitia réplica.



Simon não fez perguntas e se limitou a seguir seu irmão ao castelo de Blackthorne. Logo que os cavalos atravessaram a ponte levadiça, o barão escrutinou os rostos de todos os que estavam reunidos no pátio interior.

Entretanto, a pessoa que procurava não estava ali.

— Mandem chamar Eadith - ordenou Dominic.

A multidão se moveu nervosamente, mas ninguém falou até que a anciã Gwyn deu um passo adiante.

— Essa maldita traidora fugiu com os Reeves.

Embora Dominic já o esperasse, não pôde evitar que uma gélida fúria vibrasse em sua voz.

— Deixou alguma mensagem? —inquiriu.

— Sim, escreveu em uma nota que se não quiser que sua esposa se converta na puta dos Reeves, deverá entregar o resgate amanhã ao anoitecer.

Dominic ficou imóvel, enquanto um tenso silêncio se estendia entre a multidão.

— Estão com ela, milorde? —perguntou Gwyn.

O barão abriu então seu apertado punho, mostrando em sua palma o bracelete que tinha achado atada à sela do palafrén de Meg.

— Sim, anciã. Estão.

— O que pedem?

Por um instante, o normando fechou os olhos. Quando os abriu, as pessoas mais próximas a ele retrocederam, procurando instintivamente aumentar a distância entre eles e o homem cujo olhar prometia trazer o inferno a terra.

— Três vezes seu peso em ouro e jóias - respondeu Dominic sem rodeios.

— Deus Santo - exclamou seu irmão, assombrado—. Não podem falar a sério. Isso significaria a ruína de Blackthorne!

— Disso se trata - assentiu Dominic—. Pretendem impedir que mantenha o meu exército. Sabem que esta fortaleza não sobreviverá sem homens.



suficientes para proteger seus muros. —riu com ironia e acrescentou—: Embora se seu plano tiver êxito, eu não viverei para vê-lo.

— O que quer dizer? —inquiriu Simon.

— Devo lhes entregar o resgate eu mesmo, acompanhado unicamente por um de meus cavalheiros. Suponho que depois pretendam me assassinar, apesar dos «protestos» do bom sacerdote.

— Não pode fazer isso. É uma loucura!

— Sim - rugiu Dominic — Sei.





Capítulo 27

Quando finalmente os Reeves permitiram que Meg desmontasse, sentia-se dolorida e dura por causa da brutal viagem. Exausta, lançou um olhar de soslaio a seu redor e o que viu fez com que sua preocupação aumentasse ainda mais.

Os rebeldes tinham construído um torreão com um tosco pátio no meio do bosque, e mais de vinte homens rondavam a seu redor. Só um deles vestia a cara indumentária própria de um cavaleiro e era óbvio que suas roupas de batalha tinham visto dias melhores. O resto não era mais que bandidos, caçadores furtivos e proscritos.

Vários homens se sentavam de braços cruzados ao longo da irregular paliçada que rodeava o pátio. Mas ninguém, à exceção do cavaleiro, tinha estado entre os companheiros de Duncan. Sujos e esfarrapados, só prestavam atenção as suas adagas e espadas; que brilhavam a luz de uma fogueira que utilizavam tanto para esquentar-se como para cozinhar.

Quando Meg se dirigiu com passos vacilantes para um carvalho e se sentou, os homens a observaram com evidente luxúria. Entretanto, nem os rebeldes, nem seu próprio corpo machucado, preocupavam-lhe tanto como o sonho que tinha tido, durante a extenuante viagem... Um bebê recém-nascido que ria com um brilho de alegria em seus extraordinários olhos verdes.

— Sangraste já?

— Não.

E tampouco o faria durante os meses seguintes, se o que tinha sonhado era certo.

Dominic conhecerá algum dia este bebê? E se o fizer, acreditará que é seu?



De repente, uma mão sacudiu Meg com rudeza interrompendo seus pensamentos.

—Se levante, bruxa, e serve o jantar a seus senhores —ordenou Eadith.

— Eadith! O que faz aqui? Raptaram a ti também?

A outra mulher sorriu com amargura.

— Não tenho nenhuma moeda de prata em meu nome. Por que iam raptar-me? —ironizou—. Não, uni-me aos Reeves por própria vontade.

— Devia imaginar a sua cobiça...

— Cuida sua língua, bruxa - lhe advertiu Eadith, enquanto esbofeteava Meg com força — Esperei muito tempo por isto. Move seu precioso traseiro e nos sirva o jantar, ou entregarei a Edmond, o Cruel para que te instrua em sua nova profissão.

Quando voltou a golpear Meg, o homem que se vestia com cota de malha e que tinha melhor aspecto que os outros se aproximou e empurrou Eadith para o lado.

— Rufos não gostaria disto - disse com calma o cavaleiro — Planeja ser o primeiro a usar essa bruxa. Não quer nenhuma marca nela porque deseja ser ele quem as faça. Foi muito claro sobre isso nesta manhã. Recorda?

A viúva apertou os lábios, formando uma fina linha, mas não seguiu golpeando aquela que tinha sido sua senhora. Eadith sabia muito bem que planos tinha Rufos para a bruxa glendruid. Tinha sido ela mesma quem tinha metido muitas dessas idéias em sua limitada mente.

— É assim que recompensa à hospitalidade que te ofereceu Blackthorne? — perguntou Meg, ajustando o manto para proteger-se da úmida névoa e dos lascivos olhos dos Reeves—. Com a traição?

— A que hospitalidade te refere? — zombou Eadith desdenhosamente—. Eu era a filha do senhor de um castelo tão grande como Blackthorne e fui convertida em sua serva.

— Seu castelo caiu em mãos dos normandos.



A ira esticou os traços da viúva, e seus pálidos olhos cintilaram como os de um animal, ao refletir a luz da fogueira.

— Não foi uma batalha justa - argüiu—Tomaram o castelo por meio da traição.

— Justa ou injustamente, o resultado foi o mesmo - replicou Meg—. Sua família e seu marido foram assassinados e foi abandonada a própria sorte. Era uma viúva sem filhos, nem lar quando lorde John te resgatou, deu-te uma posição respeitável e prometeu te encontrar um marido.

Os lábios de Eadith formaram uma careta.

— Embora primeiro, tentou me deixar grávida.

Meg tomou ar bruscamente.

— Não sabia? Lorde John tentou ter um filho com todas as mulheres do castelo, antes de dar sua permissão para seu matrimônio.

Embora Meg começasse a falar , Eadith não lhe deu a oportunidade de fazê-lo.

— Sempre dizia que se casaria com a que conseguisse lhe dar um herdeiro. Mas isso nunca ocorreu, porque, depois de que sua maldita esposa o abandonou, tornou-se impotente.

Um grito distraiu Eadith. Rufos retornava com provisões de Carlysle Manor e todos, exceto o cavaleiro e um esfarrapado caçador furtivo, aglomeraram-se a seu redor.

—Trouxeste cerveja? —gritou um dos rebeldes.

— Sim — respondeu Rufos enquanto desmontava.

Com um sorriso de satisfação, aproximou-se do fogo e tirou o elmo revelando o grosso arbusto de cabelo ruivo que era a origem de seu apelido.

— Há comida? —perguntou Eadith bruscamente.

— Carne, pão e queijo.

— Por que não trouxeste alguma mulher? —resmungou outro Reeve.

— Prometeram-nos que logo enviariam uma das servas.



— E por que não mais do que uma? —balbuciou outro rebelde—. Uma mulher não é suficiente para todos.

Meg agiu como se não tivesse ouvido nada. Sob o manto, suas mãos protegeram instintivamente seu ventre, sentindo um frio que nada tinha a ver com a umidade da névoa que se instalava em seu interior.

— Alguma notícia do bastardo normando? —inquiriu Eadith.

A única resposta do chefe dos Reeves consistiu em um encolhimento de ombros, mas seus olhos se iluminaram quando viu Meg de pé, do outro lado da fogueira.

—Vêem aqui - lhe ordenou.

Com aparente calma, a jovem rodeou o fogo e se deteve junto a Rufos. A lasciva expressão dos olhos masculinos enquanto a estudava, fez com que Meg se encolhesse e que a bÍlis subisse até sua garganta.

Intuindo o que acontecia, o rosto de Eadith mostrou uma estranha mescla de ira e resignação. Todos conheciam o muito que desejava Rufos à senhora do castelo de Blackthorne, e essa tinha sido uma das razões que a viúva tinha usado para afastá-lo de Duncan.

— Ao menos, aguarda até amanhã, ao anoitecer - lhe pediu Eadith com impaciência—. Desonrá-la será muito mais satisfatório quando o bastardo de seu marido estiver aqui para vê-lo.

Meg se sentiu invadida pelas náuseas ao escutar aquelas terríveis palavras e, apesar do calor que irradiava a fogueira, o frio que sentia em sua pele se intensificou e pareceu chegar até sua alma.

— Que loucura é essa? —perguntou Meg com dolorosa calma.

— Não é nenhuma loucura - replicou a viúva—. É uma vingança contra o bastardo normando e a bruxa glendruid que se converteu em sua rameira.

— Vingança, por quê?

Não havia curiosidade nem emoção na voz de Meg, tão somente uma estranha calma que pareceu isolar tudo que a rodeava.



— Deveria ter deixado morrer o normando quando o envenenei - exclamou Eadith com violência—. Então, eu teria podido convencer Duncan de que tomasse o castelo e tudo estaria bem. Mas salvou esse bastardo e eu terei minha vingança, apesar de suas interferências.

— Onde está Duncan?

De novo, sua voz soou carente de emoção.

Eadith encolheu os ombros.

— Foi para o norte com seus cavaleiros e me alegro por isso. Os clãs da fronteira acabarão com a vida desse traidor antes que possa desfrutar dos frutos de sua traição.

— Ele não é um de vocês.

— Não - zombou a viúva—. Não há traidores entre nós. Exceto você, bruxa, e não estará aqui por muito tempo.

A estranha calma da cativa e seu vazio olhar fizeram com que os Reeves se olhassem, com crescente insegurança e que um nervoso murmúrio começasse a estender-se entre eles.

Só Eadith permaneceu impassível ante os frios olhos verdes de Meg. A vingança que tinha procurado pela derrota de sua família nas mãos dos normandos estava finalmente ao seu alcance, e isso a fazia feliz.

— Deixa que te diga o que te espera, traidora - espetou a viúva com deleite—. Amanhã ao anoitecer, o bastardo de seu marido pagará por ti três vezes seu peso em ouro e gemas.

Um pequeno movimento do corpo de Meg fez com que as jóias que ainda levava emitissem sua deliciosa música, mas o som cessou quase antes de começar.

— Uma vez que o resgate esteja em nosso poder - continuou Eadith—, será entregue aos Reeves e deixaremos que seu marido seja testemunha de tudo o que lhe fizerem. Quando tivermos acabado de nos divertir com vocês dois, vamos matá-los.



Meg guardou silêncio.

— É muito estúpida para ser consciente do preço que vai pagar por ter se colocado do lado dos normandos? — gritou Eadith, furiosa—. Logo saberá o que eu sofri. Ficaré sem lar! Será uma viúva desonrada e sem filhos!

Ao inclinar à cabeça, as diminutas correntes douradas repicaram. Foi o único som que se ouviu durante vários segundos.

— Dominic o Sabre não virá me resgatar — afirmou finalmente Meg com voz ausente, sem vida.

— Virá. Deve fazê-lo. Ou você morrerá.

— Então, morrerei. Mandem chamar um sacerdote para que me confesse.

A segurança na voz de Meg penetrou por fim na sensação de triunfo de Eadith, que ficou olhando-a assombrada.

— O que está dizendo? — inquiriu Rufos aproximando-se tanto dela que a jovem teve que jogar a cabeça para trás para poder ver seu rosto—. É obvio que esse bastardo pagará seu resgate. Sem ti, perderá o castelo de Blackthorne.

— E quem tomará? — perguntou Meg terminante — Duncan não o fará. E você não dispõe dos homens suficientes para fazê-lo.

— Podemos - replicou Rufos —. E o faremos.

— É uma pena que eu esteja morta então - se lamentou Meg com ironia, retrocedendo para poder examinar o acampamento—. Desfrutaria vendo este grupo de proscritos e esfarrapados atacar o castelo de Blackthorne. Uma vez que meu marido deixe de rir, estripar-lhes-á e lhes deixará como carniça para os abutres.

— Não haverá ninguém à exceção de Thomas para organizar as defesas do castelo — a interrompeu Eadith —. Está capacitado, mas não é páreo para nós.

— Simon lutará com a mesma ferocidade e astúcia que Dominic.



— Simon não estará lá - interveio Rufo—. Fizemos o barão saber que só poderia lhe acompanhar um cavalheiro com o resgate.

Meg assentiu.

— Compreendo. Suponho que espera que esse cavalheiro seja Simon, o irmão de meu marido.

— Sim — assentiu Rufos, sorrindo com satisfação.

— Seu plano é matar os dois.

— Não há outra opção depois que esse maldito bastardo normando sobreviveu e começou a te idolatrar... - espetou Rufos—. Nessas circunstâncias logo haveria um herdeiro e nós não teríamos nenhuma possibilidade de tomar o castelo de Blackthorne.

— Assim tentaram matar meu marido durante a caçada - deduziu Meg—. Mas escapamos.

— Escaparam de Rufos - particularizou Eadith —, mas não de minha armadilha.

— Ah... Foi você quem fez Enjoe adoecer para que eu ficasse.

— Foi um prazer ver como a puta vomitava. E foi um prazer ainda maior ver a cara do bastardo normando quando finalmente retornou e lhe disse que tinha escapado para encontrar com Duncan de Maxwell.

— Isso não foi muito inteligente de sua parte - afirmou Meg em tom neutro. Eadith sorriu.

— Tem muita ânsia de vingança - continuou Meg.

— O que quer dizer?

— Dominic nunca pagaria um resgate por uma mulher que escapou com outro homem.

Eadith encolheu os ombros.

— Ao contrário. Isso fará com que seu desejo por te perseguir e te castigar seja ainda maior.



— Então, foi você quem não deixava morrer os rumores que diziam que Duncan e eu fomos amantes.

Embora não houvesse nenhum tom interrogativo na voz de Meg, Eadith respondeu, saboreando cada palavra.

— Sim. Desfrutei muito com o ciúme desse maldito normando. Fez com que caísse sob seu feitiço, bruxa. E agora o pagará.

Suave e inquietante, a risada de Meg foi mais maligna que qualquer maldição. Os Reeves se moveram com nervosismo e olharam para a crescente escuridão como se esperassem que surgissem fantasmas do úmido chão.

— Ah, minha pobre donzela - zombou Meg—. Será divertido ver como se frustram suas expectativas.

O frio desdém na voz da que tinha sido sua senhora, foi como um látego golpeando Eadith.

— Do que está falando? —exigiu saber.

— Dominic o Sabre, caindo sob meu feitiço? —Meg soltou uma gargalhada, fazendo com que um calafrio percorresse as costas dos reevers—. Eadith é uma completa estúpida.

Deu as costas para a serva, e enfrentou os homens que a olhavam sobressaltados. Quando falou, sua voz se escutou claramente, apesar de sua inquietante calma.

— Me escutem, Reevers, a única coisa que deseja Dominic o Sabre é ser o senhor de Blackthorne, não meu. Se me cobriu de jóias e pareceu depender de cada um de meus sorrisos, foi porque planejou minha sedução passo a passo, com o fim de que eu lhe desse um filho. Não é em vão que é o melhor estrategista de toda a Inglaterra.

Eadith começou a falar, mas guardou silêncio ante um abrupto gesto de Rufos.



— Por que pagaria meu marido um resgate digno de um rei, por uma mulher que acredita que lhe é infiel; e que, inclusive se for fértil, não lhe dará um herdeiro varão? —seguiu Meg razoavelmente—. Dominic me manteve ao seu lado porque sabia que os vassalos se rebelariam, se não o fizesse.

— Mais razão para que pague o resgate - interveio Eadith.

Uma vez mais, Meg riu, e uma vez mais, os Reeves baixaram o olhar, desejando estar longe daquela mulher que os enfrentava, aceitando com arrepiante calma sua derrota... E sua própria morte.

— É muito ambiciosa - disse Meg voltando-se de novo para Eadith—, entretanto, não teve em conta a cobiça dos outros.

— Fale claro - lhe exigiu a viúva.

— Três vezes meu peso em jóias e ouro supõe a ruína do castelo de Blackthorne.

— Sim!

— Quem pagará aos cavaleiros para que protejam aos vassalos de gente como vocês? —perguntou Meg com falsa suavidade—. Quem pagará os impostos que voltarão a encher as arcas do castelo para comprar cavaleiros? As vidas não se converterão em um inferno se o senhor se empobrecer?

Um murmúrio se estendeu entre os rebeldes ao compreender o que a jovem estava tentando dizer.

— Sim - assentiu ela—. Os vassalos são os que pagam. Eu curo suas feridas e sentem afeto por mim, mas não duvidarão nem um segundo se tiverem que escolher entre seus filhos ou eu.

— Não a escutem - interveio Eadith rapidamente—. Cairão sob seu feitiço como...

Rufos golpeou na viúva para que se calasse, com despreocupada brutalidade, e Meg continuou falando, sabendo que certamente receberia o mesmo tratamento a qualquer momento.



— Enquanto estão aqui e pensam no ouro que nunca receberão eu lhes asseguro que meu marido está solicitando, agora mesmo, ao arcebispo que anule nosso matrimônio por minha infidelidade. Pretendiam que pagasse um resgate e, em realidade, concedeu-lhe seu maior desejo: livrar-se de mim e da maldição que carrego.

Franzindo o cenho, Rufos passou uma mão nervosa pelo cabelo.

— Uma abadia deve ser um incentivo suficiente para a anulação - seguiu ela de forma implacável—. Mas para assegurar-se, Dominic provavelmente também lhe oferecerá uma magnífica igreja de pedra.

— Do que... ?

Meg continuou falando sem dar a Rufos a oportunidade de expor sua pergunta.

— Antes que minha carne esfrie em minha tumba, Dominic estará casado com uma formosa e bela normanda que lhe dará filhos para manter controlado todo o senhorio de Blackthorne. Cometeu o maior engano de suas vidas, Reevesers. O castelo de Blackthorne é normando agora, e são vocês e sua estúpida cobiça que fizeram isso possível.

— É muito ardiloso por parte de minha esposa desmoralizá-los - assinalou Dominic, quando Sven fez uma pausa para relatar sua história—. Reconheceu-te?

— Não acredito. Não tentou falar comigo em particular.

Sven vacilou e jogou um olhar ao grande salão. Ninguém, exceto Simon e a anciã Gwyn, estavam bastante perto para poder lhes ouvir.

— Suspeito que, ao menos, dois dos Reevesers espionam para Duncan - acrescentou Sven.

— Isso não me surpreende - comentou Dominic—. Intuiu que tramavam algo.



— Um dos espiões se afastou às escondidas do acampamento, muito antes que eu o fizesse - continuou Sven.

— Então, logo veremos Duncan - repôs Dominic—. Que mais disse Meg?

O soldado olhou a seu senhor e desejou encontrar-se em qualquer outro lugar, que não fosse o castelo de Blackthorne. O barão usava armadura e elmo, e mantinha o punho de sua perigosa espada a poucos centímetros de sua mão, o tempo todo.

Com uma rouca maldição, Sven passou os dedos por seu cabelo e falou de novo.

— Sua esposa voltou a pedir a presença de um sacerdote, dizendo que se morresse sem se confessar, seu espírito lhes rondaria, atormentando-os, da mesma forma que lady Anna rondava o castelo.

— Atemorizá-los é o melhor que pode fazer agora. —Dominic sorriu com ferocidade—. Meu pequeno falcão é muito ardiloso.

Indeciso, Sven olhou para Gwyn.

— Lady Margaret é uma boa mentirosa? —perguntou-lhe, sem rodeios.

— Não. —A negativa caiu como uma pedra no meio do silêncio—. Meg é incapaz de mentir.

— Imaginava - resmungou Sven.

Enquanto Dominic passeava seu olhar de um para outro, seu sorriso foi desvanecendo, deixando atrás dele uma expressão selvagem.

— O que quer dizer? —perguntou com rudeza.

— Lady Margaret acreditava em cada palavra que pronunciou - respondeu Sven em voz baixa—. Por isso, os Reeves acreditaram.

— Quem não acreditaria? —interveio Gwyn, olhando com intensidade ao Dominic—. Seria uma loucura arruinar-se para resgatar uma esposa que não pode lhe dar um filho varão.

— Basta! —ordenou o barão.



Gwyn continuou falando como se não lhe tivesse ouvido, com palavras tão serenas e implacáveis como uma chuva gelada.

— Amanhã ao anoitecer, os Reeves desonrarão Meg - acrescentou a anciã—. Embora sobreviva ao que eles fizerem, poderá pedir a anulação se apoiando nessa desonra e logo o castelo terá uma nova senhora. E você, barão... Terá por fim os filhos que deseja mais do que qualquer outra coisa na terra.

— Simon.

Embora Dominic não dissesse nada mais, seu irmão respondeu a silenciosa pergunta.

— É famoso por ser um grande estrategista - afirmou Simon, escolhendo cada palavra com supremo cuidado—. Só um mau estrategista perderia uma guerra, tentando ganhar uma batalha que não contribuiria em nada.

— Explique-se.

Simon vacilou. Nunca tinha ouvido esse tom letal na voz de seu irmão.

— Veio aqui por terras e herdeiros - continuou Simon - Nesse momento é sua guerra. A metade está ganha. As terras são tuas.

Dominic o atravessou com o olhar, insistindo que seguisse.

— Se lutar esta batalha segundo as condições dos Reeves, não terá nada que ganhar e sim muito que perder. Os vassalos de Blackthorne não deixarão que os sacrifique em uma batalha inútil. Meg sabe isso tão bem como você, e agora também sabem rebeldes.

Simon afastou o olhar de seu irmão. Como sua voz, a expressão do barão era uma terrível combinação de ira e angústia.

— Acabe - pediu Dominic, sombrio.

— Por Deus Santo - estalou Simon—. É evidente que Meg não espera que pague o resgate por ela.

Com uma rapidez que fez com que sua capa revoasse, Dominic deu as costas aos presentes no grande salão. Não desejava que vissem o que devia



ler-se claramente em seus olhos, as lembranças e as palavras de Meg convertendo-se em facas que se cravavam em sua alma.

Que seja uma mentirosa, que te engane, que roube, ou seja, uma criminosa... Nada disso importa. Qualquer mulher serviria, sempre que estiver ligada à fortaleza de Blackthorne.

As duras e atraentes feições do barão se converteram em uma máscara de dor.

— Dominic é cruel contigo?

— Com sua esposa glendruid? Sua única esperança de ter herdeiros legítimos? Acaso meu marido pareceu um homem estúpido? Sou um problema tão grande para ele que me deu de presente jóias com correntes, para saber onde estou em cada momento.

Suas mãos enluvadas se converteram em punhos, recordando.

— Há tanto dor em ti... Deixe-me te curar.

— Só poderia fazer de uma forma.

— Então tira de mim o que necessite. Algo... De qualquer forma...

Um violento tremor escapou ao controle do normando.

— Mandem chamar o sacerdote, porque vou morrer.

Durante um longo momento, Dominic se esforçou para recuperar o domínio de si mesmo, pelo qual tanto tinha lutado no passado. Tinha chegado a pensar que não restava nada novo para aprender sobre a dor.

Equivocou-se.

Todos seus instintos masculinos de amparo despertaram, enfurecidos, consciente de que quase tinha destruído à pessoa que mais lhe importava no mundo. Meg tinha se incrustado sob a pele com sua doçura, seus sorrisos, sua apaixonada entrega, e tinha conseguido transpassar as barreiras que ele tinha erguido a seu redor, chegando até sua alma. Simplesmente, já não podia conceber a vida sem ela.



Meg, meu amor, nunca pretendi te ferir tanto. Viu meu interior com clareza e, mesmo assim, entregou-se tão generosamente...

Oxalá pudesse ver meu interior agora...

De repente, um grave som chegou do pátio, produzido por centenas de vozes contidas.

— Ainda seguem esperando, milorde - anunciou Gwyn a suas costas.

— O que? —rugiu Dominic.

Mesmo a anciã glendruid estremeceu ante o som da voz do barão. Depois de um momento, respondeu:

— A você. Eles necessitam e você é seu senhor.

Sem pronunciar uma palavra nem olhar para trás, Dominic saiu do grande salão em direção às portas principais do castelo. Quando os vassalos o viram aparecer no alto da escada, com sua cota de malha brilhando sob sua pesada capa, um respeitoso silêncio invadiu o pátio interior.

Antes que o barão pudesse falar, Harry subiu as escadas. Na mão levava uma pequena bolsa de pele, cheia de moedas.

— Adélia e eu ouvimos o que passou — explicou Harry—. Sabemos que pedem um resgate inimaginável.

Quando o guardião lhe estendeu a bolsa, Dominic ficou muito surpreso para mover-se.

— Tome - urgiu Harry—. Não é muito, sei, mas é tudo o que temos. Rogo-lhe isso, milorde. Quando Adélia sofreu, milady a ajudou.

Antes que o guardião se afastasse, William, o professor falcoeiro, já estava subindo as escadas com uma terrina de madeira que continha umas poucas moedas.

— Meu segundo filho foi esmagado por um garanhão de batalha quando tinha quatro anos. Lady Margaret, apesar de ter apenas nove anos, ajoelhou-se na lama e fez com que sua morte fosse menos dolorosa.



Logo que William depositou a terrina aos pés de Dominic, formou-se uma longa fila de vassalos e, um após o outro, foram deixando na escada qualquer pequeno tesouro que tivessem acumulado durante toda uma vida de duro trabalho.

— Permaneceu junto ao leito de meu pai doente.

— Quando meu irmão estava doente e não tínhamos lenha para queimar, lhe deu sua capa.

— Curou a meu filho.

— Meu bebê teria morrido, se não fosse por ela.

— Milady me reconfortou.

O dinheiro que Dominic tinha dado aos vassalos em seu banquete de bodas caiu como chuva prateada a seus pés, moeda após moeda, como mostra silenciosa da estima que sentiam os vassalos por sua senhora. As moedas foram acompanhadas de palavras sussurradas, que falavam de um amor que não tinha preço.

— Curou-me a mão.

— Quando minha esposa a necessitou, lady Margaret estava lá.

— Salvou-me a vida.

— Sou cego. Sua voz é minha luz.

Finalmente, a fila se dissolveu e só ficou um menino que não podia ter mais de nove anos. Junto a ele, aproximou-se, coxeando, um grande cão marrom. Dominic olhou as pequenas mãos do vassalo, cuidadosamente fechadas, e se perguntou o que teria para oferecer um menino de tão pouca idade e por que.

Tentando encontrar coragem para falar, o pequeno afundou uma mão na espessa pelagem do cão, enquanto estendia a outra. Em sua palma, estava seu maior tesouro, um dos doces turcos que Dominic tinha dado a seus vassalos junto às moedas de prata. O doce só tinha sido mordiscado num lado, como se o menino tivesse comido só um pedacinho daquele estranho doce, para saboreá-lo o maior tempo possível.



— Salvou meu cão quando ficou preso em uma armadilha - se apressou a dizer o menino, antes de deixar cair o doce sobre a pilha de moedas e sair correndo. O cão o seguiu, como uma sombra marrom.

Dominic tentou falar, mas não pôde. Como gotas caindo sobre riachos até transformá-los em poderosos rios, os obséquios e palavras expressavam o que significava a vida de Meg para os vassalos do castelo. Ela representava a paz e a esperança em um mundo de guerra e fome. Era a luz vencendo a escuridão, a risada, a cura quando todo o resto era dor.

Meg era tudo isso e mais para o poderoso guerreiro que se casou com ela procurando terras e filhos, e tinha recebido vida e amor.

Passados longos minutos, Dominic se sentiu capaz de falar.

— Roubaram-nos nosso coração.

Um grave som surgiu da multidão.

— Se não for devolvida, viva e intacta —continuou implacável—, farei uma matança tal, que não se esquecerá em décadas.

O ruído se transformou em um rugido parecido ao de uma besta a quem tivessem despertado.

— Caçarei os Reeves e a suas famílias um por um, e os matarei, sejam homens, mulheres ou crianças.

O som se tornou um escuro murmúrio, como o de uma besta rondando solta.

—Queimarei suas casas, matarei seu gado e envenenarei seus poços. Derrubarei suas cercas, acabarei com sua caça e jogarei sal em seus campos para que nada possa voltar a crescer. E então, amaldiçoarei as terras para que só as habitem os fantasmas que eu mesmo tenha criado, por não lhes haver dado a oportunidade de confessar-se!

Um feroz grito de assentimento ressoou no pátio.

Devagar, a anciã Gwyn avançou até deter-se ante o barão de Blackthorne, vendo pela primeira vez o que os vassalos já tinham visto.



Daqueles olhos cinzentos, protegidos pelo elmo de batalha, surgiam ardentes lágrimas que caíam incontáveis pelas curtidas bochechas de normando.

— Nosso povo esperou mil anos para ver este dia - murmurou Gwyn.

Com movimentos rápidos e seguros, a anciã colocou um pesado broche de prata na negra capa de Dominic. Quando retrocedeu, a luz do sol alcançou a antiga insígnia, fazendo com que a cabeça de prata do lobo brilhasse e que seus claros olhos de gemas transparentes cintilassem, como se tivessem vida.

Um grande grito surgiu dos vassalos quando saudaram o lobo dos glendruid.

Ao amanhecer, grupos de cavaleiros montados sobre corcéis de guerra se afastaram do castelo de Blackthorne, galopando em direção ao norte. Suas armas de aço resplandeciam e soavam com cada movimento que faziam os cavalos de batalha. Depois deles, içou-se a ponte levadiça, protegendo o castelo.

O lobo dos glendruid foi à guerra.





Capítulo 28

— Não - disse Dominic com firmeza — Reconheceriam você e o matariam, imediatamente. Não volte a mencioná-lo. Se não fosse valioso para mim com vida, já teria te matado em duas ocasiões.

Duncan e seus cavaleiros se encontraram com os normandos no caminho que conduzia ao norte. O Martelo Escocês e o Lobo dos Glendruid tinham estado discutindo.

Exasperado, Duncan elevou o olhar para os ramos dos carvalhos que os cobriam, como se esperasse encontrar ajuda nas delicadas chamas verdes que ardiam em seus extremos.

— Se não houver um dos nossos dentro da paliçada quando atacarmos — insistiu o escocês, falando entre dentes—, Maggie poderia ser assassinada antes que o homem que tenho infiltrado entre os Reeves possa impedi-lo.

—Acredita que não sei? Essa é a razão pela que irei até ali assim que anoitecer. Poderei entrar às escondidas...

— Deus Santo! —estalaram Simon e Duncan em uníssonos.

— Não pode fazer isso - continuou seu irmão com dureza —Só seu tamanho te delatará!

— Isso sem mencionar essa grande peça de prata que leva em sua capa - resmungou Duncan, olhando a cabeça de lobo com receio.



— Barão - o chamou Sven em voz baixa—. Irei eu. Sabe que já fiz coisas parecidas antes.

— A estas horas, já terão sentido sua falta - argumentou o barão, com voz impaciente—. O que responderá quando lhe perguntarem onde esteve?

— Direi que estava preocupado com meus rebanhos.

Dominic grunhiu.

— Isso não os convencerá.

— Rufos não é como você.

Um juramento entre dentes foi à única resposta de Dominic.

— Sua dama está amarrada a uma árvore - continuou Sven—. Não terá nenhuma oportunidade de se esconder, quando atacarem. Alguém tem que estar ali para protegê-la.

— Não posso te pedir que faça algo tão perigoso.

O sorriso de Sven refletiu uma estranha mescla de diversão e ferocidade.

— Milorde, tão pouco me conhece? Vivo para o perigo. Essa é a razão pela qual lhe jurei fidelidade.

Depois de uma maldição e um suspiro, o barão cedeu.

— Vá ver o sacerdote antes de partir - ordenou Dominic a Sven — Desta vez pode que encontrar mais perigo de que possa superar.

— Há formas piores de morrer que defendendo à dama de meu senhor.

— Sim - interrompeu Simon com firmeza —Deixe-me ir com Sven. Se...

— Não - se opôs Sven imediatamente —Você é tão corpulento quanto Dominic ou Duncan. Os Reeves os reconheceriam em questão de segundos e, se não o fizerem, Eadith reconhecerá.

— Não se pode dizer que você seja pequeno - replicou Simon.

— Para eles, só sou um mais - afirmou Sven, afastando-se — Quando atacarão?

— Ao anoitecer - respondeu Dominic — É tempo suficiente?

Sven observou a posição do sol.



— Espero que sim. Enviem homens a pé para que ataquem por trás. Com um pouco de sorte, a porta traseira da paliçada estará aberta.

Antes que alguém pudesse responder, Sven entrou no bosque e desapareceu.

— Onde encontrou um cavaleiro assim? — perguntou Duncan a Dominic.

— Em um inferno sarraceno.

— Poderá abrir a porta traseira?

— Se houver alguém que pode fazê-lo, esse alguém é Sven. Não será a primeira porta que abre para mim.

— Acredito - resmungou o escocês — Nunca conheci ninguém tão sigiloso.

As costas do barão, um cavalo ofegou e se moveu inquieto. Os cavaleiros e seus escudeiros tinham desmontado à espera que seus senhores decidissem a melhor forma de atacar. Os homens de Duncan eram muito semelhantes aos de Dominic: duros, competentes e com experiência na guerra.

A maioria dos cavaleiros tirara suas pesadas armaduras e estavam com suas armas. Arcos e flechas, lanças e paus, maçãs e espadas junto a enormes clavas, descansavam em um mortal espetáculo. Os soldados falavam entre eles enquanto se preparavam, fazendo apostas sobre que homem seria o primeiro a atravessar as cercanias, quem seria primeiro a matar, e até mesmo quem seria o primeiro em derramar sangue alheio ou ver a sua própria morte.

Dominic não escutava as brincadeiras e conversas. Seus pensamentos estavam muito longe dali, concentrados unicamente em salvar Meg. Caminharia direto ao inferno, se com isso conseguisse que a mulher que amava estivesse a salvo. Só pensar que alguém pudesse roçá-la apenas, lhe rasgava as vísceras.

— Tem alguma instrução para os homens? — perguntou Simon a Dominic quando tudo estava preparado.



— Sim. Sem piedade. Sem prisioneiros.

Ignorando os soldados que falavam com gritos de suas posições na paliçada, Meg tentou afrouxar a corrente que prendia suas mãos ao tronco de um carvalho. Embora estivesse oxidada, a corrente ainda era forte.

Desalentada, olhou para o sol. Já não podia vê-lo por cima da áspera paliçada de madeira que rodeava o rudimentar pátio. Logo chegaria a noite, iluminada pela lua.

E então, os Reeves iriam até ela.

Eadith passeava inquieta junto à fogueira, onde ainda estavam os restos de um veado assado. Com impaciência, afastou o olhar do fogo para dirigi-lo ao soldado que tinha a melhor visão do caminho que levava a Carlysle Manor.

— Vê algo? —perguntou-lhe.

— Não - respondeu o homem, de maneira cortante.

Rufos cortou uma pedaço de carne com uma adaga, o meteu na boca e mastigou.

— Virá - assegurou Eadith — Está obcecado com a bruxa.

Rufos grunhiu e a viúva retomou seus inquietos passeios. Um esfarrapado Reeves se aproximou da comida, para cortar com sua adaga um pedaço da dura carne.

— E você, pastor? —inquiriu Eadith — Viu algum cavaleiro?

— Não. Meus rebanhos estão no este.

Resmungando uma maldição, a viúva se voltou de novo para o soldado, que a ignorou.

O pastor se dirigiu distraidamente para a parte detrás do acampamento e, ao passar junto a Meg, deixou cair um pedaço de carne. Quando se agachou para recolhê-lo, falou em um tom tão baixo que só ela pôde ouvi-lo.

— Seu marido virá ao anoitecer.



A jovem abriu os olhos, enquanto observava o estranho pastor.

— Não virá - replicou brandamente.

— Se prepare, milady.

Sven lhe dirigiu um leve sorriso e continuou caminhando para a porta traseira. Tal e como esperava, o cavaleiro que Duncan tinha infiltrado entre os Reeves estava sentado perto, afiando uma enorme espada.

— Ao anoitecer - sussurrou Sven quando passou ao seu lado.

O roçar da pedra com o aço cessou tempo suficiente para confirmar ao homem de Dominic que o cavaleiro o tinha ouvido.

— Soldados! — gritou Eadith, minutos mais tarde.

— Ninguém se aproxima - respondeu o homem, com tom aborrecido. A pergunta tinha sido exposta e respondida muitas vezes essa tarde.

A noite cobriu o acampamento como um manto e, embora a lua ainda não tivesse saído, seu prateado resplendor já brilhava no oeste, acima do horizonte. Rufos limpou então a folha da adaga sobre sua manga e dirigiu a Meg um olhar lascivo.

Com calma, o cavaleiro de Duncan ficou em pé e levantou a clava como se comprovasse seu peso. Depois, riscou círculos com a arma ao redor de sua cabeça cada vez mais rápida, fazendo com que o ar assobiasse. Não era a primeira vez que treinava com a clava desde que se uniu aos rebeldes, mas sempre conseguia despertar sua curiosidade.

O hábil jogo do cavaleiro com a clava foi toda a distração que Sven necessitou, e mais do que tinha esperado. Dirigiu-se para a porta traseira como se fosse urinar e, quando passou junto ao soldado, a folha de uma adaga resplandeceu fracamente, antes que o rebelde desabasse. Sven o ergueu, apoiou-o na paliçada e o cobriu com o manto como se estivesse dormindo.



Uma vez cumprida sua tarefa, o homem de Dominic limpou o sangue da adaga na terra, devolveu a arma a sua capa e aguardou, sabendo que a batalha começaria logo.

De repente, o soldado da parte dianteira do acampamento gritou e assinalou para o atalho.

— Aproximam-se dois homens! E juraria que o que vem vestido de negro é o bastardo normando!

— Trazem o resgate? — perguntou Eadith.

— Sim! Seus animais de carga avançam, cambaleando, pelos pesados fardos que transportam.

Um grito entrecortado surgiu do acampamento, enquanto os rebeldes se empurravam, ansiosos para dar a primeira olhada às riquezas que logo seriam deles.

Ninguém viu que Sven abria, silenciosamente, a porta traseira, nem que se aproximava com rapidez da prisioneira.

— Logo será libertada, milady - anunciou com suavidade.

Meg, muito aturdida para responder, viu como Dominic deslizava através da porta traseira. Com seu manto negro, parecia formar parte da própria noite. Tão somente a espada desembainhada e a antiga insígnia de prata resplandeceram, quando se voltou, examinando o acampamento com um olhar.

Depois dele, surgiram Simon e Duncan, também com suas espadas desembainhadas, mas Meg não podia afastar o olhar do broche dos glendruid, que brilhava com intensidade sobre o ombro do barão de Blackthorne. Um longo calafrio a percorreu ao compreender que se pôs fim à maldição que recaía sobre sua gente e sobre as mulheres glendruid.

No preciso instante em que Dominic localizou Meg presa ao enorme carvalho, ouviu-se um grito proveniente do grupo de homens, reunidos na porta dianteira.



— Às armas! O bastardo está entre nós!

Os Reeves elevaram suas espadas e escudos, e se lançaram contra seus atacantes. Duncan, Simon e Dominic suportaram o pior da batalha, enquanto outros cavalheiros abriam caminho, a empurrões, através da porta e se introduziam no acampamento.

Logo se ouviu o choque de aço contra aço e o sangue brilhou escuro sob a lua. Entre gritos, maldições e golpes, a batalha se estendeu pelo pátio do torreão, como uma sangrenta besta.

Meg observava, sobressaltada e atemorizada, descobrindo finalmente como Dominic ganhou à fama de ser a melhor espada do rei. Seu marido avançava para ela, sem deixar um só rebelde vivo em seu caminho e sem mostrar nenhuma clemência para com os homens que tinham raptado sua esposa.

De repente, Meg sentiu que alguém se aproximava dela por trás e voltou-se bem a tempo de ver como uma espada desenhava um arco através da noite. A folha caiu com uma força terrível sobre a corrente que rodeava o tronco do carvalho, e a jovem ficou livre. Imediatamente, uma mão enluvada se fechou ao redor de sua mão, obrigando-a a ficar em pé.

—Rápido, milady. Não é seguro...

As palavras acabaram em um grito abafado, quando uma flecha alcançou o cavaleiro que acabava de libertá-la. Sem emitir um som, o homem morreu antes mesmo de cair no chão.

Meg se ajoelhou ao seu lado, viu que já não podia fazer nada, e se levantou rapidamente arrastando quase dois metros de corrente com ela. Temendo pela vida de Dominic, a jovem o buscou no meio da sangrenta batalha. Nenhum dos homens estendidos no chão era de seu tamanho, entretanto, sentia uma forte opressão no peito que lhe impedia de respirar.

Não! Não pode morrer!

Os soldados de Dominic tinham acabado virtualmente com os rebeldes, embora uns poucos ainda pudessem lutar, e não lhes faltasse coragem.



apesar de todas suas feridas. Brandiam suas espadas com a força que dá a ira, tentando abrir caminho até o bastardo normando que, uma vez mais, tinha frustrado suas ambições.

Angustiada, Meg analisava cada sombra e cada movimento procurando seu marido, até que, finalmente, o brilho das gemas transparentes do broche glendruid delatou sua posição. Dominic se encontrava no outro extremo do acampamento, correndo para ela. Embora sua espada seguisse desembainhada, ignorava a batalha ao seu redor.

Perigo.

Sentindo-se invadida subitamente por uma estranha inquietação, Meg olhou a sua direita, e viu que Rufos surgia detrás do carvalho que tinha sido sua prisão, apontando seu arco para Dominic.

— Não! —gritou à jovem.

Com a força do desespero, levantou suas mãos algemadas riscando um feroz arco. Dois metros de corrente voaram e se enroscaram no arco, arrastando-o para Meg quando Rufos disparou, e conseguindo que a flecha se perdesse na noite, sem causar nenhum dano.

Furioso, o chefe dos Reeves atirou a inútil arma e as correntes, ao mesmo tempo em que desembainhava sua espada com a mão direita, estendeu a esquerda para golpear com seu punho o frágil corpo feminino coberto só pelo fino tecido.

Meg cambaleou e estendeu suas mãos acorrentadas para seu marido.

— Dominic... !

Antes que a jovem caísse no chão, Dominic saltou e a segurou com o braço esquerdo.

Grunhindo pelo esforço, Rufos segurou sua arma com as duas mãos e riscou um semicírculo com a intenção de matá-los.

A mortífera espada ficou somente a um palmo de seu objetivo, quando o normando ergueu a espada para desviar o golpe.



Soltando uma violenta maldição, Rufos atacou de novo, e de novo. Dominic conteve o golpe, apesar de que só contava com um braço.

Quando o Reeve tentou alcançá-los com sua espada uma terceira vez, o normando pareceu escorregar e caiu, rolando para proteger Meg com seu próprio corpo. Com um grito de triunfo Rufos elevou sua espada para dar o golpe letal.

Dominic, consciente de que contava com um segundo apenas; levantou-se de um salto e Rufos percebeu muito tarde que a queda tinha sido um truque, e que nada podia fazer para proteger-se da espada que apontava como uma lança para sua garganta.

Antes que o Reeve pudesse suplicar ou fugir, tinha morrido.

Dominic atirou a espada no chão, ajoelhou-se e tomou Meg entre seus braços, com infinito cuidado. Ela emitiu um leve gemido e apoiou sua cabeça sobre seu amplo peito. Mesmo sob o resplendor das chamas da fogueira, seu rosto tinha a lividez da morte. Do outro lado do fogo, chegaram os últimos estertores da batalha, mas Dominic os ignorou, concentrando toda sua atenção em sua esposa.

— Meg - disse em voz baixa e torturada—. Onde está ferida?

Os olhos da jovem se abriram lentamente e olharam os ferozes olhos transparentes da insígnia glendruíd. Emitiu um longo suspiro e, com dedos trêmulos, acariciou primeiro o rosto do homem que amava e logo o broche milenar.

— Não tema, Dominic - sussurrou Meg — Eu já não importo. Blackthorne e seus vassalos lhe pertencem agora, por direito próprio.

— Ao inferno as terras e ao inferno minhas ambições!

Meg tentou falar, mas calou-se ao sentir as mãos de seu marido percorrendo seu corpo com extrema delicadeza, em busca de alguma ferida. Quando Dominic encontrou um rasgão em sua roupa no lugar onde tinha



recebido o terrível golpe de Rufos, amaldiçoou em voz baixa e tocou suas costelas para comprovar o alcance do dano.

Ela não pôde evitar estremecer de dor.

— Não te mova pequeno falcão. Deixe-me ver se sua ferida é grave.

— Não é mais que um machucado e umas poucas gotas de sangue - murmurou Meg.

— Está sofrendo.

— O golpe me deixou sem respiração.

Ele seguiu explorando suas costelas, até que se assegurou que a jovem estava bem. O golpe a tinha machucado, mas não a tinha ferido gravemente.

Dar-se conta do quanto ela tinha estado perto da morte, fez com que gelo se acumulasse no estômago de Dominic.

— Nunca volte a arriscar a vida dessa maneira - disse com dureza.

— Rufos teria te matado.

— E quase conseguiu matar você! Maldito seja, se tivesse morrido... — A garganta de Dominic se fechou, impedindo-o de falar.

— Minha morte não teria importado muito.

Meg sorriu com tristeza, ante a expressão de seu marido, e acariciou com mão trêmula o broche de prata.

— Você é a única coisa que importa - lhe explicou—. A insígnia dos glendruid te libertou da armadilha de John. De alguma forma, suponho que também me liberou. Já não terei que suportar a dor de entregar meu corpo, meu coração e minha alma a um homem que só vê em mim o meio de conceber filhos varões.

— Do que está falando? —perguntou Dominic atônito.

— O povo de Blackthorne está seguro sem mim. Pode ter a esposa que deseje, e eu posso, finalmente, ficar livre da maldição.

Dominic fechou os olhos e lutou para controlar a combinação de alívio, medo e raiva que batalhavam em seu interior. Meg estava viva e segura, mas



nunca a havia sentido mais longínqua. Separava-se dele com cada palavra, cada triste sorriso, com o tremor de seus dedos, quando tocou a fria prata em lugar de seu rosto.

— Nunca te deixarei partir - afirmou Dominic com dureza.

— Não se inquiete, milord. O povo te aceitará. O castelo de Blackthorne será seu enquanto viva. Nada poderá mudar isso agora.

— Sem ti, esta terra não vale nada para mim. Por que não me olha? Olhe-me. Sempre viu com clareza o que havia em meu interior.

— Não - sussurrou ela, entrecortadamente—. Não posso suportar. Acreditei que poderia te amar sem ser correspondida, mas já não posso suportar ver meu amor refletido em seus olhos, sabendo que não sente nada por mim.

Durante um momento, ele ficou totalmente imóvel. Logo, inclinou-se e beijou Meg nas pálpebras, com deliciosa ternura, roubando suas lágrimas com a ponta da língua.

— Meu amor, meu único amor - sussurrou com voz rasgada, sentindo os estremecimentos que a percorriam, como se estivesse usando um açoite nela em lugar de suas mais doces carícias—. Olhe-me e descubra o que eu sei. Olhe-me! Procure em meu interior!

Lentamente, Meg abriu os olhos e cravou seu olhar em Dominic, aprofundando e vendo seu interior, descobrindo o que ele já sabia. Aturdida, emitiu um gemido de assombro e acariciou seus lábios com a mão.

— Uma vida não será suficiente para te dar meu amor - continuou ele—. Não posso te perder. Minha alma morreria se não a tiver ao meu lado. Não me importam as terras e os filhos. Só quero a ti. É a única coisa que me importa.

Estreitou-a com força entre seus poderosos braços e guardou silêncio durante uns segundos, desfrutando de voltar a sentir o frágil corpo feminino unido ao dele.



—Minha bela feiticeira glendruoid - murmurou Dominic — Curou meu corpo, meu coração e minha alma e depois... Depois, roubou-me tudo isso com cada beijo. Com ou sem herdeiros, não terei nenhuma outra esposa, além de ti.

E por fim, sussurrou a verdade que ambos sabiam.

—Amo-te, doce feiticeira. Sempre te amarei.



Epílogo



O inverno chegou assemelhando-se ao uivo de um lobo, cravando no castelo de Blackthorne suas garras de gelo. Com a certeza de contar com uma boa colheita, o povo do castelo continuou, com calma suas tarefas, aguardando notícias do iminente parto de sua senhora.

— Oxalá Gwyn tivesse ficado - resmungou Dominic.

— Já tinha pagado por seu adultério durante mais de mil anos - respondeu Meg—. Não podia pedir mais dela.

Dominic sorriu e acariciou com uma ternura comovedora o suave cabelo de sua esposa. Ainda não estava seguro de acreditar, como fazia Meg, que Gwyn pudesse ter sido a guardiã das tradições de sua linhagem durante centenas de anos. Somente podia dizer com segurança que o vestido de noiva prateado, a corrente de prata com incrustações de cristal e a anciã glendruid, esfumaram-se como se nunca tivessem existido.

Uma expressão de concentração e dor dominou, de repente, o rosto de Meg e, ao vê-la, Dominic se inquietou ainda mais, pois tinha visto essa mesma expressão cada vez mais freqüentemente desde o amanhecer.

— Como se sente? —perguntou nervoso.

— Como se fosse necessitar seus dois fortes braços para sair daqui.

Devagar, com extremo cuidado, Dominic a tirou da tina e a envolveu em um suave pano.

— Um dia, terei que encontrar uma dama de companhia adequada - comentou Meg.

Dominic emitiu um som neutro, enquanto acariciava brandamente o ventre inchado por sua semente.

— É impróprio do senhor de um castelo ser o servo de sua esposa - assinalou Meg.



— É um grande prazer para o senhor deste castelo sentir a vida de seu bebê movendo-se sob suas mãos - repôs Dominic.

Subitamente, o corpo de Meg se esticou com violência, preso a uma forte contração.

— Chama à matrona - pediu Dominic, com voz forçada—. O bebê se mostra impaciente para sair.

Enquanto a tormenta uivava ao redor do castelo, Dominic levou Meg até o leito que ela mesma tinha preparado para dar a luz. Perfumadas ervas e flores secas invadiam o ar, e luxuosos cortinados o protegiam das correntes de ar.

A matrona entrou, apressadamente, no quarto, tomando conta da situação com um único olhar, e resmungou, protestando por todo o ritual de água glendruid que sua senhora tinha insistido que fizesse.

— Segui todas suas instruções - disse a matrona enquanto terminava de colocar túnica bordada - Está bem?

— Sim.

A voz de Meg foi um sussurro. Seus dedos se fechavam sobre a mão de seu marido, com força suficiente para que suas unhas deixassem marcas em sua pele. Consciente de seu sofrimento, Dominic afastou o cabelo de seu rosto e beijou sua bochecha, expressando assim seu amor.

Pela extremidade do olho, a matrona observou seu senhor. Poucas vezes tinha visto tais amostras de ternura em um homem, e muito menos em um cuja ferocidade era famosa em todas as terras fronteiriças do norte.

Sem piedade. Sem prisioneiros.

Não tinha havido nenhum.

Bandas errantes de bandidos e cavalheiros sem senhor ainda rondavam nas terras do norte, mas nenhum se atrevia a causar problemas nos domínios do homem que usava a insígnia glendruid.



A tormenta invernal sacudiu o castelo, agitando uma janela aberta, e a matrona, assustada pelo longo e crescente bramido do vento, olhou ao seu redor com inquietação.

— Deveriam seguir com suas tarefas, milorde - sugeriu a mulher — Eu cuidarei dela agora.

— Não - se opôs o barão —. Minha esposa permaneceu sempre ao meu lado sem importar-se quão duras fossem as circunstâncias. Eu não a abandonarei em sua dor.

A matrona, assombrada, ficou sem fala. Mas antes que pudesse recuperar-se, Meg gemeu gravemente, ao sentir que a urgência do parto em seu corpo.

Os diamantes do broche glendruid brilhavam com cada movimento do corpo de Dominic enquanto ajudava sua esposa no parto do único modo que podia fazê-lo.

Instantes mais tarde, o vento uivou triunfal e outro forte grito ecoou: o de um bebê, saboreando sua primeira baforada de liberdade.

— Milorde - anunciou a matrona, sobressaltada - Tem um varão!



Nos anos que seguiram, o castelo de Blackthorne ressoou com os gritos de crianças brincando. Quando seus filhos cresceram, Dominic os ensinou a manejar a espada e o lobo, proporcionando a destreza para lutar quando tivessem que fazê-lo e a sabedoria para procurar a paz quando fosse possível. Suas filhas aprenderam com Meg a utilizar a água e as plantas do jardim e do herbário, e descobriram que a força curativa era delicada e perigosa ao mesmo tempo.

Juntos, com cada palavra e silêncio, com cada risada e cada lágrima, a feiticeira e o lobo dos glendruid ensinaram seus filhos a verdade mais importante de todas: Não há magia mais poderosa que a que provém de uma alma cheia de um amor feroz e indomável.

Fim

Límk do Grupo de Romances Históricos

http://br.groups.yahoo.com/group/romance_historico/

